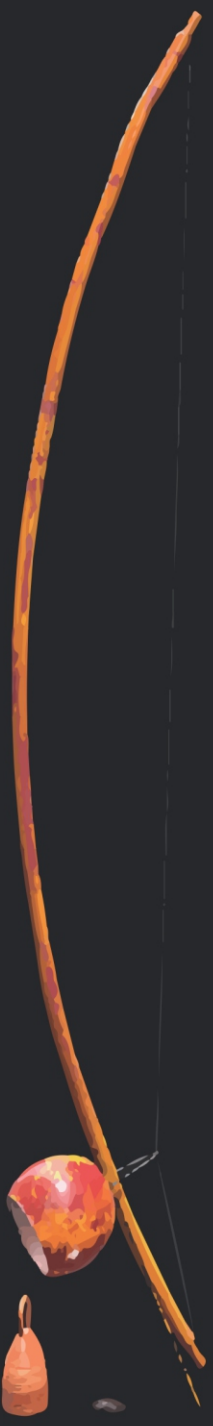
Capoeira: O Patrimônio Gingado do Amazonas e sua Salvaguarda





Capoeira

O patrimônio gingado do
Amazonas e sua Salvaguarda

IPHAN

CONSELHO DE MESTRES DA SALVAGUARDA DA CAPOEIRA NO AMAZONAS

CAPOEIRA: O PATRIMÔNIO GINGADO DO AMAZONAS E SUA SALVAGUARDA

Organizadores:
Luiz Carlos de Matos Bonates
Tharcísio Santiago Cruz

MANAUS-AM
IPHAN
2020

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DO TURISMO
Marcelo Álvaro Antônio

SECRETÁRIO ESPECIAL DA CULTURA
Mário Luís Frias

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
Larissa Peixoto

DIRETORES DO IPHAN
Arthur Lázaro Laudano Bregunci
Hermano Fabrício O. Guanais e Queiroz
Marcelo Brito
Raphael João Hallack Fabrino
Arlindo Pires Lopes

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Hermano Fabrício O. Guanais e Queiroz

COORDENAÇÃO-GERAL DE PROMOÇÃO E SUSTENTABILIDADE
Rívia Ryker Bandeira Alencar

SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO AMAZONAS
Karla Bitar Rodrigues

COORDENADORA TÉCNICA DO IPHAN NO AMAZONAS
Ana Carla Cruz Pedrosa

COORDENAÇÃO TÉCNICA DO IPHAN NO AMAZONAS
Alexander Afonso Nogueira Cavalcante
Áurea Letícia Garcia Rocha
Carluzi Santos Silva Matos
Francisco Di Franco Ferreira de Najar
Jaime de Santana Oliveira
Jamille Araujo Feliciano
José Vicente Damante Ângelo e Silva
Márcia Honda Nascimento Castro
Matheus Cássio Blach
Mauricéia Ribeiro Andrade
Mauro Augusto Dourado Menezes
Mônica Almeida Araújo Nogueira
Rafael Frank Bezencry
Rafael Nascimento de Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Matheus Cássio Blach
Mauro Augusto Dourado Menezes

PRODUÇÃO EDITORIAL
Gráfica e Editora Manaus

ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO
Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates)
Tharcísio Santiago Cruz (Black Maminha)

PESQUISA
Luiz Carlos de Matos Bonates
Rildo Heros Barbosa de Medeiros
Tharcísio Santiago Cruz

TEXTOS
Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates)
Tharcísio Santiago Cruz (Black Maminha)
Wellisson Brito Batista (Mestre Camaleão)

REVISÃO E PREPARAÇÃO DO TEXTO
Rosa Suzana Batista Farias

FOTOS
Acervo Ana Cléia Alves Neri
Acervo Edgar Francisco da Chaga
Acervo Iphan-AM
Acervo Manaus Sorriso
Acervo Terno e Ás (Frede Abreu)

CAPA
Igor Miranda de Castro – IPHAN

CONTRACAPA
Felipe Monteiro Bonates

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
André Ricardo Neves da Franca

APRESENTAÇÃO
Iphan
Karla Bitar Rodrigues
Matheus Cássio Blach
Mauro Augusto Dourado Menezes

PREFÁCIO
Cristian Pio Ávila

ACERVOS CONSULTADOS
Arquivo Histórico do Judiciário do Estado do Amazonas
Arquivo Nacional
Arquivo Público do Estado do Amazonas
Biblioteca Pública do Amazonas
Biblioteca Nacional
Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Museu Amazônico

GRUPO DE TRABALHO DA SALVAGUARDA DA CAPOEIRA/AM

* Mestres que participaram do processo de elaboração do Livro

Edgar Francisco das Chagas (Mestre Chaguinha)
Francisco Mendes Barbosa (Mestre Lagarto)
José Neto de Castro (Mestre Neto)
José Roberto V. Rodrigues (Mestre Espiga)
Julival do Espírito Santo (Mestre Gato)
Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates)
Marcos Vinícius Alves (Mestre Tiquinho)
Ricardo Antônio Collyer Ferreira Lima (Mestre Camisa Furada)
Ronaldo da Silva Vargas (Mestre Ronaldo)
Wellisson Brito Batista (Mestre Camaleão)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

www.iphan.gov.br
E-mail: iphan-am@iphan.gov.br

"O conteúdo do livro é autoral e não reflete necessáriamente a posição do IPHAN e dos coordenadores editoriais desta obra".

AGRADECIMENTOS

Adjailson Silva Figueira de Souza (Kazumbá)
Ana Cléia Neri Alves (Bailarina)
Angelo dos Anjos (Contramestre Capacete Baraúna)
Cliely Holanda Pereira
Cristian Pio Ávila (Frederico "Stone" Ramos)
Dermison Brasil de Freitas (Contramestre Canário)
Edgar Francisco das Chagas (Mestre Chaguinha)
Felipe Barbosa de Oliveira (Contramestre Fofinho Olho-de-Galo)
Francisco Mendes Barbosa (Mestre Lagarto)
Felipe Monteiro Bonates (Charutinho)
Flora Veiga
Gaspar Vieira Neto
Jacob Max Pazuello (Mestre Jacozinho)
João Rodrigues,
José Neto de Castro (Mestre Neto)
José Roberto V. Rodrigues (Mestre Espiga)
Juarez Silva Jr
Júlia Vargas (Contramestre Pocahontas)
Julival do Espírito Santo (Mestre Gato)
Karla Bitar Rodrigues - IPHAN
Leonita Oliveira de Souza (Mestra Mãinha)
Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates)
Luís Coelho (Lula)
Louismar de Matos Bonates
Manuel Marques Cortez
Marcos Vinícius Alves (Mestre Tiquinho)
Matheus Cássio Blach - IPHAN
Mauro Augusto Dourado Menezes - IPHAN
Patrícia Melo Sampaio
Renam Oliveira Dantas
Ricardo Antônio Collyer Ferreira Lima (Mestre Camisa Furada)
Rildo Heros Barbosa de Medeiros
Robério dos Santos Pereira Braga
Roberta Albuquerque Morais (Felícia Magali)
Ronaldo da Silva Vargas (Mestre Ronaldo)
Sandra Monteiro Bonates
Wellisson Brito Batista (Mestre Camaleão)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES, IPHAN

C755c
Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas.
Capoeira. o patrimônio gingado do Amazonas e sua salvaguarda / Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira do Amazonas; Organizadores Luiz Carlos de Matos Bonates, Tharcísio Santiago Cruz. - Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). - Manaus. IPHAN 2020.
148 p.

Modo de acesso: www.iphan.gov.br
ISBN 978-65-86514-06-3

1. Capoeira - Amazonas. 2. Salvaguarda. 3. Patrimônio cultural imaterial. I. Bonates, Luiz Carlos de Matos. II. Cruz, Tharcísio Santiago.

CDD 793.31

Elaborado por: Márcia Oliveira de Almeida Lima - CRB - 1/2403



MANIFESTO ÉTICA NA CAPOEIRAGEM

A capoeira é uma cultura complexa por ser, historicamente, um produto do amálgama cultural dos povos matriciais constituintes da nação brasileira. Sua importância tanto para a nossa cultura nacional como para a cultural mundial é de tal forma inegável, que o Ofício dos Mestres de Capoeira e a Roda de Capoeira foram inscritos, respectivamente, em 2008, no Livro de Registro dos Saberes e no Livro de Registro das Formas de Expressão, ambos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) assim como, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu em 2014, a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A expressão da cultura da capoeira quer em forma de arte, esporte, educação, lazer, cultura popular, entre outras, é polissêmica e polilógica. A capoeiragem tornou-se um território que envolve, em uma intrincada rede, velhos e novos contextos culturais, resultado de concomitantes e distintas formas de difusão da mesma, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. O resultado deste fenômeno é uma confusa difusão dos conteúdos da capoeira que, em muitas das vezes, violam, mutilam ou diluem seus princípios e fundamentos.

No Estado do Amazonas, comprovadamente, se pratica a capoeiragem há 117 anos, sendo 72 anos de Capoeira Sem Berimbau e 45 anos de Capoeira com Berimbau. Temos que na atualidade, um dos maiores problemas da capoeira no Amazonas, é a diplomação ou reconhecimento de novos mestres. Muitas delas ocorrem sem se pautarem em um mínimo de critérios razoáveis que obedeçam às tradições da capoeiragem, contribuindo negativamente para a formação de um universo onde o ego e o dinheiro prevalecem sobre a tradição da ancestralidade, respeito, camaradagem e, sobremaneira, o comprometimento com a qualidade do que é transmitido para a sociedade.

Pelos motivo expostos é que foi formado um coletivo composto por mestres pioneiros na capoeira do Amazonas, todos com reconhecidas militâncias e práticas ininterruptas de mais de 30 anos nesta arte e, somados a estes, alguns mestres mais novos. O coletivo considerou apresentar para a sociedade em geral e, especificamente, para a comunidade da capoeira e seus Mestres, uma proposta para minorar a problemática exposta. A proposta é a elaboração de um Código de Ética dos Mestres de Capoeira do Estado do Amazonas, cujo objetivo principal será o de nortear os rumos da difusão e da formação da capoeiragem em nosso Estado. O referido Código de Ética também será uma contribuição para o Plano de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas que está sendo elaborado em parceria da comunidade capoeirística com o IPHAN.

Por fim, convidamos a todos os mestres a abraçarem esta proposta por considerarmos que a mesma não fere o princípio e a prática libertária da capoeira.

Manaus,10 de Março de 2017.



SUMÁRIO

09 PREFÁCIO

13 APRESENTAÇÃO

17 INTRODUÇÃO
17 IMPÉRIO E REPÚBLICA VELHA
19 A ERA VARGAS
21 DITADURA MILITAR
21 NOVA REPÚBLICA
28 NOTAS

31 CONSIDERAÇÕES INICIAIS
33 COM QUANTOS BERIMBAUS SE FAZ UMA CAPOEIRA

39 A CULTURA DA CAPOEIRA: uma maneira de ser e estar à brasileira
42 IDENTIDADE CULTURAL NA CAPOEIRA
47 NOTAS

51 AMAZONAS E MANAUS EM IMPRESSÕES SOCIOECONÔMICAS
52 O CICLO DE BORRACHA
55 A CRIAÇÃO DA SPVEA E SUDAM
55 A ZONA FRANCA DE MANAUS
57 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
57 NOTAS

61 A CAPOEIRAGEM BARÉ
64 CAPOEIRA SEM BERIMBAU NO AMAZONAS
69 NOTAS
69 CAPOEIRA COM BERIMBAU NO AMAZONAS

83 ANCESTRALIDADE: ATO DE LEMBRANÇA E GRATIDÃO

87 OS MESTRES PIONEIROS
88 MESTRE GATO - O GATO SEMEADOR
92 MESTRE CHAGUINHA - UMA SINA VIAJEIRA
96 MESTRE KK BONATES - O MOLEQUE KK

101 NOS RASTROS DOS PASSOS DA HISTÓRIA
101 PERÍODO DO CICLO DA BORRACHA
103 PERÍODO DA ZONA FRANCA
103 ESPORTE
106 FESTIVAIS
106 PROJETOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS
107 FORMAÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL DA CAPOEIRA
109 EVENTOS CÍVICOS E RELIGIOSOS
109 ARTES CÊNICAS (DANÇA E TEATRO)
110 MULHERES NA CAPOEIRAGEM
112 DE MAMANDO A CADUCANDO
114 MÍDIAS
116 TEXTOS ACADÊMICOS SOBRE A CAPOEIRAGEM NO AMAZONAS
117 RODAS DE CAPOEIRA
121 CARNAVAL
122 DIFUSÃO ESTADUAL, NACIONAL E INTERNACIONAL
124 ENTIDADES REPRESENTATIVAS DOS CAPOEIRISTAS DO AMAZONAS
124 ACESA
125 FAC
126 LCRMM
126 FPCA
127 COMESCAM

129 CONSIDERAÇÕES FINAIS

131 GLOSSÁRIO

135 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

137 LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

139 ANEXOS



PREFÁCIO

Ouve-se os toques do berimbau.

E assim, como quem ginga, vai se dançando os olhos e mente entre as palavras de Luiz Carlos Bonates. Mestre Kaká. Um dos pioneiros da arte e da vida da capoeira no Amazonas.

Embora a antropologia, a história e a sociologia se imiscuam no texto como se estivessem entrecruzando-se, entre pernas e braços, como dois capoeiras, não se enganem – essa não é uma obra de diletante. Mas de alguém que não só "brincou" e formou a capoeira por essas bandas, mas de quem, como poucos no país, pensou ela, afundou-se de "cabeçada" dentro da pesquisa. Pelo que pude acompanhar, por pelo menos 10 anos de esforço continuado.

Nesta empreitada, Kaká contou com a colaboração do capoeira e sociólogo Tharcísio Santiago Cruz (Black Maminha) para a organização do livro e na escrita do capítulo "Amazonas e Manaus em impressões socioeconômicas". Já, Wellisson Brito Batista, Mestre Camaleão, professor de educação física, com especialização em educação infantil contribuiu com a redação do texto "De mamando e caducando" e, com os valiosos dados para o mesmo.

Aqui não se fala apenas de capoeira, mas de vidas que foram invisibilizadas e hoje teimam por serem lembradas. São vidas negras, alforriadas, mas perseguidas, ora homenageadas pelo Estado, ora combatidas.

Nessas páginas, Kaká (posso lhe chamar assim, mestre?) nos revela uma história das presenças e das resistências negras, mais, especificamente, no Amazonas, pelo viés desse fabuloso complexo cultural, tornado patrimônio da humanidade, pela UNESCO.

É preciso que se recontem essas histórias. Quando cheguei no Amazonas, no já longínquo ano de 2006, ouvia (ao rodo do senso comum) inclusive de propalados intelectuais, que a contribuição negra à cultura do Estado era inócua, pouco relevante. Kaká foi o primeiro a me mostrar o quão absurdo era isso. E me mostrou pelos dados que finalmente vem à luz, através desse livro.

Aqui acompanhamos a chegada dos capoeiras e das maltas degredadas ao Estado em fins do século XIX, bem como, uma espécie de renascimento da capoeira sob a ginga do berimbau na década de 70.

Mostra como essa prática esteve imiscuída tanto entre o popular, quanto a serviço do Estado – seja a serviço das forças armadas, seja na segurança pessoal dos poderosos. Só isto demonstra uma estratégia ímpar da cultura negra nos trópicos – revelada agora, também no Norte, pelo esforço de pesquisadores da estatura de Kaká, Patrícia Sampaio, Juarez Lima, entre outros.

Kaká reconhece estar escrevendo também para os leigos. É um texto que tem a plena consciência do seu didatismo, como o mestre que ensina os primeiros passos ao pupilo. É como um prestar contas também aos seus – aos mestres de capoeira e aos alunos com quem convive há mais de 30 anos.

Mesmo que tenham revisões teóricas relevantes e dados históricos revelados pela primeira vez, o texto ainda tem a generosidade de explicar, para os leigos como eu, os diferentes tipos de capoeira e suas categorizações.

É um sobrevoo importante e um esforço de compilação notável de um conhecimento, não só empírico, mas teórico, acumulado por décadas de capoeiragem.

Além disso, serve como, arriscaria dizer o primeiro, grande "inventário" da capoeira no Amazonas –

já que reúne, de forma bastante completa, dados acerca dos mestres locais, daqueles que por aqui passaram, das escolas, dos grupos e dos eventos mais importantes. Não à toa, faz parte do conjunto de estudos que deram origem ao registro da capoeira como patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN e agora, como um projeto do plano de salvaguarda para a expressão.

Leio também como uma espécie de memorial do conjunto de interesses, indagações e reflexões do Mestre Kaká e do intelectual Luiz Carlos Bonates. A capoeira para ele representa, não uma luta qualquer, mas um sistema de pensamento, possivelmente, coordenável com outros sistemas, como o das ciências humanas e da filosofia. Podemos ver, ao longo do texto, a capacidade que o Kaká tem de atravessar e interligar os diferentes campos de conhecimento sem os medos do especialista.

Essa escrita fica ainda mais interessante quando percebemos escapar nas entrelinhas o autor bastante interessado na legitimidade das posições nas disputas dadas no campo das capoeiras – seja nas disputas internas seja nas institucionais. Indistinguível aqui o homem de ciência e o homem de ação.

Esse parece ser um presente de livro aos bambas e capoeiristas, que deverão utilizá-lo como obra maestra de referência da capoeira no Estado nas próximas décadas. Mas, também, é um documento imprescindível para confirmar o que já não pode ser escondido – a riqueza da contribuição negra na construção do Amazonas.


UMBERTO DE MACEDO
CONTRAÇÕES
CAPOEIRA ANGOLA PALMARES
CAPOEIRA RESGATE
CALFBE

APRESENTAÇÃO

A Capoeira é uma manifestação cultural presente em todo território brasileiro e em diversos países do mundo. Sua importância como elemento significativo da identidade de grupos formadores da sociedade brasileira é reconhecida pelo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), autarquia vinculada ao Ministério do Turismo, responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

A Capoeira constitui-se de complexa rede de valores culturais estruturantes da memória e identidade da sociedade brasileira e seu reconhecimento se deu por meio do Registro (Decreto nº 3551/2000), como Patrimônio Imaterial do Brasil, do Ofício dos Mestres de Capoeira e da Roda de Capoeira.

A herança cultural africana e demais elementos associados a Capoeira foram, por muitos anos, reprimidos e, inclusive, criminalizadas, como é o caso da Roda de Capoeira. O reconhecimento da Capoeira é uma conquista muito importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão.

O Ofício dos Mestres de Capoeira, inscrito no Livro de Registro dos Saberes, em 2008 é exercido por aqueles responsáveis pela transmissão de suas práticas, rituais e herança cultural. O saber da capoeira é transmitido de modo oral e gestual, de forma participativa e interativa, nas rodas, nas ruas e nas academias, assim como nas relações de sociabilidade e familiaridade construídas entre mestres e aprendizes.

A Roda de Capoeira - inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 - é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros.

Além do reconhecimento pelo IPHAN, a 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A capoeira é dotada de aspectos marciais e esportivos. Coelho Neto, um dos folcloristas brasileiros, "considerava a Capoeira como a verdadeira educação física do Brasil, que deveria ser ensinada nas escolas, quartéis, lares, em quaisquer lugares onde a instrução seja importante". Já Manuel Querino, intelectual afrodescendente, aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes, precursor dos estudos sobre o tema, compreendia a Capoeira como esporte, luta e folguedo.

Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, criador da Luta Regional Baiana, mais tarde chamada de Capoeira Regional, reconhecia nos aspectos marciais da capoeira, a eficiência do combate, misturando movimentos da capoeira com movimentos de ataque e de defesa de outras artes marciais, como o jiu-jitsu. Essas modificações promoveram a Capoeira Regional como uma singular e eficiente arte marcial de origem brasileira. Ao tomar conhecimento sobre o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, criado pelo memorável mestre Bimba, Getúlio Vargas referiu-se à Capoeira como o único esporte genuinamente nacional.

Assim, a Capoeira, originada no século XVII, em pleno período escravista, desenvolveu-se como

forma de sociabilidade e solidariedade entre os africanos escravizados, estratégia para lidarem com o controle e a violência. Hoje, é um dos maiores símbolos da identidade brasileira e está presente em todo território nacional, além de praticada em mais de 160 países, em todos os continentes.

Dentre os estados brasileiros em que a Capoeira foi identificada, está o Amazonas. Desde então, vêm sendo realizadas, pelo IPHAN, diversas ações de salvaguarda, com o objetivo de reconhecer, valorizar e garantir a continuidade da Capoeira no Amazonas.

Entre os anos de 2014 e 2016 ocorreu a realização de ações de mobilização de mestres e grupos de capoeira. Em 2016, o IPHAN ofereceu apoio à realização do 1º Encontro Norte Capoeira, organizado e promovido pela Federação de Capoeira do Amazonas, com a parceria da Secretaria Estadual de Educação e participação de técnicos do IPHAN dos estados do Norte, Superintendentes do Amazonas e Pará e representante do Departamento de Patrimônio Imaterial. O objetivo foi promover o diálogo sobre as ações de salvaguarda desenvolvidas nos estados da região Norte, assim como as dificuldades, desafios e conquistas das Federações de Capoeira, tendo em vista uma maior aproximação entre os estados, proporcionando o esclarecimento sobre os mecanismos de participação social nas políticas públicas.

Em 2017, foi realizado o I Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas, no Teatro Jorge Bonates, com participação de 60 capoeiristas, mestres e contramestres. Como principais resultados, destaca-se o fortalecimento do coletivo de mestres, o esclarecimento das ações prioritárias no plano de salvaguarda, a serem trabalhadas no ano de 2018, e o início da parceria com o Governo do Estado do Amazonas para a salvaguarda do bem registrado.

Em 2018, ocorreu o II Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas, no Palacete Provincial Heliodoro Balbi, com participação de 70 pessoas, dentre mestres, contramestres, professores e alunos. Como principais resultados, têm-se a formação de comissões temáticas, o esclarecimento das ações prioritárias no plano de salvaguarda, a serem trabalhadas no ano de 2019, e o debate de temas importantes para a salvaguarda do bem, junto a representantes do Governo do Estado do Amazonas e Prefeitura de Manaus.

Em 2019, o IPHAN realizou, em 15 de setembro, o III Seminário da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas com o objetivo de debater e alinhar perspectivas a respeito da profissionalização e reconhecimento do ofício de Mestre de Capoeira, a respeito da criação do Centro de Referência da Capoeira no Amazonas e a respeito do Mapeamento da Capoeira no Estado do Amazonas.

O evento contou com a participação de capoeiristas convidados do Rio Grande do Norte e de Roraima; mestres, contramestres e capoeiristas do Amazonas; Superintendência do IPHAN no Amazonas e diversos atores e instituições parceiras totalizando mais de 80 participantes.

Além disso, cabe destacar que são realizadas, mensalmente, Reuniões de Salvaguarda da Capoeira e Rodas de Salvaguarda da Capoeira. Durante as reuniões são debatidos temas importantes que dizem respeito tanto a assuntos internos dos grupos de Capoeira do Amazonas, quanto os que dizem respeito a salvaguarda da capoeira e ao Patrimônio Cultural.

Já as rodas, têm o objetivo de congregar mestres, grupos e praticantes do Amazonas em locais públicos do Centro Histórico de Manaus. As rodas de salvaguarda são momentos oportunos e privilegiados de valorização, difusão e conscientização a respeito do significado e da importância da Capoeira.

Por fim, com o intuito de salvaguardar a memória e inserir o Amazonas nas páginas da história da

Capoeira no Brasil, temos a honra de apresentar o livro “Capoeira: O patrimônio gingado do Amazonas e sua Salvaguarda”. Realização de um antigo sonho e resultado da dedicação dos Mestres de Capoeira no processo de proteção, valorização e difusão desse bem cultural.

Assim, organizada e traduzida nas palavras de Luiz Carlos Bonates, Tharcísio Santiago Cruz e Wellisson Brito Batista a publicação contou com o apoio técnico e logístico do IPHAN, através da Superintendência do Amazonas e do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI - IPHAN/Sede), oferecendo aos próprios detentores do “saber fazer” Capoeira, as condições para narrarem suas valorosas histórias.

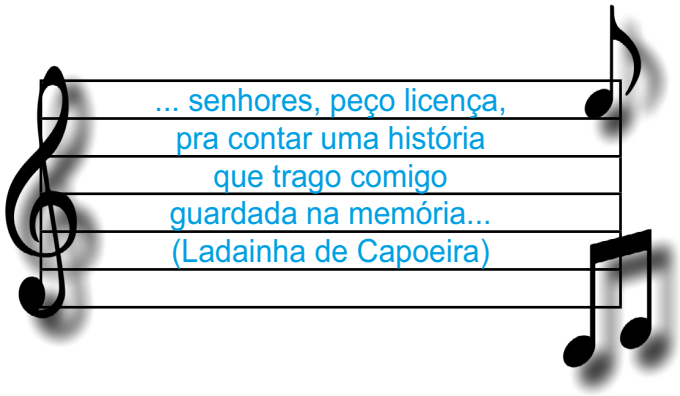
Esperamos que o leitor testemunhe com o mesmo encanto que nós, as narrativas da história da sociedade e cultura brasileira no território amazonense, por meio das vozes daqueles que representam, salvaguardam e difundem a Capoeira.



Figura 3: Roda da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas no Largo de São Sebastião – 2019.
Foto: Matheus Cássio Blach.
Fonte: Acervo IPHAN.



INTRODUÇÃO



Vieira (2012) relata que o processo de patrimonialização pode ser entendido como um espaço de poder, onde ocorre o embate entre projetos diferenciados e relacionados à construção e a transmissão da memória social. Neste sentido, deve-se considerar a importância da recuperação da memória da cultura de um dado bem imaterial no seu nicho de desenvolvimento, para obtenção de dados que colaborem com a elaboração de um dossiê sobre o bem imaterial em pauta, no nosso caso, a capoeira no Amazonas.

Temos que a capoeira encontra-se estabelecida, conforme bibliografia e documentação comprobatória há 120 anos, sendo 72 anos de Capoeira Sem Berimbau e 48 anos de Capoeira com Berimbau, mas não faltam evidências anteriores a esses 120 anos, portanto esse intervalo de tempo pode ser aumentado.

Este livro tem como objetivo principal ser um documento que registra, descreve e analisa de forma sucinta, a trajetória da capoeira como uma cultura nacional que desde o século XIX passa a fazer parte do cotidiano social e cultural do Estado do Amazonas, principalmente o de Manaus, no intento de justificar a importância de se estabelecer, consolidar e executar políticas públicas de salvaguarda para a capoeira no Estado do Amazonas nas esferas federal, estadual e municipal.

Os dados inéditos sobre a capoeira no Amazonas apresentados neste livro, enfatizam o período correspondente de 1889 até o ano 2000, embora os mesmos se estendam até 2019. No segundo volume desta coleção se dará maior ênfase para as duas primeiras décadas do segundo milênio.

Império (1822 a 1889) e República Velha (1889 a 1930)

No século XIX, dentro do contexto da escravidão, já se registrava organizações de capoeiras em grupos denominados de **maltas** que disputavam a geografia da importante cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Soares (2001) a malta não era um grupo de prática restrita a negros escravos ou livres, mas uma tradição rebelde com fortes raízes escravas e que também seduzia àqueles de outra condição social e jurídica, por sua maneabilidade e resistência. Era possível encontrar entre seus praticantes nomes de letrados, aristocratas e militares, homens pobres ou ricos, entre os quais, europeus que viviam na capital do Império, embora na primeira codificação penal brasileira não conste uma clara referência aos capoeiristas no Código Criminal do Império do Brasil de 1830. A repressão policial sobre os mesmos procurava enquadrá-los no capítulo que tratava dos vadios e mendigos.

Com o final da escravidão (13/5/1888) e o início da República (15/11/1889) o Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca promulgava pelo Decreto n° 847, de 11 de outubro de 1890, o Código Penal dos Estados Unidos do Brazil que reza no capítulo XIII (Dos Vadios e Capoeiras), artigos 402, 403 e 404 a criminalização da capoeiragem[1].

Por esse instrumento jurídico específico de incriminação da capoeira, a polícia, principalmente, a do Rio de Janeiro, reprimiu com violência os praticantes da capoeiragem no Brasil. Essa repressão foi mais branda em outras cidades brasileiras, pois a capoeiragem não estava tão bem organizada como as das maltas cariocas.

A região Norte do Brasil sempre foi vista como uma região estratégica, rica em matéria-prima, mas, inóspita e hostil e de grande vazio demográfico, um verdadeiro inferno verde. Esta visão era bastante acentuada no passado, levando as autoridades do império e dos primórdios da república a punir com o degredo para o norte, os indesejáveis e/ou infratores das leis, entre eles, os capoeiras. Outra ação era estabelecer políticas de migração, de soberania e segurança nacional ou de desenvolvimento econômico e social desta região, fato que mudou profundamente o perfil social e econômico dos Estados do norte.

Assim, o degredo, a migração, a fixação de forças armadas e o estabelecimento de ciclos e projetos econômicos e desenvolvimentistas foram fatores responsáveis por profundas mudanças culturais, econômicas e ambientais na região norte. E é nesse conjunto de fatores sociais e econômicos que a capoeiragem é introduzida, estabelecida e desenvolvida no Amazonas no século XIX até os dias atuais.

Salles (1994) considera que no tempo da Cabanagem, 1835, a cidade de Belém do Pará, já devia estar infestada de capoeiras. Embora não tenha encontrado documentos precisos da capoeiragem na época da Cabanagem, encontrou registros posteriores ao final desta com notícias minuciosas das ações de capoeiras. A ação da revolta dos cabanos alcançou o Alto Amazonas chegando a dominar cidades como Lúseia, atual Maués, Serpa, atual Itacoatiara e Manaus.

Bonates (2011; 2016) esclarece que não se pode estabelecer ainda um período seguro de quando os primeiros capoeiras chegaram ao Amazonas. Possivelmente já estavam aqui antes de 1890 com a forma da capoeira primitiva, ou seja, sem berimbau e a que era praticada pelas maltas.

Bonates (em preparação)[2] encontrou em periódicos de 1899 do Amazonas, registro de duas notícias de prisões por capoeiragem em Manaus. A primeira em 18 de junho registra o fato que um soldado dos batalhões estaduais provocava transeuntes com capoeira lá pelas 8 horas da noite. A segunda, em 1º de agosto, foi à prisão de Manoel Rodrigues da Silva Peixoto, conhecido desordeiro e capoeira.

Essas duas notícias são consideradas aqui, conforme a bibliografia consultada, os registros mais antigos de capoeiragem no Amazonas.

Bonates (2011) informa, ainda, que no dia 10 de julho de 1905, o então Governador do Amazonas, Antônio Constantino Nery em Mensagem lida na abertura da 2ª sessão ordinária da 5ª legislatura da Assembleia Estadual, no tópico da segurança pública, reclama da presença de capoeiras e de outros elementos perigosos para a segurança pública estadual, elementos estes, enviados em degredo para o Amazonas pelo governo federal[3].

O mesmo autor comenta ainda que a partir de 1905 as colunas policiais de jornais do Amazonas apresentam, com certa frequência, notícias sobre capoeiras, maltas, rasteiras, cabeçadas e navalhadas, porém não aparecendo o registro do uso do berimbau associado à capoeira, embora apareçam algumas notícias relacionadas a este instrumento.

A partir da década de 1930 a capoeira no Amazonas ainda continua aparecendo no noticiário policial e, paulatinamente, mesmo de forma tímida começa a ocupar os noticiários esportivos, primeiramente nas notícias de pugilato e posteriormente ligados ao futebol.

O pugilato era uma opção esportiva para uma boa parte da juventude amazonense nas primeiras décadas do século 20. Conforme o antigo pugilista amazonense Murilo Ruas (tio do grande lutador de MMA Marcos Ruas), a juventude manauara foi influenciada para a prática desta e de outras modalidades esportivas, pela figura do filho do presidente Floriano Peixoto, o sport-man Floriano Filho[4].

Murilo também informou que a técnica da capoeira foi incorporada por praticantes do pugilato amazonense que a usaram nos ringues manauaras. Embora presente entre os desportistas, a técnica também continuou nas ruas, manifestando-se nas brigas ou confrontos corporais dos adultos e dos meninos.

Em 01 /10/1917, a Lei 920 promulga o Código do Processo Penal do Estado do Amazonas que reza em seus artigos 251 e 252 a proibição e penalidades para a prática da capoeiragem no Amazonas.

Priore e Melo (2009) consideram o esporte como uma das mais importantes manifestações culturais do século XX, expressão do tipicamente moderno e que tem sua configuração articulada com dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas, entre outras.

Esclarecem que as práticas corporais fazem parte do patrimônio cultural de um povo e estão plenamente unidas com uma cultura específica e são importantes ferramentas na construção de identidades como as de classe, de gênero, de etnias e as ligadas à construção da ideia de nação.

A relação do Estado brasileiro com a capoeira sofreu diversas alterações ao longo de sua história. Soares e Abreu (2009) informam que na última década do século XIX, os letrados do Brasil ao debater sobre a modernização do país, colocavam em pauta um novo tema, a capoeira como ginástica nacional, uma educação física. Em paralelo a este fato, a nata da capoeiragem carioca era deportada em massa para a ilha-presídio Fernando de Noronha, em outubro de 1889, em plena campanha repressiva do implacável Sampaio Ferraz, chefe de polícia do primeiro governo republicano, que aplicava na risca, o citado artigo 402 do Código Penal dos Estados Unidos do Brasil.

A ERA VARGAS (1930 a 1945)

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder com a Revolução de 1930[5], principalmente no período do Estado Novo, há um esforço de reconstrução de um ideal de identidade nacional e com isso, um resgate da capoeira na linha de pensamento dos folcloristas da década de 20, passando a considerá-la um traço de um ideal de cultura mestiça, devendo ser preservada e considerada como esporte nacional por excelência. No entanto, neste momento, não foi gestada nenhuma política específica para a capoeira. Nos anos seguintes, quando muito, os mestres e grupos de capoeira eram convidados para apresentações culturais pelas três esferas governamentais.

Acunã (2014) ensina que na década de trinta, intelectuais brasileiros ligados à esquerda, como Caio Prado Júnior, tiveram suas pesquisas e estudos históricos e sociais sobre a realidade brasileira, reunidos e interligados no que se denominou de "estudos brasileiros" de história, política, sociologia e antropologia. Esses estudos caracterizavam uma espécie de "consciência social", onde reinterpretavam o passado nacional, com vasto interesse pelo estudo sobre o negro brasileiro e também em explicar os fatos políticos do momento. Portanto, as reflexões que interessavam em tais obras eram, principalmente,

a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos patriarcais e agrários, o discernimento das condições econômicas e a desmitificação da retórica liberal[6].

Em 1928, o renomado escritor baiano Jorge Amado iniciava a sua carreira juntamente com outros jovens candidatos a escritores e poetas, inauguraram a "Academia dos Rebeldes" e aderiram à onda modernista[7] da década de 30, com o intuito, segundo Amado (1992), "de afastar das letras baianas a retórica, a oratória balofa da literatice, para dar-lhe conteúdo nacional e social na reescrita da língua falada pelos brasileiros". (Amado, 1992).

Jorge Amado é o membro da "Academia dos Rebeldes" que conseguiu maior destaque por construir uma obra literária que projetou mundialmente a imagem cultural da Bahia e com ela, a da capoeira baiana, a capoeira que tem o seu ritual comandado por berimbau.

Jorge Amado teve um papel decisivo na configuração do modernismo baiano, exercendo, localmente, as funções de eixo e catalizador da revolução cultural modernista baiana, articulando, incentivando ou influenciando intelectuais e artistas como Edson Carneiro, Arthur Ramos, Carybé, Pierre Verger e Dorival Caymmi que também contribuíram com a divulgação da cultura baiana e, por conseguinte, a capoeira.

Um dos produtos do modernismo baiano foi à edição do II Congresso Afro-Brasileiro realizado em 1937 em Salvador-Bahia. O Congresso foi um evento científico e popular que provocou a retomada dos estudos sobre o negro, iniciado por Arthur Ramos durante os anos de 1920. O evento contou com a participação de intelectuais baianos, nacionais e internacionais juntamente com sacerdotes do candomblé, capoeiras, batuqueiros e sambistas.

A capoeira apresentada e evidenciada no II Congresso Afro-Brasileiro foi a capoeira baiana que se encontrava em plena ascensão na década de 30, ao contrário da capoeira das maltas que estava em pleno declínio e que nos seus tempos áureos, na segunda metade do século XIX, chegou a ser denominada de "exército das ruas".

Segundo Scaldaferri (2015) as rodas de capoeira baiana vinham se popularizando nas festas de largo e nos morros, com vários bambas da capoeiragem sendo reconhecidos como mestres por seus pares e pelas camadas populares. Esses mestres começaram a se reunir com mais frequência para jogar capoeira e, entre uma volta e outra, conversavam sobre os rumos da capoeira.

Assim, em 1933, surge o Centro de Capoeira Angola Conceição da Praia, que reunia nos festejos de Nossa Senhora da Conceição da Praia, realizados anualmente em Salvador no dia 8 de dezembro, uma quantidade significativa de mestres, sendo que esses encontros demonstravam uma tentativa embrionária de organização da capoeira que se intensificavam ao longo da década.

Em 23 de 1941, Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, funda o Centro Esportivo de Capoeira Angola e o registra em 1952[8]. A maior relevância de mestre Pastinha foi como pensador, articulador e divulgador de uma ética capoeirística que necessitava ser codificada. Com isso, o mestre contribuiu, em muito, para que a capoeira ganhasse status de arte civilizatória e atingisse a universalidade.

Ainda na década de 30, o conceituado, carismático e famoso mestre de capoeira Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba, era muito procurado na sua escola por jovens brancos para aprender seu método de ensino de capoeira. Esses jovens, que em maioria, eram estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia, oriundos das classes média e burguesa, passaram com a prática da capoeira a conviver com capoeiristas da classe trabalhadora e com valores da cultura afro-brasileira.

Alguns desses jovens se tornaram parceiros do mestre na sua luta para erradicar preconceitos e também para nacionalizar a capoeira baiana. Temos assim, que mestre Bimba colaborou de forma contundente e inquestionável para a expansão e verticalização da capoeira na sociedade como um todo.

Para Abreu (1999), Bimba envenenou a classe dominante, ao levar, através de seus alunos doutores, o preconceito cultural vivenciado e corporificado pelos capoeiristas das camadas subalternas, já que seus alunos brancos e/ou burgueses por praticarem a capoeira, também vivenciavam este preconceito ao assumirem a capoeiragem dentro de seus lares e ambientes sociais.

Entre os anos de 1918 a 1928, mestre Bimba criou o seu método de ensino de capoeira denominado de Luta Regional Baiana que mais tarde passa a ser chamada de Capoeira Regional. Aproveitando seu prestígio e seu carisma, mestre Bimba fundou em 1937 o Centro de Cultura Física Regional (CCFR) com alvará concedido pela Secretaria da Educação, Saúde e Assistência de Salvador.

Para Abib (2005), o CCFR foi registrado com esse nome com a intenção de buscar aceitação social. Já Scaldaferri (2015) considerou que nessa época o contexto ideológico do Estado Novo ao mesmo tempo em que pregava o fortalecimento do nacionalismo pretendia manter o controle da situação. Desta forma, no ano de 1934, a capoeira e outras manifestações saíram do Código Penal, embora condicionadas a separar o "afro" do "brasileiro", dando ênfase ao "produto nacional", ou seja, a capoeira passou a ser entendida como uma "arte, genuinamente, nacional".

DITADURA MILITAR DO BRASIL (1964 a 1985)

Fonseca e Vieira (2012) comentam que as relações governo-capoeiristas voltaram a ser alteradas durante a Ditadura Militar, onde os militares se esforçavam para enquadrar a capoeira como esporte nacional, retomando o debate iniciado nas primeiras décadas do século XX. A partir disso, foram pensadas ações específicas para a prática da capoeira como a criação de um Departamento Especial de Capoeira vinculado à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) que era reconhecida pelo Conselho Nacional do Desporto (CND).

O relatório do CND intitulado "Parecer sobre a Capoeira-Desporto", de julho de 1972, ressaltou a importância de prover a capoeira de "formas e regras desportivas", com o intuito de reabilitá-la como luta. Mostrou, ainda, o claro objetivo de regulamentar a capoeira e moldá-la enquanto esporte. Desta maneira, ainda no ano de 1972, a capoeira foi oficialmente reconhecida como esporte por portaria expedida pelo Ministério da Educação e Cultura (FONSECA, 2009).

A partir do relatório do CND o processo de institucionalização e burocratização da capoeira tornou-se acentuado, visando uma homogeneização nacional que objetivava a organização de torneios, sendo necessária a elaboração de regras e unificação das nomenclaturas, golpes e movimentos. Essa iniciativa já havia sido iniciada em encontros nos anos de 1968 e 1969 no Rio de Janeiro, onde um dos produtos resultantes foi a criação da graduação. Esta se utilizou de cordéis baseada nas cores da bandeira brasileira, até hoje utilizada por diversos grupos ligados às Federações de Capoeira. Já no final da década de 1970, as ações do Estado relativas à capoeira foram ficando dispersas ou inexistentes. (FONSECA e VIEIRA, 2012).

NOVA REPÚBLICA (desde 05/10/1988 – vigência da Constituição brasileira de 1988)

Impulsionados pelo processo de redemocratização iniciado dentro da ditadura militar, diversas camadas socialmente excluídas conquistaram

voz e, entre estas, segmentos da população negra que clamavam por inclusão cidadã, por reconhecimento e valorização de sua identidade cultural.

Esta luta, por reconhecimento e valorização identitária, foi encampada por diversos grupos de capoeira que passam a valorizar e divulgar a capoeira como uma cultura multidisciplinar que resultou num novo patamar de relacionamento dos capoeiristas com o Estado brasileiro com a capoeira voltando a fazer parte de programações culturais oficiais.

No Amazonas, alguns resultados positivos brotaram deste processo de redemocratização, a saber:
a) Aproximação e realização de atividades e parcerias dos capoeiristas com os diversos segmentos e nichos de negritude (Movimentos de Negritude[9], Templos de Religiões de Matriz Africana e Escolas de Samba, Afoxés e Grupos Culturais e segmentos de luta por igualdade étnica e racial, entre outros);
b) Diálogo, atividades e inclusão em programas de instituições governamentais estaduais e municipais ligadas à cultura, e também com Organizações Não Governamentais com diversos segmentos artísticos e culturais, principalmente os de teatro e dança;
c) Diálogo, atividades e inclusão em programas de instituições governamentais estaduais e municipais ligadas ao esporte e lazer destacando-se a participação do Amazonas nas competições de capoeira dos Jogos Escolares Brasileiros, os JEBs, na edição de 1994 e nos Jogos Brasileiros da Juventude em 1995; realização de campeonatos municipais, estaduais e participação em campeonatos nacionais, com o amazonense Dermilson Brasil de Freitas sagrando-se campeão nacional em 2006 e em 2011 na categoria adulto peso leve.
d) Diálogo, atividades e inclusão em programas de instituições governamentais estaduais e municipais ligadas à educação e ação social.

Durante o final da década de 1990 a 2000 começou no Brasil um processo crescente de mobilização e politização dos capoeiristas despertados e motivados pelas tentativas de controle do ensino da capoeira feito pelo Conselho Federal de Educação Física e suas Regionais (CONFEF e CREFs). Estas pretendiam normatizar a regra de que somente professores licenciados em Educação Física poderiam ministrar aulas de capoeira. Entretanto, a ação foi rejeitada e combatida pela maioria da comunidade da capoeira.

Merece, também, destaque, a fundação da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC) em 23/10/1992 como órgão nacional que deveria centralizar as decisões sobre a prática da capoeira. Porém, esta CBC não contou e nem conta com a filiação da maioria das organizações sociais, culturais ou e esportivas da capoeira, não ocupando uma posição destacada ou central nos debates sobre a capoeiragem.

O precursor, articulador e coordenador da criação da CBC foi o Grupo de Estudos de Capoeira Pró-Capoeira – SP que recomendou para as associações locais, a fundação de uma Federação Amazonense de Capoeira, a fim de que a mesma, em conjunto com outras Federações fosse signatária da fundação da CBC. Acatando a recomendação, as Associações de Capoeira ACESA, Cativeiro, Mar Azul e Vadiação fundaram em 1993 a Federação Amazonense de Capoeira (FAC).

Araújo (2016) conceitua a capoeira como um campo de conhecimento próprio, **multirreferenciado, polissêmico, intercultural e polilógico**, o que dificulta em muito, o entendimento do imbricado de relações que acontecem no ritual de uma roda de capoeira e nas relações entre entidades organizativas e nas relações interpessoais dos capoeiristas. Essas relações são majoritariamente balizadas por hierarquias existentes na cultura da capoeiragem e estruturadas pela oralidade, pelo tempo de vivência de capoeira e status capoeirístico.

Posto isso, há de se considerar que as tentativas de institucionalização da capoeira, aqui

citadas, não lograram pleno sucesso por não utilizarem estratégias que considerassem a complexidade inerente a capoeiragem, pois via de regra, utilizaram modelos organizativos esportivos ou de representações ou categorias de classe como parâmetro ou modelo.

Na complexidade capoeirística, o poder é fragmentado em torno da figura dos diversos mestres que protagonizam e proporcionam a reprodução e transmissão dos saberes ancestrais da herança das matrizes culturais africanas e afro-brasileiras, tendo e sendo a roda de capoeira, o espaço ideal para o aprendizado, incorporação, prática, vivência, renovação e transmissão dos saberes e seus rituais.

Ao longo da Ditadura Militar, diversas ações e iniciativas foram tomadas em prol da capoeira e estas se tornaram equivocadas por serem autoritárias ao procurar estabelecer um controle e padronização dos coletivos de capoeira, nomenclaturas, regras, graduações, entre outros, não contemplando, no mínimo, a diversidade histórica da capoeira.

A partir do governo Lula (2003 a 2010) um novo tipo de relacionamento do Estado brasileiro, em relação à capoeira, foi adotado ao considerar a existência da pluralidade de vertentes da capoeira e, consequentemente, essa diversidade passa a dialogar e expressar seus desejos, visões e anseios.

O reconhecimento e valorização do papel do mestre como portador, transmissor e referência do saber ancestral e o entendimento da roda como espaço privilegiado e autêntico de manifestação da cultura da capoeiragem pelas instituições de gestão cultural do Estado brasileiro foi um grande passo para estabelecimento de uma plataforma de diálogo mais democrática e realista com a comunidade da capoeira em todo território nacional.

Na gestão do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, no período de 2003 a 2007 e a de seu sucessor, Juca Ferreira, de 2007 a 2010, a capoeira foi eleita como uma das prioridades das políticas voltadas para as culturas populares e/ou negras. A "luta nacional", após séculos de repressão, indiferença e tentativas de controle, tornara-se (ao menos para o Estado brasileiro) símbolo de resistência das camadas populares e da diversidade nacional (GIL, 2004).

A publicação do Decreto nº 3551 de 4 de agosto de 2000, assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e seu ministro da cultura Francisco Weffor instituiu o registro dos bens de natureza imaterial, além de criar o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Segundo (VIEIRA e BOSCO, 2011), a Constituição Federal de 1988, nos seus artigos 215 e 216, já contemplava o patrimônio imaterial como passível de registro e preservação, uma vez que relaciona elementos importantes para a formação da identidade nacional.

Em consonância ao que vinha ocorrendo no mundo ocidental Pós-Segunda Guerra Mundial, a Constituição de 1988 incorporou as bases de um novo conceito de cultura reconhecido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Esse conceito reconhece a existência de uma pluralidade de culturas ao redor do mundo, inclusive, dentro de cada país e traça recomendações para a preservação das culturas tradicionais e populares.

Isso demonstra que o Decreto 3551/2000 não foi um fato isolado no Brasil, mas um movimento que já vinha sendo debatido nas últimas décadas. No Decreto, é instituído que a inscrição da manifestação em um "dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira" (FONSECA e VIEIRA, 2012).

> Em 15/07/2008, na cidade de Salvador - Bahia, o Ofício dos Mestres de Capoeira e a Roda de Capoeira foram inscritos, respectivamente, no Livro de Registro dos Saberes e no Livro de Registro das Formas de Expressão, ambos do IPHAN assim como, a UNESCO reconheceu em 26/11/2014, em Paris, a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Bonates (2011) afirma que o ano de 1972 foi um divisor na história da capoeiragem no Amazonas. Justifica tal afirmação, informando que em meados do ano citado, o fluxo migratório, causado pela Zona Franca, trouxe para o Amazonas, o jovem goiano, aventureiro e capoeirista, Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato de Silvestre, que instalou o Grupo de Capoeira Zumbi dos Palmares.

Este Grupo se torna o primeiro núcleo de ensino de capoeira com berimbau (o modelo baiano de capoeira) no Amazonas e é estabelecido na sede do Clube Náutico Portugal que era situada no início da Avenida Sete de Setembro na área do Marco Zero de Manaus. No final do ano de 1972, a sede do Náutico Portugal, foi desocupada e demolida para dar lugar à construção do prédio que hoje abriga a sede da Companhia Energética do Amazonas (CEAM).

Em janeiro de 1973, Mestre Gato então se transferiu para a Rua Barroso, 267, ocupando um antigo e decadente prédio, que na *belle époque* foi inicialmente o Palacete dos Epaminondas, sede do Atlético Rio Negro Clube e por fim, a sede da União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (UESA).

Neste prédio Mestre Gato inaugurou a primeira Academia de Capoeira do Amazonas, a Zumbi dos Palmares. No espaço dessa Academia é que Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha), Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates) e Ivanildo Corrêa (Professor Baixinho Chiburita) deram continuidade aos seus treinamentos de capoeiragem e iniciaram-se na capoeira com berimbau com o Mestre Gato.

Chaguinha, KK Bonates e Baixinho contribuíram com o Mestre Gato de forma individual e coletiva para a expansão do modelo baiano de capoeira abrindo novos espaços de ensino na década de 70 (Bantus de Angola, Quilombo, Oxumaré e Alma Negra) e realizando rodas de rua, apresentações em clubes e desfiles carnavalescos e cívicos e promovendo os primeiros torneios de capoeira do Amazonas. Essas atividades também foram desenvolvidas em Manaus e em diversos municípios do Estado.

Com a expansão da capoeira baiana a partir da capoeira de Zumbi dos Palmares, a capoeiragem e sua cultura, marginalizada e/ou invisibilizada no Amazonas desde o século XIX até 1972, não precisava mais camuflar-se ou ser sorrateira para estar presente no cotidiano amazonense. Gradualmente, foi incorporando ao seu meio, adeptos de todas as camadas sociais, ganhando visibilidade, ao se expandir por todo o Estado, assim como, de forma nacional e internacional, graças a sucessivas gerações de capoeiristas do Amazonas.

A partir do novo patamar criado em 1972, os capoeiristas amazonenses gradualmente fizeram ou participaram de diversas tentativas de organização individual e coletiva, nas esferas municipal, estadual e nacional, fundando grupos, associações, escolas, federações, ligas, fóruns e conselhos, participando de encontros culturais, torneios e campeonatos, entre outros.

Ao longo do tempo, essas organizações dialogaram, dentro do possível, com diversas instituições governamentais e privadas em busca de estabelecer patamares de cidadania para a capoeiragem, já que a mesma é garantida, na Constituição Brasileira nos artigos 215, 216 e 217 e na Constituição do Amazonas nos artigos 205 e 208. Infelizmente, por diversos motivos, não conseguiram estabelecer junto

aos governos do Amazonas, uma política pública para a capoeiragem amazonense.

A partir do ano 2014 a Superintendência do IPHAN no Amazonas convoca a comunidade de capoeira para dar início ao processo da criação de um Plano de Salvaguarda da Capoeira do Amazonas e a formação de um Comitê Gestor para executar o referido Plano.

Com a finalidade de tornar mais ágil o processo de construção da salvaguarda, a Superintendência do IPHAN por meio da Portaria nº 28/2015 cria o Grupo de Trabalho da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas (GT) cuja composição foi assim estabelecida:

I – representantes da Superintendência do IPHAN no Amazonas;

II – representantes de instituições parceiras públicas municipais e estaduais;

III – representantes de organizações civis que tenham atuação em temáticas afins à Capoeira;

IV – membros da comunidade da Capoeira do Estado do Amazonas.

Os mestres com maior assiduidade nas reuniões no GT da Salvaguarda deliberaram criar, paralelo ao GT da Salvaguarda, outro grupo de trabalho denominado de Grupo de Trabalho dos Mestres de Capoeira cuja finalidade era de discutir no âmbito capoeirístico, várias questões internas conflitantes relacionadas ao convívio e atuação na capoeiragem amazonense e apresentar propostas para solucionar ou atenuar essas questões.

Resultaram em produtos do GT dos Mestres, o Manifesto e Código de Ética dos Mestres de Capoeira do Estado do Amazonas e o Estatuto do Conselho de Mestres de Capoeira da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas (COMESCAM). Em abril de 2019 o GT dos Mestres de Capoeira foi formalmente encerrado e substituído pela Mesa Diretora Provisória do COMESCAM.

Ocorriam, também, reuniões ordinárias mensais, na sede do IPHAN, com a participação de funcionários desta instituição e membros dos diversos níveis hierárquicos da comunidade de capoeira, sendo a ocorrência do diálogo entre as partes estabelecido de forma cordial, satisfatória, objetiva e transparente.

Apesar de alguns gargalos encontrados, tais como, a grande dimensão territorial do Estado do Amazonas e a dificuldade ao acesso e comunicação com os municípios do interior, como também, a falta de entendimento de alguns capoeiristas do que é salvaguarda e seu processo de construção, diversos resultados positivos foram alcançados, a saber:

a) I, II e III Encontros Norte de Capoeira

O objetivo principal foi promover o diálogo sobre as ações de salvaguarda desenvolvidas, dificuldades, desafios e conquistas das Federações e estimular uma maior aproximação entre os Estados, proporcionando esclarecimentos sobre os mecanismos de participação social nas políticas públicas. O I foi organizado e promovido em 2016 pela Federação Amazonense de Capoeira (FAC), o II e o III pelas Federações do Acre e Roraima respectivamente.

O I Encontro teve a parceria da Secretaria Estadual de Educação e do IPHAN representado por técnicos dos Estados do Norte, Superintendentes do Amazonas e Pará e um membro do Departamento de Patrimônio Imaterial.

b) I Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas

Realizado em 2017, no Teatro Jorge Bonates, com participação de 60 capoeiristas, mestres e contramestres. Como principais resultados, destaca-se o fortalecimento do coletivo deliberativo, o esclarecimento das ações prioritárias no Plano de Salvaguarda, a serem trabalhadas no ano de 2018, e o início da parceria com o Governo do Estado do Amazonas para a salvaguarda do bem registrado.

c) II Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas

Realizado em 2018 no Palacete Provincial Heliodoro Balbi, com participação de 70 pessoas, dentre mestres, contramestres, professores e alunos. Como principais resultados, têm-se a formação de comissões temáticas, o esclarecimento das ações prioritárias no plano de salvaguarda, a serem trabalhadas no ano de 2019, e o debate de temas importantes para a salvaguarda do bem, junto a representantes do Governo do Estado do Amazonas e Prefeitura de Manaus;

d) III Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas:

Realizado em 2019 no Auditório do Prosamim, com participação de 70 pessoas da comunidade de capoeira. Os resultados principais foram os seguintes: Encaminhamentos para o fortalecimento das parcerias institucionais, para a profissionalização ou regulamentação da capoeira e implementação do Centro de Referência da Capoeira no Amazonas.

e) Centro de Referência da Capoeira no Amazonas

A Secretaria do Estado de Infraestrutura do Amazonas com vistas ao cumprimento de um Termo de Ajustamento de Conduta junto ao IPHAN está estudando a viabilidade de desapropriação de terrenos de interesse do Grupo de Trabalho para a Salvaguarda da Capoeira no Amazonas para a construção do referido Centro;

f) Estabelecimento das Diretrizes para o Plano de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas e aprovação dos Tópicos do Plano de Salvaguarda:

• Formação, Valorização e Reconhecimento dos Mestres de Capoeira.

- Realização de pesquisas, oficinas, cursos, palestras e seminários e outras atividades afins sobre a historiografia da capoeira enfatizando-se a do Amazonas.

- Realização de cursos, palestras, seminários, exposições, textos, oficinas, orientações e outras atividades afins sobre políticas públicas direcionadas ao patrimônio imaterial com ênfase na salvaguarda da capoeira.

- Realização de ações de valorização dos saberes dos mestres por meio de eventos (palestras, oficinas, seminários, rodas de conversas) nos quais foram abordados, a importância dos aspectos (conceitos e critérios) tradicionais do papel do mestre dentro da cultura afro-brasileira e na capoeiragem, objetivando o entendimento de que o complexo universo deste segmento envolveria em rede, novos contextos culturais, resultado de concomitantes e distintas formas de sua difusão e internacionalização.

- Realização de ações de reconhecimento dos mestres de capoeira que atuavam no cenário amazonense pelo Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas e em conformidade com os critérios estabelecidos por este Conselho.

- Realização de ações para a elaboração e publicação do Dossiê da Capoeira no Amazonas abordando o histórico da prática, situação atual e a indicação dos mestres referenciais.

• Capoeira e Educação

- Levantamento de dados estatísticos dos resultados das ações ocorrentes nas escolas para que se possam estabelecer estratégias mais viáveis de implantação e expansão da capoeira no sistema escolar.

- Promoção do livre diálogo dos capoeiristas com as instituições de educação formal para construção de abordagens pedagógicas específicas, no intuito de que a capoeira possa atuar como ferramenta educacional transversal, com os diversos campos da educação formal, garantindo assim, sua expressão como campo de conhecimento próprio **multirreferenciado**, **polissêmico, intercultural** e **polilógico.**

- Garantia e articulação com os órgãos públicos para a participação da capoeira nos projetos e programas educacionais, esportivos e culturais nos âmbitos municipal e estadual.

- Realização de ações de capacitação como palestras e cursos de pequena duração para os capoeiristas sobre a estrutura da educação formal e da educação transversal.

- Realização de cursos, palestras, seminários, exposições, textos, oficinas, orientações e outras atividades afins que colaborem com a formação pedagógica do capoeirista.

• Capoeira e o Judiciário

- Promoção de ações informativas sobre a legislação relacionada à capoeira.

- Viabilização para orientação sobre questões jurídicas ou afins para esclarecimentos sobre a formação de associações, cooperativas, etc.

- Promoção de ações de orientação jurídica sobre ações coletivas ou individuais direcionadas a violação de direitos envolvendo questões de raça, religião, gênero, classe, entre outros.

• Capoeira e Economia.

- Estímulo à formação de cadeias produtivas com artesanato, estamparia, vestuário, instrumentos, etc.

- Apoio a criação de catálogos de comercialização, publicidade, etiquetas, embalagens, planejamento de fretes e participação em feiras e similares.

- Viabilização de ações junto às instituições orientadoras e fomentadoras de produção econômica.

• Capoeira e Centros Difusores.

- Implantação do Centro de Referência contendo o Memorial da Capoeira (estadual e nacional) dotado de biblioteca, museu, auditório, alojamento, salas administrativas e espaço para a prática da capoeiragem.

- Viabilização e/ou articulação editais para construção, reforma, doação ou compra de terrenos, tendas móveis, etc, para centros difusores de capoeira.

- Viabilização para a aquisição de material didático e esportivo.

• Capoeira e Informação.

- Viabilizar a circulação da informação sobre o universo da capoeira pelos mais variados meios como exposições, catálogos, cd's, dvd's, sites, páginas sociais, livros, etc.

- Apoio à criação e manutenção de redes de comunicação presencial e virtual.

- Apoio à formação e/ou a manutenção de acervos referentes à capoeira.

- Estímulo e atualização para a inserção de dados na plataforma Cadastro Nacional da Capoeira.

- Sensibilização para os centros de pesquisas estaduais e municipais sobre a necessidade e importância de realizar estudos sobre a capoeira e estabelecer vínculos com os Movimentos de Negritude para que os mesmos sejam parceiro destas demandas.

- Estabelecimento de um contínuo Ciclo de Estudos e Debates sobre a capoeiragem com o objetivo de democratizar e atualizar o conhecimento sobre o complexo cultural da capoeira.

• Profissionalização do Capoeirista.

- Incentivo aos multiplicadores de capoeira a registrar-se como autônomo e contribuinte da Previdência Social.

- Incentivo à adesão ao Código de Ética dos Mestres de Capoeira do Estado do Amazonas.

g) Início do Mapeamento da Capoeira no Estado do Amazonas

h) Manifesto e Código de Ética dos Mestres de Capoeira do Estado do Amazonas.

i) Aprovação do Estatuto do Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas (COMESCAM).

O processo mundial de expansão da capoeira transformou em muito a forma, a prática e o alcance da capoeiragem ampliando seu leque de abrangência e influência que passam a ser discutidas em diversas áreas e categorias e, entre estas, destacam-se a sua profissionalização e seu uso na área da educação tanto como ferramenta relacionada a cognição e motricidade quanto na problematização de preconceitos e estereótipos sociais de gênero e étnico-racial.

No entanto, em tempos de aceleradas transformações que ocorrem paralelos aos tempos de recuperação da memória, de patrimonialização e de salvaguarda da cultura popular, é bom lembrar que é fato recorrente à informação de que a presença negra teve pouca influência na formação cultural da Amazônia e que no Amazonas essa influência é praticamente nula.

Porém, nos últimos 30 anos, os estudos históricos sobre o negro na Amazônia ganharam cada vez mais densidade devido ao aumento dos cursos de graduação, pós-graduação, instituições e núcleos de pesquisa resultando no consequente incremento de historiadores, antropólogos, arqueólogos e afins, contribuindo para a retirada deste manto de invisibilidade dada ao negro e a cultura afro-brasileira na construção daquilo que chamamos de Amazônia.

A tarefa da revisitação crítica do passado da sociedade amazonense principalmente a da camada popular e trabalhadora é, em muito, dificultada pela ausência de dados, pois a maioria dos estudos sobre a *belle époque* se preocuparam apenas em evidenciar o progresso material e científico e a grandiosidade arquitetônica obtida pela cidade de Manaus.

Esse apregoado processo de "modernização" foi rico em contradições e conflitos sociais, mas não recebeu a devida atenção nos clássicos de história da época áurea do ciclo econômico da borracha.

A pretensa "modernização" imposta pelas elites dominantes era "higienizadora e civilizatória" e modificou a estrutura urbana, disciplinou posturas e selecionou espaços de intervenção que resultaram em marginalização e/ou exclusão das camadas populares e de seus costumes tais como: os banhos e lavagens de roupas nos igarapés, a circulação de canoas, a venda ambulante e a prática da capoeiragem, entre outras.

Como citado, anteriormente, a capoeira se encontra comprovadamente instalada no Amazonas há 121 anos sendo necessário que os entes federativos, principalmente o Estadual e Municipal reconheçam a capoeira como patrimônio cultural imaterial e estabeleçam e executem políticas públicas de preservação, estímulo, ordenamento e difusão da capoeira, no intuito de aproveitar ao máximo as potencialidades da capoeiragem.

NOTAS

(1) Capítulo XIII (Dos Vadios e Capoeiras), artigos 402, 403 e 404.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal. Pena: de prisão celular de dois meses a seis meses.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena do artigo 404, pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou *nas fronteiras do território nacional* (grifo do autor) podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes. Parágrafo único – Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena.

Artigo 404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídios, praticar lesões corporais, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranquilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

(2) Bonates em preparação - "O Ringue na Selva: a capoeira, o jiu-jitsu e outras lutas em Manaus (1890 – 1990)". Pesquisa que vem sendo elaborada por Luiz Carlos de Matos Bonates (KK Bonates) e Rildo Heros.

(3) Trecho da mensagem lida na abertura da 2ª Sessão Ordinária da 5º Legislatura, em 10 de julho de 190, pelo governador do amazonas, Antônio Constantino Nery. "O governo federal como medida de repressão dos graves acontecimentos a quem serviu de teatro a capital da República, nos dias 14 de novembro e subsequentes, foi tomada a expurgação daquela cidade, de grande cópia de indivíduos de vida solta e perniciosa, perigosíssimos para a segurança e tranquilidade pública, havendo por bem aquele Governo *fazer do Amazonas um presídio* (Grifo do autor), enviando-os para este Estado... Ascendendo a essa imigração a centena de indivíduos afeitos a toda casta de desatinos, criminosos uns, outros incorrigíveis, perigosos todos,*capoeiras*, batedores de carteiras, passadores de contos de vigário"

(4) Depoimento de Murilo Ruas a KK Bonates e Rildo Heros, em julho de 2007. Murilo é filho do finado Branco e Silva, artista plástico e desportista de renome do Amazonas. Murilo realizou inúmeras lutas inclusive uma que terminou em empate contra o capoeira carioca Marrueira, no extinto Velódromo Álvaro Maia.

(5) Revolução de 1930 foi o movimento armado, liderado pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o Golpe de 1930, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha. Com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, ocorrida em outubro de 1929, iniciou-se uma crise econômica de escala mundial, esmagando todas as economias com alguma participação nos mercados internacionais, caso do Brasil e suas exportações de café. Em 1929, lideranças da oligarquia paulista romperam a aliança com os mineiros, conhecida como política do café com leite, e indicaram o paulista Júlio Prestes como candidato governista à presidência da República. Em reação, o presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro

de Andrada apoiou a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas. Em 1 de março de 1930, foram realizadas as eleições para presidente da República que deram a vitória ao candidato governista. Contudo, Júlio Prestes não tomou posse, em virtude do golpe de estado desencadeado a 3 de outubro de 1930, e foi exilado. Getúlio Vargas assumiu a chefia do "Governo Provisório" em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha no Brasil.

(6) Liberalismo Econômico consiste na ideia da liberdade para a economia, sendo ela livre de interferências do Estado, por exemplo. O mercado econômico seria regulamentado e controlado por ele próprio, ficando a cargo dos indivíduos grande parte das decisões econômicas.

(7) O modernismo brasileiro foi um amplo movimento cultural que repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX, sobretudo no campo da literatura e das artes plásticas. Foi desencadeado a partir da assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas no continente europeu no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. Essas novas linguagens modernas trazidas pelos movimentos artísticos e literários europeus foram sendo aos poucos assimiladas pelo contexto artístico brasileiro, mas colocando em enfoque elementos da cultura do país, pois havia uma necessidade de valorização do que era nacional. A segunda fase do modernismo brasileiro foi denominada Geração de 30, formou grandes romancistas e poetas; uma fase marcada pela preocupação social e política e pelo regionalismo, destacado principalmente na prosa da região nordeste. A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, é considerada o marco inicial do Modernismo no Brasil.

(8) Mestres fundadores do Centro Esportivo de Capoeira Angola: Pastinha, Daniel Coutinho Noronha, Livino, Maré, Amorzinho, Raimundo Aberrê, Percílio, Geraldo Chapeleiro, Juvenal Engraxate, Geraldo Pé-de-Abelha, Zéhi, Feliciano Bigode Seda, Bom Nome, Henrique Cara Queimada, Onça Preta, Cimento, Argemiro Olho-de-Pombo, Estivador, Antônio Galindeu, Argolinha de Ouro, Cândido Pequeno, Lúcio Pequeno e Paquete do Cabula.

(9) O Movimento Alma Negra (MOAN), fundado em 09/05/1980, foi a primeira organização política afro-brasileira do Amazonas na época da ditadura militar. Seu mentor e presidente-fundador foi Nestor José Soeiro do Nascimento.



Figura 5: Folheto de divulgação do II Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 6: I Seminário 2017 - Mestres: 1) Chaguinha; 2) Lourinho; 3) Jacozinho; 4) Cristiano; 5) KK Bonates; 6) Francisco Lagarto; 7) Ricardo Camisa Furada; 8) Leãozinho; 9) Pililim; 10) Marcelo; 11) Espiga; 12) Ronaldo; 13) Mainha; 14) Gato de Silvestre; 15) Tiquinho; 16) Hermínio Castro.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu) / Acervo IPHAN.



Figura 7: Público.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu) / Acervo IPHAN.



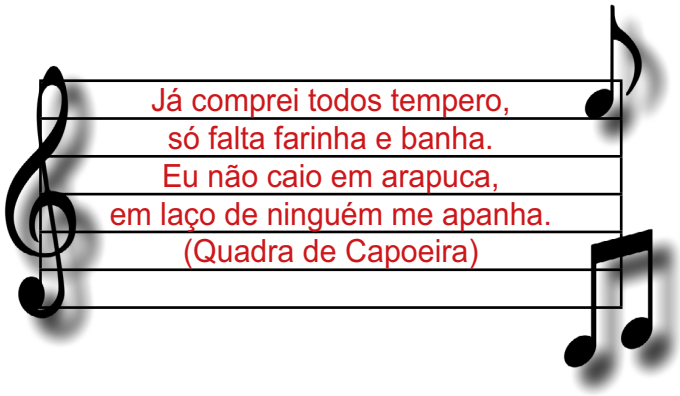
Figura 8: III Seminário 2019 - Mestres: 1) Neto; 2) Camaleão; 3) KK Bonates; 4) Gato; 5) Chaguinha; 6) Jacozinho; 7) Ronaldo; 8) Ricardo Camisa Furada; 9) Lambão; 10) Tiquinho; 11) Chico Bento; 12) Contramestre Biriba - Palestrante; 13) Karla Bitar.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu) / Acervo IPHAN.



Figura 9: Público.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu) / Acervo IPHAN.


CONTRAÇÕES
TEATRO AMAZONAS
29 E 30 DE JUNHO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS



É comum em Manaus e no restante do país se observar nas praças, feiras, academias ou pelos canais televisivos a presença de animadas rodas de capoeira ao ritmo de instrumentos como berimbaus, pandeiros, atabaques, agogôs e reco-recos. Os capoeiristas cantam, tocam, batem palmas e movimentam seus corpos com tal destreza que algumas vezes chegam a desafiar a lei da gravidade.

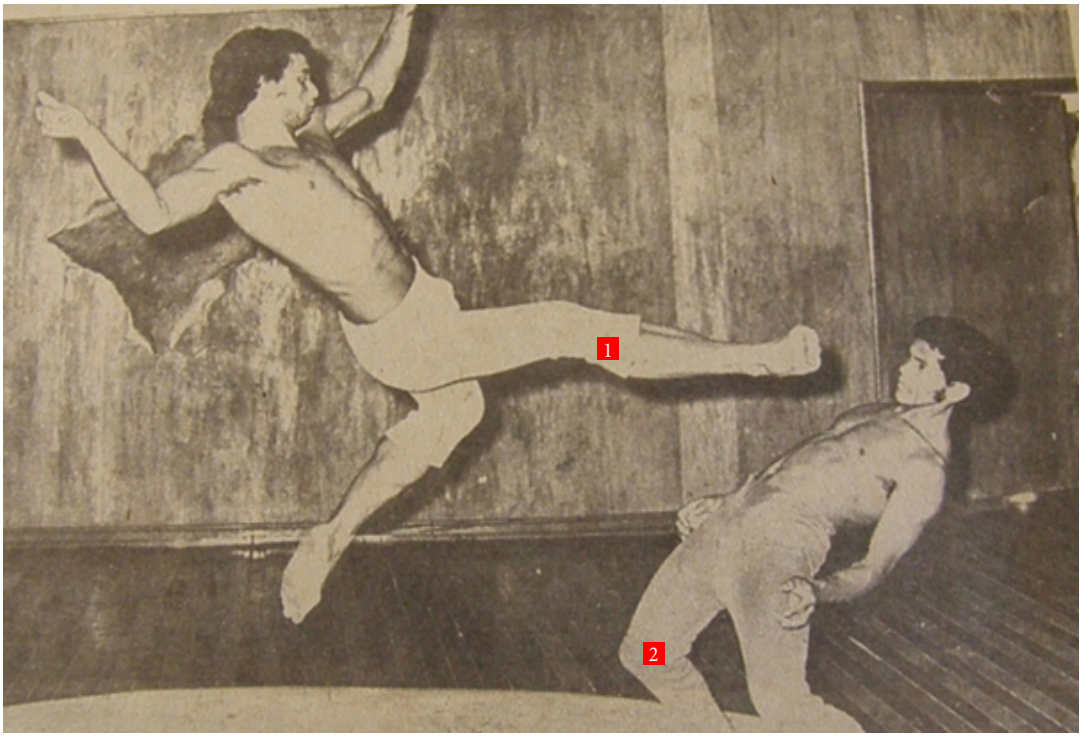


Figura 11: Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato 1), e seu aluno Passista 2) em 1974 na Academia Zumbi dos Palmares.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Esta é a principal referência que, atualmente, a grande maioria das pessoas possui da capoeira – um alegre e atlético jogo de origem afro-brasileira comandado pelo berimbau e que, recentemente, vem sendo usada em programas sociais como ferramenta educativa, promotora de autoestima, de identidade cultural, inclusão social e de brasilidade; só que nem sempre foi assim.

Em tempos passados, do Brasil Colônia até o começo do Brasil República, praticar a capoeira rendia muitas chibatadas, prisões, envolvimento com diversos tipos de crimes, sangue derramado, conflitos, discórdias e estigmas. Por outro lado, a prática também proporcionava sentimentos de identidade, autoestima, pertencimento, territorialidade, ritualismos, religiosidades, prestígio, visibilidade e mobilidade social e política.

Evidências de peso indicam que a capoeira propriamente dita, não era uma prática originária da África e sim, uma mistura, fusão, recriação e revivalismo de diversos rituais e danças guerreiras africanas, principalmente as do povo banto, que foram se amoldando às necessidades e ao novo tipo de socialização imposta aos africanos e seus descendentes submetidos ao cativeiro no Brasil. Há que se registrar os elementos da cultura europeia, indígena e moçárabe, que se fazem presentes neste amálgama de culturas que é a capoeira.

Praticada e desenvolvida fundamentalmente no seio da população negra (entre os africanos e **crioulos**) e por alguns membros de classes mais abastadas (os marialvas) foi observada tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas. Nestas últimas, a capoeiragem passou a constituir-se na prática mais nociva à manutenção do modelo social escravista e oligárquico vigente à época – mesmo que, sob muitos aspectos, esses mundos aparentemente opostos fossem coniventes e complementares (TONINI, 2008).

De sua gênese até os meados das três primeiras décadas do século XX, o mundo das ruas foi extremamente propiciatório para a gestação e desenvolvimento dos fundamentos técnicos e comportamentais da capoeira, pois nas ruas, as regras de conduta são mais flexíveis e as hierarquias sociais não se mostram tão definidas, principalmente à noite, nos bares, nas praças, nos becos e vielas.

Locais de grande fluxo econômico e migratório ou de forte tráfico negreiro como as cidades portuárias de Belém, São Luís, Recife, Rio de Janeiro e Salvador ou ainda, ligados a uma forte agricultura ou a mineração como São Paulo e Minas Gerais serviram de polos difusores de costumes e amálgamas culturais e, por conseguinte, nichos de gestação e diversificação de formas e de expressões populares, entre estas, a capoeira.

Uma das importantes formas de disseminação da capoeira pelo território nacional foi o degredo de capoeiras para regiões longínquas dos grandes centros (no caso, a região norte do Brasil) e a entrada, na grande maioria das vezes compulsória, de capoeiras nas fileiras do exército e, principalmente, na marinha de guerra ou mercante.

Desde o século XIX, já existiam formas distintas de praticar a capoeiragem nas diversas regiões brasileiras. Essas formas eram carregadas de fortes ambiguidades oriundas tanto do próprio amálgama sociocultural quanto da capacidade de dissimulação de seus praticantes para poderem aumentar o seu universo de navegação social. Ao longo da sua história, a capoeira e os capoeiras foram vistos tanto como vadios, criminosos, cancro e degeneração social quanto heróis de guerra, defensores da liberdade, arte nacional, educadores, mestres do saber popular ou esporte genuinamente brasileiro (CONDE, 2007).

A capoeira já foi vista como prejudicial à ordem pública de tal forma que, ao se instalar o regime republicano, foi duramente perseguida. Com a república, a capoeira passou a ser criminalizada e incluída no código penal de 1890.

A perseguição feita aos capoeiras foi emblemática, pois demonstrava que a nova ordem institucional não admitia revanchismos monarquistas, notadamente os da estrutura para-institucional criada pelas associações de cor, a qual a capoeira era considerada seu braço armado. Sampaio Ferraz, o "Cavanhaque de Ferro", então chefe de polícia,

obteve todo apoio do presidente Deodoro da Fonseca e foi extremamente eficiente na erradicação da "erva daninha", aprisionando as principais lideranças das maltas de capoeira e deportando-os para a ilha-prisão de Fernando de Noronha e para Estados do norte.

Outro fato marcante aconteceu no ocaso da monarquia e nos primórdios da república - começam a chegar ao Brasil diversas modalidades esportivas que se expandiam na Europa, inspiradas pela doutrina da "mente sã e corpo são", o que contribuiu para a institucionalização dos esportes no Brasil.

Nesta época as demonstrações e combates de luta livre aglutinavam desportistas que se enfrentavam no intuito de provar a superioridade deste ou daquele esporte. Vários capoeiristas também participaram destas apresentações e combates em vários Estados.

A difusão da ideia da capoeira como arte genuinamente brasileira começou através da literatura desde 1886, a partir de Plácido de Abreu, de Melo de Morais, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Lima Barreto, Coelho Neto, Manoel Quirino e, principalmente, a partir da década de 30 pela literatura de Gilberto Freyre, de Jorge Amado e Edison Carneiro e pelas viagens de capoeiristas pelo país e exterior para apresentações.

COM QUANTOS BERIMBAUS SE FAZ UMA CAPOEIRA

Entre as várias formas distintas que a capoeira era praticada pelo país, destacam-se duas que são extremamente importantes e que fizeram a diferença no contexto sócio-histórico. Uma primeira capoeira que não utilizava o berimbau (capoeira sem berimbau ou capoeira primitiva ou das maltas) e que era mais utilizada como uma arma de ataque e defesa corporal, uma luta propriamente dita, mas que, também, era utilizada como diversão em forma de um jogo viril. Essa capoeira predominou no século XIX em várias cidades pelo Brasil afora, principalmente no Rio de Janeiro e entrando em forte declínio no começo do século XX, pois é duramente perseguida pelo aparelho repressor da nossa florescente república passando a ser estigmatizada como cancro social rebelde gerado no seio da monarquia.

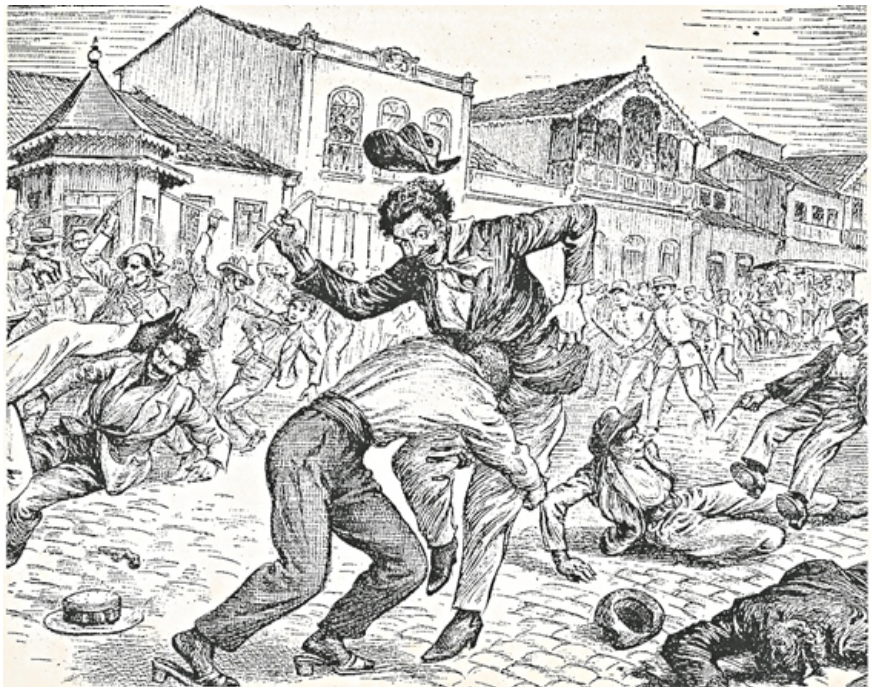


Figura 12: Conflito de maltas de capoeira numa rua do Rio de Janeiro no final do século XIX. O Brasil pela imagem, 1943.
Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

A segunda capoeira faz uso do berimbau (capoeira baiana) e ligada a toda uma liturgia comandada por este instrumento, onde o jogo e a diversão prevalecem, mas que, também, pode vir a ser utilizada como luta ou como defesa pessoal a depender da ocasião. A capoeira com berimbau teve origem na Bahia, no final do século XIX, tornando-se referência de uma maneira civilizada de se praticar a capoeira, sendo a mesma aceita, tolerada e até defendida pela elite dominante da época como uma forma de expressão cultural ou desportista.



Figura 13: Rodas de Capoeira Angola durante o III Seminário da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas - 2019: 1) Professor Miller Senzala; 2) Mestre Chico Bento.
Fonte: Acervo IPHAN.



Figura 14: Rodas de Capoeira Angola Regional durante o III Seminário da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas - 2019: 1) Professor Miudinho; 2) Professor Chocolate.
Fonte: Acervo IPHAN.

O modelo baiano de capoeira teve como base a capoeira primitiva e a partir desta referência gerou dois estilos primordiais – a Regional e a Angola. Estes possuem a mesma base estrutural e lógica, porém apresentam pequenas distinções metodológicas e ritualísticas[10]. Manoel do Reis Machado, o Mestre Bimba, pela Capoeira Regional e Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha, pela Capoeira Angola são considerados os seus maiores ícones.

Em sua gênese e desenvolvimento, a capoeira, com ou sem berimbau, quando praticada como luta ou como defesa pessoal, se caracterizava (e ainda hoje, para alguns poucos mestres ortodoxos, ainda se caracteriza) como um conjunto de técnicas corporais que utilizava o corpo como um todo para defender e atacar. Aliado ao corpo, objetos do cotidiano eram transformados em armas de ataque e defesa, tais como: facas, facões, navalhas, guarda-chuvas, bengalas, porretes, tamboretes, chaves, cacos de vidro, pedras, líquidos de toda ordem, areia, serragem, pregos, chapéus, entre tanto outros. Também se valiam de comportamentos dúbios, enganosos e de escaramuças como emboscadas e tocaias ou do uso de forças espirituais como rezas, orações, amuletos e ebós.



Figura 15: Os baluartes da capoeira baiana: A) Vicente Ferreira Pastinha - Mestre Pastinha. B) Manoel dos Reis Machado – Mestre Bimba.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

A capoeira-luta teve sua eficiência testada de forma individual ou coletiva no combate corpo a corpo das maltas, nas batalhas da Guerra do Paraguai e em diversos levantes e convulsões sociais pelo Brasil afora, em pelejas e duelos armados ou com as mãos nuas e contra um ou múltiplos adversários. Por fim, destaca-se o fato de que ao longo do tempo, a

técnica e o corpo-arma do capoeira foram utilizados a serviço de interesses diversos, uns nobres e outros escusos, de caráter pessoal, político-partidário, social ou de classe.

É importante salientar que a capoeira, com ou sem berimbau, tinha como marca registrada de sua técnica de luta até bem pouco tempo atrás, os consagrados movimentos da rasteira, da cabeçada e do rabo-de-arraia e como coadjuvantes principais, o uso da navalha, da faca e do porrete.

Existe outra forma de se jogar a capoeira com berimbau, diferente dos estilos primordiais baianos de capoeira (Regional e Angola) que é denominada de Capoeira Contemporânea. Esta nova maneira de jogar aparece a partir dos anos 70 como uma estratégia de ocupação da capoeira baiana a novos nichos, principalmente os de classe média do eixo Rio-São Paulo, nichos estes reconhecidamente conservadores, preconceituosos e provincianos em relação ao povo e a cultura nordestina e nortista, sobretudo, a afro e a indígena, vistas ainda como expressões de um Brasil atrasado.



Figura 16: José Roberto V. Rodrigues, o mestre Espiga e professor Cebolinha - 2019
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Chamada primeiramente de Capoeira Regional Contemporânea, estilizou-se e adicionou à verdadeira Capoeira Regional (a criada e codificada por Mestre Bimba), movimentos acrobáticos circenses, posturas e movimentos de artes marciais orientais e valorizou em demasia os aspectos esportivo, competitivo e mercantil. Também retirou e ressignificou vários elementos simbólicos, ritualísticos e corporais diretamente ligados à tradição afro-brasileira.

Entre os citados estilos de capoeira, o de Capoeira Contemporânea está em constante transformação por não se prender, obrigatoriamente, à tradição de uma estética afro-brasileira e, via de regra, se moldou e se deixou moldar quase sem critérios aos crescentes processos de **mercantilização** das culturas populares, pela **indústria cultural**, pela **globalização**, pela **pós-modernidade** e **pós-globalização**. Ressalta-se que este fenômeno, também, vem acontecendo recentemente em algumas vertentes dos estilos primordiais da capoeira baiana.

Os processos anteriormente citados geraram e continuam gerando incontáveis e indiscriminadas formas de se jogar e treinar capoeira pelo mundo afora, com acréscimos, nuances, restrições e particularidades. Como exemplo, pode-se ter entre núcleos de um mesmo grupo de capoeira de uma cidade, fortes diferenças de ritual e de significados e se extrapolarmos para uma dimensão maior, essas diferenças podem ser extremas se for entre países.

Existem algumas rodas com capoeiras vestidos de quimonos, com incorporações estéticas de artes marciais orientais, de ioga, ginástica olímpica e imobilizações de jiu-jitsu, entre outras "eficientes novidades" acompanhadas do chavão de que é "preciso evoluir".

Em última análise, a procura de novas abordagens que se adequem ou estabeleçam a diferença do "produto capoeirístico" ao mercado consumidor, na esperança de geração de renda e segurança ao "mestre" ou "proprietário" do grupo de capoeira, talvez seja o maior motivador para essa "diversidade" que na

maioria das vezes, produz uma total e desnecessária descaracterização da capoeiragem.



Figura 17: Globalização. Alguns livros sobre capoeira em vários idiomas.
A) Inglês; B) Francês; C) Alemão; D) Grego
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

A Capoeira Contemporânea é hoje um enorme "guarda-chuva" que abriga em seu nome, por ainda não ter uma identidade capoeirística definida, qualquer coisa que se queira fazer e se denominar de capoeira. Lógico que dentro deste "guarda-chuva" existem expressões e formas de capoeira com fundamentos mais ortodoxos voltados para a tradição afro-brasileira, assim como, formas heterodoxas que precisam ser adaptativas ou circunstanciais a novos ambientes e situações ou, então, puramente efêmeras e comerciais que chegam apenas a durar um verão, gerando uma diversidade caótica.

Em contrapartida, o complexo processo de globalização da capoeira, contribuiu para que o Estado brasileiro considerasse a roda de capoeira e os saberes dos mestres como patrimônios imateriais do povo brasileiro.

A Capoeira Contemporânea, sem sombra de dúvida, é a "forma" mais praticada de capoeira e a maior responsável pela sua expansão mundial que beira a inserção em 175 países e, por conseguinte, colaborou em muito para que a UNESCO considerasse a capoeira como um patrimônio cultural da humanidade.

Hoje os inimigos da capoeira e dos capoeiristas não são mais os capitães-do-mato ou as autoridades policiais e sim, um sistema que tem como poderosa arma, a sedução do consumo. Novos e grandes desafios se fazem presentes aos capoeiristas nestes tempos de indústria cultural, de pós-modernidade e de pós-globalização.



Figura 18: "Uma Noite na Bahia". Show e batizado realizado em fevereiro de 1974 na Academia Zumbi dos Palmares.
1) Ivanildo Baixinho; 2) Manuel Coice-de-Mula; 3) KK Bonates; 4) Chaguinha; 5) Doracelis; 6) Nana; 7) Sapato Roxo; 8) Mestre Gato; 9) Demiro.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 19: Eco-Capoeira (Capoeira pra valer) 07/09/2008. Mestres: 1) Gato; 2) Ronaldo; 3) Cláudio Danadinho; 4) Tiquinho; 5) Nenel.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



A CULTURA DA CAPOEIRA:

Uma Maneira de Ser e Estar à Brasileira.

Capoeira é luta de bailarinos. É dança de gladiadores. É duelo de camaradas. É jogo, é bailado, é disputa - simbiose perfeita de força e ritmo, poesia e agilidade. Única em que os movimentos são comandados pela música e pelo canto. A submissão da força ao ritmo. Da violência à melodia. A sublimação dos antagonismos. Na Capoeira, os contendores não são adversários, são camaradas. Não lutam, fingem lutar. Procuram - genialmente - dar a visão artística de um combate. Acima do espírito de competição, há neles um sentido de beleza. O capoeira é um artista e um atleta, um jogador e um poeta.

Dias Gomes.

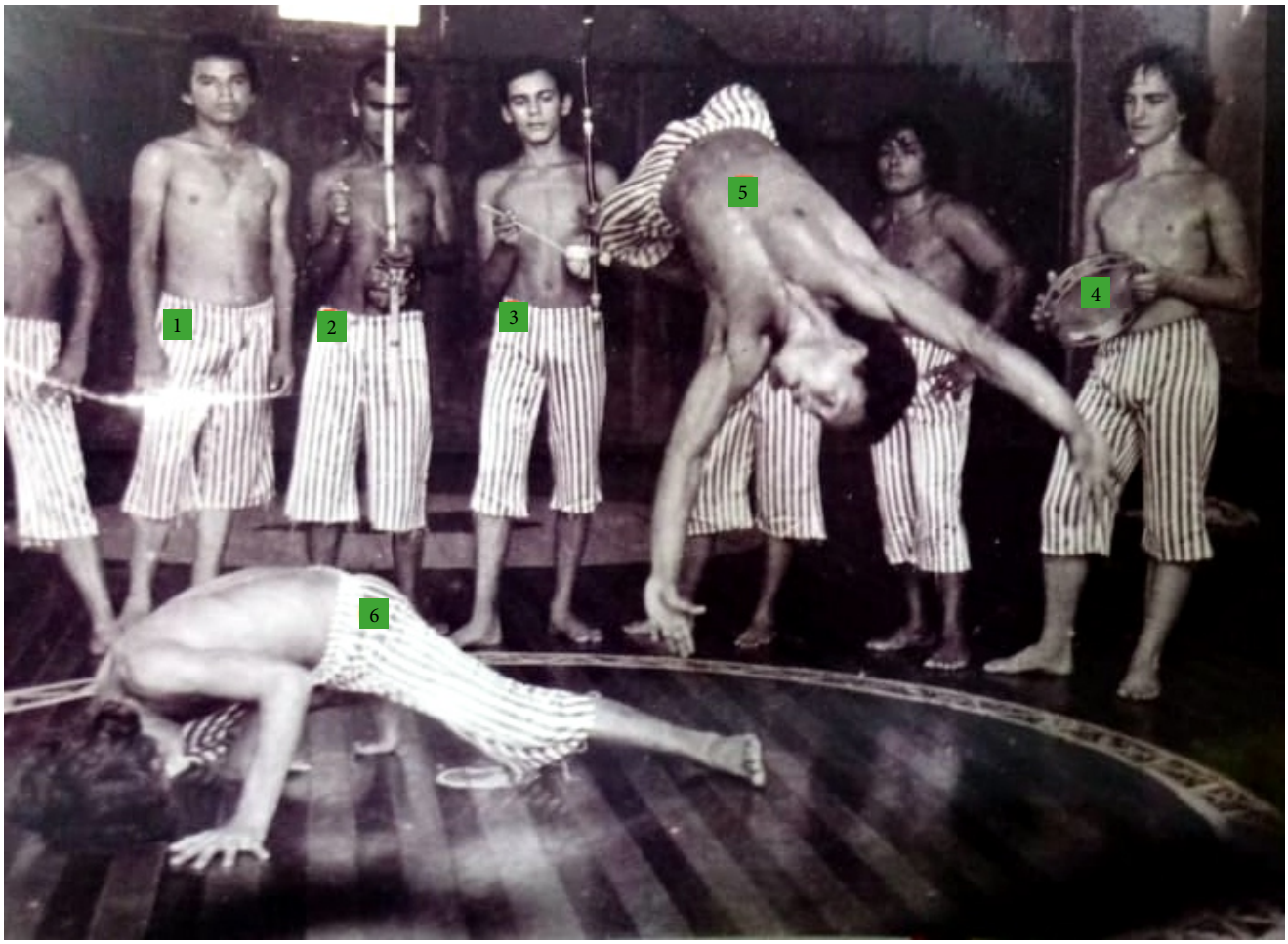


Figura 22: Grupo de capoeira "Unidos de Nagô" no salão da Academia de Capoeira "Zumbi dos Palmares" em 1975. 1) Djalma Trator; 2) Gabito; 3) KK Bonates; 4) Manoel Marques; 5) Ivanildo Baixinho; 6) João Patureba.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Antes de aprofundarmos o tema da cultura da capoeira se faz necessário estabelecer alguns conceitos que serão utilizados ao longo do texto, a saber:

- A capoeira: A arte, ou seja, a totalidade da capoeira em si. A capoeira pode ser conceituada como um complexo cultural com campo de conhecimento próprio não formal, **multirreferenciado**, **polissêmico**,

intercultural e **polilógico** (ARAÚJO, 2016).

A convivência forçada entre os povos matriciais da nação brasileira imposta pelo colonialismo europeu produziu ao longo da história, um **amálgama** cultural a partir da diversidade étnica e cultural do africano escravizado, em sua maioria do tronco linguístico **bantu** e sua **diáspora**, com suas religiosidades, suas danças de guerra e de seus jogos de combate que fundiram-se com técnicas de combate e elementos da estrutura social e religiosa dos indígenas e europeus. Como exemplos específicos deste fenômeno temos a capoeira, o candomblé de caboclo, o boi-bumbá, entre tanto outros.

• A capoeiragem: É um processo e condições históricas do cotidiano, onde se desenvolve a arte da capoeira, que tem como espaço primordial, a roda. O Capoeira: Praticante da arte da capoeira.

• Capoeirista: O seguidor da arte e do saber da capoeira. É o capoeira com vários anos de vivência e prática e que tem a capoeira como uma filosofia de vida. É pelo capoeirista que ocorrem os maiores graus de expressão da capoeira. Ele é, ao mesmo tempo, portador, zelador e protagonista da capoeiragem. Jogo da capoeira tradicional baiana: É a simulação de uma contenda corporal que se efetua por um processo dinâmico, coreográfico entre dois parceiros, sendo caracterizado pela associação de movimentos rituais. Este jogo é executado, também, em sintonia com o ritmo ijexá e é regido pelo toque do berimbau, onde os parceiros simulam intenções de ataque, defesa e esquiva, ao mesmo tempo, em que exibem habilidades, força e autoconfiança. Cada qual procura demonstrar habilidade superior à do seu camarada.

A linguagem do corpo torna possível o diálogo coreográfico que se desenvolve a partir dum movimento básico denominado de gingado, do qual surgem os demais num desenrolar, aparentemente, espontâneo e natural, porém, com um objetivo dissimulado de mostrar para o parceiro as suas falhas e descuidos no desenrolar do jogo. Em outras palavras, o jogo da capoeira é um diálogo corporal entre parceiros que fazem perguntas e dão respostas entre si, ocorrendo momentos em que as perguntas ou as respostas são neutralizadas por um dos parceiros (DECANIO FILHO, 1996).

Como todo jogo é um conflito anunciado, o objetivo idealizado do jogo da capoeira baiana é que no fim da contenda, o conflito pré-existente antes do jogo seja transformado em suor, sorrisos, abraços e outros sinais de amizade ou respeito.

• Briga: É um confronto corporal sem regras entre duas ou mais pessoas onde se expressa com maior vigor a violência humana.

• Lutar capoeira: por definição técnica, a luta seria uma briga com regras, ou seja, não se podendo golpear certas regiões do corpo ou usar determinados golpes, por exemplo: nuca, genitália, pomo-de-adão, dedo nos olhos, mordidas, etc.

Na capoeira, a luta pode ocorrer nos treinos ordinários fora da roda das academias ou na própria roda dos dias de treinamento ou em determinadas situações e circunstâncias.

• Educação capoeirística: É transmissão dos valores e saberes humanísticos que fundamentam a capoeira baiana e que fazem da mesma uma ferramenta educacional, de valorização da vida e da cidadania, tais como: a liberdade de criação e expressão, a estrita obediência aos rituais, a preservação das tradições orais, o culto dos antepassados e o respeito aos mais velhos como repositório da sabedoria comunitária, o **ubunto**, entre outros.

Antes de se prosseguir, são necessárias ainda três observações:

A primeira é sobre o conceito de cultura, que em si, é um conceito bastante híbrido e fluido. Assim, escolheu-se dentro dos inúmeros conceitos de cultura existentes na bibliografia pertinente, dois que se aproximasse daquilo que entendemos como uma

noção da capoeira como cultura e sua problemática no mundo globalizado.

Cultura pode ser compreendida como algo múltiplo, diverso, heterogêneo. Abrange tanto aspectos individuais e coletivos, ou seja, da construção dos homens em seus grupos. Num significado mais global, a cultura amplia os horizontes e une os povos à medida que os identifica num processo contínuo e crescente em meio a globalização.

Para Geertz (2008), o homem é um animal amarrado as teias de significados que ele mesmo teceu. Essa teia orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca.

Geertz (2008) define símbolo como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que representa um significado. Compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados. A capoeira é uma das aranhas tecedoras dessas teias.

Bosi (1992), comenta que onde há vida popular razoavelmente articulada e estável, há sempre uma cultura tradicional, tanto material quanto simbólica, com um mínimo de espontaneidade, coerência e sentimento e/ou consciência de sua identidade.

Numa outra perspectiva contemporânea de cultura, há segundo Canclini (1997), uma "**transnacionalização** dos mercados simbólicos", com isso mudanças e diversificações estéticas em torno das culturas". Análise que se aplica para as mudanças, efêmeras ou não, ocorrentes a partir da expansão e internacionalização da capoeira que, em certos nichos, já é objeto da indústria cultural.

A segunda observação é fundamentada em Leal (2008) que esclarece que a experiência social da capoeira é algo que vai bem mais longe do que uma simples invenção (no sentido de algo terminado) de uma prática cultural. Capoeira é uma constante reinvenção, uma constante construção, uma camaleoa, que a cada momento histórico de sua prática possui significados e características próprias.

Leal (2008) chama atenção ainda para o fato de que a noção de "invenção da tradição" abundantemente utilizada por pesquisadores da capoeira remete ao brilhante conceito de "tradição inventada" de Hobsbawn e Ranger (1984), mas torna-se algumas vezes, um conceito um tanto estático se vinculado à experiência específica da capoeira, pois se em dado momento ela é tida como uma prática de africanos, passa a ser predominante de **crioulos**; se é de escravizados, incorpora libertos; se é de pretos, incorpora **negros (pardos)** e brancos; se é de marginalizados, recruta membros da elite.

Além disso, somente a partir do começo de século XX que novos elementos foram acrescentados para caracterizar a capoeira e construir o que ela é em nossos dias (formação de bateria e charanga, uniformes, academias, internacionalização, etc).

Temos que a história da capoeira apresenta em toda sua extensão a peculiaridade de ser a história de uma dinâmica cultural em reinvenção constante, e qualquer tentativa de analisá-la no passado com elementos do presente, pode resultar em graves equívocos. Assim, é necessária uma interpretação adequada do seu significado no referido contexto, ou seja, no momento e lugar em que a capoeira se faz presente (LEAL, 2008).

A terceira observação envolve o trinômio diversidade – tradição – identidade.

Cunha (2018) chama atenção para o fato que uma das grandes virtudes da capoeira é a sua capacidade de agregar tanta diversidade em uma única manifestação. Porém, adverte que a ferramenta da tradição é um forte mecanismo de poder e de legitimação. A tradição em si, é contraditória e passível de múltiplas interpretações. É elemento cultural vivo, ativo na formação das identidades e constante nas manifestações culturais.

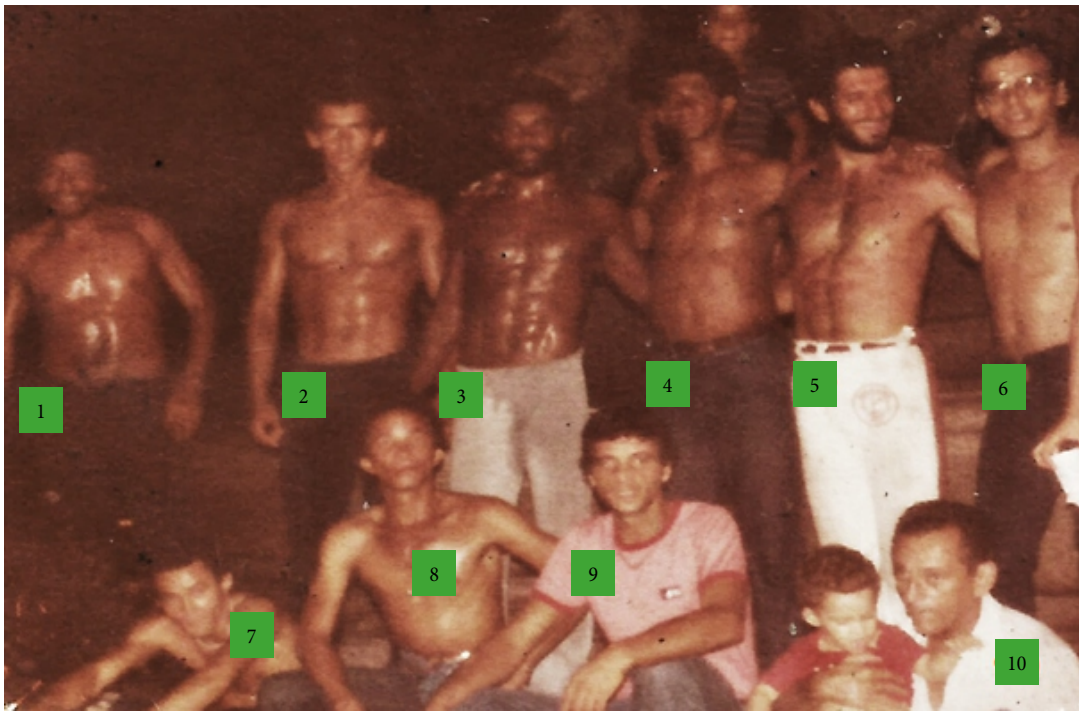
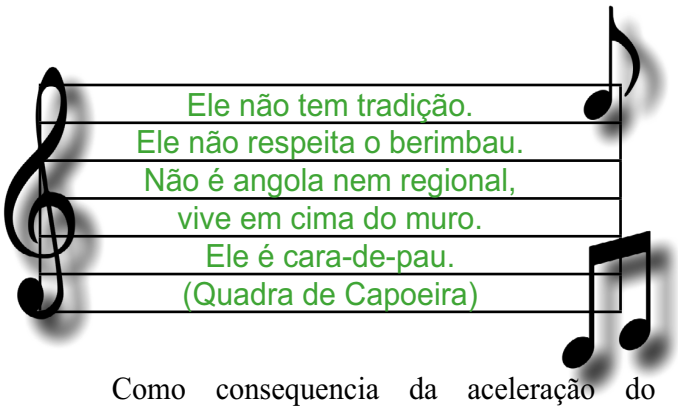


Figura 23: Roda realizada no Largo de São Sebastião com a participação de renomados capoeiristas integrantes do Grupo Folclórico "Brasil Tropical em dezembro de 1981 e capoeiristas de Manaus: 1) Índio; 2) Camiseta; 3) Nagô; 4) Pedro Neguinho; 5) Gelon; 6) KK Bonates; 7) Chaguinha; 8) Gelson Sarará; 9) Gato de Silvestre; 10) Aldemar Bonates.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

IDENTIDADE CULTURAL NA CAPOEIRA



> A intolerância nos leva a querer impor nossos valores e opiniões, assumindo que a nossa capoeira é a mais eficiente, a mais tradicional, a mais organizada, a melhor de todas. Assim, os menos atléticos não podem se beneficiar da capoeira, os que não querem brigar se tornam covardes, os que não se engajam numa causa política são os comprados, os que são brancos são usurpadores da cultura negra, os que são negros são radicais e racistas.

Como consequencia da aceleração do processo de mundialização e mercantilização da capoeira na segunda metade da década de 1980, ocorreu, no seio da capoeiragem, uma necessidade de afirmação identitária nas vertentes da capoeira, principalmente, na angola e regional, onde tradição, inovação, eficiência, organização, entre outros, viraram critérios de identidade capoeirística e também de reserva de mercado, aumentando os históricos pontos de tensão já existentes nos estilos da capoeira. Mestre Acordeon (*apud* CUNHA, 2018), comenta que,

Hall (2006) apresenta o conceito do que denomina "identidades culturais" como aspectos das identidades que surgem do "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O autor entende que as condições atuais da sociedade estão fragmentando os cenários culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais.

Hall (2006) faz referência a um processo que antecede os fenômenos das fragmentações das identidades, ou seja, em referência ao sujeito pós-

moderno. Aproximando de nossa discussão, podemos perceber que, a capoeira, é um fenômeno de construção e afirmação de identidade, seu espaço é o lugar da luta coletiva, em que os atores sociais da capoeiragem, possuem e constroem uma identidade individual e ao mesmo tempo coletiva, em meio ao evidente processo de fragmentação de identidades, não esquecendo, segundo, Hall que as "sociedades modernas são por definição sociedades de mudanças...". No entanto, estamos apresentando o confronto entre sociedades que estão no limiar da modernidade no enfrentamento de sociedades tradicionais.

Para Hall (2006), as identidades se formam em longos processos. No caso da capoeira, seus agentes representativos se forjaram em meio ao processo de afirmação de sua identidade. Enfrentaram os diversos mecanismos do poder disciplinar, no qual, segundo o autor, tem o objetivo de exercer o absoluto controle das atividades diversas dos indivíduos. As coletividades dos mecanismos são: as prisões, manicômios, casas de detenção e correção que foram instrumentais utilizados contra os capoeiristas.

Bauman (2005), conclui que a busca ou construção de uma identidade surge da crise do pertencimento que ocorre onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, a necessidade contínua de escolhas. A essência da identidade é construída em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras, considerando-se esses vínculos estáveis.

Para Bauman (2005), o habitat da identidade é um campo de batalha onde ela só se apresenta no tumulto. Não se pode evitar sua ambivalência, pois identidade é uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa a ser devorado. Essa batalha a um só tempo une e divide e as intenções de inclusão e segregação, misturam-se e se complementam.

Ortiz (2015) chama a atenção para o fato que a globalização da cultura rompe o vínculo entre a cultura e identidade nacional, mas paradoxalmente, existe uma revalorização da tradição no contexto atual acompanhada por um conjunto de contradições, conflitos e tensões que habitam o mundo contemporâneo.

Ortiz comenta que no Brasil durante a Era Vargas, a ideia de cultura estava vinculada à construção do Estado, da nação e da identidade nacional, ocorrendo o mesmo durante a Ditadura Militar, que pretendeu dominar o monopólio da identidade numa perspectiva bastante autoritária. Com a emergência do Brasil contemporâneo surgem outros pontos complexos para análise, mas bem diferentes dos estudados no passado, pois os temas da democracia cultural e da identidade se colocaram na discussão da plataforma de uma **cultura de massa**. Não se trata apenas de democratizar os bens culturais, mas sim do entendimento da complexidade da produção destes bens, da cidadania, do reconhecimento de identidades no contexto dos diversos elementos de mudanças no mundo.

Ortiz (2012) considera que a identidade não é uma essência, mas uma construção que se faz no processo histórico e a construção dessa identidade sempre é um valor positivo, mas com pontos de vista e perspectivas diferentes. Para ele, a produção de identidades se dá em esferas locais e em esferas transnacionais, tais como no mundo do consumo e da moda. Um conjunto de jovens, por exemplo, constroem identidades diversificadas, sejam locais, nacionais ou internacionais.

Pelo exposto, temos que, na capoeira se identifica grande pluralidade de tradições, onde cada vertente (e as variações dentro desta) entende à sua maneira, o que deve ser digno de ser preservado e reproduzido de forma inquestionável.

Sabe-se, também, que a capoeiragem gera sentimentos de pertencimento grupal, de **alteridade** e identidade cultural, de cidadania, visibilidade e

navegabilidade social para a comunidade mundial da capoeira. Porém, para os capoeiristas brasileiros esses sentimentos são aprofundados e expressados de forma bem mais contundente pois estão ligados a própria ideia de nação, pátria e nacionalidade.

O somatório da atual revalorização de suas tradições pelas vertentes da capoeira com a globalização, com a fragilidade ou ruptura do vínculo entre cultura e a identidade nacional e com o contínuo processo de construção de identidade, tem gerado uma complexa realidade deixando muitas lideranças da capoeiragem confusas.

Portanto, registrar bens culturais marcados por uma grande complexidade e significativa diversidade representa provocar entre as lideranças, a expansão de uma consciência marcada pela capacidade de lidar com o contraditório e com outras realidades.

Mauss (2003) relata que se pode elaborar uma teoria da técnica do corpo a partir de um estudo, de uma descrição pura e simples das técnicas do corpo. Técnicas do corpo são as maneiras pelas as quais os homens, de sociedade em sociedade e de forma tradicional, sabem fazer uso de seu corpo. Comenta que toda técnica propriamente dita tem sua forma, aplicando-se o mesmo para as atitudes corporais sendo que o aprendizado das técnicas corporais e o uso do corpo estão diretamente relacionados ao entorno e cotidiano sócio-histórico e cultural.

Sodré (2017) faz um paralelo sobre reflexões de dois filósofos pré-socráticos para elucidar alguns aspectos comportamentais da cultura da capoeiragem, a saber:

a) Anaxarco de Abdera, 380-320 a.C. - Considerava que "É preciso conhecer a medida da ocasião. Esta é, com efeito, a marca da sabedoria". Sabe-se que a técnica da capoeira exige um intenso aprendizado corporal. Seus movimentos para serem eficientemente utilizados para brigas, lutas ou para jogos exigem que o capoeirista também aprenda em paralelo ao entendimento da pura mecânica do corpo, a observar, interpretar e avaliar com rapidez e sagacidade de um estrategista, o seu entorno e quais as situações que lhes são favoráveis ou desfavoráveis.

Sodré (2005) adverte que o mestre capoeirista não ensina a seu discípulo, ao menos da maneira como a pedagogia ocidental entende, o verbo ensinar, não verbalizando e nem conceituando seu saber para doá-lo metodicamente ao aluno. Também não interroga e nem decifra. Ele inicia o mesmo ao criar as condições de aprendizagem e assiste a elas. Conclui que é um processo sem qualquer intelectualização, em que se busca um reflexo corporal comandado não pelo cérebro, mas por algo indeterminado resultante dessa iniciação do corpo.

b) Górgias de Leotino, 485-380 a.C. - Ensinou duas coisas que importam antes de tudo: sua inteligência e sua energia. A primeira, a inteligência, quando da decisão após análise e reflexão e a segunda, a energia, no exercício da ação. Para Górgias, a excelência consistiria em perceber o que é oportuno e o que não é num movimento que se chamaria "moral de ocasião".

A partir da linguagem e da sabedoria dos Mestres Pastinha e Bimba podemos estabelecer um paralelo do uso da "medida da ocasião" e da "moral da ocasião" na capoeiragem, quando Mestre Pastinha ensina que "quanto maior a calma melhor para o capoeirista", pois o mesmo poderá então avaliar e analisar a situação com mais propriedade e então, agir da melhor forma possível ou como avisou Mestre Bimba no caso de uma situação extrema – "corra para não apanhar, mas mate para não morrer".

As condições de opressão submetidas à capoeiragem levou o capoeirista a vivenciar uma ética da circunstância real (moral de ocasião) ou em outras palavras, como ensina a sabedoria da capoeiragem – na roda e na vida: jogar (comportar-se) conforme a razão (a situação) ou ainda "vivendo e aprendendo a jogar, as vezes ganhando e as vezes perdendo, mas

sempre aprendendo a jogar".

Temos que a cultura da capoeira pode ser fundamentada em seis características subjetivas básicas, que são expressadas no cotidiano do capoeirista e principalmente, no ritual da roda:

a) Ancestralidade – Consciência e reverência de suas matrizes ancestrais, principalmente as africanas, de sua história e de seu caráter popular;

b) Religiosidade - O mito, o mítico, o sagrado e o profano se fundem em categorias plurais e móveis, principalmente com os elementos das religiões afro-brasileiras e do catolicismo popular;

c) Tribalismo - O respeito aos mais velhos, a camaradagem entre os iguais, o coletivismo da roda, o sentimento de pertencer a um grupo que lhe dá identidade e alteridade cultural assim como, estima, visibilidade e mobilidade social;

d) Musicalidade - A música e os instrumentos utilizados na prática da capoeiragem estão presentes no cotidiano e são propiciadores de sentimentos e de atitudes relacionadas à expressão corporal, existencial e espiritual;

e) Expressão corporal - A forte repressão que o sistema dominante impôs aos corpos escravizados de negros e indígenas no intuito de transformá-los em máquinas de carne e osso visando o máximo de sua capacidade produtiva para uma economia exportadora-escravista, adotou como estratégia, desumanizá-los, negando-lhes a livre expressão.

A resposta dada pela capoeiragem a esse processo de negação da expressão do ser resume-se na frase: "de tanto me mandarem calar, aprendi a falar com o corpo". Temos assim que a ginga, os golpes, trejeitos, maneios e malemolências corporais dos capoeiristas, exprimem liberdades de ser e de estar onde o corpo como portador da cultura, se expressa na confluência de planos complementares – sagrado e profano, artístico e cotidiano, mito e rito, fundindo o sensível e o inteligível. Orar e brincar com o corpo, jogar com a alma.

Sodré (2005) refuta a explicação que o corpo do capoeirista é um corpo rebelde às consequências físicas da colonização. Para este autor, o que há na capoeira é um envolvimento emocional, um sentimento de raiz e tradição, ausentes do esporte puro e simples. Isso permite dizer que a capoeira é mais a afirmação de um corpo orgulhoso de sua vitalidade e ciente de seus segredos, de sua mandinga. Um corpo definido pela plasticidade necessária aos herdeiros de uma cultura em movimento de autopreservação e continuidade. É um corpo – assim como aquele que "recebe" o orixá, estabelecendo ligação direta entre o sagrado e o profano – sempre aberto como estrutura, capaz de incorporar a dispositivos marciais a alegria da dança e do ritmo.

f) Malícia e/ou Mandinga: O comportamento do capoeirista dentro e fora do universo da capoeiragem é resultante, em maior ou menor grau, da fusão e incorporação das cinco outras características fundamentais citadas anteriormente, sendo este amálgama, denominado no linguajar da capoeira como, "malícia e/ou mandinga".



Figura 24: Momentos de malícia e mandinga no jogo de capoeira angola: Ginga.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).
Foto: Pierre Verger.

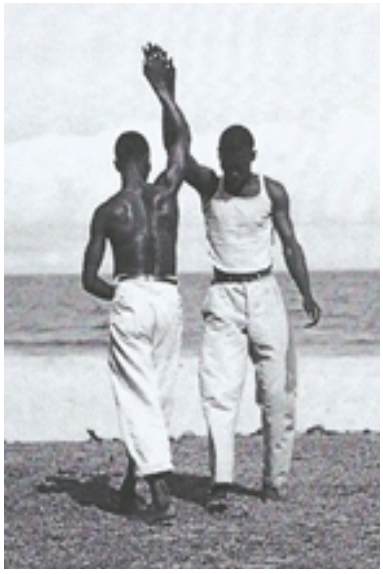


Figura 25: Momentos de malícia e mandinga no jogo de capoeira angola: Chamada.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).
Foto: Pierre Verger.

Dependendo da situação, os termos "malícia" e "mandinga" na capoeiragem, podem ser usados como sinônimos ou como termos complementares entre si ou ainda, de forma isolada. O substantivo "malícia", usado de forma isolada, *stricto sensu*, expressaria um comportamento escamoteador, astucioso e manhoso. Já o substantivo "mandinga", *stricto sensu* expressaria comportamentos e gestuais ligados à religiosidade do capoeirista.

De forma complementar, a utilização da "malícia" e "mandinga" expressaria uma situação dual onde, por exemplo, um gesto religioso feito pelo capoeirista no jogo pode ser interpretado pelo seu parceiro apenas como um gesto escamoteador ou ainda, esse gesto pode de fato ter uma dupla utilidade para quem o fez – buscar força espiritual e ao mesmo tempo confundir o parceiro de jogo. Em outras palavras – toda mandinga pode ser entendida como uma malícia ou uma malícia pode ser entendida como uma mandinga.

No cotidiano capoeirístico os substantivos "mandinga" e "malícia", via de regra, são utilizados como sinônimos embora possam estar expressando situações ou gestuais diferentes.

Pode-se adicionar outra sabedoria relacionada à malícia na capoeiragem e, por conseguinte, na sua "malandragem" - A de saber quando é mais propício se negociar ou se conflitar, tanto com o sistema social e/ou dominante, quanto no âmbito pessoal. A ascensão de certos comportamentos e atitudes dos capoeiristas no passado à classificação de crimes e, sobretudo, a designação de certos indivíduos à criminosos, está diretamente ligada com a hierarquização e com o esforço de manutenção de um status quo que interessava às classes dominantes para conter a rebeldia das classes subalternas.

A utilização da "malícia" pelo capoeirista do passado para a resolução das situações cotidianas de conflito podiam ser resolvidas tanto com um sorriso, com uma amigável conversa, com um feitiço, com uma oração, com uma tocaia ou com uma fuga estratégica ou com um rabo-de-arraia, uma certeira cabeçada acompanhada de uma rasteira ou de uma paulada, navalhada ou facada. Tudo dependia do "calor da hora" ou da magnitude do conflito.

As ambiguidades e multiplicidades existentes na técnica e na maneira de ser do capoeirista permearam o **ethos** popular e influenciaram diversas camadas ou nichos sociais, principalmente os estratos mais populares que passaram a incorporar elementos comportamentais e técnicos da capoeira ao seu cotidiano e esta, então, passa a ser a "briga de rua" do brasileiro por referência e excelência.

A "malícia" confere ao capoeirista uma mobilidade social camaleônica e abrangente, pois sempre seus espaços de atuação e a própria expressão da técnica são recheadas de multiplicidades (luta, dança lazer, jogo, esporte, dissimulação, teatralização, musicalidade, etc.) o que contribui para camuflar ou sublimar a sua violência. Talvez por não expressar a violência existente na capoeira como briga e luta no ritual da roda é que capoeira baiana tenha com este atributo, conquistado o enorme espaço social que

ocupa mundialmente.

A técnica corporal da capoeira, principalmente a ginga (elemento carregado de dissimulação) e a criatividade lúdica, também influenciou o foot-ball inglês introduzido no Brasil, estando presente nos dribles desconcertantes do nosso brasileiríssimo futebol-arte. Outros exemplos desta influência são o frevo pernambucano, filho legítimo da técnica corporal da Capoeira, a figura do malandro como herdeiro da capoeiragem carioca do século XIX, os vínculos da capoeiragem com os cordões carnavalescos, com o boi-bumbá, com o tambor de crioula, com a punga e o batuque, com o samba e seu ambiente entre outras manifestações populares do início do século XX ou nas formas mais atuais de afirmar insatisfação e manifestar tensões sociais como as das galeras urbanas.

Considera-se então que ao longo da história, vários elementos corporais ou comportamentais da capoeira foram e ainda são inseridos e absorvidos de forma fragmentada e diferenciada por diversas camadas do tecido social conforme as peculiaridades regionais brasileiras. Assim, a navalha, a faca, a ginga, cabeçada, a rasteira, o rabo-de-arraia, a dissimulação, a festividade, a malandragem, a territorialidade, o pertencimento e tantos outros elementos constituintes e comuns para a capoeiragem dos séculos XIX e início do XX, fazem parte até hoje da cultura brasileira (de forma natural e até imperceptível) e do cotidiano de pessoas alheias à prática e ao universo dos assumidamente capoeiristas.

É evidente que a capoeira não é a única fonte social dos elementos corporais e comportamentais descritos sendo que a existência destes em outras atividades sociais além de reforçá-los, criam fios de identidade e reconhecimento entre os entes sociais, sejam estes individuais ou coletivos.

Pode-se afirmar que a capoeira, com o passar do tempo, desenvolveu toda uma técnica corporal e comportamentos que aliava a utilização criativa dos elementos do ambiente envolvente com uma capacidade quase que teatral de dissimulação de suas reais intenções. Ao adotar estratégias de negociação e conflito (REIS & SILVA, 1989) tornou-se sincrética e camaleônica, driblando as diversidades e preconceitos e ao mesmo tempo em que incorporou novidades, manteve suas africanidades e as influencias advindas das culturas europeias, indígenas e moçárabes.

NOTAS

(10) Para ter noções sobre um dos rituais da capoeira consultar Bonates (1999).



Foto 26: Momentos de malícia e mandinga no jogo de Capoeira angola. Departamento de Educação Física da UFAM. 1) Álvaro; 2) mestre Vermelho Boxel.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 27: Momentos de malícia e mandinga no jogo de Capoeira angola. Palco do Teatro Amazonas. 1) Salsicha; 2) Kazumbá.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 28: Roda em homenagem ao dia da criança - ano de 1982. 1) KK Bonates; 2) Coló; 3) Paulo Camarão.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



AMAZONAS E MANAUS EM IMPRESSÕES SOCIOECONÔMICAS

Ao pé de mim tinha um vizinho
que enricou sem trabalhar.
O meu pai trabalhou tanto
nunca pôde enricá.
Num deitava uma noite
Que não deixasse de rezá, camará.
(Quadra de Capoeira)

No Amazonas, a capoeira se constituiu na capital Manaus, municípios do interior, comunidades, praças, terreiros, em frente às igrejas, feiras, clubes, escolas e colégios municipais e estaduais, quadras poliesportivas, grêmios recreativos.

Nossa intenção é revelar, dentro de nosso alcance, parte dessa rica construção coletiva em mais esta face cultural do Amazonas, mostrando um pouco do ambiente: econômico, político, histórico e cultural, principalmente a partir de Manaus, situando o leitor no panorama socioeconômico e sociocultural em que foi possível a instituição da capoeira em nosso Estado.

Constatamos a contribuição dos diversos grupos de habitantes da região, como formadores do quadro humano, que prevaleceu na formação da sociedade e cultura local, onde se prefiguraram as crenças, costumes e hábitos. Dentre esses grupos e indivíduos podemos citar: indígenas, caboclos, negros, nordestinos, judeus, japoneses, dentre outros.



Figura 31: Trabalhadores de diversas modalidades em frente a uma loja do centro de Manaus em 1913.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Os representantes desses imigrantes adentram na região e no Estado do Amazonas, principalmente devido aos “ciclos econômicos” que tem início, ainda, no período da Amazônia Colonial. O fluxo de imigrantes torna-se acentuado no século XIX, a partir do “ciclo da borracha”.

Entre os anos de 1920 a 1960, teve momentos relevantes para a compreensão das formas de organização e luta dos trabalhadores em Manaus, principalmente a partir de suas associações, partidos políticos, movimentos socialistas e anarquistas.

A década de 1940 ilustra de forma acentuada a vinda e participação dos nordestinos em nossa formação social, que também migraram nesta década para a Amazônia, principalmente, para o Amazonas, sendo denominados na época de "Soldados da Borracha", a história dessas pessoas ainda está por ser contada e mostrada, no sentido de que é preciso lhes dar o devido reconhecimento.

É no decorrer desta longa história de formação da sociedade e cultura amazonense que a capoeira se fez presente, a partir da luta por seu espaço. Nunca foi e não é fácil, mas os dignos representantes desta arte fizeram com que a capoeira também fizesse parte da formação social do Amazonas.

De alguma maneira, os capoeiristas estiveram presentes nos acontecimentos históricos do Amazonas, como trabalhadores, artistas, desempregados, subempregados se revezando em atividades laborais e na luta por manter a capoeira viva no Estado.

O CICLO DA BORRACHA

O denominado ciclo da borracha é significativo por ter se tornado um fator impulsionador de mudanças significativas em Estados da Amazônia brasileira, como: Acre, Rondônia, Pará, Roraima e Amazonas, que acentuamos aqui. Ressaltamos como mudanças: a composição étnica com a migração nordestinos, a intensificação do trabalho nos seringais e com isso a constituição do "sistema de aviamento", mudanças nas relações econômicas e de trabalho como um todo.

O período de "ouro da borracha" imprime uma feição à região e ao Estado do Amazonas, como um dos grandes produtores em seu estado natural, fenômeno que irá provocar também profundas alterações na relação entre o homem amazônico e as florestas. Paralelamente, experiências de relações de trabalho que colocaram esse homem em contato direto com as formas de lucro e exploração capitalista na época, tornou o homem simples, caboclo, seringueiro, em um agente que, de alguma forma, participava das relações econômicas que imperavam entre meados do século XIX até os anos iniciais do século XX.

Tentamos aqui demonstrar como homens e mulheres vindos de várias partes do país e do mundo, mas principalmente da região nordeste do Brasil, participaram do fenômeno da exploração da *Hevea brasiliensis*, ou seringa, de forma direta ou indireta, ou seja, como trabalhadores da floresta e das cidades, principalmente, Manaus.

A região amazônica, desde a chegada de espanhóis e portugueses, foi alvo do imaginário europeu, como lugar de riquezas minerais e naturais advindas da floresta. No período de dominação espanhola, como exemplo, nas imagens elaboradas por Francisco de Orelana e Frei José de Carvajal em sua expedição sobre um fantástico de riqueza em abundância e populações diferenciadas, segundo Simonsen (2005)[11].

No período colonial a Amazônia foi alvo de invasões: holandesas, francesas, inglesas além de espanholas e portuguesas. Esse fator demonstrou o encontro e confronto de europeus com as populações indígenas locais, bem como, a imposição por parte destes "colonizadores" de suas formas de trabalho e exploração dos recursos naturais da região: as denominadas especiarias ou "drogas do sertão"[12].

Com o "ciclo da borracha" inaugurou-se no Amazonas outros e novos modelos de relações sociais, ou seja, relações de mercado e exploração do trabalho, aos poucos, vão se impor sobre formas tradicionais de convívio, trabalho, família, educação e lazer.

Significativas mudanças nas formas de

habitação e arquitetura das cidades, principalmente Manaus, teve início com o apogeu da produção de borracha. Este fator foi analisado pelo professor Mesquita (2006) em que são evidenciados em seus estudos, as formas de construção das ruas, casas e prédios comerciais, além de alterações urbanas[13].

O pesquisador situa três fatores fundamentais para esse processo de modernização de Manaus - "abertura dos portos, a imigração de nordestinos e a administração do governo de Eduardo Ribeiro." (MESQUITA, 2006)[14].

a) Abertura dos portos – devido ao grande interesse de diversos países sobre a Amazônia, o governo imperial interessou-se em integrar a região ao resto do Brasil introduzindo a navegação a vapor no rio Amazonas no ano de 1852 e posteriormente em 1867, motivado pelo crescente comércio da borracha, promoveu a abertura dos seus portos para a navegação de navios estrangeiros no rio Amazonas.

b) A imigração de nordestinos - o natural ciclo da seca ocorrente no nordeste, aliada a situação social, foi um importante vetor para o fluxo migratório de nordestinos entre os anos de 1873-1877. No final deste período começaram a aparecer nos documentos oficiais, algumas alusões a emigrantes nordestinos, trabalhando na urbanização das ruas de Manaus. Entretanto, foi a borracha o maior vetor de atração para a enorme legião de trabalhadores em busca de riqueza fácil e melhorias sociais.

c) Administração do governo de Eduardo Ribeiro - Foi o Governador do Amazonas de 2 de novembro de 1890 a 5 de maio de 1891, e de 27 de fevereiro de 1892 a 23 de julho de 1896, sendo o primeiro negro a governar o Amazonas. Em seu governo a conjuntura econômica favorável propiciou o surgimento de novas condições sociais revelando uma minoritária elite formada, principalmente, por latifundiários e comerciantes enriquecidos pela comercialização da borracha. Foi responsável por acelerar e terminar a construção do Teatro Amazonas e muitas das outras obras de urbanização da cidade de Manaus, entre elas o Reservatório do Mocó, a Ponte Pênsil Benjamin Constant e o Palácio da Justiça do Amazonas, dando-lhe alcunha para a capital do Amazonas de "Paris dos Trópicos".

A partir do governo de Eduardo Ribeiro, a capital Manaus experimentou um período de prosperidade econômica, com crescimento nos saldos econômicos do Estado, impulsionados, principalmente, pelos negócios gerados com a produção e exportação da borracha. Com isso, o Amazonas comportou significativas experiências migratórias[15, 16].

A Manaus da *belle époque* foi alvo de intensa pesquisa realizada por Ednéia Mascarenhas Dias, em "A Ilusão do Fausto". No livro, a pesquisadora consegue analisar o cotidiano da cidade, sua população e seus trabalhadores. Com isso, "uma nova feição vai tomando a cidade, em suas diversas formas" (DIAS, 1999).

Feição essa, de uma cidade moderna, discutida por Ednéia Mascarenhas, exigiu do poder público do Estado, inúmeras medidas para que Manaus pudesse se adequar aos padrões de uma cidade europeia em plena região tropical[17].

O retrato deste Amazonas e sua capital rica que investia em sua modernização foi registrada e trabalhada pelas lentes do cineasta Silvino Santos[18], como demonstram Selda Vale da Costa e Narciso Lobo[19].

A imagem de uma cidade moderna exigiu a adoção de medidas políticas e legais, como a instituição do Código de Posturas de 1890, que teve como um dos objetivos efetivar um modelo de comportamento dos cidadãos, principalmente dos extratos mais pobres, composto por: indígenas, caboclos, migrantes e negros. Definindo suas formas de moradia e adequação à vida urbana da cidade, enfatizado um forte apelo ao sanitarismo e moralidade.

Sobre os códigos municipais um importante trabalho é o da pesquisadora e historiadora Sampaio (2016), que demostra a abrangência e histórico destes códigos, como alicerces legais para os documentos de posturas a serem aplicados durante e a partir do período de grande produção da borracha. Além do código de 1890, no livro são analisados os diversos códigos municipais entre as datas citadas[20].

Nos códigos de 1872 e 1890[21] foi determinada uma preocupação com a presença e comportamento de escravos e seus possíveis descendentes, suas situações de lazer, quando observamos no, "capítulo XII - Das esmolas, vadios e vagabundos- Manaus (1890) - Decreto nº 5, de 10 de Janeiro - Código de Posturas. CAPÍTULO XI - Das esmolas, vadios e vagabundos - Manaus (1893) - Lei nº 23 de 6 de maio – Promulga o Código Municipal (SAMPAIO, 2016).

Salientamos aspectos das relações de trabalho no Amazonas. Na capital encontramos os efeitos dos padrões de formas de exploração nas florestas em todo o Estado, por se tratar de importante centro comercial.

Estudos como os de Ugarte Pinheiro (2015) demonstraram a dimensão das áreas urbanas localizadas no centro da capital, principalmente, o porto de Manaus, atribuindo uma percepção humanística sobre a realidade dos trabalhadores deste local. Categorias profissionais que nos são bem conhecidas, como: carregadores, estivadores, catraieiros, trabalhadores portuários.

Segundo a professora Ugarte Pinheiro (2015), o porto adquire maior importância comercial pela presença da exportação da borracha primitiva e da posição estratégica de Manaus[22].

Toda essa produção tinha destinos certos como Estados Unidos e países da Europa, principalmente do Reino Unido, pois demonstravam as mudanças na própria concepção de direitos trabalhistas de profissionais como carregadores do porto de Manaus.

O período de grande produção de borracha, foi sem dúvida, também, de fortalecimento econômico do Estado, produção de riqueza, mas, não de distribuição. Os serviços urbanos em Manaus passaram a ser administrados por firmas estrangeiras. Segundo Teles (2018), a exportação da borracha contribuiu para que ocorressem mudanças em atividades comerciais de pequena produção e serviços em geral, além da vinda de migrantes para o Estado do Amazonas, com seus conhecimentos técnicos, culturais de diversas formas[23].

O Amazonas experimentou dois grandes movimentos migratórios que ocasionaram a vinda de milhares de nordestinos. Benchimol (1977), nesse caso, se refere a dois grandes períodos de extração da borracha. Os períodos I e II como a batalha da borracha. A batalha do período I aconteceu nos anos de 1850 a 1915, no segundo império. A do período II, ocorreu de 1942 a 1945. Para Benchimol, a segunda Batalha da Borracha foi, estrategicamente, arrumada nos altos escalões ministeriais dos governos do Brasil e Estados Unidos da América[24].

Na década de 1940 o Amazonas experimentara um forte processo migratório, resultante dos efeitos da segunda grande guerra mundial. Acontecimentos decorrentes ou dos efeitos dessa guerra tivera impactos sobre a vida dos habitantes da Amazônia e do Amazonas.

De acordo com Porto (2014), ao analisar os acontecimentos históricos, decorrentes do período denominado de "batalha da borracha" considerou a importância de correntes migratórias para essa região. A pesquisadora resgata o período de 1877- 1879, como anos que compreenderam grandes secas na região nordeste do país, e por consequência motivaram a existência de grandes fluxos migratórios para o norte do país sem antes a participação dos governos centrais" na época.

Houve também nesse processo migratório a atuação das mulheres, que contribuíram de diversas

formas, enfrentando a competição por trabalho com homens e mulheres nativas e de outras partes do país e do mundo[25].

Com relação às mulheres, estas, ocuparam postos de trabalho com baixa remuneração, como: empregadas domésticas, lavadeiras de roupas, arrumadeiras, vendedoras de alimentos nas ruas, recorrendo, muitas vezes, às atividades da prostituição. Mesmo as atividades de prostituição encontravam forte concorrência com mulheres estrangeiras, principalmente, às denominadas na época de "cocotes francesas e polacas" (PORTO, 2014).

Para Porto (2014), as mulheres, também, tiveram papel relevante nas atividades jornalísticas, atuando em jornais da época como O Abolicionista do Amazonas. Segundo a autora, um jornal fundado por mulheres em 1884[26].

Segundo Nascimento (1998), o segundo fluxo migratório de nordestinos para o Amazonas, principalmente, os cearenses, correspondeu ao período da segunda guerra mundial, na denominada "Batalha da borracha"[27].

Para a viabilização em termos de trabalho desses milhares de extratores que seriam convocados para a "batalha", foram criados pelos governos brasileiros e estadunidenses, vários órgãos e instituições[28] que se encarregaram do financiamento, recrutamento, transporte, alojamento, assistência médica e sanitária e alimentação para os que lutariam nessa batalha[29].

Neste processo migratório, a partir de políticas adotadas por Getúlio Vargas, na década de 1940, ocorreu outra onda migratória para a região do Amazonas e, novamente, acontecimentos, aparentemente, distantes, como a segunda Guerra mundial, influenciaram e impactaram a vida de milhares de brasileiros nas regiões norte e nordeste.

O discurso do rio Amazonas[30] ilustra as intenções e perspectivas do governo federal na época. Com isso, a propaganda do Governo Vargas nesse período teria o objetivo de atrair futuros trabalhadores para o corte das seringueiras na região amazônica. Esses milhares de migrantes na capital e interior do Amazonas influenciaram a vida de municípios, comunidades, vilas e áreas indígenas.

A CRIAÇÃO DA SPVEA E SUDAM

A preocupação e o controle do Estado Brasileiro sobre a Amazônia, quase sempre manifestaram a adoção de estratégias na manutenção dos recursos naturais e das populações da década de 1950, que sempre estiveram em funcionamento com a criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica - SPVEA[31] , que tinha como objetivo "industrializar a Amazônia". Com a adoção do mecanismo econômico para a substituição das exportações, a SPVEA teria duração até o ano de 1966, sendo logo substituída pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM[32] .

Entre as décadas de 1940-50, havia uma grande discussão em nível nacional e internacional, principalmente a partir das Organizações das Nações Unidas - ONU sobre a possível criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica. Com participação um tanto morosa do congresso Nacional e a posição cautelosa das Forças Armadas do Brasil. De qualquer forma, naquela época, o conjunto dessas discussões possibilitaram o surgimento de algumas instituições com o foco sobre as realidades amazônicas[33].

A ZONA FRANCA DE MANAUS – ZFM

Uma outra estratégia política do Estado brasileiro para a Amazônia foi a criação da Zona Franca de Manaus, em pleno regime militar, com a justificativa de ocupar e proteger a região, mas tendo como fator central, criar condições para o estabelecimento da relação "capital e trabalho" na região.

É preciso mencionar que, novamente, algumas estratégias políticas nacionais e internacionais, tiveram papel fundamental para a criação da ZFM[34]. Desta forma, Seráfico & Seráfico (2005) mencionam a adoção da denominada "Operação Amazônia", que compatibiliza o discurso nacionalista do militarismo com as reivindicações acerca do desenvolvimento regional da Amazônia e com o processo de transnacionalização do capital[35].

O projeto Zona Franca de Manaus, sem dúvida contribuiu para que houvesse uma outra configuração da capital Manaus e aos municípios do interior, as migrações podem ser descritas como fenômenos de maior impacto e alcance sobre suas diversas populações.

A cidade de Manaus, enfrentou um dilema alimentado por seus governantes, ou seja, o da modernidade, a ânsia por transformar a antiga região dos *Manaós* em outros grupos. Desde a Amazônia do período colonial, a cidade teve que lidar com os olhares estrangeiros, em sua maioria com a visão de uma cidade atrasada.

De certa maneira, a Feira da Escadaria e seu perfil de moradia dos comerciantes, gerava um incômodo ao poder público e Capitania dos Portos, o que segundo Silva (2016) não era novidade, já que casas flutuantes, desde os anos de 1920, estiveram presentes naquela parte do Rio Negro.

O projeto Zona Franca possibilitou a obtenção de recursos financeiros pelos governos e prefeituras, a fim de que pudessem projetar e implementar mudanças na capital, tomando, como exemplo, o centro de Manaus, principalmente, a Zona Portuária. Silva (2016) ao estudar sobre mudanças que ocorreram no centro da cidade com a implantação do projeto "Manaus Moderna" informa que se tratava de mais uma tentativa de impor aspectos de uma cidade moderna, transformando seu padrão urbano e, ao mesmo tempo, mudando a vida de pessoas que atuavam naquela parte da cidade, principalmente, os trabalhadores em suas diversas categorias.

Silva (2016) define como uma "disputa por espaços", referindo-se ao processo de retirada da "Feira da Escadaria dos Remédios", na década de 1980 para a implantação de uma feira com caráter mais moderno, a feira atacadista Cel. Jorge Teixeira ou a Feira Manaus Moderna[36].

Situação semelhante foi retratada pelo cineasta Aurélio Michiles com relação a cidade flutuante e sua retirada na década de 1960: "Foi então que me disseram que os moradores que habitavam a Cidade Flutuante foram transferidos para o bairro da Raiz". (MICHILES, 2005)[37].

O Amazonas e a capital Manaus tem presenciado e vivenciado inúmeras transformações de ordem econômica, política, como também cultural, nos últimos anos, com a constante migração de pessoas do: Haiti, Peru, Colômbia e, recentemente, em maior número, da Venezuela. Esse fenômeno vem dando uma nova configuração sociocultural ao Estado.

De acordo com Silva (2010), colombianos e peruanos migraram para Manaus "em busca de uma vida melhor", O Estado e sua capital Manaus, são percebidos como lugar para alcançar esse objetivo. Infelizmente, parte da sociedade amazonense ainda não consegue compreender esses imigrantes como pessoas que enxergam no Brasil essa possibilidade de melhoria[38].

Muitos desses imigrantes tem tentado se estabelecer no Amazonas, principalmente na capital. Os haitianos tiveram a experiência de migrar e viver no município de Tabatinga por alguns anos, posteriormente foram deslocados para Manaus, com o apoio da Arquidiocese de Manaus, se estabeleceram, principalmente, na paróquia de São Geraldo e, hoje, exercem ocupações de vendedores ambulantes, principalmente de frutas, verduras e hortaliças.

Segundo Antunes (2012), de forma

semelhante, os capoeiristas, imigrantes e migrantes, assim como inúmeros grupos sociais, deslocam-se na cidade em busca de um espaço para sobrevivência por se sentirem bem ou para morar mesmo. Por serem espectadores das apresentações de capoeira constroem, coletivamente, uma "fronteira simbólica" que se separam, se aproximam, se nivelam, se hierarquizam ou se ordenam em categorias e em grupos sociais, nas suas mútuas relações sociais. A cidade é o lugar para a heterogeneidade, o diverso, dos encontros e desencontros, do espetáculo, da moradia, da capoeira.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A capoeira e capoeiristas no Amazonas e Manaus, são pessoas aparentemente anônimas, sem os refletores e enquetes da mídia local. Raramente são entrevistados ou chamados para colaborar com sua experiência em termos de cultura e educação.

No entanto, desempenham um trabalho com crianças, jovens e adultos nos bairros, seja os antigos como: Centro, Educandos, Cachoeirinha, São Jorge, Praça 14 e os citados neste texto: Raiz e Flores. Estão nestes e nos demais bairros, nas periferias em escolas, quadras, praças, realizando suas rodas, unindo espectadores e admiradores da capoeira.

Tiveram alguma ligação com a Manaus da *belle époque*, como trabalhadores, vindos de outras cidades do país, principalmente do Nordeste e trouxeram o conhecimento desta arte, difundindo-a em nosso Estado.

Se o Amazonas é grande, desafiador, admirável, a capoeira e os capoeiristas não ficam atrás, seus desafios estão em se manter vivos e operantes para as atuais e novas gerações. É admirável como arte e cultura e sua grandeza a mantém presente em nossos dias.

A capoeira e capoeiristas estiveram e se fazem atuantes nos: festivais folclóricos, junto ao Boi Mina de Ouro, festas juninas, arraiais, desfiles de carnaval, nos clubes. Se faz ver nas praças: no Largo São Sebastião, Praça da Saudade, Heliodoro Balbi, no Largo da Matriz, Cais do Porto, na feira da avenida Eduardo Ribeiro, Ponta Negra, nos bairros: Zumbi dos Palmares, São José Operário, Parque Dez, dentre tantos outros.

Existe uma capoeira na capital do Amazonas que é tão importante quanto os belos prédios de padrões artísticos e urbanísticos internacionais ou nacionais, decisões políticas ou ciclos econômicos. Na verdade, o que faz uma sociedade e sua cultura são as pessoas, desde os primeiros habitantes indígenas, imigrantes e migrantes, trabalhadores da borracha, da Zona Franca de Manaus, moradores dos bairros ou da cidade flutuante, das periferias, dos bairros nobres, municípios e comunidades. Aí está a capoeira com as pessoas e lugares.

NOTAS

(11) "Na sua descida pelo grande rio, que passou a denominar-se Orellana, teve de lutar com várias tribos indígenas. Em uma destas, destacaram-se nos combates homens imberbes, que tomou como mulheres, o que o levou a mudar o nome do rio para rio das Amazonas" (Simonsen 2005, p.390).

(12) "A exportação regular da preciosa hévea iniciou-se, de fato, no Brasil independente. Avolumaram-se as remessas na segunda metade do século XIX, e, entre 1905 e 1910, atingiram o seu apogeu, declinando, a seguir, desbaratadas pela concorrência das plantações industriais feitas no Oriente" (Simonsen 2005. p 449).

(13) "Manaus tornara-se uma cidade moderna com uma aparência mais europeia servida por alguns melhoramentos de serviços públicos das prósperas e modernas sociedades, experimentava-se as delícias do consumo num delírio característico da belle époque e ostentava-se uma aparente situação de riqueza e progresso" (Mesquita 2006, p.121).

(14) Mesquita (2006). "A borracha foi o grande atrativo para o imenso contingente de trabalhadores que se dirigiu para a região em busca de riqueza fácil…" (p.123) e "A recente conjuntura econômica propiciou o surgimento de novas condições sociais, emergindo uma pequena elite composta basicamente de latifundiários e comerciantes enriquecidos graças à comercialização da borracha" (p.124).

(15) "Entre os anos de 1873-1877, começaram a surgir nos documentos oficiais referências a "emigrantes nordestinos" empregados no trabalho de melhoramentos das ruas da cidade". (Mesquita 2006, p.128).

(16) O evento natural. Aliado ao social que ocorreu no ano de 1877 "a seca no nordeste, Ceará, e as correntes migratórias para a Amazônia" (Mesquita 2006, p.128).

(17) "A cidade antes espaço comum, modifica-se, estratifica-se, segundo uma

nova configuração, a de classe. Para tal, adequando-se a uma função social nova. A modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais, com estreita conexão com o poder público local" (Dias , p.30).

(18) Sobre a história de Silvino Santos o "Cineasta da Selva", consultar o elogiado e brilhante trabalho de COSTA, Selda V. Eldorado das Ilusões. Cinema e sociedade. Manaus: 1897-1935. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

(19) Costa e Lobo (2005) "A primeira sessão de cinema em Manaus deu-se em abril de 1897, no Teatro Amazonas. Nas primeiras décadas do século XX, a região foi percorrida por dezenas de exibidores ambulantes de empresas famosas como a Pathé-Frères e a Gaumont, que realizaram tomadas da selva e do cotidiano das cidades amazônicas, ao mesmo tempo em que estimularam o aparecimento de inúmeras salas fixas de projeção pelos rios do Acre, Roraima e Rondônia".

(20) Art. 117 - São proibidos os banhos de dia nos igarapés e litoral desta cidade ou em qualquer lugar público sem estar a pessoa decentemente vestida de modo a não ofender à moral pública, sob pena de vinte mil réis ou quatro dias de prisão. Código de Posturas de Manaus - Decreto nº 5, de 10 de Janeiro 1890 (Sampaio 2016, p. 90).

(21) Como nos mostra Sampaio (2016), o Decreto nº 5, de 10 de Janeiro 1890 - Código de Posturas de Manaus no Art. 81 - Os donos de qualquer estabelecimento comercial não permitirão a reunião de escravos ou de quaisquer outras pessoas que possam causar distúrbios em seus estabelecimentos, especialmente se estiverem entretidos em jogos ou em bebidas espirituosas. Os que assim consentirem serão multados em vinte mil réis e o dobro nas reincidências.
Lei nº 247, de 1 de junho de 1872, promulga o Código de Posturas Municipais da Cidade de Manaus.

(22) "Com o crescente deslocamento das zonas de extração de borracha para o Alto Amazonas e os vales do Purus e Juruá, a importância estratégica de Manaus ampliou-se e inúmeras casas aviadoras e firmas importadoras e exportadoras nela se fixaram" (Pinheiro 2015, p.43).

(23) "Tanto os trabalhadores nacionais quanto os estrangeiros que se deslocaram para a região, através de um processo imigratório, inseriram-se enquanto força de trabalho nas atividades econômicas acima salientadas. Portanto, tornaram-se cigarreiros, ferreiros, caixeiros, construtores civis, padeiros, carroceiros, estivadores, condutores de bondes, dentre outras categorias que emergiram nesse processo de transformações econômicas da cidade" (Teles 2018, p.433).

(24) "A Batalha da Borracha, a segunda, foi estrategicamente arrumada nos altos escalões ministeriais de dois governos (Brasil/EUA) que fixaram sua ação política e a sua ação mediante a montagem de um dispositivo logístico institucional e de grande envergadura para a época" (Benchimol 1977,. p.206).

(25) "Muitas mulheres também se aventuraram sozinhas, enfrentaram enormes desafios e adversidades, contrariando a ordem vigente em busca de sonhos, oportunidades e em muitos casos, a fuga de difíceis realidades da vida" (Porto 2014, p. 64).

(26) "Tinha um caráter filantrópico e atuava em nome da liberdade dos escravos negros da província, este jornal tinha o objetivo de difundir, idéias em defesa dos escravos além de fazer denúncias de maus tratos contra os mesmos" (Porto 2014, p.70).

(27) "Em decorrência do envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial em 1942, o governo brasileiro forneceu contingentes militares para as frentes de combate e firmou convênio com a Rubber Reserve Company, assinando também os chamados Acordos de Washington, objetivando desenvolver a produção da borracha na Amazônia" (Nascimento 1998, p. 3).

(28) Alguns órgãos criados nesse período: Banco de Crédito da Borracha – BCB; Departamento Nacional de Imigração – DNI; Comissão de Controle dos Acordos de Washington – CCAW; Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico – SAVA; Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – SEMTA depois substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia - CAE ; Serviço Especial de Saúde Pública – SESP; Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará - SNAPP, encarregado de transportar os "soldados da borracha" dos portos de Belém para Manaus, Porto Velho e Acre. (Nascimento 1998, p.5). Em setembro de 1943 foi criado, pelo Decreto-Lei n° 5.813, a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia - CAETA. Os nordestinos optavam pela Amazônia, alistando-se no exército da borracha, pois acreditavam que correriam menos riscos de vida e ainda contavam com a possibilidade de enriquecimento, produzindo borracha no esforço de guerra para os aliados, para então retornarem a sua terra vitoriosos (Nascimento 1998, p.11).

29) "Em 1942, ano de grande seca no Nordeste, contingentes significativos de retirantes chegaram à Amazônia. Como consequência dessa migração, estimava-se que o número de seringueiros chegava a 34.000, com produção média anual de 16.000 toneladas de borracha. Para aumentar a produção anual para 45 mil toneladas em 1942, 60 mil em 1943 e 100 mil em 1944" (Nascimento 1998, p.04).

(30) O Discurso do Rio Amazonas proferido pelo presidente da república Getúlio Vargas, em 9 de outubro de 1940 com o intuito de incentivar a migração de trabalhadores para trabalhar no desenvolvimento da região e vencer o "vazio demográfico". No fundo o presidente tomava as medidas para a articulação de um grande projeto em prol do posicionamento do Brasil na segunda guerra apoiando os EUA e seus aliados no conflito mundial.

(31) O Plano de Valorização foi conceituado como o "esforço nacional" para a ocupação territorial da região. A partir da conceituação do plano, faltava quem o elaborasse e o implementasse. Isso coube à Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), também criada pela referida lei (artigo 22º), uma instituição, como o próprio nome demonstra, criada a partir e para um plano de valorização econômica. Subordinada diretamente ao Presidente da República, esta foi a primeira grande instituição destinada ao desenvolvimento amazônico (BRASIL 2007a, p.170).

(32) "Se olharmos o contexto histórico da criação da SPVEA, veremos a tentativa de diversos governos de países periféricos em impulsionar políticas de desenvolvimento e industrialização, mas não apenas isso" (Marques, 2013)

(33) "O governo brasileiro criou então em 1952 o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) sediado em Manaus. Em 1953 não apenas regulamentou o artigo constitucional 199, como criou a Superintendência para elaborar políticas de desenvolvimento para a Amazônia. Evidentemente, não podemos reduzir a fundação da SPVEA ao debate internacional sobre a Amazônia, mas também não podemos deixar de ver que esta discussão esteve presente no cenário brasileiro da época" (Marques, 2013).

(34) Na verdade, a Zona Franca – como o próprio Golpe Militar de 1964 – configura-se como uma das formas de superação das tensões que punham em jogo algumas das condições de manutenção e expansão a acumulação capitalista

no Brasil sendo, porém, a combinação da estagnação econômica local, com o movimento no sentido da descentralização industrial e o surgimento de outras zonas francas na região fatores, dentre outros, decisivos para que a geopolítica do militarismo defina Manaus como o espaço para a criação de uma zona franca. De acordo com Seráfico e Seráfico (2005) criação tem como fundamento político-administrativo, o Decreto nº 61.244, de 28 de agosto do mesmo ano, que criou a Superintendência da Zona Franca de Manaus, órgão do governo federal encarregado da administração dos incentivos fiscais da Zona Franca.

(35) Isso permite observar a Zona Franca de Manaus como um duplo movimento do Estado militarista no sentido, de um lado, da implantação de uma área de "livre comércio, de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais" a partir da qual ele reafirma o compromisso do Brasil com o "sistema de mercado", assegurando sua permanência como "área de influência" dos EUA no contexto da Guerra Fria; de outro lado, no sentido da criação das condições jurídico-políticas e de infraestrutura local necessárias à atração de investimentos estrangeiros, num momento em que avança a descentralização industrial (Seráfico e Seráfico 2005, p. 100.)

(36) "Disputas em torno do desalojamento da Feira da Escadaria dos Remédios, ainda em 1980, quando a feira também abrigava moradias dos comerciantes… Antes mesmo da licitação das obras centrais do projeto Manaus Moderna"... observamos os primeiros movimentos em direção ao reordenamento daquela espacialidade (Silva 2016, p. 234).

(37) "Ocorreu-me lembrar daqueles cartões-postais colorizados e expostos nas vitrines dos hotéis e do aeroporto de Manaus, especificamente a imagem da Cidade Flutuante, uma vista do alto cujos caminhos sinuosos remetiam a uma cobra grande. Foi então que me disseram que os moradores que habitavam a Cidade Flutuante foram transferidos para o bairro da Raiz". (Michiles, 2005).

(38) "Num mundo sem fronteiras para as mercadorias e cada vez mais restritiva para os trabalhadores migrantes, o que se observa em diferentes contextos é o aumento da discriminação em relação a aqueles que vem de longe, os quais são responsabilizados pelos problemas enfrentados pela sociedade que os "recebe", entre eles, a falta de trabalho, o aumento da violência, o tráfico de entorpecentes, entre outros (Silva 2010, p.206).



Figura 32: 2º Encontro de Capoeira Angola do Amazonas. Mestres: 1) Zequinha; 2) Contramestre Eliberto Louva-a-Deus; 3) KK Bonates; 4) Lua de Bobó; 5) Frede Abreu; 6) Boca Rica; 7) Professors Domingos Careca; 8) Chaguinha; 9) Contramestre Tintim.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 33: Associação de Capoeira Malungo, 1990, CSU Parque Dez. 1) KK Bonates; 2) Augusto Januário; 3) Pastor; 4) Nestor Nascimento; 5) B1; 6) Robertt; 7) Leãozinho; 8) Tigre; 9) Luiz Coelho; 10) Avelino, aluno do mestre Waldemar da Liberdade.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



A CAPOEIRAGEM BARÉ

Da Bahia ao Amazonas,
ela mostrou que tem poder,
modificando as pessoas
e seu jeito de viver.
(Corrido de Capoeira - Mestre Miguel Preto)

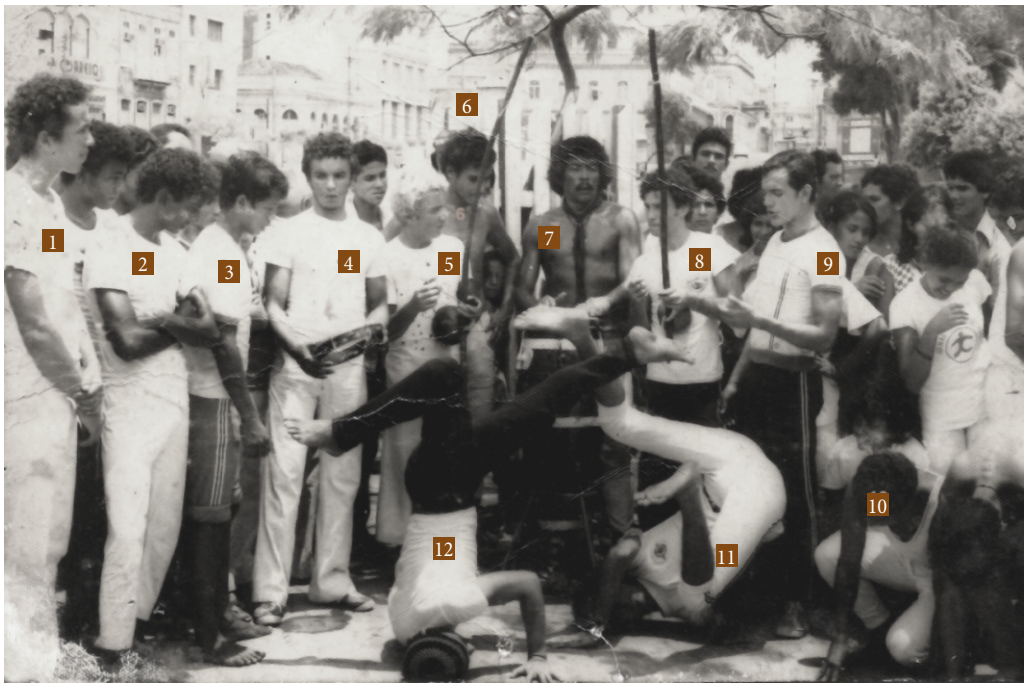


Figura 35: Roda dominical de capoeira realizada em 1978 em frente ao Banco do Brasil no Largo da Matriz: 1) Ariosto; 2) Passarinho; 3) Pintor; 4) Camarão; 5) Milho Verde; 6) Aldo; 7) Índio; 8) Chaguinha; 9) KK Bonates; 10) Gigante; 11) Eliberto Louva-a-Deus; 12) Domingos Boquinha. Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Para a maior parte da comunidade da capoeiragem amazonense é corrente o pensamento de que a mesma foi introduzida no Amazonas por Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato de Silvestre, no ano de 1972. Entretanto, pesquisas como as de Bonates (1997; 2011; 2016), Pinheiro (1999) e Dantas (2010), demonstram que a capoeiragem já se encontrava presente nas terras de Ajuricaba desde o século XIX.

Em verdade, a capoeira era comum no norte do país na época do Império e se estabeleceu como produto do degredo dos vagabundos, vadios, rebeldes e capoeiras para as distantes províncias. A este respeito, Salles (1971; 1994; 2004) e Leal (2008), consideram a capoeira integrada à tradição cultural do Pará, tal como no Recife, em Salvador ou Rio de Janeiro.

Salles (1971) comenta que logo após o final da Revolta da Cabanagem (1835 a 1840), as maltas de capoeiras já se manifestavam em Belém do Pará e que a capoeira aparece documentada em associação com os

folguedos populares, como o boi bumbá, não ficando restrita somente a este, mas também a uma espécie de marujada existente em Belém por volta de 1848.

Sarges (2002) informa que no início da República foi reproduzida a política do coronelismo que existia nas províncias do Brasil durante o Império. Esta continuidade foi responsável pelo surgimento de dois grupos políticos, os lauristas e os lemistas, que disputavam o poder no Pará.

Segundo Salles (2004), este dois grupos políticos se aproveitaram de muitos capoeiras, que saíram da cidade do Rio de Janeiro devido as perseguições que lá sofriam do chefe de polícia da capital do país, Sampaio Ferraz, e quando chegavam em Belém acabavam sendo usados como capangas nas querelas políticas entre os partidários de Antônio Lemos e os de Lauro Sodré.

Francisco Xavier da Veiga Cabral, o Cabralzinho, assim chamado por sua baixa estatura, era paraense e segundo Silva (2012) um capoeira considerado herói republicano para uns e um desordeiro oportunista para outros já que sempre esteve envolvido nestas questões políticas do apagar do Império e nascer da República, sendo sempre citado como um homem de muita agilidade e destreza e que sempre andava acompanhado com uma malta.

Meira (1977) narra que em 1895, Cabralzinho se encontrava no Estado do Amapá, na área de fronteira com Guiana Francesa que era rica em jazidas, sendo o local intensamente disputado por esse motivo. Cabralzinho desempenhou um papel de destaque na luta contra os franceses, tornando-se um dos líderes brasileiros nesta região.

Silvio Meira informa ainda que na Vila do Amapá, em 15 de maio de 1895, aconteceu um grave e sangrento confronto entre marinheiros franceses da canhoeira Bengali comandados por Lunier versus brasileiros comandados por Veiga Cabral, o Cabralzinho. O confronto deu início quando Lunier armado de um revólver e tendo a sua retaguarda mais de vinte marinheiros, deu uma descabida voz de prisão a Cabralzinho, obtendo como resposta, um excelente "passo a caçador" ou seja, uma rasteira que jogou Lunier de costas ao solo. Cabralzinho arrebata o revólver das mãos de Lunier e o abate quase a queima-roupa.

Pereira (1951) registra a presença da capoeira nas festas de Sahirá e Marabaixo no Estado do Amapá em Mazargão Velho.



Figura 36: Início das competições de capoeira e luta-livre na Festa do Marabaixo em frente a igreja matriz de Macapá – Amapá.
Foto: Nunes Pereira – 1951.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Não se pode, ainda, precisar quando a capoeira chegou ao Amazonas. Possivelmente já estava aqui antes de 1890 na forma de capoeira primitiva, ou seja, sem berimbau. Um bom indicativo disto é que o Código Municipal de Manaus, promulgado em 6 de maio de 1893, em seu artigo 54, proíbe o porte de armas brancas e de fogo, incluindo entre elas, a navalha[39], além da possibilidade levantada por Salles (1971) da presença de capoeiristas participando da Cabanagem. A ação da revolta dos cabanos alcançou o Alto Amazonas chegando a dominar cidades amazonenses como Lúseia (atual Maués), Serpa (atual Itacoatiara) e Manaus.

Em Manaus, o registro mais antigo encontrado até o presente momento sobre as ações de capoeiras na cidade é do ano de 1899, embora existam indícios

de presença da sua cultura antes desta data, a saber:

a) Notícias dos jornais que remetem a presença da capoeiragem no cotidiano da cidade ou no tecido social. Como exemplo, temos a seguinte notícia:

- Jornal do Amazonas de 21/05/1877 informa que "com efeito se houve o propósito de assassinar ou espancar o juiz Romualdo, é para admirar-se a sua habilidade em evitar o tremendo golpe, a qual faria inveja ao mais amestrado capoeira".

b) Proibição imposta pelo Código Municipal de Manaus de 1893 ao porte da navalha gerada por inúmeros crimes de navalhadas.

- Jornal do Amazonas 08/09/1880 – "Os faquistas atacam os cidadãos nas ruas, pedindo dinheiro, e se não lhes dá, puxam da navalha".

Como descrito, anteriormente, no período de 1880 a 1920 Manaus era conhecida como a cidade da *belle époque*, embora a maioria da população não tivesse acesso à plena cidadania. Essa população, excluída por um processo econômico e urbanístico direcionado para atender as elites, vivia, parafraseando o escritor Milton Hatoum, em uma "zona de sombra, escondida ou muito pouco revelada" dentro de uma cidade com arroubos de modernidades. As ruas, palco para o mundo da desordem, refletiam as desigualdades sociais e se tornaram campos de tensões de toda ordem.

Foi nesta Manaus dos migrantes, dos pobres espoliados, dos desvalidos da sorte que a cultura da capoeira, advinda de diversas fontes externas ao Estado, entrou de forma sorrateira, mas definitiva, no cotidiano da cidade. Usou como vetor a insatisfação popular com o trabalho, com o subemprego, com o descaso dos políticos, com a arbitrariedade policial, com o degredo, com a emigração forçada, a busca do lazer e do prazer nas ruas, nos bares, na zona portuária, no baixo meretrício e nos folguedos populares.

Locais onde o suor, o riso, o despeito, a paixão, a alegria, a tristeza, o cio e a luxúria se misturam com a raiva fria e latente, com o desacato aos bons costumes, com o desmantelo pessoal, com o álcool e com o sangue, desaguando em uma rebeldia espontânea e aparentemente sem lógica e sem nenhuma razão. Espalhou-se e camuflou-se de tal forma, que foi vivenciada sem ser percebida, embora estivesse sempre presente, aqui e ali.

O motor da riqueza do Amazonas (o comércio da borracha) entrou em declínio e a partir de 1920, a pujança da *belle époque* começou a se tornar apenas uma lembrança que esmaeceu, lentamente, com o passar do tempo no cotidiano manauara e, um ciclo de latência e gestação toma conta do Estado.

Entre as décadas de 20 e 60 a cidade se desenvolveu muito pouco. Os belos casarões, o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, entre outras construções, ficaram como memória física do tempo do esplendor. Junto a isto, como uma herança maldita, alguns costumes provincianos que sobrevivem entre a elite até os dias atuais. Manaus só volta a sair da dormência e do marasmo com as mudanças econômicas, demográficas e socioculturais provocadas pela Zona Franca de Manaus.

As navalhadas, cabeçadas e rasteiras, que ocupavam o noticioso policial até os anos da década de 1930 vão saindo gradativamente das notícias dos jornais com o declínio do ciclo da borracha. Só, que já era tarde demais! Os elementos da capoeiragem já estavam dispersos no tecido social e em vez do noticiário policial, a capoeiragem amazonense acompanhando a onda da esportização começa a ocupar, embora que de maneira acanhada, o noticiário esportivo.

Sua técnica é incorporada por praticantes do pugilato que a usaram nos ringues manauaras. Embora presente entre os desportistas, a técnica também continuou nas ruas como herança da capoeira das maltas, manifestando-se nas brigas corporais dos adultos e dos meninos. Estes últimos aprendiam, de

forma espontânea e natural, os elementos da cultura da capoeira como a malícia, a provocação, o "ganhar no grito", os golpes (também chamados de traços ou cortes) como o rapa, a banda, ou simplesmente "capoeira" (nomes para certo tipo de rasteira) as negaças, a bananeira, o cangapé, a cusparada, o salto mortal, o calço, o corta-capim, o telefone, tesoura, a bofetada ou tapona, cabeçada, balões, o "pulo com os dois pés", entre outros golpes.

Em 1972, junto com o fluxo migratório causado pela Zona Franca, um jovem goiano, aventureiro e capoeirista, Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato de Silvestre, instala o primeiro núcleo de ensino de capoeira do modelo baiano no Amazonas (capoeira com berimbau) e em 1973, o mesmo inaugura a primeira academia de capoeira do Amazonas, a "Zumbi dos Palmares" e a partir dela, a cultura da capoeira baiana foi gradualmente se expandindo, sendo desvelada e compreendida através de sucessivas gerações de capoeiristas.

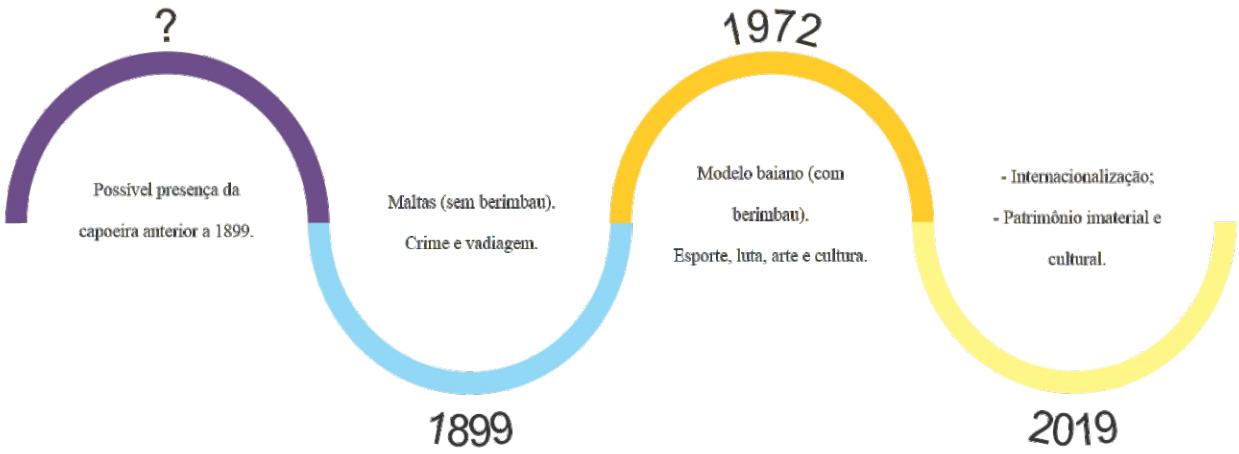
A CAPOEIRA SEM BERIMBAU NO AMAZONAS

Em 1905, Manaus, a Paris dos Trópicos, já vivia os benefícios do ciclo da borracha e respirava modernidades e ares republicanos. Contudo, na contramão do fausto, tanto a mídia escrita quanto às autoridades e os cidadãos comuns, testemunhavam alguns fatos emblemáticos que mostravam facetas do cotidiano, contraditórias ao sonho de uma cidade que tinha a pretensão de ser europeia.

Esses fatos estão relatados de forma dispersa em jornais, livros, revistas, documentos oficiais e em depoimentos de pessoas de avançada idade. Eles são provas inequívocas da existência da técnica e da cultura da capoeira sem berimbau no Amazonas muito antes da introdução do modelo baiano de capoeira (com o uso do berimbau) pelo Mestre Gato.

Possíveis fontes da capoeira sem berimbau no Amazonas:

Fluxos migratórios entre o Amazonas e outros Estados – Sabe-se que a cultura, economia e a demografia de Manaus e Belém, metrópoles da Amazônia, foram fortemente influenciadas por fluxos migratórios. Estes fluxos trouxeram grandes levas de nordestinos, de outros brasileiros e também de estrangeiros que buscavam uma melhoria de vida.



Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).
Figura 37: Linha de Tempo mostrando as fases da capoeiragem no Amazonas.

Lembramos que nestes fluxos migratórios tanto havia gente que migrava de livre vontade quanto havia gente, forçadamente, embarcada (como o caso dos degredados ou deportados) e aqui despejada. No que tange a capoeiragem, temos como exemplo do primeiro caso, o famoso Mestre de Capoeira baiano, "Cobrinha Verde" (Rafael Alves França)[40], que residiu temporariamente em Manaus na década de 20 e aqui casou e teve filhos. Para o segundo caso, como informam Santuci (2008) e Silva (2010) temos o capoeira carioca, "Prata Preta" (Horácio José da Silva)[41], líder da resistência do bairro da Saúde na "Revolta da Vacina" no Rio de Janeiro em 1904. Comandou mais de 2.000 pessoas contra as tropas do exército, sendo posteriormente deportado para o Acre, em novembro do mesmo ano.



Figura 38: Capoeirista famoso no início do século XX que esteve ou morou em Manaus: Caricatura de Horácio José da Silva, o Prata Preta publicada em O Malho.
Fonte: WIkimedia Commons.

Uma relação direta entre o Maranhão e capoeira sem berimbau no Amazonas, também, pode ser vista a partir do depoimento[42] dado em 2010 pelo senhor Heitor Nascimento Fonseca, nascido em 30/12/1920. Membro da comunidade negra formada por maranhenses e seus descendentes, no Bairro da Praça 14, ele informa que em seus tempos de menino "os maranhenses brigavam dando muito pulo, rasteira e cabeçada, parecido com essa dança que tem hoje", referindo-se, à capoeira com berimbau.



Figura 39: Capoeirista famoso no início do século XX que esteve ou morou em Manaus: O capoeirista Rafael Alves França, o Cobrinha Verde, famoso mestre baiano que residiu em Manaus na década de 1920.
Fonte: Cobrinha Verde. S/D. Disponível em <http://velhosmestres.com/br/cobrinha-1991> Acessado em 11/03/2020.

Pelo exposto é que consideramos o fluxo migratório e, particularmente, o degredo, como os maiores responsáveis pela entrada de capoeiras na Região Norte. Especificamente para o Amazonas, a entrada de capoeiras via fluxo migratório, nos parece fortemente ligada às históricas relações econômicas e culturais do Estado do Amazonas com o Pará, o Maranhão, Amapá acrescentando a estes, o Acre, por ser porto final de inúmeros degredados. Todos esses Estados registraram a presença da capoeira no século XIX ou nos primórdios do século XX.

A partir da afirmação de Sarges (2002) sobre o uso da capangagem dos capoeiras degredados, advindos do sudeste do país, por políticos do Pará somado as relações econômicas e culturais do

Amazonas com o Amapá, Pará e Maranhão, se pode estabelecer a hipótese de que os políticos do Amazonas da *belle époque* em suas disputas pelo poder, também se valeram da utilização da capangagem dos capoeiras nos seus embates políticos. Como veremos adiante, esse expediente foi usado em Manaus por alguns governadores da década de 1950 e 60.

• Forças armadas - A presença da capoeira nas forças armadas e na polícia é notória[43] e cada vez mais confirmada por novos estudos historiográficos. Nas forças armadas essa presença se deu, em sua grande maioria, com base nas ações de recrutamento. No século XIX, "recrutamento" significava convocar o indivíduo sem a opção da escolha e a sua recusa era contornada pelo uso da força, sendo o infeliz recrutado preso e obrigado a se engajar na vida militar.

Este tipo de ação objetivava fornecer o elemento humano para as fileiras subalternas da marinha e do exército ao mesmo tempo em que mantinha o equilíbrio social, controlando a "vadiagem" e a manutenção da "ordem", já que um dos seus principais alvos era os desordeiros, ébrios, vagabundos e malfeitores, inclusos entre esses, os praticantes de capoeira.

Essa forma de incorporação militar perdurou até o ano de 1910 e era criticado por muitos oficiais que lamentavam a presença nas tropas desta "ralé" que não se adequava ao regime disciplinar.

Para a tropa e, principalmente, para os compulsoriamente, marinheiros, a vida naval era uma experiência das mais hostis. Muitos homens não se acostumavam ou perdiam o gosto por ela, sendo proibido de abandonar a carreira antes de nove ou quinze anos de serviço. Eram constantes os conflitos provocados por embriaguez, roubo, desídia e desordem em terra (confusões nas ruas durante as licenças).

O fluxo de marinheiros nacionais da Flotilha do Amazonas, sediada em Manaus no Bairro Alto da Boa Vista (atual Bairro de Educandos), criada pelo Aviso Imperial de 2 de junho de 1868, de soldados do exército e de marinheiros mercantes permite raciocinar que a presença destes praças no cotidiano manauara contribuiu para a disseminação de elementos da cultura da capoeira no Amazonas, já que esses são segmentos historicamente relacionados com a capoeiragem até pela própria forma de recrutamento deste pessoal.

Ilustrando a relação existente entre os marinheiros nacionais ou seja, aqueles advindos de vários Estados brasileiros e o fluxo de capoeiras-marinheiros no norte do Brasil, temos o fato emblemático da Flotilha do Amazonas que embora fundada e sediada em Manaus foi transferida para Belém em 1910, voltando para Manaus em 1912, retornando para Belém em 1924 e retornando para Manaus em 1931.

Junte-se a essas idas e vindas da Flotilha do Amazonas, a reportagem do jornal Estado do Pará de 3/8/1911, Ano I, nº 116, sobre a realização de uma programação esportiva da Escola de Aprendizes Marinheiros de Belém no Bosque Rodrigues Alves. Entre varias atrações como a luta romana, luta de bastão, corrida de obstáculos existia a exibição de "Gymnastica Brasileira (capoeiragem)". A reportagem é finalizada com o seguinte comentário sobre a programação: "Do programa, é digno de nota a gymnastica nacional, a conhecida capoeiragem, tendo a rapaziada de divertir-se a valer, com esse apreciado gênero de *sport*".

A navalha (barbeira, sardinha, sola, dois moleques ou boca-de-sirí), o petrópolis (um pequeno porrete de 50cm de comprimento) e a bengala eram as armas corriqueiras dos capoeiras e valentões do século XIX e das primeiras décadas do século XX. A somatória de marinheiro capoeira, navalha, bebida e mulherio resultavam sempre em desordem e sangue. O Bairro do Alto da Bela Vista até a década de 1960, era famoso pelas brigas ocorrentes em seus bares, quase sempre motivadas por essa explosiva equação.

Em Manaus, 15/04/1907, o Jornal do Commércio noticiava em sua primeira página a seguinte manchete - "Três navalhadas". Resumo dos fatos – Vítima: Galdino Ribeiro Britto, 25 anos, pernambucano, solteiro e militar; Criminoso: Emygdio José Florêncio, 28 anos, cearense, desertor da marinha; Local do crime: Casa "Artigos Bellicos" onde ocorria um festejo; Enredo do crime: Emygdio, por volta das 20h30min, chegou dizendo que dera uma navalhada em outro marinheiro que havia encontrado na casa de sua amasia, Heronida Maria da Conceição. Então, Galdino Britto lhe perguntou "que barulho havia fora?". Emygdio contra ele investiu e, sem motivo algum, deu-lhe três navalhadas, produzindo-lhe os seguintes ferimentos: um corte de 16 cm no pescoço e dois cortes no rosto (pálpebra e nariz). O caso rendeu outras manchetes em edições posteriores e, felizmente, Galdino conseguiu sobreviver ao grave ferimento e o outro marinheiro vítima de Emygdio, foi ferido apenas no braço. Chamava-se Joaquim Cardoso, 26 anos, piauiense e servia na canhoneira "Missões". Quanto ao valentão Emygdio, este foi preso e entregue ao comando da Flotilha do Amazonas.

• Pugilato: No final do império e nos primórdios da república, muitas práticas esportivas se tornaram habituais e recomendadas como um dos fatores necessários para se viver de forma saudável e civilizada. Este fenômeno que veio ao Brasil carregado de novidades foi sentindo mais fortemente nas grandes cidades e atingia predominantemente as classes mais abastadas.

Das práticas esportivas, o pugilato[44] era uma das mais aceitas pelas camadas mais populares. A Confederação Brasileira de Pugilismo, fundada em 1933, considerava por pugilismo todos os esportes praticados em ringues, tais como o boxe, *catch-as-catch-can*, *jiu-jitsu*, judô, luta - livre, greco-romana, capoeira, etc.



Figura 40: Pugilato: A) Pugilista Floriano Peixoto Filho; B) Capoeirista Alídio Bonates; C) Pugilista Murilo Ruas; D) Capoeirista João Mará ladeado por Rildo Heros.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Em Manaus, segundo o antigo pugilista Murilo Ruas (tio do grande lutador de MMA, Marcos Ruas), uma boa parte da juventude amazonense das primeiras décadas do século XX, era influenciada para a prática esportista pela figura do filho do presidente Floriano Peixoto, o *sport-man* Floriano Filho[45].

Os jovens costumavam se organizar em clubes e grêmios destinados à prática de várias modalidades, entre elas, o pugilato. Muitos destes aprofundaram-se nos treinamentos de lutas e alguns tinham a capoeira como uma de suas principais técnicas. Testavam suas habilidades em combates amadores ou profissionais, ao mesmo tempo em que transmitiam de geração a geração, as técnicas aprendidas. A técnica da capoeira sem berimbau também era aí praticada, o que lhe proporcionava um novo status, o de esporte, contribuindo para que não fosse somente vista como prática de vagabundos e valentões, diminuindo-lhe o estigma e, tornando-a mais aceita pela sociedade[46].

Tanto o Teatro Amazonas quanto o "Ringue Taubaté" situado nas dependências do Clube Amazonense de Regatas foram palco para essas contendas: Pantera Negra, Marrueira, Surimam Baimam, Pintado, Sucupira, entre outros foram alguns destes capoeiristas pugilistas.

• Capangagem política – Uma prática generalizada até hoje em dia em nosso país. Recrutava-se reconhecidos valentões (com sua eficiência testada em conflitos de rua ou nos ringues) para serviços de segurança para indivíduos ou grupos políticos, sendo que, vários capoeiras foram solicitados para esse tipo de empreitada. Eis alguns exemplos locais: Amazonas (1996) narra o fato de que Waldemar Cavalo do Cão e Zé Maria do Chapéu eram o terror do Bairro de Educandos e que os mesmos "vestiam-se de linho branco HJ, sapatos brancos e suas navalhas, com faro sibílico para sondar alguns otários".

- O senhor Francisco Tupinambá, tradicional e antigo morador do Educandos e praticante de Capoeira Tiririca, informou[47] que os capoeiras pernambucanos Waldemar Oliveira, o Cavalo do Cão, e outro alcunhado de "Patativa", foram contratados pelo Governador do Estado da época como seguranças.



Figura 41: O capoeira Oto Pacheco de Araújo, o destemido "Otinha", o terror do Bairro de Educandos.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

- O Oto Pacheco Araújo, o Otinha, capoeira e um dos maiores "brigador de rua" da história da antiga Manaus, chegou a enfrentar no ano de 1969, em frente ao bar São Domingos, no Educandos, cinco marinheiros de uma vez só[48]. Vivia às voltas com a polícia por causa de pequenos furtos e brigas e foi assassinado por encomenda no ano 1983. Conforme os senhores Francisco Tupinambá e João Mará, Otinha também era contratado pelo político anteriormente citado.

• Outras fontes - Há de se considerar também outras fontes, tidas aqui como secundárias por não estarem diretamente envolvidas com a prática da capoeiragem e sim com o seu imaginário. Elas alimentaram de forma indireta a disseminação e até de certa forma, uma aceitação da cultura da capoeiragem por camadas intelectualizadas no Amazonas. Citamos duas destas fontes como exemplos: a presença de visitantes ilustres e a literatura regional nortista.

Algumas figuras nacionais de peso eram praticantes ou ferrenhos defensores da capoeiragem, como arte genuinamente nacional, entre eles, o escritor e político maranhense, Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), consagrado pela revista "O Malho" como o "Príncipe dos Prosadores Brasileiros". Coelho Neto foi durante muitos anos o escritor mais lido do Brasil. Informa Braga (1983) que sua visita de vinte sete dias à Manaus, iniciada em 11/08/1899, foi bastante concorrida.

Na literatura regional nortista temos entre tantos outros, o amazonense e Governador do Estado, Álvaro Botelho Maia (1893 -1969) que em seu "Banco de Canoa" narra sobre o negro Luís Mapinguari que sofreu torturas em troncos e cárceres nas antigas fazendas do Maranhão e, em revide, executava com prazer, ordens de pancadaria e quebraduras. Mapinguari era odiado nas festas de forrós onde se espalhava no meio da sala em capoeiragens e já herniara mais de um festeiro. Também podemos citar o escritor paraense e falecido em Manaus, Bento

Bruno de Menezes Costa (1893 – 1963) que em seu livro de poemas "Batuque" cita a valentia e habilidade do negro João que era capoeira e navalhista.

Mais recentemente temos os romances Tango Selvagem de Antônio Paulo Graça, 1993 e Quelé de Roberto Caminha Filho, 2012.



Figura 42: Alguns livros que descrevem cenas de capoeiragem na literatura amazônica: A) Banco de Canoa; B) Batuque; C) Tango Selvagem; D) Quelés.

NOTAS

39) O uso da navalha como arma foi introduzido no Brasil pelos fadistas portugueses e adotado pelos capoeiras como arma predileta.

(40) Rafael Alves França, o Cobrinha Verde, famoso mestre de capoeira baiano, narra em suas memórias que residiu em Manaus. Pertenceu ao bando de Horácio de Matos e foi discípulo do lendário capoeirista Besouro de Santo Amaro.

(41) Horácio José da Silva, mais conhecido como Prata Preta, era um capoeirista e estivador brasileiro, morador da cidade do Rio de Janeiro. É considerado por muitos um símbolo de luta contra o governo durante a Revolta da Vacina também conhecida como Quebra-Lampiões, em 1904. Liderou os revoltosos na barricada do bairro da Saúde (que fora apelidada de Porto Arthur em alusão à fortaleza russa) contra o exército, constando que chegou a matar um soldado durante um dos ataques. Foi preso quando a cidadela improvisada caiu e deportado para o Acre.

(42) Depoimento de Heitor Nascimento Fonseca a KK Bonates e Rildo Heros, em dezembro de 2010. Heitor era considerado na época, o morador vivo mais antigo da Praça 14.

(43) Os jornais de Manaus noticiam muitas brigas entre militares ou destes com a polícia e civis

(44) Para saber mais sobre a capoeira no pugilato consultar Bimba é Bamba: a capoeira no ringue. Frederico José de Abreu. Instituto Jair Moura. Núcleo de documentação e pesquisa da capoeira. Salvador. 1999.

(45) O jornal "o Sport" de 31/09/1909 mostra uma reportagem sobre Floriano Filho e sua influência para a juventude.

(46) As lutas de ringue provocavam alvoroço na juventude e vários locais de entretenimento serviram de palco para estas contendas principalmente o Polytheama, o Circo Alhambra, Ringue Taubaté e o Velódromo Álvaro Maia.

(47) Depoimento dado a Rildo Heros em julho de1996.

(48) Depoimento prestado por João Oliveira Freitas, o João Mará, 81 anos, a Rildo Heros e KK Bonates em 2011. Morador nascido e criado no Bairro do Educandos treinou luta livre e Capoeira Tiririca no antigo internato Paredão como aula de educação física

A CAPOEIRA COM BERIMBAU NO AMAZONAS

Algumas informações sobre o uso do berimbau na região norte relacionadas com a presente pesquisa são as seguintes:

a) Segundo Salles (1971), o berimbau foi pouco documentado no Grão-Pará e Maranhão, onde o mesmo era conhecido, anteriormente, pelos nomes de *urucungo*, *marimba* ou*marimbau* e que estaria relacionado com os "Brigues Corsários", um antigo folguedo de negros do baixo Amazonas. Salles especula uma possível relação entre a capoeira e o carimbó;

b) Ainda Salles (1971), Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1700 – 1779), governador e capitão-general do Estado do Grão-Pará e Maranhão, ao se instalar na vila de Barcelos, encomendou nada menos que 500 berimbaus, provavelmente para fazer escambo com os indígenas, já que esse instrumento era um dos mais apreciados pelos mesmos;

c) Reportagem intitulada "Nós e o Cabotino das Arábias que se exhibe, a tostão, no Polytheama" do noticioso manauara "Gazeta da Tarde" de 20/09/1915, cujo articulista ao ter um entrevero com o músico Cherreia, o classificou como "um reles tocador de berimbau". Não se encontrou nessas citadas informações nenhuma relação direta do uso do berimbau com a capoeiragem.

A informação mais antiga encontrada sobre uma roda de capoeira comandada pelo berimbau em Manaus foi a apresentação de capoeira feita em agosto de 1969, no Teatro Amazonas, comandada pelo grande lutador baiano Valdemar Santana, o Pantera Negra, que com sua equipe de lutadores de vale-tudo travou combates em Manaus. Valdemar se fez acompanhar de outros capoeiristas baianos como Pombo de Ouro, Tarzan, Bando e Berimbau. Em junho de 1972, Valdemar retornou à Manaus para realizar outros combates de pugilismo e ministrar aulas de luta no Atlético Rio Negro Clube.

Bonates (2011) afirma que o ano 1972 é um divisor na história da capoeiragem no Amazonas. Justifica tal afirmação informando que meados do ano 1972 o fluxo migratório causado pela Zona Franca, traz para o Amazonas, o jovem goiano, aventureiro e capoeirista, Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato de Silvestre, que instala em Manaus, o Grupo de Capoeira Zumbi dos Palmares.

Este Grupo se torna o primeiro núcleo de ensino de capoeira com berimbau, o modelo baiano de capoeira, no Amazonas sendo instalado na região do Marco Zero de Manaus, na confluência do início da Avenida Sete de Setembro com a Rua Visconde de Mauá, na sede do Clube Náutico Portugal, cujo presidente era o senhor José Brás Ferreira, o professor Brás, conhecido lutador de luta-livre, boxe e outras artes marciais e que mantinha junto à prática do remo, uma academia de lutas.

O filho do professor Brás, Édson Colyer Brás da Silva, o "Spartacus" (12/07/1951 a 11/11/1977) lutador de vale-tudo e *catch-as-catch-can*, levou o Mestre Gato para ministrar aulas de capoeira no Náutico Portugal tornando-se o seu primeiro aluno em Manaus. Logo depois se matricularam Américo Omena, Fernando Lopes (delegado de polícia), os irmãos Marcos, Maurício e Almir Dantas, o lutador Carrasco Cearense, Magriça, Paulinho, Marcolino Salgado, Fernando Lemos de Almeida, Newton Ferreira Filho, Walter Cavalcante, entre outros. Nesta época, Mestre Gato criou um nome provisório para seu trabalho denominado Grupo de Capoeira Zumbi dos Palmares.



Figura 43: Mestre Gato de Silvestre ministrando aula de berimbau para o seu aluno Chaguinha na Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares em 1973.
Fonte: Acervo Edgar Chagas.

No final do ano de 1972, a sede do Náutico Portugal, foi desocupada e demolida para dar lugar à construção do prédio que hoje abriga a sede da Companhia Energética do Amazonas (CEAM).

Em janeiro de 1973, Mestre Gato então se transferiu para a Rua Barroso, 267, ocupando um antigo e decadente prédio situado ao lado da Casa dos Estudantes do Amazonas. Este prédio, que na *belle époque* foi, inicialmente, o Palacete dos Epaminondas, sede do Atlético Rio Negro Clube e por fim, a sede da União dos Estudantes Secundaristas do

Amazonas (UESA), foi demolido para dar espaço a um estacionamento de veículos.

No dia dois de Fevereiro de 1973, Mestre Gato inaugura no antigo Palacete dos Epaminondas, a primeira Academia de Capoeira do Amazonas, a Zumbi dos Palmares. No espaço dessa Academia é que Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha), Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates) e Ivanildo da Silva Corrêa (Professor Baixinho Chiburita) deram continuidade aos seus treinamentos de capoeiragem e iniciaram-se na capoeira com berimbau com o Mestre Gato.

O primeiro andar do prédio era um imenso salão com um assoalho feito de madeiras nobres principalmente sucupira preta e amarela, intercaladas entre si, e que foi ocupado pelo Mestre Gato onde o mesmo instalou a Zumbi dos Palmares.

Nos fundos deste salão, separada por uma divisória de compensado, funcionava um espaço cedido ao professor Brás para aulas de ginástica modelar. No segundo andar funcionava o Curso Dinâmico de propriedade de José Nestor Soeiro do Nascimento, reconhecida liderança política afrodescendente do Amazonas e fundador do Movimento Alma Negra (MOAN) e que muito colaborou para a afirmação, reconhecimento e crescimento da capoeiragem amazonense.



Figura 44: (1) Augusto Januário Passos da Silva, o Mestre Demolidor, ladeado por (2) Nestor José Soeiro do Nascimento, o Nego Nestor, liderança histórica afrodescendente na política e na cultura amazonense.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 3455: Locais iniciais de ensino da capoeira com berimbau em Manaus, ano de 1972: A) Primeiro local de ensino - Frente da sede do Náutico Portugal; B) Fundos da sede do Náutico Portugal.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

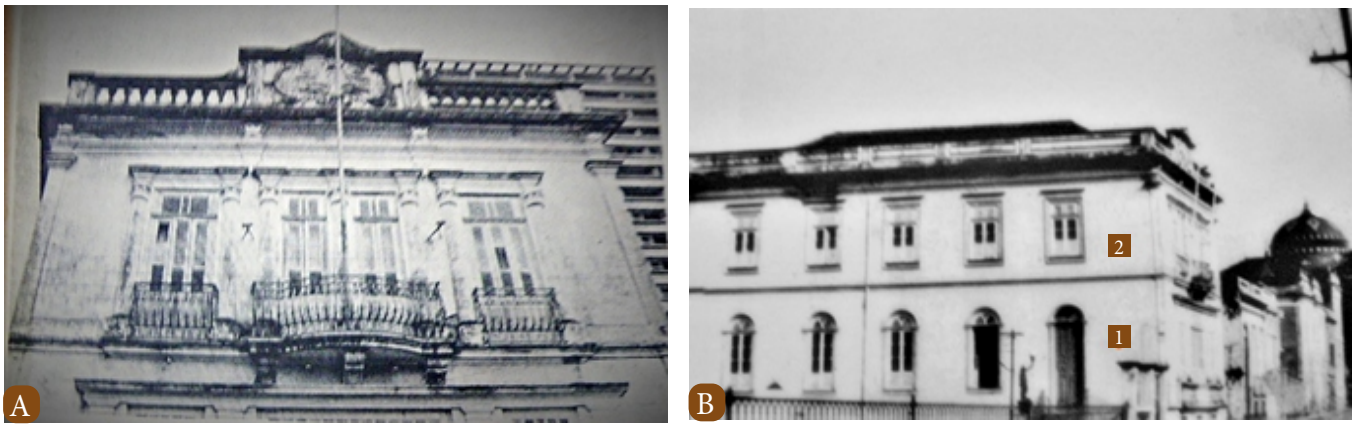


Figura 46: Locais iniciais de ensino da capoeira com berimbau em Manaus, ano de 1972: A) Frente do segundo local de ensino – Prédio da Casa dos Estudantes do Amazonas; B) Lateral do segundo local 1) Academia Zumbi dos Palmares 2) Curso Dinâmico.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 47: Locais iniciais de ensino da capoeira com berimbau em Manaus, ano de 1972: Vista aérea do prédio e sua localização.
1) Academia de Judô Samurai - anexo 2) Prédio da Casa dos Estudantes 3) Rua Barroso 4) Rua 24 de Maio.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

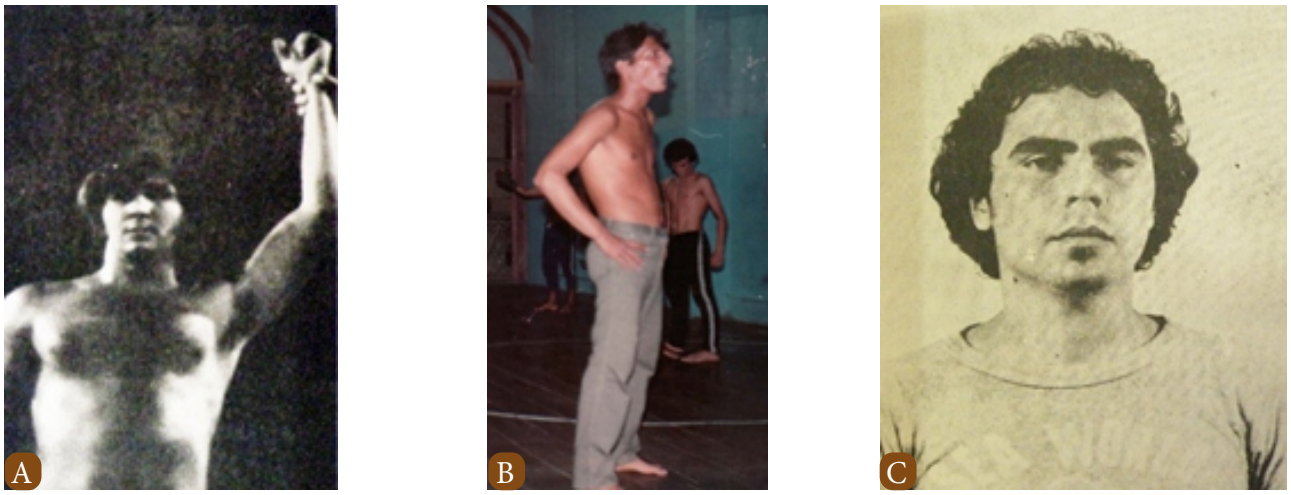


Figura 48: Três alunos da primeira geração da Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares: A) Lutador Spartacus, primeiro aluno do Mestre Gato de Silvestre em Manaus; B) Antônio Popó; C) César Carioca.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

No quintal, na parte dos fundos, havia um barracão onde funcionava a Associação Samurai de Judô, que segundo o pesquisador da história das artes marciais no Amazonas, Rildo Heros, foi fundada pelos acadêmicos de medicina e judocas Paulo Bernardo, faixa preta e por Gil Menezes, faixa marrom no ano de 1967. A Academia Samurai em 1972 era dirigida na época pelo alagoano e professor de judô, Dorgival Chaga, irmão do Mestre Chaguinha. A Academia Samurai abrigou atividades de capoeira durante vários anos.

A Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares teve vários núcleos nas décadas de 70 e 80. Eis a localização de alguns destes núcleos: CSU do Parque 10 de Novembro, CSU do Conjunto Ajuricaba, Clube Princesa Isabel (Rua Dr. Almino, 185 - Centro), Sede do Clube Oriente (Avenida Compensa - Bairro da Compensa), Rua da Igreja (Bairro de São Geraldo), Edifício Antônio Simões (Avenida Sete de Setembro, 1260, 12º andar, sala 1210), Rua 24 de Maio, 571 e Rua Xavier de Mendonça, Bairro de Aparecida.

A partir de 1975, foram criados vários grupos, associações e núcleos de capoeira em Manaus. Primeiramente pelos alunos, Chaguinhas e KK Bonates, assim como o Baixinho, que contribuíram com o Mestre Gato, tanto de forma individual quanto coletiva, para a expansão do modelo baiano de capoeira abrindo novos espaços de ensino na década de 70 (Bantus de Angola, Quilombo, Oxumaré e Alma Negra) e realizando rodas de rua, apresentações em clubes e desfiles carnavalescos e cívicos e promovendo os primeiros torneios de capoeira do Amazonas. Essas atividades também foram desenvolvidas em Manaus e em diversos municípios do Estado.

Posteriormente, a partir de 1980, os alunos dos seus alunos e capoeiras advindos de outros estados deram continuidade a este processo de propagação pela capital, pelo interior, nacional e internacionalmente (Tabela 1). Infelizmente, boa parte desse processo se deu de forma desordenada e sem critérios, resultando em muito, na perda de qualidade da capoeira ensinada.



Figura 49: Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares na sede do clube Princesa Isabel na rua Dr. Almino, 185 – Centro, ano de 1978: 1) Nego Berg; 2) Graça; 3) Alan Pernalonga; 4) Djalma Preguiça; 5) Victor Pé-de-Gancho; 6) B1; 7) Mestre Gato de Silvestre; 8) KK Bonates; 9) Gelson Sarará; 10) Black; 11) Mestre Chaguinha; 12) Adilson Bahia; 13) Paulo Camarão; 14) Eliberto Louva-a-Deus.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Muitos destes grupos e associações tiveram uma vida efêmera ou foram trocando o nome com o passar dos anos (Tabela 7). Registramos aqui os primeiros deste processo, do período de 1975 a 1979, sementes que foram da "Zumbi dos Palmares", listando-os pela ordem de fundação: "Unidos de Nagô", fundado por Chaguinhas e Baixinho; "Oxumaré" (de curtíssima vida) fundado por Chaguinhas e KK Bonates; "Bantus de Angola" fundado por Chaguinhas, Washington Maguila, Roberto Banana e Marcos Dentinho; "Alma Negra" fundada por KK Bonates.

Abib (2005) comenta que as vivências, formas de organização e visões de mundo das culturas populares, são em grande parte, oriundas das camadas da população diretamente envolvidas com um universo em que as tradições, a ritualidade, a simbologia e a ancestralidade são as referências mais importantes. As transformações ocorridas na sociedade brasileira nas décadas de 1970 e 80 são acompanhadas por um desenvolvimento muito grande do capitalismo e de reestruturação das relações políticas, sociais e econômicas, favorecendo o surgimento de uma indústria cultural com uma capacidade cada vez mais ampliada de impor modelos de consumo.

Temos que a indústria cultural, nessas décadas de 70 e 80, criou uma rede ampla de comunicação em que o potencial crítico da cultura popular foi neutralizado e mobilizado para os quadros de massificação, que numa era de capitalismo monopolista em área periférica, possui o papel de elemento desintegrador e nivelador das variadas formas de produção cultural, realizando essa tarefa, paradoxalmente, em nome da cultura nacional.

Somado ao exposto, os baluartes baianos da capoeira Angola e Regional e suas principais referências, os mestres Bimba e Pastinha, se encontravam com a idade avançada e passando por sérias dificuldades econômicas e de saúde. Esses baluartes também se defrontaram com a expansão desordenada da capoeira que ao mesmo que louvava os nomes, a sabedoria e as obras dos mestres construtores da capoeira baiana, minava suas lideranças, diminuía seus espaços de fala e controle dos mesmos sobre os rumos da capoeira.

Temos assim, que a expansão da capoeira nos anos 70 e 80, envolveu forte adesão de segmentos sociais diferentes daqueles que originaram a capoeira baiana. Esses segmentos eram, em maioria, provenientes de camadas sociais com maior escolaridade e sedenta por novidades e habituadas à ideia de obtenção da informação por via rápida e dessacralizadora.

Por outro lado, esses segmentos que dessacralizaram a capoeira negra e baiana, paradoxalmente, são obrigados a conviver com a subjetividade dos fundamentos deste universo negro que fazem um contraponto a lógica racionalista da sociedade ocidental, pois no universo afro-brasileiro, como dizia Frede Abreu (informação pessoal),

> Os escravos adoravam piedosamente os santos dos católicos e dos brancos – que perseguiam os seus candomblés – fazendo deles cavalos para o trânsito dos orixás entre os viventes. É a capoeira negra, que servia para bater e matar os senhores e feitores, se disfarçando em brincadeira até para alegrar o sinhô e sinhá. É o Largo do Pelourinho que ontem atuou como local de castigo do escravo negro, hoje transmutado na praça do batuque Olodum.

A capoeira praticada e ensinada por Mestre Gato era de uma vertente criada no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, no final dos anos 60 e início dos anos 70. Essa vertente não mantinha uma diferenciação rígida entre os dois estilos baianos, regional e angola, embora mantivesse a técnica e elementos da ritualística destes estilos. Incorporaram ou criaram novidades que, em sua maioria, estavam ligadas, além da mercantilização da capoeira como objeto de consumo.

No bojo desta situação de mudanças é que foi

implantada no Amazonas por mestre Gato a capoeira baiana. Deve-se considerar o fato de que o primeiro elo referencial dos praticantes da capoeira com berimbau no Amazonas não foi a Capoeira Angola e Regional propriamente dita e sim, uma capoeira paulistana que diluiu os fundamentos da capoeira para torná-la mais palatável para consumo.

A descontinuidade gerada pelo elo inicial de referência resultou, com o passar do tempo, que a capoeiragem amazonense se dividiu em dois grandes segmentos que se diferenciam na maneira como os capoeiristas vivenciam a capoeiragem.

Um primeiro segmento que não objetiva estabelecer fortes elos e/ou conhecer com profundidade a capoeira ancestral dos negros baianos e sim, dar continuidade ao processo já existente e iniciado nas décadas de 70 e 80. Este segmento é o que contém um maior número de adeptos e é o responsável pela grande disseminação no Amazonas e é capitaneado pelo segmento da Capoeira Contemporânea.

Um segundo e minoritário segmento, objetiva estabelecer elos e conhecer com profundidade a capoeira ancestral dos negros baianos e a partir desta, dar continuidade ao processo de disseminação desta capoeira tradicional.

Tanto o segmento Tradicional quanto o Contemporâneo possuem dinâmica própria, com gradações internas e externas, estando em permanente processo de negociação e conflito e possuem bandeiras de luta ora comuns, ora antagônicas ou específicas entre si. O produto social resultante destas dinâmicas entre os segmentos fez com que a capoeira com berimbau no Amazonas interagisse de tal forma com a sociedade, que ao longo destes 47 anos de implantação, se espalhou por quase todos os bairros de Manaus e municípios do Estado, nacional e internacionalmente.

Assim, as rodas de capoeira passaram a fazer parte dos cenários das cidades amazonenses. Rodas, apresentações, oficinas, seminário, cursos, palestras, encontros, festivais, competições, vivências, batizados, campeonatos, vendas de produtos, etc são feitas em diversos locais atendendo a diferentes demandas, destacando-se as recepções de autoridades, congressos, escolas, hospitais, universidades e atividades turísticas.

Nas mídias, o seu espaço é garantido nas áreas do esporte, cultura, lazer, educação e turismo e ação social. Também está inserida no meio artístico-cultural tanto como fonte de inspiração ou fazendo parte de algum contexto das artes cênicas, visuais, plásticas e literárias. Entretanto, a sua maior contribuição está nos projetos de inclusão social atendendo crianças, jovens, adultos e idosos. As tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 e os gráficos 1, 2 e 3 mostram várias instituições e algumas áreas e setores sociais ou profissionais que apoiaram ou dialogaram com a capoeiragem amazonense no período de 1852 a 2019 e dados inéditos sobre os mestres de capoeira no Amazonas.

Os capoeiristas se politizaram e criaram organizações classistas para cuidar de seus interesses nas áreas esportiva e cultural. A prática do ensino, apresentações, a fabricação de instrumentos, confecção de roupas, etc, criaram pequenas cadeias produtivas com geração de emprego e renda e algumas pessoas tem somente a capoeira como única via de sustento.

Essa diversificação de atividades fez com que o praticante da capoeira fosse reconhecido ou se reconhecesse de forma múltipla, sendo ao mesmo tempo capoeirista, artista, jogador, lutador, desportista, músico, empresário, produtor, atleta ou dançarino, entre outros.

Registra-se a presença de alguns mestres de capoeira não radicados no Amazonas, baianos ou não, mas que estiveram na terra de Ajuricaba e aqui deixaram sua contribuição para o enriquecimento cultural da capoeiragem no Amazonas, tanto para o segmento contemporâneo quanto para o segmento tradicional:

a) Segmento Contemporâneo - Gato da Senzala, Juanito Baiano, Profeta, De Menor, Jelon, Camiseta, Nagô, Carioca, Rodolfo, Almir das Areias, Marcos Alabama, Squisito, Índio, Albino, Suassuna, Romão, Mão Branca, Beto "Boneco" Simas, Barrão, Kall, Niltinho, Escorpião, Huck, Cuité, Negro Ativo, Luiz, Tiroteio, Sabará, Cobrinha, Porrada, Nem, Museu, Beija Flor, Aranha, Macula, entre outros.

b) Segmento Tradicional - Silvestre Ferreirinha, João Pequeno, Augusto Demolidor, Boca Rica, Lua de Bobó, Moa do Catendê, Nhô Plínio Garoa, Zequinha de Piracicaba, Dinelsom, Djop Corta Capim, Jogo de Dentro, Cobrinha Mansa, Valmir, Jurandir, Renê Bitencourt, Decânio, Vermelho 27, Vermelho Boxel, Miguel Preto, Nenel Machado, Hélio Xaréu, Boinha Boaventura, Pombo de Ouro, Itapoan, Onça Negra, Deputado, Saci, entre outros.

A presença e o estabelecimento de moradia em Manaus dos mestres baianos, Vermelho Boxel (Cecílio de Jesus Calheiros) que propagou sua experiência de Capoeira de Rua e na Capoeira Regional e de Miguel Preto (Miguel Machado) em Capoeira Angola (linhagem de João Pequeno) e também na Capoeira Regional foi de grande valia para fixar as tradições e fundamentos do segmento da Capoeira Tradicional Baiana.



Figura 50: Mestre Gato de Silvestre ladeado por seus discípulos mais antigos em atividade capoeirística: 1) Mestre Chaguinha; 2)Mestre Gato de Silvestre; Mestre KK Bonates.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 51: Mestres presentes na Roda da Salvaguarda realizada na Praça da Matriz em Manaus – AM em Dezembro de 2018: 1) Pardal; 2) Cristiano; 3) Lambão; 4) Ricardo Camisa Furada; 5) Ronaldo Vargas; 6) KK Bonates; 7) Gato de Silvestre; 8) Camaleão; 9) Tiquinho; 10) Espiga; 11) Chaguinha; 12) Jacozinho.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 52: Alguns Mestres de Capoeira no Amazonas - 2019: 1) Tigre de Coari; 2) Télio; 3) Peninha; 4) Bahia; 5) Tiquinho; 6) Canela; 7) Jacozinho; 8) Tupi; 9) Pantera; 10) Alonso.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Tabela 1 - Gerações dos mestres em Manaus-AM no período de 1972 a 2019.
Nome civil, apelido de capoeira, ano de início na capoeira e ano de fundação de sua instituição de capoeira.

MESTRES EM ATIVIDADE					
nº	Nome	Apelido	Início	Instituição	Fundação
PIONEIROS - 1ª GERAÇÃO					
1	Julival do Espirito Santo	Gato	1962	Zumbi dos Palmares	1972
2	Edgar Francisco das Chagas	Chaguinha	1970	Quilombo	1975
3	Luís Carlos de Matos Bonates	KK Bonates	1970	Matumbé	1979
PIONEIROS - 2ª GERAÇÃO					
4	Eudercio Diniz Gusmão	Neném	1973	Angola Palmares	1984
5	Ronaldo da Silva Vargas	Ronaldo	1974	Escola Bomani	1982
6	Clodomir da Silva Macêdo	Coló	1977	Marabaiano	1985
7	Walter Ferreira de Morais	Favela	1978	Sol Nascente	1981
8	Ricardo Antônio C. de Lima	Camisa Furada	1978	Berimbau dos Palmares	1992
9	Manoel de Jesus Coelho	Túnel	1979	Ginga de Ouro	1984
10	José Roberto V. Rodrigues	Espiga	1979	Raízes Livres	1984
11	Alfredo de Souza Amorim	Alfredão	1979	Bacutegê	...
12	Celanio Gil Praia Torres	Celanio	1979	Angola Palmares	1984
13	Carlos Alberto Gomes	Pardal	1979	Liberdade	1996
14	Francisco de Assis Lopes	Chapinha	1979	Amazônico	2010
15	Leonita Oliveira de Souza	Mainha	1980	Cultura Brasileira	2011
PIONEIROS - 3ª GERAÇÃO					
16	Alan Germano Elídio dos Santos	Roxinho	1981	Pau Brasil	2005
17	José Edson Pereira de Souza	Peninha	1981	Terra Brasil	2006
18	José Neto de Castro	Neto	1982	Voo da Iúna	2007
19	Erivaldo de Souza Ferreira	Ferreirinha	1982	Marabaiano	
20	Mayron Jacinto Marinho	Cabeça	1982	Vila da Barra	2002
21	Cristiano Correia dos Santos	Cristiano	1983	Incendeia	2005
22	Télion Santos da Costa	Télion	1983	Arte Negra	1998
23	Ivo dos Santos Souza	Ivo	1984	União Capoeira	2005
24	Alonso Júnior P. da Silva	Balé	1984	Afro Brasil	2010
25	Marcos Vinicius Alves	Tiquinho	1984	Gingado Capoeira	2001

26	Osmair de Castro Neri	Loirinho	1985	Marabaiano	...
27	Paulo Sérgio Ferreira da Silva	Sérgio Macaco	1986	Arte Revelação	2010
28	David Nascimento	David	1987	Axé Brasil	2005
29	Marivaldo Batista de Almeida	Marivaldo	1987	...	
30	Jacob Max Pazuello	Jacozinho	1989	Amazonas	2000
31	Miqueias Davis de A. Souza	Bahia	1989	Miscigenação	2015
32	Marcelo Pinto de Lima	Marcelo	1989	Senzala Negra	2014
33	Ivenir Pereira da Silva	Canela	1989	Ubuntus	2016
34	Márcio Cley Costa de Lima	Leão	1989	Cultura Brasileira	2011
35	Chediac Mendes da Silva	Chediac	...	Guerreiros	...
36	Cleomar C. das Neves	Tupizinho	...	Toque São Bento	2010
37	Renato dos Santos Meireles	Faísca	...	Discípulos	2012
38	Benedito Tavares Ribeiro	Bené	...	Marabaiano	
39	José Carlos Barnabé de Melo	Zé Carlos	...	Manaus Capoeira	2006
40	Alcindo Gomes de Carvalho	Tigre	...	Legião Brasileira	...
PIONEIROS - 4ª GERAÇÃO					
41	Paulo César da Costa Dias	Paulinho	1990	...	...
42	Vander Edson de Araújo	Pililim	1990	Besouro	2007
43	Francisco Souza dos Santos	Botinho	1990	...	...
44	Thiago Litaiff Pereira	Brutus	1993	Besouro Capoeira	2005
45	Washington Pereira Nascimento	Pantera	1995	Legião Brasileira	...
46	Wellisson Brito Batista	Camaleão	1996	Quilombo	1975
47	Jorge Fábio Paulino	Lambão	1993	Arte Regional	...
48	Francisco Barbosa Fernandes	Galo	...	Quilombo	1975
49	Gunter Simões Andrade	Chico Bento	1996	FICA	...

Tabela 2 - Mestres falecidos ou inativos em Manaus-AM no período de 1972 a 2019.
Nome civil, apelido de capoeira, ano de início na capoeira e ano de fundação de sua entidade de capoeira.

MESTRES INATIVOS					
nº	Nome	Apelido	Início	Instituição	Fundação
1	Deusa da Silva Belém	Deusa	1977	Marabaiano	...
2	Francisco Mendes Barbosa	Chico Viola	1978	Raízes Livres	1984
3	Manoel Américo de Jesus	Passo Preto	...	Besouro mandingueiro	...
4	Edilson do Carmo Pinheiro	Touro	...	Arte Luta	...
MESTRES FALECIDOS					
nº	Nome	Apelido	Início	Instituição	†
1	Cecílio de Jesus Calheiros	Vermelho	1961	Ginga Amazonas	2007
2	Paulo Flávio de Melo Lessa	Camarão	1980	Pele Negra	2012
3	Mecildo de Assis Bernardo	Gaivota	...	Sol Nascente	2016
4	Raimundo Souza de Lima	Xexéu	1979	Quilombo	2019

Tabela 3 - Lista dos mestres em atividade no ano 2019 no interior do Amazonas.
Nome civil, apelido de capoeira, instituição de capoeira e município Amazonas.

MESTRES EM ATIVIDADE				
nº	Nome	Apelido	Instituição	Município
1	Edney da Cunha Sâmias	Dedão	Ave Branca	Tabatinga
2	Franciney dos Santos Cruz	Gigante	Negros do Amazonas	Benjamim Constant
3	Manoel Rodrigues da Silva	Mão Branca	Berimbau de Coari	Coari

4	Rones Alves Pinheiro	Tigre	Academia Tigre	Coari
5	Wagmar Fernandes da Silva	Canibal	Zambi	Apuí
6	Reinaldo Reis Serrão	Serrão	Axé Mani	Manicoré
7	Deilson Jacauna Rodrigues	Paquita	Amantes da Liberdade	Parintins
8	Alessandro Bezerra de Lima	Lagarto	Berimbau de Coari	Coari
9	Wesley de Oliveira Fernandes	Canário	Berimbau de Coari	Coari
10	Wilbraine Fábio de Oliveira	...	Berimbau de Coari	Coari
11	Ivan Freitas do Nascimento	Girafa	Quilombo	Benjamim Constant
12	Francisco Fernandes da Silva	Chicão	Quilombo	Manacapuru
13	Fábio Júnior Lima da Costa	Mola	Quilombo	Coari
14	Marcondes Ramos da Silva	Marrom	Ginga Nativa	Tabatinga

Tabela 4 - Categorias sociais, artísticas e científicas relacionadas com a capoeiragem elencadas em jornais do Amazonas no período de 1852 a 1999 (Bonates 2018).

1	Ação Social	12	Educação Ambiental	23	Indígenas	34	Política
2	Antropologia	13	Educação Física	24	Joalheria	35	Politicas Públicas
3	Arte	14	Empreendedorismo	25	Lazer	36	Politicas Afirmativas
4	Cidadania	15	Esporte	26	Literatura	37	Psicologia
5	Cinema	16	Emobiologia	27	Lutas Marciais	38	Psiquiatria
6	Crime	17	Emobotânica	28	Marketing	39	Sociobiodiversidade
7	Cultura	18	Feminismo	29	Musicologia	40	Sociologia
8	Cultura Popular	19	Festas Populares	30	Negritude	41	Redes Digitais
9	Dança	20	Filatelia	31	Pacifismo	42	Teatro
10	Ecologia	21	Folclore	32	Patrimônio	43	Turismo
11	Educação	22	Historiografia	33	Poesia	44	Zoologia

Tabela 5 - Algumas instituições públicas que se relacionaram ou apoiaram atividades de capoeira encontradas em jornais do Amazonas no período de 1852 a 1999 (Bonates, 2018).

1	Aeronáutica	16	DELPMM	31	JEAS	46	SEGEL
2	Amazontur	17	DEMEL	32	JEBS	47	SEMAC
3	BEA	18	Distritos Policiais	33	Manaus Cult	48	SEMCLA
4	BIS	19	Exército	34	Manaus Tur	49	SEMDIH
5	BPA	20	EAFM	35	Marinha	50	SEMES
6	Bosque da Ciência	21	ETFAM	36	MEC	51	SEMHUR
7	C. C. Povos da Amazônia	22	FACED	37	MINC	52	SEMOSB
8	CAUCECAMACEF	23	Feiras Públicas	38	Parque do Mindú	53	SUFRAMA
9	COGS	24	FUA	39	Petrobrás	54	Teatro Amazonas
10	CMPC	25	FCAM	40	PMA	55	Teatro Cecomiz
11	COB	26	Fundação Villa-Lobos	41	PMM	56	Teatro dos Artistas
12	ETFAM	27	Governo do Estado	42	SCT	57	UEA
13	FACED	28	HEMOAM	43	SEC	58	UFAM
14	Corpo de Bombeiros	29	INPA	44	SEDEMA	59	Vara Criminais
15	CSU´s	30	IPHAN	45	SEDUC	60	Vila Olímpica

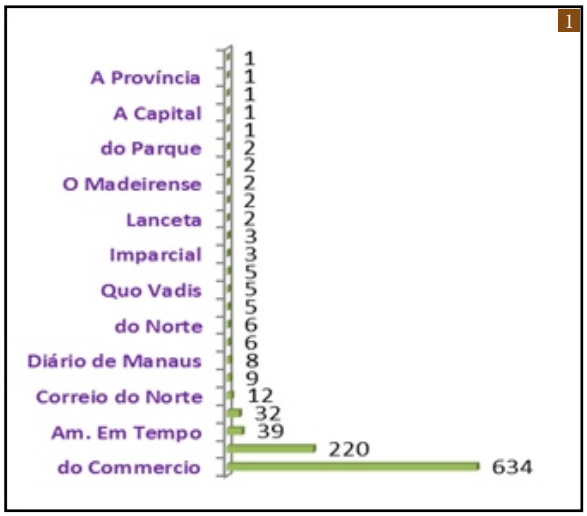
Tabela 6 - Algumas ONGS que direcionaram ações relacionadas a capoeiragem conforme notícias de diversos jornais do Amazonas no período de 1972 a 2005. (Bonates, 2018).

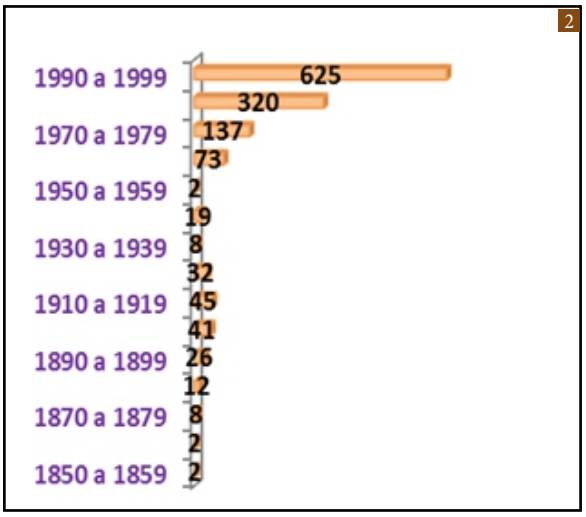
1	AACT	13	Associação de Moradores	25	FMF	37	SESC
2	AAK	14	CCN	26	FSPA	38	SESI
3	ACTA	15	CCT	27	FUCABEAM	39	SEST

4	AFCEA	16	CEBI	28	FUMEB	40	Sheik Clube
5	Afroamazon	17	Cia de Balet da Barra	29	Fundação Poceti	41	Tropical Hotel
6	Amazon Fitness	18	Cia Vitória Régia	30	Ideal Club	42	UNATI
7	Amazonas Shopping	19	CUF	31	IGHA	43	UNEGRO
8	AMBCPAM	20	ECAE	32	MOAN	44	Uninorte
9	APAE	21	Escolas de Samba	33	OCNECAB	45	Zonarte
10	APAMAEAM	22	FECANI	34	Orgulho Negro		
11	ASA	23	Feirarte	35	SENAC		
12	ASSIMPA	24	FETAM	36	SENAT		

Tabela 7 - Nomes de Academias, Associações, Escolas e Grupos e Capoeira em atividade ou inativas (inativas grifadas em vermelho) criadas a partir de 1972 no Estado do Amazonas.

1	Academia Tiger	26	Besouro Mandingueiro	51	Liberdade do Amazonas	76	Senzala Negra
2	Afro Brasil	27	Camangula	52	Luta de Libertação	77	Sol Nascente
3	Ajuricaba	28	Capoeira Brasil	53	Malungo	78	Terra Brasil
4	Aliança Criança	29	Capoeira na Ginga	54	Manaus Capoeira	79	Terreiro do Amazonas
5	Alma Negra	30	Cativeiro	55	Mar Azul	80	Terreiro do Brasil
6	Amantes da Liberdade	31	CETEC Malícia	56	Marabaiano	81	Toque de São Bento
7	Angola Palmares	32	Cordão de Ouro	57	Matumbé	82	Ubuntus
8	Amazônico	33	Cultura Brasileira	58	Meu Maior É Deus	83	União Capoeira
9	Arte baiana	34	Dendê Maruô	59	Miscigenação	84	União do Amazonas
10	Arte e Luta	35	Muzenza	60	Mistura de Raças	85	Unidos de Nagô
11	Arte Negra	36	Discípulos	61	São Bento Grande	86	Vadiação
12	Arte Negra Nova Geração	37	FICA	62	Nagô	87	Vila da Barra
13	Arte Regional	38	Filhos de Oxalá	63	Negros do Amazonas	88	Voo da Iúna
14	Arte Revelação	39	Filhos do Sol	64	Orixás do Amazonas	89	Zambi
15	Asas da Liberdade	40	Ganga Zumba	65	Oxumaré	90	Zumbi dos Palmares
16	Ave Branca	41	Ginga Amazonas	66	Pau Brasil		
17	Axé Brasil	42	Ginga de Ouro	67	Pele Negra		
18	Axé Mani *	43	Ginga Nativa	68	Pica-Pau		
19	Bacutegê	44	Gingado Capoeira	69	Porto de Minas		
20	Bantos de Angola	45	Guerreiros	70	Quilombo		
21	Berimbau	46	Guerreiros da Floresta	71	Raiz de Angola		
22	Berimbau de Coari	47	Guerreiros dos Palmares	72	Raízes Livres		
23	Berimbau dos Palmares	48	Incendeia Capoeira	73	Resgate Gospel		
24	Besouro	49	Legião Brasileira	74	Sementes do Amanhã		
25	Besouro Capoeira	50	Liberdade	75	Senzala		





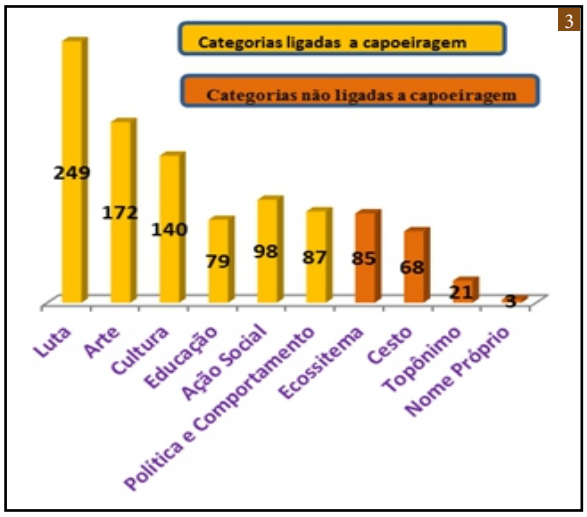


Gráfico 1 - Número de notícias por jornal amazonense diretamente relacionada com a palavra capoeira entre os anos de 1850 a 1999. Total de jornais consultados = 27; Total de jornais com notícias com a palavra capoeira = 25; Total do número de notícias com a palavra capoeira= 1002 (conforme Bonates 2018).

Gráfico 2 - Número de notícias diretamente ou indiretamente relacionado com a palavra capoeira entre 1850 a 1999 nos jornais amazonenses. Total de jornais consultados = 27; Total de jornais com notícias com a palavra capoeira =25;Total de notícias = 1352 (conforme Bonates, 2018).

Gráfico 3 - Número de notícias diretamente relacionadas com a palavra capoeira entre 1850 a 1999. As notícias estão separadas em 10 categorias, sendo seis ligadas a capoeiragem e quatro ligadas a outros significados da palavra capoeira. Total de jornais amazonenses consultados = 27; Total de jornais com notícias com a palavra capoeira = 25; Total de notícias = 1002; Categorias Analisadas 10 (conforme Bonates, 2018).

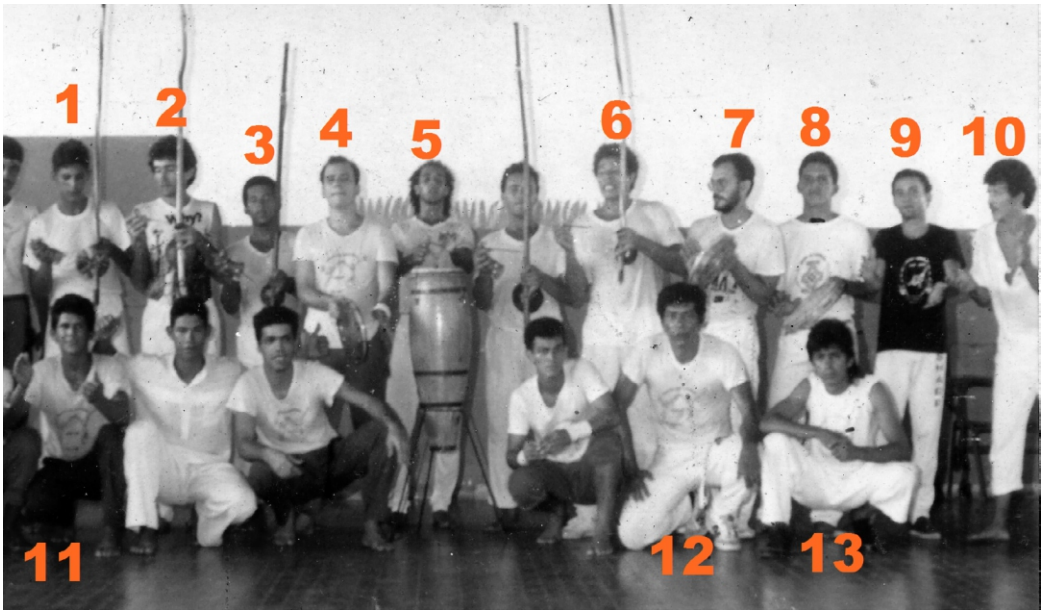


Figura 53: Manaus, 1987: 1) Assis; 2) Eliberto Louva-a-Deus; 3) B1; 4) Domingos Careca; 5) Joãozinho da Figueira; 6) Vermelho Boxel; 7) KK Bonate; 8) Celanio; 9) Chaguinha; 10) Chico Viola; 11) Pica-Pau; 12) Índio; 13) Espiga.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



ANCESTRALIDADE:

Ato de Lembrança e Gratidão.



Do Baobá não se colhe somente frutos, mas, também histórias.

Ferreira (2000) alerta que os opostos unem-se pela necessidade que impõe a natureza de cada um: ligam-se pela mesma diferença que os separa, como o passado se liga ao presente. Só se pode lembrar o que, em dado momento, havia sido esquecido; só se pode esquecer o que, de algum modo, já estivera na lembrança.

Também o que já foi, assim o é, por já ter sido um dia, e, o que é agora, só podendo dar-se no tempo ínfimo de um instante, inevitavelmente, deixará de ser, passará. O que, na essência, impõe a natureza e os limites de cada um, é também o que impõe a dependência de um ao outro. A lembrança e o esquecimento obedecem às mesmas regras pelas quais se determina a presença ou ausência de cada ser, no tenso equilíbrio que deve reinar entre os opostos. Lembrar é fazer aparecer, tornar presente, e, assim, dar à visão o que o esquecimento tornará invisível. A lembrança ilumina tanto quanto o esquecimento ensombrece, mas, enfim, não pode haver luz sem sombra. Fonte de todo saber, a memória é o lugar do presente eterno: tudo nela é agora, não foi e nem será.

Nas sociedades ágrafas (as que não conhecem a escrita), o conhecimento e a memória são recebidos e transmitidos oralmente (oralidade) sendo o corpo o portador e receptáculo da cultura. A memória auditiva e visual são os únicos recursos das culturas orais para o armazenamento e a transmissão do conhecimento às futuras gerações.

Essas culturas consideram os anciãos como sábios, pelo conhecimento acumulado. Mesmo com toda a tecnologia de comunicação criada pela modernidade, os estudiosos contemporâneos concordam com a influência da oralidade na estrutura do pensamento das sociedades letradas ainda hoje.

A capoeira, herdeira de tradições de culturas orais, possui fortes vínculos com a sua ancestralidade, com os seus criadores e perpetuadores, pois a conexão com o passado existe independente da nossa vontade. Cada um de nós é o resultado de milhares de acontecimentos e de milhares de pessoas que nasceram e morreram antes e que agora estão incorporadas em nossas células. Toda a história está em nossos genes e na nossa cultura. É necessário perdoar nossos antepassados por possíveis erros e honrá-los pelos acertos e celebrá-los por permitirem que estejamos aqui.

Na tabela 8 listam-se alguns capoeiras que atuaram em Manaus no período de 1899 a 1970. Estes

capoeiras habitavam a zona obscura e esquecida pela história glamorosa da *belle époque* manauara - a cidade dos migrantes - a cidade dos pobres espoliados, dos desvalidos da sorte, da insatisfação, do subemprego, do descaso político, da busca do lazer e do prazer nas ruas e nos folguedos populares, lugares onde o suor, o riso, o despeito, a paixão, a alegria, a tristeza, o cio, a luxúria, a raiva fria se misturam, com o álcool, com o ferro frio e com o sangue derramado.

É bem verdade, que o super-homem não é um privilégio exclusivo dos americanos. Há um super-homem em cada canto. Em cada cultura ele se manifesta por meio do vigoroso desejo de cada ser humano de coragem, que é o desejo e a vontade de extrapolar. Cada pessoa da citada lista, a sua maneira, extrapolou, desacatando, às vezes, os bons costumes sejam por medo, coragem ou rebeldia.

Também chegará o momento em que o trabalho, o esforço, vontade e a coragem de extrapolar das gerações que implantaram no Amazonas a capoeira baiana, a capoeira com berimbau, se perderá na poeira do tempo.

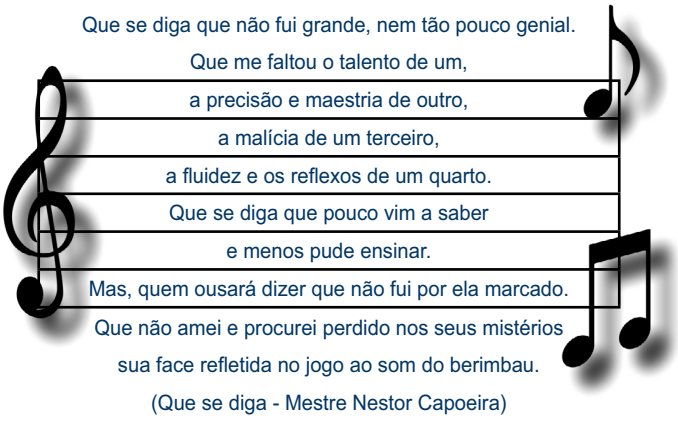
Tabela 8 - Nomes ou apelidos de alguns capoeiras que atuaram no Amazonas no período de 1899 a 1970.

1	Abel Magalhães	18	Higino Guerreiro	35	Paixão
2	Alídio Bonates (Bob Stélio)	19	Joanna Homem	36	Patativa
3	André	20	João Marcolino da Silva	37	Rafael Alves França (Cobrinha Verde)
4	Antônio Marques Vasconcelos	21	João Oliveira Freitas (João Mará)	38	Raimundo Baima
5	Augusto Ricardo Guimarães	22	José Alves	39	Rodrigues Ferreira
6	Bozambo	23	José Duarte	40	Rosalina Cordeiro
7	Cabeleira	24	José Feitosa	41	Saci Brasil
8	Caveirinha	25	José Japonês	42	Septiba
9	Cara Feia	26	José Lira (Patera Negra)	43	Sucuri
10	Casquinha	27	Josepha Maria da Conceição	44	Sucupira
11	Chico Nunes (Reza Forte)	28	Júlia Augusta dos Santos	45	Surimã
12	Francisco Antônio de Souza	29	Juvenal Barcelos	46	Tamborete
13	Francisco da Silva	30	Luiz Mapinguarí	47	Valdemar Oliveira (Cavalo do Cão)
14	Francisco Martins de Souza	31	Manoel Bezerra	48	Zé Burana
15	Francisco Paiva (O Marrueira)	32	Oto Pacheco de Araújo (Otinha)	49	Zé Maria do Chapéu
16	Francisco Tupinambá	33	Pintado		
17	Hermenegildo de Campos	34	Prata Preta		




JOGOS
UNIVERSITARIOS
do
AMAZONAS

OS MESTRES PIONEIROS



Mestre Pastinha ensinava que, "o mestre reserva segredos, mas não nega explicações" (ABIB, 2000). O mestre é o elo da ancestralidade com o momento presente. O mestre é aquele que protagoniza e permite a transmissão dos saberes dos ancestrais e que estes sejam dignificados na memória coletiva. É na memória que se encontra os esteios do comportamento social e individual. A oralidade é a principal forma que o mestre transmite a sabedoria ancestral ao grupo. O ritual da roda permite a experiência de relembrar em conjunto.

O Dossiê 12 do IPHAN "Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira" destaca que o jogo não corre o risco de desaparecer, sendo praticado por milhões de pessoas em todo o mundo e estudado por pesquisadores de universidades nacionais e internacionais. No entanto, os mestres encontram brutais dificuldades para manter seu ensinamento, passam por problemas financeiros, falta de espaço para ministrar aulase barreiras para divulgar a arte no exterior, entre tantos outros.

Embora já exista um reconhecimento oficial da importância da capoeira por parte do Estado brasileiro é necessário atentar para a apropriação da capoeira por governos multiculturalistas, que buscam reconhecê-la como parte da diáspora africana e patrimônio próprio. O Brasil, nesse contexto, não seria o local onde a capoeira se desenvolveu, mas ponto de passagem para sua difusão internacional, fato que desconsidera a capoeira como hoje é conhecida, que embora marcada pela influência africana, estabeleceu-se no Brasil, sendo os mestres brasileiros os responsáveis por articular aspectos culturais a uma manifestação que poderia ficar restrita à face marcial. Ao contrário disso, a capoeira é reconhecida por sua riqueza musical e gestual, o que a aproxima também de uma dança especial, reminiscência de jogos de combate de sociedades tradicionais.

MESTRE GATO DE SILVESTRE: O GATO SEMEADOR



> Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;
> Se não houver flores, valeu a sombra das folhas;
> Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.

Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato de Silvestre ou simplesmente Gato recebeu esse apelido pela sua habilidade no jogo e também por ser sobrinho adotivo do grande capoeirista de regional, Onça Tigre. A inclusão do Silvestre em seu nome de guerra é em homenagem ao seu mestre de capoeira, Silvestre Ferreira, que outorgou a Julival do Espírito Santo, o título de Mestre.

Nasceu em Vianópolis - GO em 30/12/1952, filho de Maria Angelina Vieira e Adão do Espírito Santo, sendo, posteriormente, adotado por Francisco Pilomia que era irmão de Onça Tigre. Foi uma criança criada entre o campo e a cidade. Seu primeiro contato com a capoeira se deu em 1961 quando tinha nove anos, por intermédio de seu tio Milton Freire de Carvalho (Onça Tigre) que foi discípulo de Mestre Bimba.

Posteriormente, seu tio Onça Tigre o levou para receber em Brasília, aulas com Cláudio Danadinho, um dos fundadores do Grupo Senzala e aluno de Mestre Arraia que foi aluno de Mestre Pastinha.

Em Goiânia, em 1970, Mestre Gato conviveu com alguns bambas da capoeira de Brasília (Mestres Tabosa, Adilson e Oswaldo) tendo o prazer de ter conhecido o Mestre Bimba quando este morava em Goiânia. Ainda no ano de 1970 iniciou a sua carreira de semeador (como ele gosta de falar), ministrando aulas de capoeira no Clube Cruzeiro do Sul e numa academia de judô. De Goiânia, parte para lecionar em Uberaba, município de Minas Gerais, em seguida, no ano de 1971, parte para o Estado de São Paulo onde ministrou aulas no município de Batatais na Escola Superior de Educação Física e, posteriormente, no clube de elite Cava do Bosque situado na cidade de Ribeirão Preto no interior de São Paulo. Nesta cidade, em uma apresentação de capoeira, tem a oportunidade de conhecer bambas da capoeiragem paulista, tais como: Suassuna, Brasília, Miguel Preto, Gilvan, Joel, Paulo Limão, Paulo Gomes, Ananias, Zé de Freitas, Silvestre, entre outros.

Mestre Silvestre gostou muito da pessoa e da capoeira de Mestre Gato que o convidou para ingressar na sua Associação de Capoeira Vera Cruz situada nos altos do cinema Nilo, Praça da Árvore na capital paulista. Mestre Silvestre Ferreira, era conhecido nas rodas dos bambas da cidade baixa de Salvador-BA, como Ferreirinha. Foi fundador e Mestre da Associação de Capoeira Vera Cruz e teve como mestres Waldemar da Liberdade, Pastinha e Caiçara (Antônio da Conceição Moraes) sendo que este último lhe concedeu a maestria. Na capital paulista, Mestre

Gato lecionou capoeira na Universidade de São Paulo (USP) para alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Comunicação.

Airton Onça, aluno de Mestre Bimba radicado em São Paulo, promove em 1972 um campeonato de capoeira e Mestre Gato torna-se campeão dessa contenda defendendo a Associação de Capoeira Vera Cruz. Ainda em 1972, após a conquista do campeonato, Mestre Gato organiza um grupo de capoeira formado por oito componentes (Juanito Baiano, Dedé e alunos da USP) e viaja para divulgar a capoeira na Bolívia, Colômbia, Peru, Equador e Panamá e em meados de junho de 1972, no auge da Zona Franca, aceita o convite de Nilson Pascoal da Silva, o Nilsão, e vem para o Amazonas objetivando morar em Manaus, conhecer a natureza amazônica e ministrar aulas de capoeira.

Nilsão era amigo de infância e conterrâneo de Mestre Gato, além de campeão brasileiro universitário de Judô. Encaminhou Mestre Gato para ministrar aulas de capoeira na Academia de Judô Samurai que, na época, estava sob a responsabilidade do professor Dorgival Chagas. No entanto, Mestre Gato não logra êxito na sua tentativa de ministrar aulas na referida academia. Em depoimento Mestre Gato informa que a escolha para morar no Amazonas se deu porque o mesmo sempre teve,

> Um fascínio pela Amazônia, pelos índios, pelas tradições e diversidade cultural e pelas plantas medicinais e que a recepção para comigo foi uma e já para capoeira foi outra e que no começo foi tudo muito difícil até que montei a primeira academia de capoeira em Manaus.

Logo depois de sua frustrada tentativa, Metre Gato conheceu Edson Collyer Brás da Silva, o Spartacus, um lutador famoso no Amazonas e filho do professor de artes marciais José Ferreira Brás da Silva. O professor Brás ministrava aulas no Clube Náutico Portugal juntamente com seu filho e este último convidou Mestre Gato para criar uma turma de capoeira no Náutico Portugal, tornando-se o primeiro aluno de Mestre Gato em terras amazonenses.

Em dois de fevereiro de 1973, mestre Gato inaugura a primeira academia totalmente voltada para a prática da capoeira que se tem notícia no Estado do Amazonas, a Zumbi dos Palmares. Assim, estava implantada de forma definitiva a capoeira baiana, a capoeira comandada pelo berimbau e com roda estruturada por ritual.

Em Maio de 1981, Mestre Silvestre Ferreira veio à Manaus para participar como convidado especial do I Encontro de Capoeira do Amazonas que foi promovido pela Academia Zumbi dos Palmares. Neste evento, no dia 17 de Maio, no Ginásio da escola Técnica Federal do Amazonas, Mestre Silvestre consagra o seu discípulo Julival como Mestre de Capoeira oficializando o ato entregando-lhe um diploma de mestre da Associação de Capoeira Vera Cruz. Em 25/6/2011, Mestre Gato é um dos setenta e oito Mestres de Capoeira do Brasil a receber o Prêmio Viva Meu Mestre – versão 2010 pelo Programa Pró-Capoeira do MINC.

Mestre Gato desenvolve um trabalho comunitário com crianças que mescla a capoeira com preservação ambiental no município amazonense de Presidente Figueiredo, cidade em que fixou residência. Mestre Gato está sempre participando ativamente de eventos, onde conta a sua história, sua trajetória pela Capoeira e seus “causos”, que são muitos. Gosta de cantar capoeira e samba de roda com sua voz forte e limpa e de uma alegria contagiante.

Busca repassar aos praticantes à sabedoria da humildade e o amor à natureza e a necessidade de obterem sempre melhor aprendizado para que assim se tornem bons educadores, difundindo a Capoeira como uma ferramenta de cidadania.



Figura 57: Memorial Mestre Gato de Silvestre: Mestre Gato de Silvestre em sua Academia Zumbi dos Palmares no ano 1975: 1) Mauro Lippi; 2) Passista; 3) Ivanildo Baixinho; 4) KK Bonates; 5) Angelo; 6) Secretário; 7) Mestre Gato; 8) Manuel Coice-de-Mula.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 58: Memorial Mestre Gato de Silvestre A) Mestre Gato em 1973; B) Mestre Gato com irmãos: 1) Carlos; 2) Adão; 3) Angela; 4) Mestre Gato; C) Mestre Silvestre Ferreira que reconheceu a maestria de Mestre Gato.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 59: Memorial Mestre Gato de Silvestre: A) Três gerações: 1) Mestre KK Bonates; 2) Mestre Cláudio Danadinho, primeiro mestre de Mestre Gato; 3) Mestre Gato; B) 1) Mestre Gato; 2) Delegado Fernando Lopes, um dos seus alunos pioneiros em Manaus; C) Mestre Gato em 1994 recebendo do Presidente da FAC Mestre Miguel Machado, uma placa de Honra ao Mérito: 1) Miguel Machado; 2) KK Bonates; 3) Mestre Gato.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 60: Memorial Mestre Gato de Silvestre: Cartaz alusivo aos 55 anos de capoeiragem do Mestre Gato.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

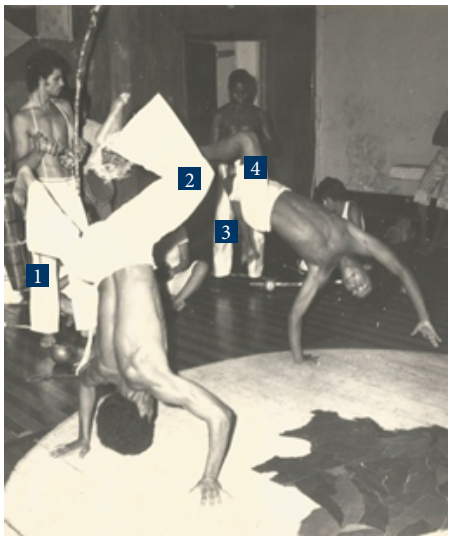


Figura 61: Memorial Mestre Gato de Silvestre: 1) Mestre Gato; 2) Demiro; 3) Sapato; 4) Manoel "Coice de Mula".
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

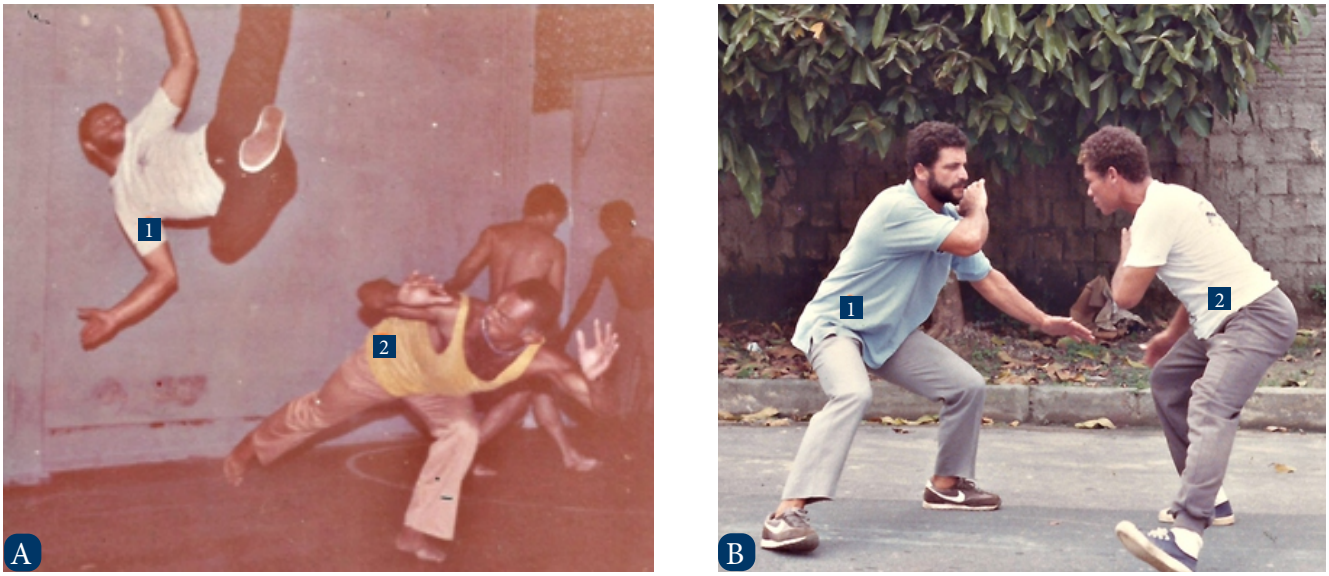
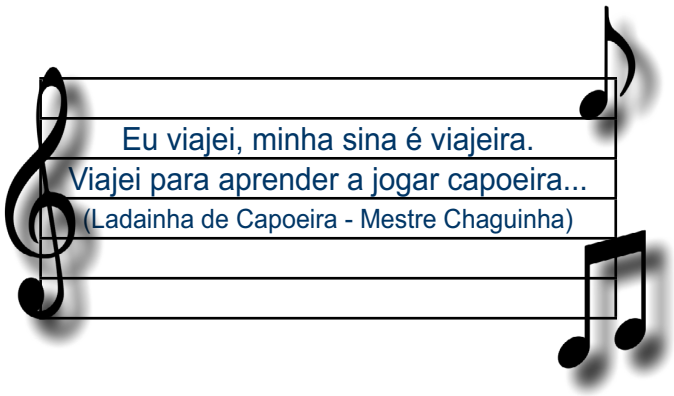


Figura 62: Memorial Mestre Gato de Silvestre: A) 1) Mestre Gato; 2) Bastos Jacibemim; B) 1) Mestre Gato; 2) Mestre Vermelho Boxel.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

MESTRE CHAGUINHA: UMA SINA VIAJEIRA





Edgar Francisco da Chaga, o Mestre Chaguinha, nasceu no dia 29 de Abril de 1952 em Maceió no Estado de Alagoas, filho de Carlos Francisco da Chaga e Amélia Maria da Chaga. Possui formação técnica em Educação Física pela Universidade do Estado do Amazonas, através do Conselho Regional de Educação Física (CREF-AM).

Sua primeira viagem foi no ano 1965, aos 13 anos de idade, para o Rio de Janeiro. Esta viagem foi um pouco forçada, pois Chaguinha meteu-se em confusão numa festa de aniversário em que estava com seus inseparáveis amigos, José Cabral (lutador de vale tudo) e o Lilo que era seu primo e que tinha muita sorte para arranjar encrenca.

Em plena festa, ocorreu uma briga e no meio desta, o pior aconteceu, pois o Lilo deu um tapa na cara de um valentão chamado Severo que estava tentando acabar com a briga. Severo estava acompanhado de um amigo que era conhecido como Pilão, sendo que o pai deste era muito conhecido na cidade pela sua fama de valentão e matador. Por sorte, Severo e Pilão não interferiram porque estavam acompanhados com suas esposas e filhos.

Chaguinha e seus amigos conseguiram fugir da festa sem nenhum arranhão e no dia seguinte os três amigos viajaram de carona para o Rio de Janeiro e lá, Edgar se encontrou com seu irmão, Dorgival Chaga, que era professor de Judô e Jiu-jitsu numa academia de karatê.

Em 1970, por intermédio do seu irmão Dorgival, torna-se secretário de uma academia de artes marciais situada na Rua Toneleiros em Copacabana, ficando responsável por abrir a academia, limpar e fazer as inscrições de alunos.

Foi nessa academia que viu capoeira pela primeira vez através das aulas realizadas pelo Mestre Preguiça (Alan Wandelcok, aluno do Mestre Bimba) do Grupo Senzala, que estava recém-chegado da Bahia. Chaguinha gostou do que viu e passou a treinar os golpes sozinho quando terminava as aulas de capoeira. Seu irmão, percebendo interesse, o levou para treinar com o Mestre Caixote (aluno de Mestre Caiçara da Bahia), que praticava um estilo de capoeira denominado “capoeira parada” e que o treinou por dois anos.

Em 1971, Mestre Chaguinha volta para Maceió onde passa um ano servindo o exército e no começo de 1972, atraído pela Zona Franca, chega à Manaus junto com seu irmão Dorgival para tentar a sorte. Emprega-se nos restaurante Xodó e no Hotel Tropical. Ainda em 1972 conheceu o Bastos, um negro mineiro, capoeirista e faixa marrom de judô e

com este dividiu moradia por um curto tempo, pois o Bastos foi embora de Manaus.

Seu primeiro contato com o Mestre Gato ocorreu numa apresentação de capoeira na Praça do Congresso articulada pelo baiano e apreciador da capoeira, Luiz Carlos Dourado, conhecido como Beleléu. A partir da apresentação inicia seus treinos com o Mestre Gato. Chaguinha também informa que conheceu Ivanildo Correia, o Baixinho, por intermédio de seu irmão Dorgival.

No ano de 1975 fundou juntamente com o Ivanildo Correia, o Grupo Bantus de Angola, cuja sede ficava no barracão da Academia Samurai de Judô. Este barracão ficava situado nos fundos do térreo da Casa dos Estudantes. Em 1986 o nome do grupo passou a se chamar Quilombo, sendo registrado pelo Conselho Regional de Esportes.

O Mestre Chaguinha considerou que o Grupo Quilombo foi um celeiro de grandes capoeiristas nos anos 70 e que nestes 55 anos de história muito contribuiu para o crescimento da arte da capoeira no Estado do Amazonas, realizando grandes eventos culturais e esportivos. Foi, ainda, o pioneiro no ensino da capoeira infantil, em alguns colégios particulares de Manaus.

Mestre Chaguinha obteve reconhecimento de sua maestria pela Confederação Brasileira de Capoeira, na ocasião do Fórum Nacional de Capoeira em Salvador-BA.



Figura 63: Memorial Mestre Chaguinha I ladeado por seus pais: 1) Amélia Maria da Chaga; 2) Mestre Chaguinha; 3) Carlos Francisco da Chaga.
Fonte: Acervo Edgar Chaga.

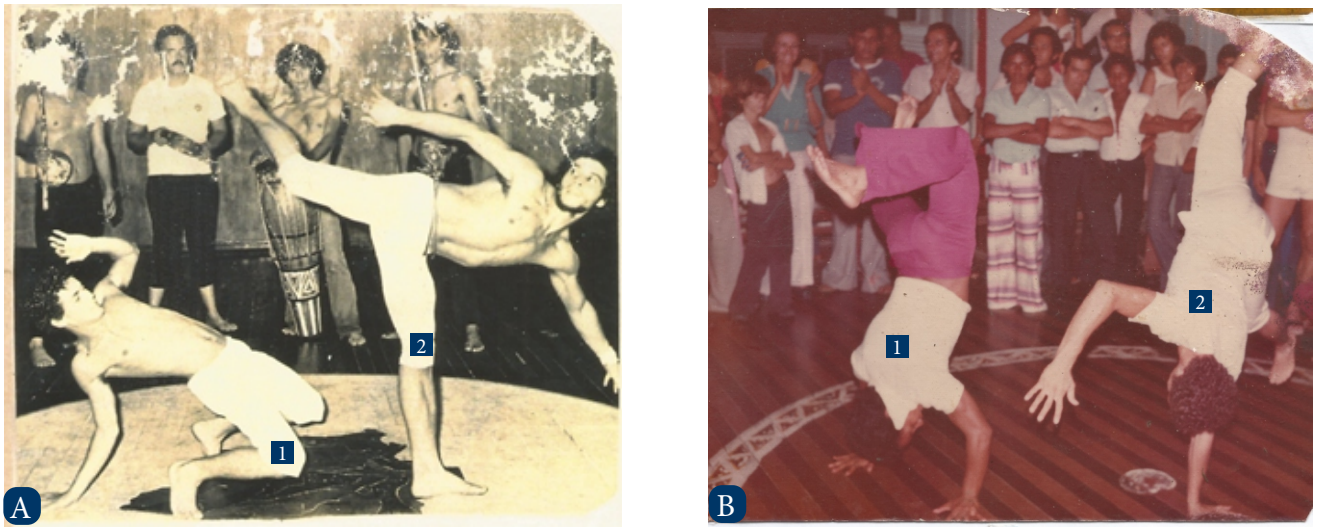


Figura 64: Memorial Mestre Chaguinha II: A) 1) Chaguinha; 2) Mestre Gato de Silvestre na Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares em 1973; B) 1) Ivanildo Baixinho; 2) Mestre Chaguinha jogando no I Torneio Amazonense de Capoeira na sede da Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares em 1975.
Fotos: Acervo Edgar Chaga.



Figura 65: Memorial Mestre Chaguinha II: A) Roda do Grupo Quilombo comandada por Mestre Chaguinha no Ginásio Zezão na zona leste de Manaus; B) Mestre Chaguinha participando do Encontro Internacional de Capoeira do Grupo Capoeira Brasil em 1998.
Fotos: Acervo Edgar Chaga.



Figura 66: Memorial Mestre Chaguinha II: Mestre Chaguinha ministrando aula no Projeto Educando com Ginga.
Fotos: Acervo Edgar Chaga.



Figura 67: Memorial Mestre Chaguinha II: A) Apresentação do Grupo Quilombo na Academia Samurai situada na Rua 24 de Maio com Rua da Instalação; B) Apresentação do Grupo Quilombo em Iranduba: 1) Mestre Chaguinha; 2) Chico Viola; 3) Coló; 4) Índio; 5) Domingos Boquinha; 6) Xexéu.
Fotos: Acervo Edgar Chaga.



Figura 68: Memorial Mestre Chaguinha II: Mestre Chaguinha e alunos do Grupo Quilombo da década de 1980: 1) Joãozinho; 2) Índio; 3) Samuel; 4) Mário Jorge; 5) Eliberto Louva-a-Deus; 6) Pantera; 7) Soldado; 8) Corisco; 9) Branco; 10) Vareta; 11) Espiga; 12) Estélio; 13) Tunel; 14) Camarão; 15) Chaguinha; 16) Galo; 17) Dubé .
Fotos: Acervo Edgar Chaga.

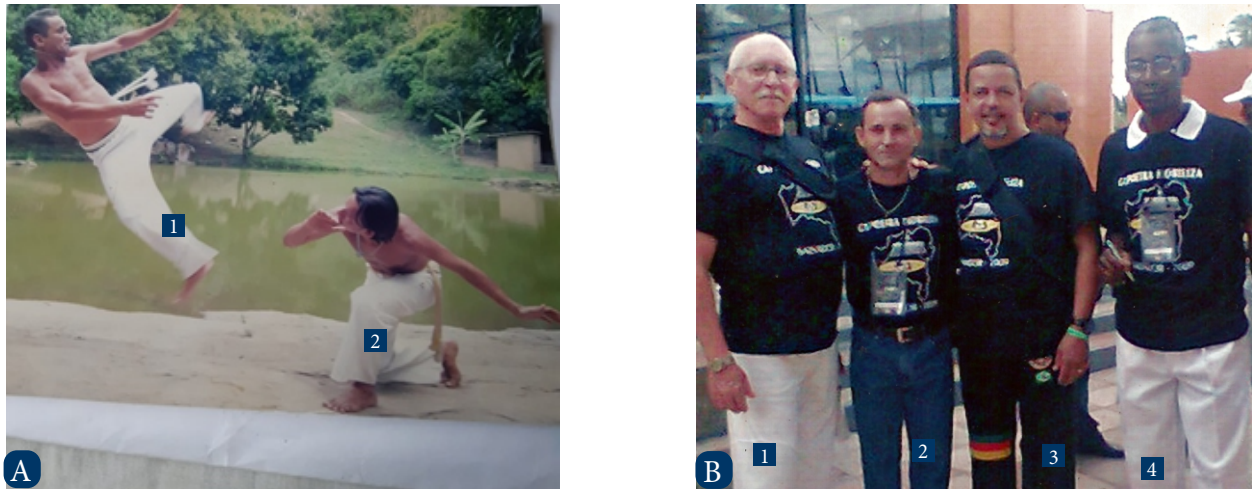


Figura 69: Memorial Mestre Chaguinha II: A) 1) Mestre Chaguinha; 2) Camaleão na Serra da Barriga em 2008; B) Mestres: 1) Travassos; 2) Chaguinha; 3) Antônio Afonso; 4) Levi.
Fotos: Acervo Edgar Chaga.

MESTRE KK BONATES: O MOLEQUE KK



O meu pai se chama Caco,
minha mãe Caco Maria.
Eu sou KK pequeno,
sou filho da cacaria.
Como canto nessa trova,
mas sem caco ninguém tira,
seu delegado, goteira de casa nova.
(Ladainha de Capoeira - Mestre KK Bonates)

Luiz Carlos de Matos Bonates, o Mestre KK Bonates, nasceu em Manaus em 19/10/1958, filho de Aldemar dos Santos Bonates e Louis Herlene de Matos Bonates. Viveu a sua infância no centro da Manaus antiga, brincando sem maiores receios nas ruas, pulando cercas de quintais e banhando-se nos igarapés, pois a cidade não apresentava os perigos atuais.

Nessa época, aprendeu espontânea e naturalmente, alguns movimentos e golpes da capoeira como briga de rua, pois nesse tempo a cultura dos valentões da capoeira ainda exercia forte influência nas ruas das cidades brasileiras. Em 1970, com 12 anos de idade, começa a busca pela prática sistemática de Capoeira, através do livro "Capoeira Sem Mestre" de Lamartine Pereira da Costa.

No final do ano de 1973 torna-se aluno da Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares, do Mestre Gato, e em 1976 começa a ministrar aulas na Zumbi dos Palmares. Em 1977 viaja pela primeira vez em busca de mais conhecimento em capoeira passando por Salvador e outras dezesseis capitais brasileiras. Em 19/06/1979 forma-se como capoeirista com o Mestre Gato, e neste mesmo ano funda a Academia de Capoeira "Alma Negra". Em 09/10/1981 junto com o Tata Inkise Mutalambê de Oxóssi (Wilson Falcão Real) cria o Grupo Folclórico "Alma Negra", ambas entidades funcionando no Clube Princesa Isabel, a Rua Dr. Almino, 185 no centro histórico de Manaus.

Em 1984, com chegada de Mestre Vermelho Boxer (Cecílio de Jesus Calheiros) a Manaus, passa a treinar com esse mestre. Em 19/10/1986, a Academia de Capoeira "Alma Negra" muda sua razão social para Associação de Capoeira "Malungo" com suas aulas iniciais no Conjunto Rio Xingu – Compensa II e posteriormente no C.S.U. do Parque 10 de Novembro.

De 1987 a 1992, em Manaus e Salvador, frequenta treinos esporádicos e oficinas com o Mestre Miguel Preto (Miguel Machado) do Grupo Cativeiro Capoeira e em 1994 integra-se em definitivo a este grupo. Em 8/6/1996 em São Paulo, é diplomado por Mestre Miguel Preto na sua primeira turma de mestres tendo como padrinho de mestrado, o Mestre João Pequeno de Pastinha. No ano 2000, inicia suas viagens internacionais para passar, ganhar e vivenciar mais conhecimento de capoeira. Viajou pela América do Norte e Central, Europa e África e até a presente data, conheceu 14 países e 45 cidades, sempre procurando aprender um pouco mais.

Em 29/3/2009 funda a Escola de Capoeira

Matumbé que ganha sua razão social em setembro de 2011 e oficializa seu Acervo de Capoeira "Terno e Ás" homenageando assim seu grande amigo e mestre da vida Frederico José de Abreu.

Ao longo dos seus 50 anos ininterruptos de capoeirista, ganhou inúmeros amigos e poucos inimigos, treinou e participou de muitas aulas e rodas e conviveu com vários outros mestres de capoeira por este Brasil afora (principalmente em Salvador) e pelo mundo.

Embora goste de uma boa conversa e de se expressar, sempre está atento como um aluno no seu primeiro dia de aula para as situações e enigmas que o universo da capoeira lhe apresenta. A atenção continua firme e forte, mas as conversas hoje em dia, só com uns poucos.

Ao caminhar na longa trilha da capoeiragem foi percebendo a grandeza de seu universo e de sua diversidade. No início de sua jornada, era movido por uma necessidade e uma ânsia de aprender e compreender tudo o que lhe era apresentado de capoeira, mas, o tempo lhe ensinou que o melhor era tentar vivenciar com profundidade o fundamental desta arte para, a partir deste, tentar compreender o máximo que puder do todo.

Assim, passa a estudar com afinco o segmento primordial da capoeira baiana – a capoeira dos afro-baianos, temperada no dendê e preparada no alguidar da velha Bahia. Uma capoeira impregnada de história, de lutas e de religiosidade, porém regada pela desconfiança, pelo sangue, pelo suor e por lágrimas de dor e tristeza, mas também em sorrisos e lágrimas de alegria, de cordialidade, de festas e camaradagem e de doses generosas de gengibirra e mulher barbada.

Em seu depoimento Mestre KK deixou uma mensagem para os seus mestres que aqui é transcrita: "Aos Mestres Gato, Vermelho e Miguel devo até o final dos meus dias o saber, saúde e obrigação, e mesmo que a vida ou a morte nos tenham, por vários motivos, impedido a continuidade do convívio e eu já seja um Mestre de Capoeira, mas, perante os três, sempre serei o discípulo Contramestre, pois tive a oportunidade e a honra de assim o ser de cada um deles".



Figura 70: Memorial Mestre KK Bonates: (A) Mestre KK Bonates (1) aos 4 anos de idade acompanhado de sua genitora Herlene de Matos Bonates (2) e seu irmão Louismar de Matos Bonates (3); (B) Mestre João Pequeno (1); KK Bonates (2); Mestre João Grande (3).
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 71: Memorial Mestre KK Bonates: A) 1) Mestre Gato de Silvestre; 2) Mestre Vermelho Boxel; 3) KK Bonates; B) Ano de 1975: 1) KK Bonates; 2) Antônio Popó; 3) Ivanildo Baixinho; 4) João Patureba; 5) Alídio "Bob Stélio" Bonates; 6) Mestre Chaguinha; C) 1) Mestre Miguel "Preto" Machado; 2) KK Bonates.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 72: Memorial Mestre KK Bonates: A) Roda Feira de Artesanato em 2014: 1) Mestre Augusto "Demolidor" Januário; 2) KK Bonates; B) 1) Historiador e capoeirista Antônio Liberac; 2) KK Bonates; 3) Frederico José de Abreu - "Frede".
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



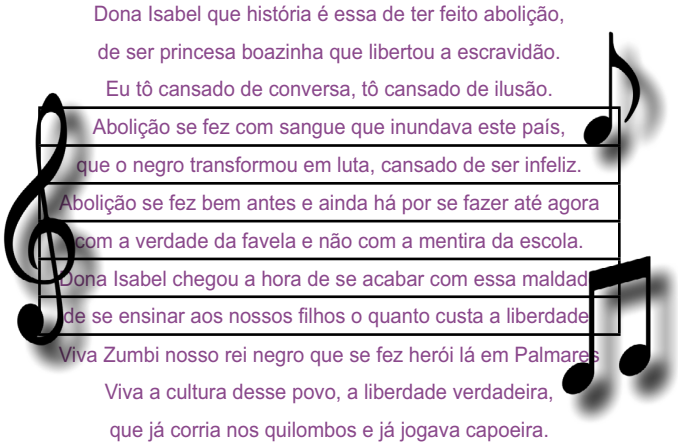
Figura 73: Memorial Mestre KK Bonates: (A) KK Bonates (1); Mestre Djop Corta Capim (2); (B) I Torneio Amazonense de Capoeira em 1975 na Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares - final da categoria Liberto: 1) KK Bonates; 2) Fábio.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 74: Memorial Mestre KK Bonates: Turma do Bimba – Escola de Capoeira Filhos de Bimba – Mestres: 1) Tarzan; 2) Piloto; 3) Sariguê; 4) Boinha; 5) Nenel Machado; 6) KK Bonates; 7) Camisa; 8) Agulhão; 9) Arara; 10) Não identificado; 11) Cafuné; 12) Nalvinha.”Rosa Rubra”.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



NOS RASTROS DOS PASSOS DA HISTÓRIA



Apresenta-se e registra-se aqui um resumido inventário de fatos, acontecimentos e atividades individuais e coletivas da comunidade de capoeira do Estado do Amazonas. Este inventário divide-se em dois períodos que estão relacionadas aos dois principais ciclos econômicos do Amazonas, o da Borracha e o da Zona Franca de Manaus.

Com isso, pode-se notar como a capoeiragem dialogou e ainda dialoga com diversos setores da sociedade, sejam estes entes governamentais das esferas federal, estadual e municipal ou de organizações da esfera civil artísticas, culturais, esportivas, científicas, religiosas, nacionais e internacionais (Tabelas 4 e 5).

Objetiva-se aqui demonstrar a diversidade de atuação e opções (Tabela 6 e Gráficos 1, 2 e 3) que a cultura da capoeira proporciona pela sua polilógica, polissemia e multidisciplinaridade. No mesmo sentido se reforça os argumentos apresentados ao longo deste livro de que a capoeiragem no Amazonas apesar de histórica e institucionalmente invisibilizada pelos aparelhos ideológicos de Estado é, a luz de dados históricos, parcela constituinte, comprovada e inegável, da cultura amazonense há pelo menos 121 anos.

PERÍODO DO CICLO DA BORRACHA (1880 A 1920)

Como descrito anteriormente é provável que a capoeira das maltas já sinalizasse sua presença na região norte do país nas primeiras três décadas do século XIX efetivada, principalmente, pelo degredo e pela marinha mercante e de guerra, destacando-se os marinheiros nacionais da Flotilha do Amazonas e soldados do Exército.

Em Manaus, o registro mais antigo das ações de capoeiras na cidade encontrado até o presente momento são os seguintes:

a) Na Rua Municipal um soldado de um dos Batalhões do Estado provocava os transeuntes com capoeira (Jornal Commercio do Amazonas, 18/06/1899.)

b) Foi preso o indivíduo Manoel Rodrigues da Silva Peixoto, conhecido desordeiro e capoeira (Jornal A Federação, 01/08/1899).

Temos vários registros a partir de 1899 da presença dos capoeiras no cotidiano da *belle époque* manauara. Eis alguns:

1905 – Mensagem do governador do Estado do Amazonas, Antônio Constantino Nery, lida perante o Congresso

dos Representantes por ocasião da abertura da 2ª sessão ordinária da 5ª, em 10 de Julho de 1905 (o governador reclama da presença de capoeiristas no Amazonas enviados pelo governo federal – Anais do Congresso Legislativo do Ano de 1904).

1905 – Pessoal da Arrelia. No Bairro dos Tocos (atual Aparecida) Joanna Homem desafia para uma contenda corporal um chefe de família para mostrar-lhe a força de uma rasteira e a ligeireza de uma cabeçada (Jornal do Commercio n° 368, 26/2/1905).

1905 – Na Rua da Matriz (atual Lobo d´Almada) cantos com a Saldanha Marinho, lá pelas cinco da tarde e em pleno carnaval, dois indivíduos armaram uma desordem em uma capoeiragem macabra que fazia lembrar os tempos do senhor Sampaio Ferraz, no Rio e B. Lima no Recife (Jornal do Commercio 7/2/1905).

1906 – Um Capoeira Caipora. Em torno das dez horas, Benedicto Archanjo, brasileiro, de cor preta, estava a promover desordens no Mercado Municipal sendo preso pelo Cabo Pedro Celestino de Oliveira. No caminho da Chefatura atacou Celestino com duas cabeçadas e uma dentada na mão direita, sendo retribuído com algumas pranchadas de sabre por Celestino que feriu Benedicto levemente na cabeça e na orelha esquerda (Jornal O Amazonas 14/6/1906).

1907 – Gymnasticos perigosos. Em exercícios de verdadeira capoeiragem estavam ontem ciscando Francisco Antônio de Souza, José Alves e José Duarte. No meio da ginástica o delegado do primeiro distrito surpreendeu-os (Jornal do Commercio 7/9/1907).

1909 – Os Façanhudos da Rua. Crônica de Baptista Júnior sobre a contenda dos capoeiristas Casquinha e Maneco (Jornal do Commercio 5/12/1909).

1912 – O bando de desocupados formado por Augusto Ricardo Guimarães, Francisco Martins de Souza, Antônio Marques de Vasconcellos foi recolhido ao xadrez do 2º Distrito como medida de repressão ao desenvolvimento da capoeiragem e por estarem constantemente embriagados e provocando desordens (Jornal do Commercio 8/12/1912).

1912 – Capoeiragem Navalha e Xadrez. Na Avenida Major Gabriel, foi preso pela polícia do 2° Distrito, Manoel Leandro Lima, armado de uma barbeira (navalha) e com vários salamaleques, bamboleando flexuosamente o corpo atacou Francisco das Chagas (Jornal do Commercio 14/3/1912).

1917 – O governador do Estado do Amazonas Pedro Alcântara Bacelar faz saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa do Estado decreta e o governo sanciona a Lei número 920 de 1 de outubro de 1917 que promulga o Código do Processo Penal do Estado do Amazonas. O Capítulo VI - do Processo das Contravenções, reza em nos artigos 251 e 252 o seguinte:

- Art. 251 – Quando o delinquente for condenado como vadio ou capoeira, a sentença obrigá-lo-á assinar termo de ocupação dentro de quinze dias, contados do cumprimento da pena.
- Art. 252 – Se o termo for quebrado, o delinquente será novamente processado na forma do presente Código do Processo Penal.

1917 – Francisco Santos, morador da Rua dos Barés, número 14, estava a fazer cabriolas, sapateando, gingando com ares de bicho velho de capoeira.

1917 – Gebra na Capoeira. No Bairro dos Tocos, o embarcadiço Bibiano Seixas promovia desordens quando o guarda civil Raymundo Torres deu-lhe voz de prisão. Bibiano reagiu e a capoeiragem entrou em cena e por diversas vezes os rabos de arraia deitaram por terra o policial. Após uma série de quedas do mais belo efeito, Bibiano evadiu-se (Jornal do Commercio 20/7/1917).

Com o declínio do Ciclo da Borracha a partir de 1920, as notícias sobre a capoeiragem que ocupavam o noticioso policial até os anos da década de 1930 vão se tornando raras e em vez do noticiário policial, começa a ocupar, embora que de maneira acanhada,

o noticiário esportivo, influenciado pelo aumento de visibilidade da capoeira baiana e a consolidação do esporte como elemento da modernidade no Brasil.

As técnicas da capoeira da "briga de rua" são incorporadas de forma menos contundente por praticantes do pugilato que passam a usá-las nas contendas dos ringues manauaras. Embora presente entre os desportistas, a técnica também continuou nas ruas, manifestando-se nas brigas corporais dos adultos e dos meninos.

O Bairro de Educandos (antigo Alto da Bela Vista), pelo que foi, anteriormente, descrito, era um dos redutos da prática da Capoeira Tiririca, conforme depoimentos prestados na década de 2000 a Rildo Heros, pesquisador da história das artes marciais no Amazonas, pelos senhores Abel Magalhães (1900 a 1998, paraense), Hermenegildo Campos (baiano, médico e filho de escravo alforriado), Francisco Tupinambá e João Oliveira Freitas (João Mará). Esses senhores eram praticantes da Capoeira Tiririca e eram moradores antigos do Bairro do Educandos.

A Capoeira Tiririca está registrada de forma oral ou escrita na história da capoeira nos Estados de São Paulo, Pernambuco e Pará.

PERÍODO DO CICLO DA ZONA FRANCA

(1968 até a atualidade)

Na década 1960 a capoeiragem baiana já era uma referência consolidada de uma capoeira "civilizada" e de símbolo nacional enquanto que a capoeira das maltas estava em pleno ocaso sobrevivendo em raras academias de lutas do Rio de Janeiro ou vivenciada em poucos traços aqui e ali na cultura das ruas brasileiras por valentões e desordeiros.

O processo de aceitação e visibilidade social conquistada pela capoeira baiana está fortemente ligado à busca pelo Estado e de alguns círculos de intelectuais, de símbolos de identidade nacional e ao esporte, este visto como um dos fatores de modernização do Brasil. O entendimento da capoeira como uma cultura afro-brasileira ocorre paralelo e a reboque do processo da capoeira como esporte nacional, mas ganha um maior vigor nos períodos democráticos da república, principalmente no da Nova República.

No Amazonas, a capoeira baiana em seus primeiros anos é mais entendida e vista como um esporte ou luta marcial do que como cultura. Com o passar dos anos, agrega a visão de ser uma cultura afro-brasileira, historicamente, ligada à formação do Brasil, e também, como uma forte ferramenta educacional e de ação social.

OBSERVAÇÃO

O leitor encontrará abaixo listado alguns ítens com datas diferentes e títulos repetidos. A causa disso se dá por dois motivos:
1º - Nos primórdios da implementação da Capoeiragem Baiana no Amazonas pelo Mestre Gato, não havia uma preocupação coletiva em registrar os acontecimentos, ou seja, de se fazer uma coleta organizada de dados visando uma futura história da Capoeira no Amazonas;
2º - A partir da Academia de Capoeira Pioneira, a Zumbi do Palmares, a capoeiragem amazonense foi formando segmentos diferenciados que, algumas vezes, não dialogavam entre si e faziam algumas atividades paralelas com o mesmo título.

a) Esporte:

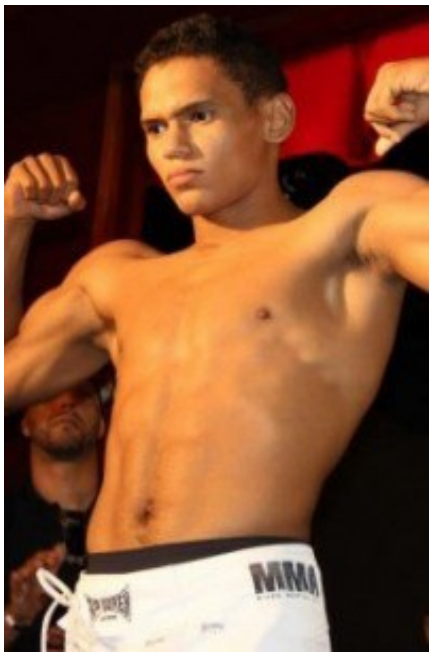


Figura 76: Memorial do Esporte: Herdeson "Capoeira" Batista Sousa, capoeira amazonense do município de Coari, campeão do peso leve do torneio de MMA "Face to Face".



Figura 77: Memorial do Esporte: Dermilson Freitas Brasil, o Contramestre Canário, Bicampeão Brasileiro de Capoeira da CBC.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 78: Memorial do Esporte: José Aldo da Silva Oliveira Júnior, capoeira amazonense
duas vezes campeão do peso-pena do UFC.
Fonte: Wikipédia.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 79: Memorial do Esporte: I Torneio Amazonense de Capoeira no ano 1975: 1) João Patureba; 2) Gabito.
Fotos: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

1975 - I Torneio Amazonense de Capoeira. ACZP. Manaus.

1975 - Abertura do V JEA's no antigo Estádio Vivaldo Lima, hoje Arena da Amazônia.

1976 - II Torneio Amazonense de Capoeira. ACZP. Manaus.

1976 - I Festival Amazonense de Capoeira. ACZP/ SEDUC. Manaus

1977 - II Torneio Amazonense de Capoeira. Ginásio do SESC. Manaus.

1978 - I Campeonato Amazonense de Capoeira Zumbi dos Palmares – ACZP. CSU do Parque 10. Manaus.

1979 - II Torneio de Capoeira Amazonense. Ginásio do SESC. Manaus

1979 - IV Torneio Amazonense de Capoeira. Ginásio do SESC. Manaus.

1981 - Luta do Mestre Gato contra o Rei Zulu. Ginásio Renê Monteiro. Manaus.

1982 - Participação no campeonato nacional da Grande Roda de Capoeira BERIBAZU. Brasília.

1987 - I Taça Amazônica de Capoeira ocorrida dentro do II Festival de Capoeira do Amazonas – Retiro Padre Anchieta, CSU do Parque 10 de Novembro e Praia da Ponta Negra.

1987 - Curso sobre a Prática Esportiva da Capoeira. STA/SEMEC de Manacapuru.

1988 - II Torneio de Capoeira do Amazonas. Quadra do Colégio Militar. Manaus.

1990 - I Torneio de Apresentação de Capoeira. Ginásio do SESC. Manaus.

1991 - Campeonato de Capoeira "Arthur Virgílio Neto". Ginásio do SESC. Manaus.

1993 - XX Jogos Estudantis do Amazonas. VODP. Manaus (1ª inclusão da capoeira).

1994 - I Taça de Capoeira Mestre Gato. CBC/FAC. VODP. Manaus.

1994 - Jogos Escolares Brasileiros (JEBs). MEC/ PNC. Recife-PE. Medalha de Atleta Revelação para Rosicleudo Maciel da Silva. Técnico Miguel Machado

(Mestre Miguel Preto).

1995 - Jogos Brasileiros da Juventude Brasileiros (JBE's). MEC/PNC. João Pessoa-PB. Técnico Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates).

1996 - XI Municipíadas realizadas na quadra Manoel de Souza. PMM. Santa Luzia (participação de todos os CDC's). Manaus.

1996 - I Taça Integração Capoeira de Manaus. FAC. VODP. Manaus.

1997 - Concurso Interno da FAC para selecionar novos instrutores para os CDC's da SEMED conforme resolução do I Seminário Técnico de Capoeira dos CDC's. Manaus.

1998 - Copa Amazonino Mendes de Capoeira. FAC/ LCRMM. VODP. Manaus.

1998 - Apresentação no Concurso de Hipismo "Salta Manaus". Manaus.

1998 - Participação no Campeonato Brasileiro de Capoeira da CBC. Rio de Janeiro.

1999 - Capoeira recepciona o Ministro dos Esportes e Turismo. VODP. Manaus.

1999 - II Copa Amazônica de Capoeira. ICSBG. CSU do Parque 10. Manaus.

2005 - I Campeonato Amazonense de Capoeira. FAC. Ginásio do Zezão. Manaus.

2005 - Participação do Amazonas no Campeonato Brasileiro de Capoeira da CBC em Vitória- ES. Uma medalha de Bronze. Técnico Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha).

2006 - II Campeonato Amazonense de Capoeira. FAC. Faculdade Martha Falcão. Manaus.

2006 - Participação do Amazonas no Campeonato Brasileiro da CBC. Aracaju/SE, com campeonato conquistado por Dermilson Brasil de Freitas (Contramestre Canário). Técnico Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha).

2007 - III Campeonato Amazonense de Capoeira da FAC - Ginásio do SESI. Manaus.

2007 - Dermilson Brasil de Freitas (Contramestre Canário) conduz a Tocha do Panamericanos no Rio de Janeiro.

2008 - IV Campeonato Amazonense de Capoeira- Ginásio Renê Monteiro. Manaus.

2008 - 1º Torneio de Capoeira Menino de Ouro. CCFPPV. Manaus.

2009 - Participação no Campeonato Brasileiro de Capoeira da CBC. Goiânia/GO. Duas medalhas de Prata e uma de Bronze. Técnico Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha).

2010 - V Campeonato Amazonense de Capoeira. FAC. VODP. Manaus.

2010 - O capoeirista amazonense José Aldo da Silva Oliveira Júnior, campeão dos pesos penas do UFC é consagrado como o "Lutador do Ano" pela W.MMA.A.

2010 - Participação no Campeonato Brasileiro de Capoeira da CBC. Goiás-GO. Participação de um único atleta. Uma medalha de Bronze.

2011 - Participação do Amazonas no Campeonato Brasileiro de Capoeira da CBC. Vitória-ES. Bi-Campeonato conquistado por Dermilson Brasil de Freitas (Contramestre Canário). Técnico Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha).

2016 - Herdeson Capoeira do município de Coari tornou-se Campeão nacional do Torneio de WWA "Face to Face". Rio Janeiro.

2017 - Dermilson Brasil de Freitas (Contramestre Canário) conduz a Tocha das Olimpíadas do Rio de Janeiro.

2018 - 13º Campeonato Amazonense de Capoeira. FAC. Manaus.

2018/2019 - I e II Campeonato Aquático de Capoeira. Praia da Ponta Negra. Manaus 2019 – 14° Campeonato Amazonense de Capoeira. FAC. Manaus.

s.d. - 3º Torneio Aberto de Capoeira. CDC Zezão. Manaus.

s.d. - I Encontro de Artes Marciais do Amazonas. Ginásio do Colégio Militar. Manaus.

b) Festivais:

1976 - I Festival de Capoeira do Amazonas. Manaus.

1980 - IV Festival de Música Popular Brasileira do SESI. Bola da SUFRAMA. Música vencedora Rareou Pescado (Música com ritmo e instrumental de capoeira).

1985/até a presente data. Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI). Vários grupos de capoeira participaram em diversas edições.

1987 - II Festival de Capoeira do Amazonas. CSU Parque 10 de Novembro. Manaus. Presença dos mestres João Pequeno e Vermelho Vinte e Sete.

1994 - Festival de Arte e Cultura Amazônica (Encontro Regional de Capoeira) BEA/SEDUC. Manaus.

1995 - Festival de Cultura Amazônica. Manaus.

1995 - 1º Festival Amazonense de Capoeira. Ginásio Poliesportivo do Zezão. Manaus.

1998 - Capoeira integra o enredo do Boi Caprichoso. Festival Folclórico de Parintins.

1999 - Festival Nacional de Capoeira. CIGS. Parque Municipal do Mindú. Manaus.

2001 - Apresentação de capoeira na Marujada do Boi Caprichoso. Manaus.

2001 - I Festival Amazonense de Capoeira. FAC. Vila Olímpica do Dom Pedro. Manaus.

2003 - II Festival Amazonense de Capoeira. FAC. Porto de Manaus.

2004 - I Festival Municipal de Arte-Capoeira "O Umbigo da Liberdade" (Zumbi–Ajuricaba). FAC. Manaus.

2016 - I Festival FAMETRO de Capoeira. 2º Semestre. Manaus.

2017 - II Festival FAMETRO de Capoeira. 1º Semestre. Manaus.

2017 - III Festival FAMETRO de Capoeira. 2º Semestre. Manaus.

s.d - Festival Universitário de Música. UFAM. Diversas apresentações e músicas incluindo a temática da capoeira. Manaus.

c) Projetos Artísticos e Culturais:

1982 - Domingo na Praça. SEMEC/PMM. Manaus.

1988 - Projeto "Manhã Cultural". Praça da Polícia e Rua Marechal Deodoro. SCA. Manaus.

1990 a 1992 - Projeto "UAKTI: Sexta Cultural e Ecológica". ASSINPA/ASPI. Manaus.

1993 - Projeto Caravana do Lazer (prática de capoeira). SEMCLA/PMM. Vários bairros de Manaus.

1994/ atualidade – Projeto Capoeira na Vila Olímpica. VODP. Manaus.

1999 - Projeto "Espaço Cultural Mar Azul". Várias edições. Bairro do Alvorada. Manaus.

1999 - Projeto "Vamos Falar de Capoeira". CAUA. Várias edições. Manaus.

2001 - Projeto "Amakizomba". Manaus.

2002 - Projeto Capoeira em Novo Airão. Novo Airão-AM.

2002 - Projeto Amigos do Meio Ambiente. Novo Airão-AM.

2003 - Projeto Berimbau de Envira. SEBRAE. Envira-AM.

2004/ atualidade. Projeto Educando Com Ginga. Manaus.

2005/2006 - Projeto Integrado de Artes Negras "*Reggae-Point*". Várias edições. Ao Mirante Bar. Manaus.

2006 - Projeto "Capoeira em Barcelos". SEMEC. Barcelos-AM.

2006/atualidade - Projeto EcoCapoeira. Encontro Educacional Ecológico Cultural de Capoeira. Começou com apoio da SEMDIH. Manaus e outros Municípios.

2006/2007 - Projeto Afro de Capoeira. SEDUC. Manaus.

2007 - Projeto Saracá. Município de Silves

2008/atualidade - Projeto Geronto Capoeira. Manaus.

2014 - Participação na programação oficial da Copa do Mundo de 2014.Manaus.

2017/atualidade - Projeto Cultural Ginga Amazonas.

Suporte técnico e cultural de capoeira nos municípios do interior do Amazonas.

2017 - Projeto Ijô Ilê. Danças Afro-Brasileiras. Companhia *Ballet* da Barra. Manaus.

d) Formação e Difusão Cultural da Capoeira:

1975 - Apresentação de capoeira no Ideal Clube. Manaus.

1976 - Apresentação de capoeira no Teatro Amazonas. Manaus.

1981 - I Encontro Amazonense de Capoeira. Auditório "Alberto Rangel". ACZP/ ACVC-SP. Locais BPA e Ginásio da ETFA. Manaus.

1981 - 2ª Semana da Consciência Negra do Amazonas. MOAM/CCT. Manaus.

1984 - I Encontro de Capoeiristas do Amazonas. ACESA/CSU do Parque 10 de Novembro. Manaus.

1984 - I Seminário de Cultura Afro-Brasileira. MOAN. Manaus.

1984 - I Seminário de Cultura Afro-Brasileira. ACAN/ GFAN. Boa Vista. Roraima.

1985 - XIII Aniversário da Implantação da Capoeira no Amazonas. PMM/STA. Manaus.

1985 - Encontro Estadual de Capoeira. CAUA/UFAM. Manaus.

1986 - I Seminário de Umbanda do Estado do Amazonas. Teatro Amazonas. Manaus. Apresentações e palestra sobre capoeira.

1986 - Assembleia de Capoeira organizada e realizada pelo MEC (Projeto Nacional de Capoeira) para a formação da Comissão Estadual de Capoeira. Auditório da ETFA. Manaus.

1987 - 2° Encontro de Artes Marciais do Amazonas. APAMEAM. Ginásio Renê Monteiro. Manaus.

1988 - Lançamento do Sistema de Graduação da ACESA. Ponta Negra/ASA. Manaus.

1988 - FEIRAFRO: Mostra de Cultura Afro-Brasileira do Amazonas. PROCEN. Largo de São Sebastião. Manaus.

1988 - VIII Mostra Estudantil de Artes Cênicas. SEDUC/SCA. Manaus.

1989 - Curso de Capoeira para Comerciários. SESC. Manaus.

1989 - I Painel das Organizações da Comunidade Negra e da Cultura Afro-Brasileira com o tema "Capoeira: Componente Cultural e Organizações".

1990 - Curso de Capoeira no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. SEDUC/SCA. Manaus.

1990 - II Encontro de Capoeira em Manaus. Anfiteatro da Praça da Saudade. Manaus.

1990 - Apresentação de Capoeira no "Dia Internacional da Terra". Bosque da Ciência. INPA/MCT. Manaus.

1991 - Curso de Extensão Universitária: "A Capoeira Como Desporto" UFAM/DELPMM. Manaus.

1991 - I Seminário Sobre a Capoeira e Cultura Negra do Estado do Amazonas. MOAN. Plenário da Câmara Municipal de Manaus.

1991 - VI Semana de Educação Física do Amazonas. UFAM. Manaus.

1991 - Semana Nacional do Meio Ambiente. PMM/ SEDEMA. Manaus.

1993 - I Mostra de Folclore do Bairro Parque X de Novembro. Manaus.

1993 - Oficina de Capoeira para Artistas. Casas da Cultura. SEC. Manaus.

1994 - Lançamento do Grupo Universitário de Capoeira "Ginga Amazonas" – CCCU.

1994 - VIII Encontro de Federações e Associações de Artes Marciais do Estado do Amazonas. APAMEAM. Manaus.

1995 - Caravana do Lazer. SEMCLA. Bairro do Crespo. Manaus.

1995 - Aula-Show para calouros no Campus da UFAM. Manaus.

1995 - Curso: Capoeira na Escola e na Universidade com Vistas a Educação Permanente. UA/UFBA. Manaus.

1995 - Mostra Biblioaudiofonográfica de Capoeira "Nesta História Tem Mandinga" CAUA/UFAM.

Manaus.

1995 - I Encontro de Professores e Mestres de Capoeira. CAUA. Manaus.

1996 - I Seminário Técnico de Capoeira dos Centros de Desenvolvimento Comunitários (CDC's) da Prefeitura Municipal de Manaus. LCRMM e FAC. Manaus.

1996 - VII Encontro de Capoeira de Manaus. CDC de Santa Luzia. Manaus.

1997 - Show Estrada de Fogo. Teatro Amazonas. 15 anos do Grupo Raízes Caboclas. Manaus.

1997 - Inauguração da Praça da Capoeira (Capoeiródromo "Mestre Gato") na orla da Praia da Ponta Negra. PMM/FAC/LCRMM. Manaus.

1998 - Encontro de Cordas. Quinteto Violinata & Trio Remanso. Teatro Amazonas. Manaus.

1998 - I Amostra de Arte-Educação Ambiental. Semana do Meio Ambiente. INPA/ASSINPA.

1999 - Roda de Capoeira Angola & Caravana do Arco-Íris Pela Paz. EATFAM. Manaus.

2001 - I Mostra Cultural de Capoeira da Feira de Artesanato da Eduardo Ribeiro. Manaus.

1999 - Curso de Iniciação a Capoeira Angola. UFAM/ CAUA. Manaus.

2001 - Núcleo de Capoeira no Jardim Botânico Adolpho Ducke. PMM/INPA.

2002 - Campanha "Conheça Seu Quartel". SSP/ PMAM.

2002 - I Encontro Intermunicipal de Capoeira. Novo Airão.

2004 a 2017 - Festa da Iúna. Três edições. Manaus.

2004 - Fórum Cultural Mundial 2004. São Paulo.

2005 - Semana do Orgulho Negro – Novembro Negro. Praça 14 de Janeiro. Manaus.

2005 - Palestra "Identidade Cultural na Capoeira" – II Semana da Consciência Negra – UNINORTE. Manaus.

2005 - Aula Espetáculo A Capoeira. I Encontro de Percussão Popular. SEMED. Manaus.

2005 - Aula Espetáculo "Capoeira de Terno de Linho" – A Arte da Cidade: valorizando a arte local – PMM. Manaus.

2005 - Palestra "Religiosidade na Capoeira" no I Eco Amazonas de Cultos e Culturas Afro. Manaus.

2006 - Encontro Internacional Ecológico de Capoeira (EcoCapoeira). Manaus e vários municípios.

2007 - I Semana Cultural da Escola Estadual Ângelo Ramazzotti. SEDUC. Manaus.

2007 - I Intercâmbio Cultural de Capoeira Manaus-Bruxelas. VODP. Manaus.

2007 - Palestra "Movimento da Arte Capoeira como Manifestação Cultural". Evento A preservação da identidade étnico-cultural brasileira – EESJB. Manaus.

2007 - Mesa redonda Diversidade Cultural e Identidades: a participação e representação das culturas afro e indígena nas políticas culturais de Manaus. SMC. Manaus.

2008 - Seminário Regional de Capoeira. Semana "Viva Zumbi". Manaus.

2010 a 2017 - Mostra de Cultura Popular do Amazonas. SEC/AMBCPAM. Seis edições.

2010 - Caminhada Zumbi pela paz e liberdade religiosa. Quatro edições. Manaus.

2013 - I Congresso Internacional de Pesquisadores de Capoeira. Cachoeira. Bahia.

2013 - Proarte da Diversidade Cultural. Módulo B – Culturas Afrodescendentes Prêmio Mestre Vermelho Boxel. SEC. Manaus.

2016 - Oficina de Capoeira para Bailarinos. Cia Ballet da Barra/ ECM. Manaus.

2016 - I Encontro Norte Capoeira. FAC/IPHAN. Manaus.

2017 - Exposição Temporária "Memória da Capoeiragem no Amazonas I – Mestre KK Bonates". UFAM/Museu Amazônico/ACTA/ECM. Manaus.

2017 - I Seminário da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas. IPHAN/COMESCAM. Teatro Jorge

Bonates. Manaus.

2017 - II Encontro Norte Capoeira. FCA. Rio Branco-AC.

2017 a 2019 - Ginga Amazonas Encontro de Capoeiristas do Alto e Baixo Solimões e Alto Rio Negro.

2018 - II Seminário da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas. IPHAN/COMESCAM. Palacete Provincial situado na praça Heliodoro Balbi. Manaus.

2018 - III Encontro Norte Capoeira. FCR. Boa Vista-RR.

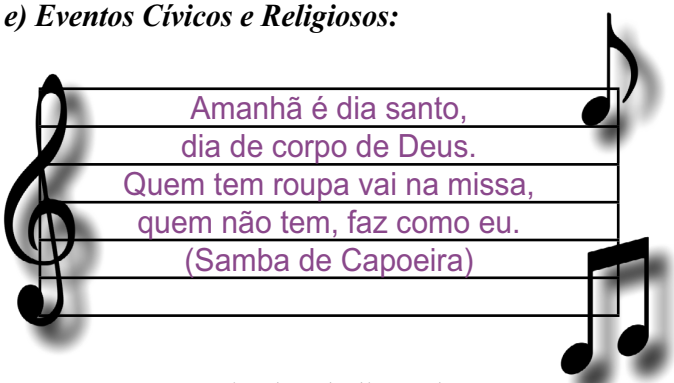
2018 - 5º Encontro Norte e Nordeste de Capoeira. Manaus.

2018 - Colônia de Férias da Vila Olímpica. SEC/SEJEL.VODP. Manaus.

2019 - III Seminário da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas. IPHAN/COMESCAM. Manaus.

s.d. – Capoeira: uma luta pela cidadania. Seminário de Negritude. Tema: Negritude e sua inclusão social. Cáritas/CEBI/UEA. Manaus.

e) Eventos Cívicos e Religiosos:



1984 - I Centenário da Abolição da Escravatura no Amazonas. IGHA. Manaus.

1986 - Participação nos festejos religiosos de 8 de Dezembro (Nossa Senhora da Conceição e do orixá Oxum). FUCABAM. Manaus.

1993 - Desfile Escolar do dia 5 de Setembro. Sambódromo. Manaus. Presença numerosa de capoeiras desfilando.

1994 - 110 anos da Abolição da escravatura no Amazonas. CCN/FAC/SESC. Manaus.

1994 - 229 anos da morte de Zumbi dos Palmares. FAC. Calçadão da Ponta Negra. Manaus.

1994 - Comemoração dos 111 do Bairro da Praça 14 de Janeiro. Manaus.

1996 - Dia Nacional de Luta Contra a Discriminação. Manaus.

1998 - Capoeira no "Concerto da Independência". Manaus.

1999 - Dia Nacional do Índio. Praça do Congresso e da Matriz. Movimentos Sociais. Manaus.

2000 - Movimento "Paz Nunca É Demais". Calçadão da Ponta Negra. Manaus.

2005 - Palestra "Religiosidade na Capoeira" no I Eco Amazonas de Cultos e Culturas Afro. Manaus.

2006 - Canto do Orgulho Negro (Black is Beautiful). Manaus.

2007 - Kizumba: Comemoração do dia 20 de novembro. Avenida Eduardo Ribeiro e Praça do Congresso. UNEGRO. Manaus.

2010 - Caminhada Zumbi pela paz e liberdade religiosa. Quatro edições. Manaus

2012 e 2114 - Gingando na Selva Encontro Cultural da Amazônia. Manaus.

2017 - Palestra no Centro Professor Agenor Ferreira Lima. Dia Nacional da Consciência Negra. Evento "Escravidão no Brasil".

2017 - Balaio de Oxum. Praia da Ponta Negra e Encontro das Águas. Várias edições. Manaus.

f) Artes Cênicas (Dança e Teatro):

1975 e 1981 - Espetáculo "Uma Noite na Bahia". Academia "Zumbi dos Palmares". Manaus.

1981 - Espetáculo "O Som da Cabaça". Teatro da SUFRAMA. Manaus.

1984 - Espetáculo "Viver Bahia". GFAN. Teatro Amazonas. Manaus, Manacapuru e Itacoatiara.

1991 - Espetáculo "Raízes da África". Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Manaus

1991/1992 - Show "Raiz Brasil". A história do Brasil contada através de seu folclore. Teatro Chaminé. Manaus.

1992 - Espetáculo “Deuses Afros e Baianos”. Casa da Cultura. SCA. Manaus.

1993 - Mostra Coletiva de Coreografias. Teatro Chaminé. Manaus.

1993 - Águas de Oxalá. GCC. FECANI. Itacoatiara.

1994 - Xangô e sua Yabás. GCC. FECANI. Itacoatiara.

1994 - Retalhos. Teatro Américo Alvarez. Manaus.

1996 - Espetáculo “A Hora e a Vez do Corpo”. SEC/ Teatro Chaminé. Manaus.

1996 - Conexão Movimento: Abordagens Corporais. Teatro Chaminé. Manaus.

2005/2006 - Espetáculo “Berimba Berimbau”. Cia Ballet da Barra. Teatro Luiz Cabral. Manaus.

2006 - Show 118 anos de Abolição. Dança e música afro-brasileira e capoeira. Negronni Bar. Manaus.

g) Mulheres na Capoeiragem:

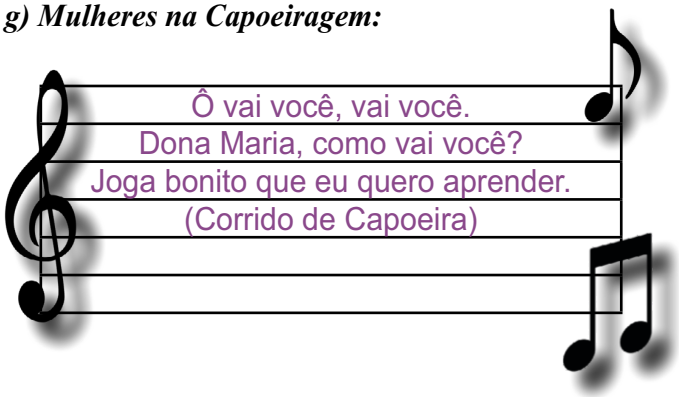




Figura 80: Memorial das Mulheres I: 1) Mestra Mainha, Leonita Oliveira de Souza, em pleno jogo com a capoeira 2) Juliane em uma Roda de Capoeira da Salvaguarda em 2019 no Largo de São Sebastião em Manaus.
Foto: Matheus Cássio Blach.

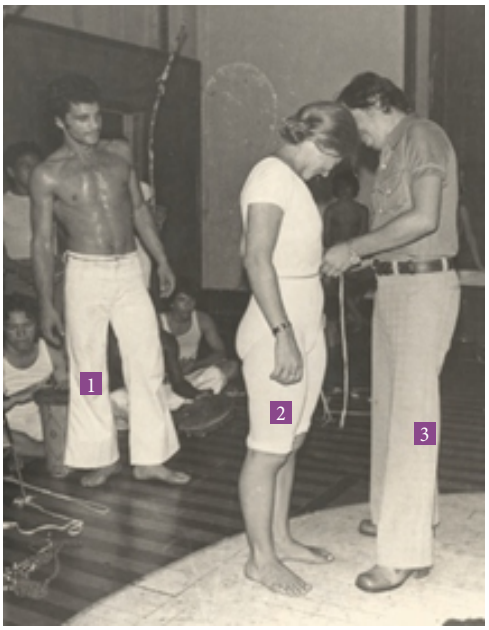


Figura 81: Memorial das Mulheres I: 1) Mestre Gato de Silvestre em festa comemorativa na Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares - 1975; 2) Nanã, aluna pioneira da Zumbi dos Palmares recebendo sua graduação pelas mãos de um dos primeiros alunos de Mestre Gato; 3) delegado Fernando Lopes.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

A Capoeira, assim como os esportes e as lutas de maneira geral, historicamente, sempre esteve associada ao universo masculino por comportar elementos constitutivos de masculinidade, a exemplo do biótipo e das ações de violência física.

As qualidades físicas não eram os únicos motivos pelos quais se justificavam a ausência das mulheres nas práticas corporais esportivas, mas também os valores culturais impostos pelo regime dominante.

Os primeiros e poucos registros da presença de mulheres na capoeiragem aparecem no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Estas mulheres são vistas como contraventoras das várias formas de imposição e subordinação masculina e estavam sempre a mercê de permanentes tensões por quebra do decoro moral na forma imposta para o comportamento de ser mulher. Atuavam em diversas atividades profissionais como ganhadeiras, carregadoras, floristas, pescadoras, domésticas, costureiras, prostitutas, entre tantas outras profissões.



Figura 82: Memorial das Mulheres II: Roda Feminina no Campo do Rouxinol, Cidade Nova em 2019.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 83: Memorial das Mulheres II: 1ª Roda do Movimento Feminino em 2014.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Estas mulheres rebeldes e transgressoras dos "bons costumes" se tornavam socialmente expostas e muitas vezes tiveram que assegurar seu espaço de trabalho com golpes de navalha, cacetadas, cabeçadas, rasteiras e pontapés. Denominadas ou adjetivadas de "mulher macho", "de cabelinho na venta", "valente" ou "da pá virada", eram tidas como perigosas e indignas de ocuparem "espaços de família" e de "gente de bem" e de estarem sobre a proteção e tutela masculina.

Com a passagem da capoeira para as academias, na década de 1930, as mulheres acompanharam os rumos dados à Capoeira. Passaram a prestar serviços administrativos, cuidando da organização dos grupos. Com raras exceções, a mulher era vista quase exclusivamente como uma peça de apoio na estrutura social da prática da capoeiragem.

No entanto, a partir das décadas de 70 e 80, as mulheres passaram a atuar de forma mais ampla e participando ativamente nos jogos de capoeira, marcando presença e se destacando nas rodas, nas academias e grupos, em números cada vez maiores.

Atualmente, as mulheres representam um número bem significante dos praticantes de capoeira, de modo que não podem mais ser ignoradas. Portanto, é necessário incentivar e ampliar cada vez mais, os espaços de atuação feminina na prática e organização dos grupos e academias, podendo ocupar cargos de dirigentes, com graduações de professoras, contramestras e mestras de Capoeira.

Nomes das mulheres pioneiras na prática da capoeira no Estado do Amazonas:

- Na capoeira sem berimbau:

Joanna Homem (1905);
Josepha Maria da Conceição (1906);
Júlia Augusta dos Santos (1906);
Rosalina Cordeiro (1912).

- Na capoeira com berimbau:

Doracelis, Marli e Nanã (alunas do Mestre Gato em 1974).

1992 - I Grande Roda Feminina de Capoeira do Amazonas. SESC e Amazonas Shopping. Manaus.
1997 - Roda de Capoeira em homenagem ao dia 8 de Março (Dia Internacional da Mulher). FAC. Manaus.
1998 - Federação Amazonense de Capoeira homenageia as mulheres. FAC. Manaus.
1999 - Roda de Capoeira em homenagem ao dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher). FAC/LCRMM. Manaus.
2000 - VIII Encontro Feminino de Capoeira. Manaus.
2006/atualidade - Encontro Educacional Ecológico

Cultural Feminino de Capoeira. Manaus.
2014 - I Roda de Capoeira do Movimento Feminino. Doze edições. MFCAM. Manaus.
2016 - I Encontro Menina Que Ginga. SEST SENAT. Manaus.
2016 - I Roda Feminina do Movimento "Simbora Nega de Capoeira Angola". Orla de São Raimundo. Manaus.
2018 - Roda Feminina de Capoeira: Menina vem jogar. Quatro edições. Manaus.
2019 - I Vadeia com as Amazonas. MFCAM. Manaus.

h) De Mamando a Caducando:

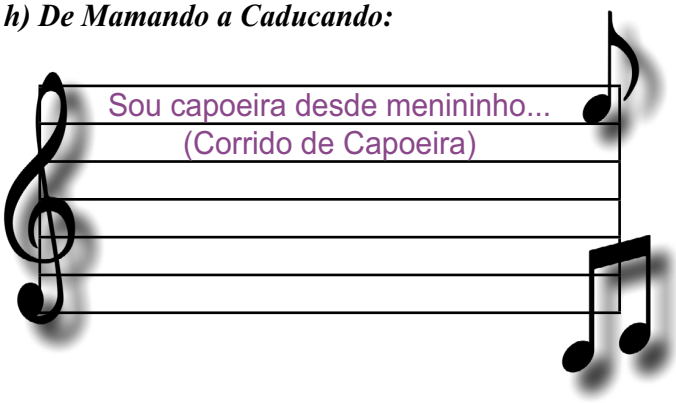




Figura 84: Memorial Mamando a Caducando I: 1) Kauane; 2) Mestre Tiquinho.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Os movimentos de pernas, o gingado do corpo e as acrobacias fazem a capoeira parecer um exercício possível somente para adultos ou adolescentes. Porém cada vez mais as escolas oferecem a capoeira para crianças acima de um ano. No Amazonas também este público vem crescendo a cada ano e as escolas de educação infantil, principalmente, da capital, estão adotando a capoeira em suas grades curriculares.



Figura 85: Memorial Mamando a Caducando I: 1) Cauã; 2) Mestre Camaleão em 2018.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

A capoeira sempre foi vista como prática perigosa e praticada por adultos, onde muitas vezes eram chamados de marginais, vagabundos, vadios e outros adjetivos ruins. Inseri-la nas escolas e ter aceitação de gestores e dos pais não foi fácil, houve muita resistência e até medo que pudesse tornar as crianças mais agressivas. No entanto, percebeu-se que a capoeira ajudou muito no desenvolvimento motor, na atenção, com isso, na aprendizagem de modo geral. Mas, não vamos falar das qualidades da capoeira e, sim, de como ela ganhou seu espaço com os curumins do Amazonas

O Mestre Chaguinha foi juntamente com Mestre Gato os precursores do ensino da capoeira para crianças. Começou ministrando aulas para os pequenos em condomínios em 1994 e percebeu o fascínio que eles tinhas pela arte e que gostavam

bastante e resolveu tentar levar para as escolas. Em 1998, começou sistematicamente a ministrar aulas para os alunos do Centro Educacional Adalberto Valle, trabalho esse que contribuiu para abrir portas para muitos outros capoeiristas ministrarem aulas em outras escolas.

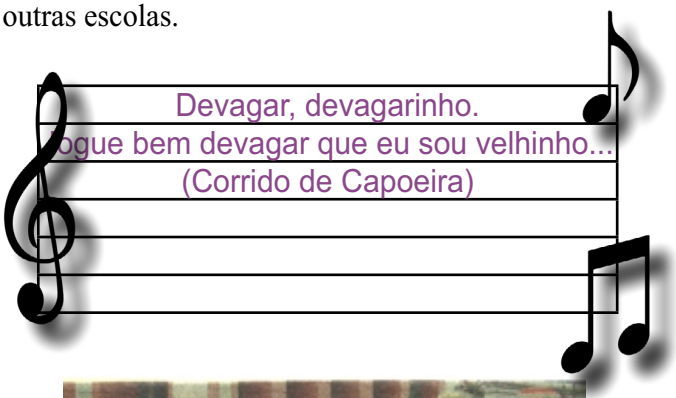




Figura 86: Memorial Mamando a Caducando II: Geronto Capoeira - Apresentação no Largo de São Sebastião.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 87: Memorial Mamando a Caducando II: Trenel Wilson Salsicha e suas alunas da Geronto Capoeira.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

Em 2004, o Mestre Camaleão inicia um projeto voltado exclusivamente para crianças. O trabalho obteve boa aceitação e está sendo desenvolvido, desde então, em algumas das melhores escolas de Manaus. Com metodologia própria, o projeto chamado de Educando com Ginga, já é referência para capoeiristas de outros Estados e chama a atenção de quem dá aulas de capoeira também em outros países.

Assim como as crianças, os idosos aderiram praticar a capoeiragem, a Geronto Capoeira, embora que em número menor de adeptos.

Instituições em Manaus que tem ou tiveram capoeira com o público infantil: Associação Pestalozzi Amazonas; Centro Comunitário São Mateus; Centro Educacional Adalberto Valle unidade I; Centro Educacional Adalberto Valle unidade II; Centro Educacional Dryhelly Barbosa; Centro Espírita União do Vegetal; Centro Social Nossa Senhora da Esperança; Colégio Auxiliadora; Colégio Dom Bosco; Colégio La Salle; Colégio Lato Senso nas 4 unidades; Colégio Marta Falcão; Colégio Objetivo; Colégio Palas Athena; Creche Ana Lopes Pereira; Creche Escola Bebê Bombom; Creche Escola Vida; Creche Morada do Bebê; Escola Especial Maria do Carmo; Escola Estadual Maria Teixeira Góes; Escola Masrour; Escola Municipal Francisca Pergentina; Escola Nilton Lins; Escola Nossa Senhora do Carmo; Escolinha Castelo Dourado; Escolinha Maria Imaculada;Estrela Guia; Instituto Senso Especialle; Lar Francisco de Assis; Núcleo de Desenvolvimento Familiar; Preciosíssimo Sangue; SESI no Clube do Trabalhador.

Principais eventos Infantis e da Melhor Idade.

2004 - Grande Roda Infantil de Capoeira. FAC. Porto de Manaus.

2004 / atualidade - Projeto Educando Com Ginga. Manaus.

2008 / atualidade - Ginga Legal. Manaus.

2008 - Projeto Geronto Capoeira. CCFPPV. Manaus.

2008 a 2014 - Projeto Geronto Capoeira. CCCA.

Manaus.

2009 - Apresentação no 3º Seminário de mobilidade reduzida e acessibilidade. AIEG. Manaus.

2009 - I Encontro Estadual de Geronto Capoeira. CCCFPPV. Manaus.

2009 - Seminário "A melhor Idade". UNATI. Manaus.

2010/ atualidade - Capoeirada: Festival Infantil de Capoeira. Manaus.

2010 - Participação no "Saúde nas Ruas". Manaus.

2010 - Participação nas "Olimpíadas da Terceira Idade". Manaus.

2010 - Apresentação no "COB nas Ruas". COB. Manaus.

2011 a 2015 - Entrega de Certificados para os gerontos capoeiras. Manaus.

OBSERVAÇÃO

O Projeto Geronto Capoeira atendeu 240 idosos e realizou 74 apresentações em diversos tipos de eventos, entre eles, Palestras, Seminários, Universidades, Jornais e Canais de TV.

i) Mídias:

A melhor coisa do mundo
é tocar meu berimbau.
Vou pro Rio de Janeiro, colega véio.
Vô tocar angola pequena
Lá na rádio Nacional.
(Ladainha de Capoeira)

A capoeira é considerada como uma forma de expressão artística e no âmbito amazonense a capoeiragem estabeleceu fortes laços com a comunidade artística, principalmente, com as categorias da música, dança e teatro tendo inúmeras participações ou parcerias com estes setores.

Apesar das inúmeras dificuldades inerentes a produção circulação e fruição de bens e produtos culturais, principalmente os da cultura popular de raiz, a capoeiragem amazonense conseguiu registrar e divulgar através das diversas formas de mídias sentimentos e momentos significativos de sua história, embora de forma ainda incipiente.



Figura 88: Apresentação do Grupo Quilombo na TVE: 1) Newton; 2) Xexéu; 3) Eliberto Louva-a-Deus; 4) Mestre Chaguinha; 5) Mário Jorge; 6) Tigre.
Fonte: Acervo Edgar Chaga.

- Produção ou participação em LPs, CDs e DVDs e relacionamento com o Movimento Musical do Amazonas:

- A Produção ou participação em LPs e CDs é realizada de forma independente pelos capoeiristas ou apoiados por projetos ou movimentos culturais.

LP's:

1994 - Capoeira no JEBs: Cantigas. Programa Nacional de Capoeira. MEC.

1995 - Tributo à Zumbi 300 anos. GCC.

CD's de Música:

- Pela Margem: a arte pela arte, pela vida. Coletânea. MCPM.

- Sem fronteiras: Armando de Paula 50 anos. UAKTI Produção.

- Turma Maneira: Capoeira do Amazonas. Coletânea de cinco mestres de capoeira;

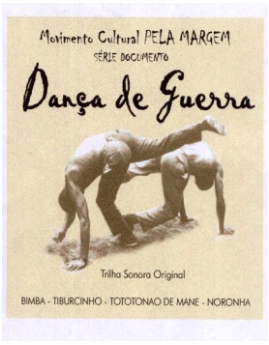
- Sambador Sou Eu: samba de roda e capoeira.

- Dança de Guerra: Trilha sonora original. Documento histórico. MCPM.

- Raiz Afro-Mãe: Mestre Môa do Catendê. Coletânea. AAK.

- Resistência: Escola de Capoeira "Filhos de Bimba". Documento histórico. MCPM/ECFB.

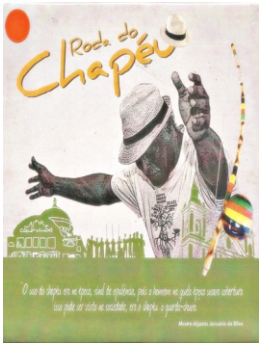


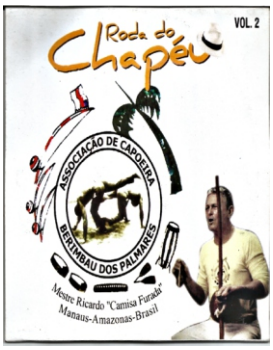




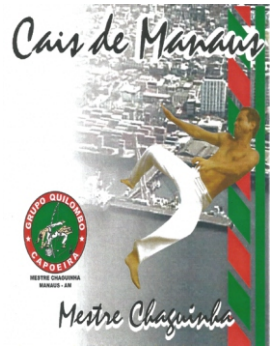














DVDs:

- Por Mares Que Nunca Naveguei. ECM.
- Mestre KK Bonates. ECM.
- Vermelho Boxer: Vida e obra de um mestre de capoeira. ECM.
- Vermelho Boxel: Para o melhor capoeira eu sou o cão. ECM
- Os saberes dos mestres. ECM.
- Capoeira Sem Fronteiras.
- Gingando na história: A capoeira no Amazonas. GQC.
- Traços Históricos da Capoeira no Amazonas (1986-2017). GQC.
- Festa no Quilombo: 36º Batizado de Capoeira. GQC.

Relacionamento com o Movimento Musical do Amazonas - Vários intérpretes e compositores amazonenses a partir de 1980 incluíram em seus repertórios a temática da capoeira como os seguintes: Aníbal Beça, Armando de Paula, Antônio Pereira, Célio Cruz, Cileno Conceição, Felicidade Suzi, Lucinha Cabral, Lúcio Bahia, Mário Jackson, entre outros.

- Grupo Musical "Raízes Caboclas" - Grupo musical amazonense com repertório afro-brasileiro que inclui a temática de capoeira.
- Grupo Cultural "Malungo Dudú" – Grupo musical amazonense com repertório afro-brasileiro que inclui a temática de capoeira.
- Grupo de Samba de Roda "Vozes do Cativeiro" – Grupo amazonense que inclui em seu repertório a temática de capoeira.

1980 - IV Festival de Música Popular Brasileira do SESI. Bola da SUFRAMA. Música vencedora Rareou Pescado (Música com ritmo e instrumental de capoeira).

1985/até a presente data - Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI). Vários grupos de capoeira participaram em diversas edições.

1991 - Show musical Célio Cruz. Teatro Amazonas.

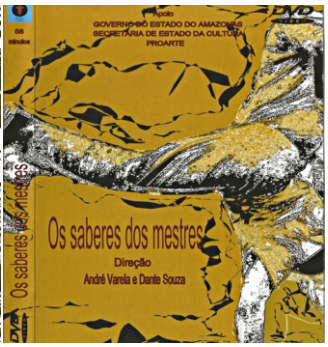
Manaus. Música e jogo de capoeira.

- Festival Universitário de Música. UFAM. Diversas apresentações e músicas incluindo a temática da capoeira.









j) Textos acadêmicos sobre a capoeiragem no Amazonas:

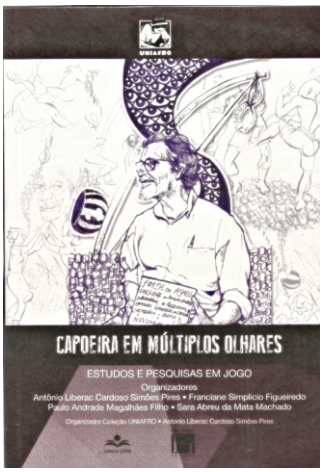
A tarefa da revisitação crítica do passado da sociedade amazonense principalmente a da camada popular e trabalhadora é, em muito, dificultada pela ausência de dados, pois a maioria dos estudos sobre a *belle époque* se preocuparam apenas em evidenciar o progresso material e científico e a grandiosidade arquitetônica obtida pela cidade de Manaus.

A produção de textos acadêmicos sobre a capoeiragem amazonense ainda é tímida por diversos fatores, entretanto, destaca-se que a maioria dos acadêmicos por falta de conhecimento ou por preconceito, considera a capoeira somente como um esporte e não como uma expressão de arte e cultura.

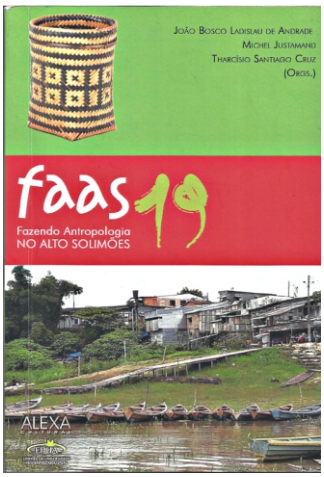
Entretanto, nos últimos 30 anos, os estudos históricos sobre o negro na Amazônia obtiveram mais densidade devido ao aumento dos cursos de graduação, pós-graduação, instituições e núcleos de pesquisa resultando no consequente incremento de historiadores, antropólogos, arqueólogos e afins, contribuindo para a retirada deste manto de invisibilidade.

Em seguida, alguns textos relevantes sobre a capoeiragem amazônica e o seu universo:













1951. NUNES, P. O Sahiré e o Marabaixo.
1971. Salles, V. O Negro no Pará Sob o Regime da Escravidão.
1977. Meira, S. Fronteiras Sangrentas: heróis do Amapá.
1993. Graça, P. O Tango Selvagem
1994. Salles, V. A defesa pessoal do negro: A capoeira no Pará.
1996. Amazonas, C. Memória do Alto da Bela Vista: roteiro sentimental de Educandos.
1997. Bonates, L.C.M. A capoeira na tribo dos manaós.
1999. Bonates, L.C.M. Iúna Mandingueira: a ave símbolo da capoeira.
1999. Pinheiro, L.B.S.P. Falta povo na história de Manaus.
2001. Cabral, R.G. As voltas que o mundo deu: Manifestações da capoeira.
2004. Salles, V. O negro na formação da sociedade paraense.
2005. Bonates, L.C.M. Capoeira: parlare com il corpo.
2005. Chaga, E.F. Gingando na História: Capoeira no Amazonas.
2005. Bonates, S.M. Capoeira: um segmento do turismo cultural.
2006. Bonates, L.C.M. Iúna: L'oiseau mystique de la capoeira.
2007. Bonates, L.C.M. Carnevale: non solo samba.
2008. Leal, L.A.P. A Política da Capoeiragem: História social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906).
2010. Dantas, P. Cenas das Ruas: Ocorrências policiais e cultura popular em Manaus (1916-1917).
2010. Silva, F.B. Acre, a "pátria dos proscritos": prisões e desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910.
2011. Bonates, L.C.M. A Capoeiragem Baré.
2012. Bonates, L.C.M. A Cultura da Capoeira: Do conflito social a uma maneira de ser estar a brasileira.
2012. Silva, R.N. De vilão a herói republicano: Veiga Cabral e a política no Pará.
2012. Caminha, R.F. Quelés.
2016. Bonates, L.C.M. A Capoeiragem no Amazonas (1905 a 1980).
2016. Cruz, T. Capoeira Negros no Amazonas, segredo e ritual: enfoque socioantropológico.
2017. Bonates, L.C.M. A Roda da Feira: um espaço urbano de expressão e manutenção da capoeira tradicional em Manaus-AM.
2017. Cruz, T. A capoeira e as interpretações eugênicas e raciais do século XIX.
2017. Cruz, T. A capoeira no Alto - Solimões: corpo e segredo.
2018. Cruz, T. Arte, luta e fronteira: a capoeira no Alto Solimões.
2018. Cruz, T. Capoeira e musicalidade no Alto Solimões.
2018. Bonates, L.C.M. Visibilidade da palavra capoeira enfatizada como luta nos jornais do Amazonas no período de 1852 a 1999.
2019. Cruz, T. A capoeira em uma dimensão de linguagem e performance.
2019. Barroncas, E. Sons de natureza amazônica na paisagem cultural das margens por objetos estéticos sonoros. PPGSCA - UFAM. Dissertação de mestrado em conclusão.
2019 - Bonates, L.C.M. & Cruz, T.S. A Roda de Capoeira da Feira de Artesanato na Avenida Eduardo Ribeiro como espaço de Capoeira Tradicional Baiana em Manaus.

k) Rodas de Capoeira:

A roda de capoeira é uma das características da capoeira baiana de maior importância. Foi inscrita em 2008, no Livro das Formas de Expressão do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional.

A roda é uma expressão ritual de oralidade que combina música, jogo, luta, dança, simbolismo, memória, ancestralidade, religiosidade e aprendizado.

É o lugar da vadiação e de coletivamente relembrar o passado e celebrar o presente e a vida.

Segundo Augusto Silva (2003), conhecido nas rodas de capoeira angola da Bahia com Augusto Demolidor, a capoeira não é uma religião e muito menos faz parte de uma cerimônia religiosa, porém, possui sua própria religiosidade a qual se caracteriza pelos aspectos místicos, muito marcante em seus rituais. O duplo sentido do profano e do sagrado na roda de capoeira contamina todos os elementos do sistema cultural da capoeiragem.

Assim, a roda de capoeira é o melhor ambiente para que o capoeirista expresse suas liberdades de ser e estar pela ginga, dança, golpes, trejeitos e maneios. O corpo se expressa na confluência de planos complementares – sagrado e profano, artístico e cotidiano, mito e rito, fundindo o sensível e o inteligível - orar e brincar com o corpo, jogar com a alma.

O jogo de capoeira tradicional baiana objetiva a simulação de uma luta desenvolvida por dois parceiros a partir de um processo corporal dinâmico, coreográfico, ritualístico e viril, caracterizado pela associação de movimentos executados em sintonia com o ritmo regido pelo toque do berimbau, onde são demonstradas intenções de ataques, contra-ataques defesas e negaças (esquivas) relacionadas ao parceiro num diálogo corporal de perguntas e respostas, ao mesmo tempo em que os jogadores exibem habilidades e autoconfiança.

Os grupos e escolas de capoeira possuem suas rodas tradicionais feitas em algum dia fixo na semana ou no mês. Dependendo do estilo e da linhagem do mestre, essas rodas podem apresentar diferenças no seu ritual, que podem ser mais rigorosos e detalhados que outros. Algumas casas celebram-nas por décadas, mas a roda de capoeira na rua possui maior grau de liberdade ritualística.

A roda na rua geralmente é realizada num final de semana pelo motivo que nos dias úteis os capoeiristas estão trabalhando ou estudando. A roda na rua também serve de ponto de encontro de capoeiras de escolas e estilos diferentes para uma boa conversa e um bom samba de roda.

A partir de 1972, principalmente no centro da cidade, tanto no de Manaus quanto nos do interior, as rodas de capoeira na rua passaram a fazer parte do cotidiano urbano dos fins de semana. Com o passar do tempo se espalharam pelas praças, bairros, feiras e balneários.

Nas décadas de 70 e 80, em plena ditadura militar, dependendo da ocasião e do local, para fazer a roda na rua tinha-se que ter autorização escrita da polícia ou de outro órgão público e se a mesma era feita em alguma praça em frente a uma igreja, autorização do pároco. Também existiam ocasiões que alguns policiais que faziam a ronda ostensiva, por puro preconceito, interrompiam ou proibiam a roda alegando motivos estapafúrdios.

Em uma das reportagens sobre o II Campeonato de Capoeira no Amazonas promovido pela academia Samurai e realizado em abril de 1997, um dos idealizadores do evento, o capoeira Ivanildo da Silva Corrêa (1997) faz o seguinte depoimento:

> Gostaria de poder apresentar ao público a verdadeira capoeira, mas infelizmente em Manaus o policiamento não permite que se faça rodas de capoeira em ambiente livre, onde o público possa observar de perto. Várias vezes já tentamos fazer apresentações nos banhos, como por exemplo na Ponta Negra, e a polícia chega na hora e acaba com as nossa apresentações.

A seguir uma lista das rodas mais tradicionais indicando o período em que elas ocorreram, observando-se que algumas delas tiveram uma curta duração.

- Década de 1970 e início de 80 – Rodas da Praça da Matriz em frente ao Banco do Brasil, na Praça

em Frente ao quartel do 1º BIS. A roda na Praia da Ponta Negra, embora muito sazonal e realizada em diversos pontos da praia ocorre a partir de dos anos 70 até a atualidade. A roda do mercado Adolpho Lisboa também é sazonal e também ocorre a partir dos 70 até a atualidade.



Figura 89: Memorial Roda de Capoeira: Roda dominical de capoeira realizada em 1978 em frente ao Banco do Brasil no Largo da Matriz: 1) Favela; 2) Alemão; 3) KK Bonates; 4) Adilson Bahia; 5) Antônio Negativa.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 90: Memorial Roda de Capoeira: Participantes da Roda da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas no Mercado Municipal Adolpho Lisboa.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

- Década de 1980 – Rodas na Praça em frente ao quartel do CIGS, no Calçadão da Zona Franca (esquina das Ruas Marechal Deodoro com Floriano Peixoto), na esquina das Ruas José Clemente com Eduardo Ribeiro, na esquina das Ruas Saldanha Marinho com Barroso e na esquina da Avenida Eduardo Ribeiro com Henrique Martins assim como, na Praça da Polícia. Roda da Feira do São José II (1984 a 2005).
- Década de 1990 – Largo do Bairro da Glória, Roda, Roda do Relógio Municipal, Praça do Dom Pedro I (1992 a 2010) e Praça da Saudade.
- Década de 2000 até 2019 - Roda da Feira de Artesanato da Eduardo Ribeiro (Tabela 9), Roda da Rotatória da Feira do Produtor, Roda no Espaço Mestre Vermelho Boxel no Centro Cultural dos Povos da Amazônia e a Roda do Chapéu. A seguir, algumas rodas sazonais que marcaram época em Manaus:



Figura 91: Memorial Roda de Capoeira: Roda dominical de capoeira realizada na Feira de Artesanato da Eduardo Ribeiro; 1) Simba; 2) Miller Senzala; 3) Jane Violinha; 4) Kazumbá; 5) Fera Curintima; 6) Chico Bento; 7) Ricardo Camisa Furada; 8) KK Bonates; 9) Hermínio Castro; 10) Leão; 11) Cléia Alves; 12) Harley; 13) Vai-e-Vem.
Fonte: Acervo Edgar Chagas / Acervo Terno e Ás (Frede Abreu.)



Figura 92: Memorial Roda de Capoeira: Roda no Capoeiródromo Mestre Gato na Praia da Ponta Negra.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

- Roda no Largo de São Sebastião, em frente ao Teatro Amazonas com a participação de capoeiristas de renome da Bahia e Rio de Janeiro que integravam o Grupo Folclórico Brasil Tropical, destacando-se Jelon, Nagô, Camiseta e Camisa Roxa. Em dezembro de 1981.

1984 - Participação continuada com Rodas de

Capoeira nas Campanhas “Diretas Já” e “Quero Votar Pra Presidente”. Campus da UFAM / Praças da Matriz, Saudade e Congresso. Manaus.

1990 - I Grande Roda de Capoeira do Amazonas (participação de 11 grupos de capoeira). SESC. Manaus.

1991 - Roda em Defesa Da Universidade Pública e Gratuita. ADUA/ASSUA. Praça da Matriz. Manaus.

1998 - Rodão de Capoeira de Solidariedade S.O.S. Nordeste. LCRMM. Praça da Matriz. Manaus.

1999 - Rodas de Capoeira na Campanha “O Brasil que a gente quer”. Movimentos Sociais. Manaus.

2001 - Rodas de Capoeira na Campanha “Capoeira no Sangue”. HEMOAM. Manaus.

2019 - Rodas de Capoeira na Campanha Gingando e Doando: Doe sangue, Salve vidas Manaus.

2019 - Roda da Salvaguarda promovida pelo Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas. Acontece uma vez por mês e de forma itinerante por logradouros históricos, turísticos e populares de Manaus.

Tabela 9 - Lista com alcunhas de alguns capoeiras do Amazonas ou visitantes que são frequentes na Roda de Capoeira da Feira de Artesanato da Eduardo Ribeiro realizada aos domingos no Centro Histórico de Manaus – AM no período de 2000 a 2019. (Modificada de Bonates, 2017).

Abner	Cento e Vinte	Hiene	Murupi	Rogério Psicólogo
Albana Arisca	Chaguinhas	Invertebrado	Ney Valente	Roxinha
Amarelinho	Cheiroso	Ivo	Nixon	Salsicha
Átila	Chicão Psicólogo	Jadaías	Noventa e Nove	Saturnino
Augusto	Chico Bento	Jana	Oiaguêre	Sérgio Macaco
Demolidor	Chocolate	Janaína	Padre	Simba
B1	Cigano	Jane Violinha	Paiakan	Simpson
Bahia	Clara	Jô	Pantere Angoleiro	Soberano
Baiazinho	Cléia Bailarina	João da Figueira	Pantera Hippie	Sonic
Barrote	Cleide	Japonês Carteiro	Pantera Legião	Spider
Batata	Da Bahia	Juliana	Papa Léguas	Sumuruí
Belmont	Djop Corta Capim	Kazumbá	Paulinha Peteca	Tango Montanha
Betty Libras	Duende	KK Bonates	Paulo Amizade	Teco Cobra Coral
Bigú	Dureza	Lampião	Peninha	Teimosia
Bom Cabelo	Louva-a-Deus	Leão do Cativeiro	Pequeno	Teotônio
Botinho	Espeto	Léo Baiano	Pequeno Mestre	Tigre
Branca	Everest	Luana	Petróleo	Tintim
Brasa	Falcão Cativeiro	Malagueta	Pimentinha	Titanic
Cabecinha	Falcão Prosamim	Mandinga	Pink I	Urtiga
Cabeludo	Fantasma	Mila Mandingueira	Pink II	Vai-e-vem
Cachorrão	Fera	Mão de Ferro	Pirarara	Van Dame
Camaleão	Ferro Velho	Marabá	Plínio Garoa	Vandeco
Camarão	Flávio Negão	Maria das Dores	Popeye	Verga Velha
Cativeiro	Felipe Fofinho	Matão	Prateado	Vermelho Boxer
Camisa Furada	Gato	Meia Noite	Renato Calango	Walter
Canário	Gato de Piracicaba	Miguel do Gandhi	Rio Grande	Xarada
Capacete Baraúna	Graveto Velho	Miguel Preto	Rio Negro	Zequinha
Cara de Onça	Harley	Miller Senzala	Risada	Zumbi
Cérebro	Helena da França	Moa do Katendê	Risadinha	
Carrapeta	Hermínio Castro	Muralha		



Figura 93: Memorial Carnaval I: Grupo Quilombo no carnaval da Avenida Eduardo Ribeiro no ano de 1977: 1) Mestre Chaguinha; 2) Chico Viola; 3) Coló.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu)

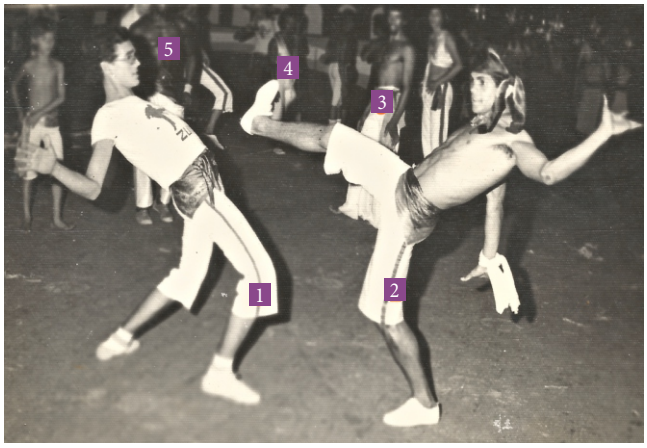


Figura 94: Memorial Carnaval II: Grupo Unidos de Nagô na Batucada Samurai; - 1) KK Bonates; 2)Passista; 3) Demiro; 4) Ivanildo Baixinho; 5) Goiâno.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).

A capoeiragem sempre manteve estreita relação com os festejos carnavalescos já nos primórdios do **entrudo** no Brasil. As agremiações carnavalescas em seus desfiles tinham por tradição colocar o melhor capoeirista para proteger o estandarte da agremiação do assalto ou destruição por membros de outro bloco, cordão ou escola.

Assim, o capoeirista escolhido ficava volteando a cabrocha que carregava o estandarte com firulas e passos de capoeira apoiado em sua retaguarda por uma ala de capoeiristas. Com o passar do tempo os desfiles foram organizados e da situação descrita resultou na criação da atual dupla mestre sala e porta-bandeira.

Em Manaus, 1905, o Jornal do Commercio de 7/2/1905 noticiava que dois capoeiras na Rua da Matriz (atual Lobo d´Almada) cantos com a Saldanha Marinho, lá pelas cinco da tarde e em pleno carnaval, armaram uma desordem e numa capoeiragem macabra que fazia lembrar os tempos do senhor Sampaio Ferraz, no Rio e B. Lima no Recife.

Já na década de 1970 a capoeiragem amazonense passa a participar ativamente dos desfiles carnavalescos organizados marcando presença em blocos, batucadas e escolas de samba. Em 1974/75 a Escola de Samba Unidos da Selva (formadas por militares do exército) e a Batucada Samurai (formada por alunos e simpatizantes da Academia Samurai) foram as primeiras agremiações carnavalescas a abrigarem a capoeira em seus desfiles.

Nos anos seguintes o Bloco Seca Boteco e os Grêmios Recreativos Escolas de Samba “Em Cima da Hora”, Vitória Régia, Reino Unido da Liberdade, Mocidade Independente de Aparecida, Andanças de Cigano, Sem Compromisso, Unidos da Alvorada, Balaku Blaku, Grande Família, Mocidade Independente do Coroado, entre tantas outras agremiações. Registra-se, também, as rodas de capoeira na rua que eram feitas no período do “Reinado de Momo” e que até a presente data a capoeiragem ainda se faz presente nos desfiles carnavalescos.



Figura 95: Memorial Carnaval III, 1989. Roda de rua na avenida Djalma Batista: 1) Chaguinha; 2) Osmir Medeiros; 3) Celanio; 4) Visitante; 5) KK Bonates.
Fonte: Acervo Terno e Ás - (Frede Abreu).



Figura 96: Memorial Carnaval IV: Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares no carnaval da Avenida Eduardo Ribeiro na Escola de Samba Unidos da Selva no ano de 1974: 1) Marcolino Salgado; 2) Chaguinha; 3) Spartacus; 4) Mestre Gato de Silvestre; 5) Goiano.
Fonte: Acervo Edgar Chagas.

m) Difusão Estadual, Nacional e Internacional:

- Difusão no interior do Amazonas - Quando o assunto é desenvolver ações na Amazônia deve-se em princípio considerar duas coisas:

1ª - A enorme dimensão territorial que torna qualquer deslocamento difícil seja pela via terrestre, fluvial ou aérea.

2ª - O alto custo amazônico gerado pela falta de infraestrutura que somado a dimensão territorial eleva os custos das ações.

Essa realidade amazônica e os ciclos de desenvolvimento (borracha e zona franca) concentraram a população e a economia em Manaus, tornando-a uma "cidade-estado" e por isso grande parte das ações que envolvem a capoeiragem no Amazonas ficam restritas à capital.

Apesar desta situação a capoeira baiana se espalhou por diversos municípios graças aos esforços individuais dos mestres de capoeira, destacando-se nessa empreitada, o Mestre Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha) seguido pelo Mestre Ronaldo Vargas.

Um dos principais desafios da salvaguarda da capoeira no Amazonas é executar o mapeamento e o censo da capoeira no Estado, fato que otimizaria as ações de salvaguarda.

Em seguida, um levantamento preliminar feito pelo Conselho de Mestres da Salvaguarda sobre os municípios do interior do Amazonas onde a capoeira já está estabelecida.

- Amaturá, Barcelos, Benjamim Constant, Careiro, Coari, Fonte Boa, Iranduba, Invira, Itacoatiara, Manacapuru, Manaquiri, Maués, Novo Airão, Nova Olinda do Norte, Parintins, Santo Antônio do Içá, São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença, Rio Preto da Eva, Tabatinga, Tabocal, Tefé e Tonantins.





Figura 97: Difusão da Capoeira no interior do Amazonas.

- Difusão Nacional – A capoeiragem amazonense já esteve presente em todos os Estados Brasileiros, destacando-se a Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Ceará e nos últimos tempos, existe um esforço feito pela FAC e Salvaguarda para fortalecer e estreitar laços com os Estados da Região Norte.

Salienta-se que vários grupos nacionais criaram filiais no Amazonas e que capoeiristas de outros Estados aqui se radicaram gerando um fluxo e refluxo cultural feito por campeonatos, batizados, encontros, *workshops*, oficinas, palestras, vivências, festivais, intercâmbios, visitas técnicas, lançamentos de livros, cds e vídeos, estabelecendo pontes culturais e divulgando o nome e a imagem do Estado do Amazonas.



Figura 98: Participação da Capoeira do Amazonas no I Congresso de Capoeira Angola da CBC em Salvador–Bahia no ano de 1996. Mestres da Mesa Diretora: 1) Almir; 2) Virgílio da Fazenda Grande; 3) Jorge Satélite; 4) Jaime de Mar Grande; 5) Sérgio Vieira; 6) Augusto "Demolidor" Januário; 7) Elias; 8) KK Bonates.
Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Figura 99: Difusão da Capoeira do Amazonas em âmbito internacional – Escola de Capoeira Matumbé: Filial Roma.

- Difusão Internacional – Por causa da sua internacionalização, a capoeira se tornou o maior divulgador da língua portuguesa e o capoeirista, um embaixador da cultura brasileira.

Como partícipe deste processo, a capoeiragem do Amazonas internalizou-se por meio de capoeiristas visitantes ou que migraram para os diversos continentes, principalmente o europeu, criando um fluxo e refluxo cultural feito por estabelecer filiais de escolas e grupos de capoeira amazonenses ou nacionais, workshops, oficinas, palestras, vivências, festivais, intercâmbios, visitas técnicas, lançamentos de livros, cds e vídeos, estabelecendo pontes culturais e divulgando o nome e a imagem do Estado do Amazonas e do Brasil em centenas de cidades.

Em seguida, alguns países em que a capoeiragem amazonense se estabeleceu ou participa sazonalmente de atividades da capoeira: África do Sul, Alemanha, Austrália, Bélgica, Bolívia, Cabo Verde, Canada, China, Coréia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Israel, Inglaterra, Islândia, Itália, Jamaica, Japão, Jordânia, Moçambique, Noruega, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Suíça, Tailândia e Venezuela entre outros.



Figura 100: Difusão da Capoeira do Amazonas em âmbito internacional – Escola de Capoeira Matumbé: Filial Barcelona.

n) Entidades Representativas dos Capoeiristas do Amazonas

- ACESA (Associação dos Capoeiras do Estado do Amazonas).

A criação da ACESA foi a primeira tentativa de organização da capoeiragem no Amazonas e seu estatuto foi influenciado pela onda organizativa do I Encontro Brasileiro de Capoeira (ENBRACAP) que foi promovido em São Paulo pelo Mestre Paulo Gomes.

Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares, Grupo de Capoeira Quilombo e Academia de Capoeira Alma Negra fundaram em Manaus, a ACESA, a 16 de janeiro de 1984, como sociedade civil sem fins lucrativos e que tinha sua sede provisória na Rua Lauro Cavalcante nº 278, centro, com as seguintes

finalidades:

a) Manter relações e contatos com as demais sociedades congêneres;

b) Fomentar entre os associados os vínculos de amizade e fraternidade;

c) Promover por todos os meios à elevação do nível moral, cultural, social e esportivo dos seus associados;

d) Favorecer e promover iniciativas públicas e particulares que tenham por fim sustentar e desenvolver as obras da ACESA;

e) Manter cursos para o aperfeiçoamento de música e prática da capoeira.

A ACESA se tornou inoperante a partir da fundação da Federação Amazonense de Capoeira em 1993.

- FAC (Federação Amazonense de Capoeira).

A Federação Amazonense de Capoeira foi fundada no dia 20 de abril de 1993 na Fundação Vila Olímpica. Durante vinte e sete anos de funcionamento a FAC desenvolveu diversas atividades promovendo a difusão e o aproveitamento da capoeira através da realização de campeonatos, torneios, seminários, palestras, cursos e oficinas.

Dentre essas atividades, a FAC realizou catorze edições do Campeonato Amazonense de Capoeira, sendo a primeira no ano de 2005; participou de seis edições do Campeonato Brasileiro de Capoeira, conquistando 3 medalhas de ouro, 2 medalhas de prata e 6 medalhas de bronze; organizou o Campeonato Intermunicipal de Capoeira, a Copa Amazonino Mendes de Capoeira no ano de 1998 na Fundação Vila Olímpica, em parceria com a Liga Amazonense de Capoeira, e no ano de 2008, o 1º Torneio Meninos de Ouro no Centro de Convivência Padre Pedro Vignolia.

No ano de 2016, a FAC realiza o 1º Encontro Norte Capoeira e Amazônia Legal em parceria com as Federações de Capoeira da Região Norte e a Federação de Capoeira do Maranhão tendo a finalidade de dialogar sobre as ações de salvaguarda desenvolvidas nos estados da região norte, assim como, as dificuldades, desafios e conquistas das Federações de Capoeira, e uma maior aproximação entre os devidos estados, proporcionando a visualização de mecanismos que poderão ser apreciados e utilizados na participação social nas políticas públicas para a Capoeira.

A partir do ano de 2017, a FAC fomenta a qualificação dos capoeiristas, atendendo todos os coletivos e instituições de capoeira do Estado do Amazonas, independente de sua filiação na FAC, realizando as palestras Saúde do Negro, Primeiros Socorros, Legalização de Associação de Capoeira, e os cursos de Arbitragem, Básico de ritmos de berimbau da capoeira regional, Básico de toques de atabaque, Básico de toques de berimbau da Capoeira Angola. Nesse ano realizou o Congresso Técnico e XII campeonato amazonense de capoeira, participou das reuniões do coletivo deliberativo de Capoeira no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e das reuniões do coletivo "Diálogo com Palmares setorial de expressões artísticas culturais afro-brasileiras do Conselho Nacional de Cultura do Ministério da Cultura.

No ano de 2018, a FAC continua com suas atividades destacando a solenidade aos 25 anos de Fundação da Federação Amazonense de Capoeira com a participação de instituições do primeiro e segundo setor, a participação direta na Audiência Pública na Assembleia Legislativa do Amazonas: Capoeira nas Escolas, na Audiência Pública na Câmara Municipal de Manaus: 100 anos da prática da Capoeira Regional e no II Seminário de Salvaguarda da Capoeira no Amazonas.

- Presidentes da FAC:

1993 - 1994 - Miguel Machado (1º Presidente).

1995 - 1996 - Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates).

1997 - Gláucia Lima.

1998 - Ricardo Antônio Collyer Ferreira Lima (Mestre

Ricardo Camisa Furada).
2000 - 2004 - Domingos Lima Ribeiro.
2004 - 2008 - Edgar Francisco das Chagas (Mestre Chaguinhas).
2008 - 2009 - Elivane Pereira da Silva (Presidente Interina).
2009 - 2012 - Edgar Francisco das Chagas (Mestre Chaguinhas).
2012 - 2016 - Raimundo Souza Lima (Mestre Xexéu)
2016 - 2019 - José Neto de Castro (Mestre Neto).

- LCRMM (Liga de Capoeira da Região Metropolitana de Manaus).

Fundada em 13 de janeiro 1995, no Plenário da Casa dos Trabalhadores do Estado do Amazonas por algumas entidades não filiadas a Federação Amazonense de Capoeira. Tinha como objetivo principal de criar independência da FAC visando ter uma maior liberdade de ação para executar seus eventos.

Algumas atividades realizadas ou apoiadas pela LCRMM que, atualmente, encontra-se desativada.
- 2º Torneio Aberto de Futebol de Salão da Arte Capoeira.
- 4º Batizado Unificado do Capoeira.
- Curso Pense e Enriqueça na Arte Capoeira.
- 1º Taça Mestre Neném de Capoeira.
- 1º Circuito Norte Nordeste de Capoeira.
- 5º Festival Infantil de Capoeira.
- 3° Seminário Técnico de Capoeira.
- 5º Grande Roda Feminina de Capoeira.
- 1º Campeonato Regional e Intermunicipal de Capoeira.
- 1° Seminário Técnico de Jovens e Adolescentes em Situação de Risco Social.
- 2º Grande Roda Unificada de Capoeira.

- FPCA (Fórum Permanente de Capoeira do Amazonas).

O Fórum Permanente de Capoeira no Amazonas é uma das instâncias de articulação de políticas públicas envolvidas com a aplicabilidade da temática étnico-racial, de gênero e outros temas correlatos na área da capoeira.

Criado no ano de 2013, sua fundação ocorreu no Auditório da Secretaria de Estado de Juventude, Esporte e Lazer – SEJEL com a presença do Fórum Permanente dos Afrodescendentes do Amazonas (FOPAAM), professores e mestres.

Coordenado pelo Mestre Cristiano Corrêa, o Fórum Permanente de Capoeira no Amazonas, atua desenvolvendo e participando de atividades de formação na busca do empoderamento, fortalecimento e articulação de políticas públicas para a capoeira e cultura afro-brasileira no Estado do Amazonas.
2014 – Primeira ação do Fórum de Capoeira foi o 1º Seminário da Capoeira no Centro de Convivência da Família Padre Pedro Vignola. Contou com a presença da senhora Leonor Araújo representante da Secretaria de Articulação de Politicas Afirmativas do Espirito Santo, do Contramestre Cacau de Belo Horizonte presença de mestras, mestres, professores e alunos da capoeira e membros do movimento negro.

As primeiras reuniões aconteceram na UEA e se registra aqui algumas demandas, desafios e realizações resultantes destas reuniões e do 1º Congresso Municipal da Capoeira que foi realizado no Centro de Convivência da Família Magdalena Arce Daou:

- Data específica para o "Dia da Capoeira no Amazonas" (Lei Estadual de nº 4.539 de Dezembro de 2017) e "Dia Municipal da Capoeira" (Lei Municipal de nº 2.282 de 26 de Dezembro de 2017).
- Efetivar a capoeira no sistema público de ensino (Capoeira nas Escolas) - Cursos voltados para profissionalização da capoeira.
- Capacitação para Mulheres da Capoeira com oficinas, diálogos e palestras.
- Realização de duas edições do evento "os Melhores do Ano" (2016 e 2018) com objetivo de

valorizar os esforços dos mestres, mestras, mestrandos, contramestres e professores, coletivos de capoeira e personalidades que se empenham no fortalecimento da cultura popular e cultura afro-brasileira no Estado do Amazonas.

- COMESCAM (Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas).

Estabelecido em 2018 é a instância de representatividade dos mestres de capoeira que militam na construção das políticas públicas da salvaguarda da capoeira no Estado do Amazonas. Constituem finalidades fundamentais do COMESCAM:

1) Contribuir na fiscalização, organização, ensino, treinamento, difusão e prática da capoeira no Estado do Amazonas, objetivando preservar e adequar o seu significado filosófico, cultural, histórico, artístico, esportivo e de tantas outras áreas que a capoeiragem engloba;

2) Assessorar, articular e tratar com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e com outras instituições públicas ou privadas sobre assuntos pertinentes a política de salvaguarda da capoeira no Amazonas e nos âmbitos nacional e internacional;

3) Elaborar, revisar e atualizar sempre que necessário, o Plano da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas;

4) Fiscalizar a aplicação do Plano da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas;

5) Indicar entidades que possam executar recursos financeiros para o desenvolvimento de ações de salvaguarda para a capoeira;

6) Cooperar e/ou fiscalizar com a elaboração de editais que envolvam assuntos diretos ou indiretos relacionados com a salvaguarda da capoeira no Amazonas;

7) Participar da formulação de políticas públicas direta ou indiretamente relacionadas com a salvaguarda da capoeira no Amazonas;

8) Reconhecer a maestria e/ou premiar a atuação e o trabalho desenvolvido por qualquer mestre de capoeira assim como, de membros da sociedade e instituições que contribuem ou contribuíram para o fortalecimento da capoeiragem no Amazonas de acordo com critérios a serem estabelecidos no Regimento Interno do COMESCAM que disciplinará o seu funcionamento, devendo o mesmo ser aprovado em Assembleia Geral;

9) Apoiar o desenvolvimento cultural e técnico de seus associados;

10) Representar seus associados em ações de interesse coletivo em juízo e fora dele podendo para tanto ingressar com ações ordinárias, de execução ou cautelares, bem como Mandados de Segurança Coletivo;

11) Eleger a Mesa Diretora Provisória do COMESCAM;

12) Realizar Rodas Mensais em locais públicos de Manaus em nome da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas;

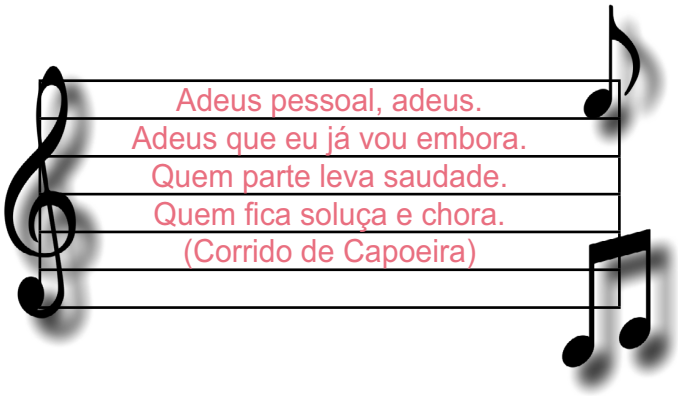
13) Apoiar eventos de associações de capoeira abertos a toda comunidade de capoeira do Amazonas.



Figura 101: Corpo de árbitros e mesários do 5º Campeonato de Capoeira da Federação Amazonense de Capoeira. 1) Xexéu; 2) Dani; 3) Tupizinho; 4) Camaleão; 5) Tiquinho; 6) Espiga; 7) Chaguinha; 8) KK Bonates; 9) Bahia; 10) Zuluzinho; 11) Sérgio; 12) Curica. Fonte: Acervo Terno e Ás (Frede Abreu).



Considerações Finais



Se o Amazonas é grande, desafiador, admirável, a capoeira não fica para trás. Apresenta para seus capoeiristas grandes desafios entre os quais, de manter viva e presente para as atuais e novas gerações, a grandeza inerente dessa admirável arte e cultura.

Eis aqui algumas considerações para balizar futuras ações de políticas públicas para a capoeira no Estado do Amazonas, entendendo-se que salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é apoiar sua continuidade de modo sustentável e atuar para melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência e que o Plano de Salvaguarda atua como instrumento de apoio e fomento de fatos culturais aos quais são atribuídos sentidos e valores que constituem referências de identidade para os grupos sociais envolvidos, e são registrados como Patrimônio Cultural Brasileiro, conforme o estabelecido no Decreto 3.551 de 4/08/2000.

a) A capoeira encontra-se estabelecida no Amazonas, conforme bibliografia e documentação comprobatória, há 121 anos, sendo 73 anos de Capoeira Sem Berimbau e 48 anos de Capoeira com Berimbau, mas não faltam evidências anteriores a esses 120 anos, portanto esse intervalo de tempo pode ser aumentado. Pelo contextualizado, deve-se considerar que a capoeira é parte constituinte da cultura amazonense, principalmente da manauara, fato comprovado por sua continuidade histórica, embora sua presença inicial tenha sido invisibilizada por gerações de historiadores da *belle époque* amazonense.

b) A grande rede de contatos institucionais e atividades voltadas para ações sociais e culturais que a capoeiragem amazonense produziu a partir de 1972 na capital, no interior, nacional e internacionalmente, demonstram o potencial de realização dos capoeiristas com fazedores de cultura popular.

Essas ações sociais comprovam que a capoeira é tão importante para a cultura e sociedade amazonense como os belos prédios de padrões artísticos e urbanísticos internacionais ou nacionais. A sociedade cobra maiores investimentos nas atividades socioculturais que modelam o caráter e que são formadoras de cidadania.

c) O Estado do Amazonas e o Município de Manaus precisam estabelecer políticas públicas de preservação, estímulo, ordenamento e difusão da capoeira, no intuito de aproveitar ao máximo suas potencialidades. Uma destas ações seria a de consagrar a capoeira como patrimônio cultural imaterial do Município de Manaus e do Estado do Amazonas.

d) A capoeira e capoeiristas, no Amazonas e Manaus, são aparentemente anônimas, sem os refletores e enquetes da

mídia local e raramente são entrevistados ou chamados para colaborar com sua experiência em termos de cultura e educação. No entanto, desempenham um trabalho com crianças, jovens, adultos e idosos nos bairros, nas periferias em escolas, quadras, praças, realizando suas rodas, unindo espectadores e admiradores da capoeira.

Enquanto isso, pelo mundo todo, a capoeira sobressai-se pela sua capacidade educacional e formativa, independentemente de sua abordagem técnica. Por esse motivo deve ser inserida na rede pública de ensino, seguindo o exemplo de algumas escolas da rede privada de ensino.

e) A partir dos principais avanços alcançados para a consolidação da salvaguarda da capoeira no Estado do Amazonas, a saber: Código de Ética dos Mestres (concluído); Estatuto do Conselho de Mestres (concluído); Plano da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas (concluído); Mapa da Capoeira no Amazonas (em andamento); Centro de Referência e Memória da Capoeira no Amazonas (em andamento), é necessário concentrar esforços para criar um organismo para gestão do Plano de Salvaguarda da Capoeira no Estado do Amazonas que tem como objetivos efetivar ações para os seguintes eixos: Formação, Valorização e Reconhecimento dos Mestres de Capoeira; Capoeira e Educação; Capoeira e o Judiciário; Capoeira e Economia; Capoeira e Centros Difusores; Capoeira e Informação; Profissionalização do Capoeirista.

f) Na abordagem esportiva, a capoeiragem do Amazonas a cada ano vem se organizando em busca de excelência, principalmente pelo contínuo trabalho da Federação Amazonense de Capoeira ao longo de vários anos de dificultosa labuta causada pela constante falta de apoio.

Mesmo com as dificuldades inerentes ao processo, a capoeira, como esporte no Amazonas, conseguiu um saldo positivo conquistando em campeonatos nacionais, um bicampeonato, duas medalhas de prata, três de bronze e uma revelação de melhor atleta.

No âmbito das artes marciais mistas temos campeões nacionais e mundiais.

Por fim, para encerrar o texto deste livro usaremos algumas palavras de Guerreiro (2015) sobre a capoeira:

> A capoeira faz parte da formação cultural do Brasil. Elemento essencial na formação da nossa identidade, ela merece estar não apenas no campo prático, mas também no simbólico, por meio do registro de suas histórias, matizes e nuances, contribuindo de forma abrangente para a construção de um acervo material em relação a esse que é um patrimônio imaterial da humanidade. Somem-se a isto, outras iniciativas que resgatam a nossa autoestima, enquanto povo multicultural cuja identidade é impar e, repleta de significados que, aos poucos, começam a ser estudados, decodificados e organizados. Longa vida à capoeira, arte que se renova de forma surpreendente e se confunde com a nossa batalha em prol da defesa de nossos direitos e da nossa identidade.

GLOSSÁRIO

Alteridade Cultural: Alteridade é um substantivo feminino que expressa à qualidade ou estado do outro ou do que é diferente. Mesmo sem percebermos ou ainda sem dizer uma única palavra, ao nos confrontarmos com o estranho, o não familiar, de alguma forma, nossas condutas, ações e pensamentos moldam-se a partir dessa interação. Essa interação entre o interior e particular a cada um, e o "outro", o além de mim, é o que denominamos de alteridade. Esse conceito parte do pressuposto de que todo indivíduo social é interdependente dos demais sujeitos de seu contexto social, isto é, o mundo individual só existe diante do contraste com o mundo do outro. Em outras palavras, a maneira que se dá a "interação" entre a parte íntima e interior de um indivíduo com outro indivíduo forma o cerne da vida social. Ao interagirem, os indivíduos reafirmam o que faz parte de si mesmo e o que faz parte do mundo externo. Esse processo de diferenciação é parte também da construção da identidade do sujeito, que se molda a partir da distinção entre "o que eu sou" e "o que eu não sou". Esse ponto leva-nos ao problema fundamental da questão: a impossibilidade da existência do eu-individual sem o conflito com o diferente, o estranho, o outro.

Amálgama cultural: O que caracteriza a amálgama é o fato que o resultado da fusão de dois ou mais grupos sempre será diferente dos seus elementos anteriores produzindo algo. O amálgama cultural é diferente da assimilação cultural, onde uma das culturas acaba por absorver as restantes, tornando-as semelhante a si mesma e dominando-as em termos culturais e biológicos. Tanto os processos de amálgama como os de assimilação são, na prática, muito antigos e desenvolveram-se ao longo de séculos e séculos de migrações e conquistas. O processo de amálgama também difere do processo de integração (A + B + C = ABC), dado que, neste último, os diferentes grupos mantêm a diversidade cultural e biológica que os caracterizam participando, ao mesmo tempo, tanto na política, como na vida social e econômica da sociedade em questão.

Bantus: Os bantus constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsaariana e que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes. A unidade desse grupo, contudo, aparece de maneira mais clara no âmbito linguístico, uma vez que essas centenas de grupos e subgrupos têm, como língua materna, uma língua da família bantu.

Os bantus são provavelmente originários dos Camarões e do sudeste da Nigéria. Por volta de 2 000 a.C., começaram a expandir seu território na floresta equatorial da África central. Mais tarde, por volta do ano 1000, ocorreu uma segunda fase de expansão mais rápida, para o leste e, finalmente, uma terceira fase, em direção ao sul do continente, quando os bantus se miscigenaram.

Os bantus distribuem-se, no continente africano, no sentido oeste-leste, desde os Camarões e o Gabão às ilhas Comores; no sentido norte-sul, do Sudão à África do Sul, cobrindo toda a parte meridional da África, onde somente os bosquímanos e os hotentotes têm línguas de origens diferentes. Enquanto os bosquímanos e hotentotes eram nômades caçadores-coletores e pastores, os bantus eram agricultores sedentários e já conheciam o uso do ferro. Esses avanços lhes permitiram colonizar um amplo território. Os bantus foram um dos grupos mais numerosos a chegar ao Brasil na época da escravidão, trazidos de Angola, do Congo e de Moçambique. No Brasil, eram levados principalmente para o Maranhão, o Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os bantus tiveram participação expressiva na formação da cultura e do povo brasileiro. Várias palavras do português falado no Brasil têm origem no quimbundo, uma língua banta de Angola. Alguns exemplos são: moleque, cafuné, quilombo, caçula, macumba, senzala, fubá e farofa. Na música, o gosto dos bantus pela dança e pelos instrumentos de percussão teve influência decisiva em ritmos brasileiros como o samba, a bossa nova, a congada, o maracatu e o pagode. Também são de origem banta o berimbau, a cuíca e a capoeira.

No Quilombo dos Palmares, onde o desenvolvimento de um falar de base Congo-Angola esteve na origem da criação de vários topônimos, dentre os quais Ganga Zumba, Zumbi, Dandara, Osengo e Andalaquituxe. Os aportes bantus, como senzala, mucama e quilombo, estão associados ao regime da escravidão e simultaneamente integrados no sistema linguístico do Português, formando derivados a partir de uma mesma raiz banto, a exemplo de esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira e caçulinha.

A constatação desse fato demonstra a anterioridade da presença banto e a amplitude alcançada pela sua distribuição humana em território colonial brasileiro, ante outros povos negro-africanos também em escravidão. Em alguns casos a palavra bantu chega a substituir a de sentido equivalente em Português. Por exemplo, o uso de corcunda por giba, moringa por bilha, xingar por insultar, cochilar por dormitar, caçula por benjamim, bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete e cachaça por aguardente.

No campo da religião, as denominações candomblé, macumba e catimbó são também de origem banto e representam provavelmente as mais antigas manifestações de religiosidade afro-brasileira nascidas na escravidão, como consequência do contato de orientações religiosas ameríndias e africanas com o catolicismo nos primórdios da colonização. São marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por todos da sociedade brasileira e que comprovam a participação histórica do falante bantu na construção do português brasileiro e a força da sua influência sobre a identidade brasileira, uma vez que a língua natural de um povo substancia o espaço da identidade como instrumento de circulação de ideias e de informação. A mulher africana é a base de todo este entrosamento cultural, porque a sua

participação efetiva na vida quotidiana do colonizador, servindo-lhe de mucama e de babá, permitia-lhe participar de duas comunidades sociolinguisticamente diferenciadas e influenciá-las como uma espécie de porta-voz entre a casa-grande e a senzala.

Crioulos: A palavra abrange vários sentidos. No texto do presente livro, o sentido dado à palavra crioulo é igual ao sentido dado aos descendentes diretos do africano escravizado no Brasil no século XIX e primórdios do XX. Já o africano escravizado no Brasil na citada época era denominado de boçal.

Complexo Cultural: Complexo cultural consiste no conjunto de traços ou um grupo de traços associados, formando um todo funcional ou ainda, um grupo de características culturais interligadas, encontrado em uma área cultural. A capoeira reúne um grupo de traços ou elementos relacionados entre si, tais como: instrumentos musicais, música, dança, expressão corporal, luta, jogo, organização, etc.

Cultura de Massa: Cultura de Massa ou "cultura pop" é o produto realizado pela Indústria Cultural. Tem o intuito de atingir a massa social, considerando "massa" em seu sentido de coesão e impessoalidade. Portanto, cultura de massas é o meio e o fim pelo qual se submetem as mais variadas expressões culturais a um ideal comum e homogêneo.

Diáspora: Define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento diferentes. Em termos gerais, diáspora pode significar a dispersão de qualquer povo ou etnia pelo mundo. O termo também se presta a dar conta especialmente dos fenômenos relativos a migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles.

Entrudo: é uma antiga celebração que acontecia nos três primeiros dias antes da Quaresma, e que foi substituída pelo atual Carnaval. O Entrudo chegou ao Brasil juntamente com os portugueses, em 1641, na cidade do Rio de Janeiro. Desde o início, participavam da comemoração todas as famílias e também os escravos. Desde a Idade Média, se comemorava o carnaval em Portugal, com uma série de brincadeiras que variavam de aldeia para aldeia.

Em algumas dessas comemorações, existiam grandes bonecos feitos de madeira, chamados entrudos, que foram os responsáveis por originar o nome da celebração. Porém, os entrudos não significavam apenas os bonecos, mas toda a festa em si e as brincadeiras. Quando o entrudo chegou ao Brasil, dividiu-se em dois tipos: entrudo familiar e entrudo popular. O Entrudo popular eram as festas feitas nas ruas das cidades e as principais características eram as brincadeiras com água, onde todos se molhavam. Entrudo familiar acontecia nas casas das pessoas, onde os jovens tinham o costume de jogar limão de cheiro um nos outros, o que mais tarde originou o conhecido "lança perfume".

Ethos: Conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade. É um tipo de síntese dos costumes de um povo ou de um determinado grupo social.

Globalização: Processo de aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes por todo o mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político. Porém, o principal destaque dado pela globalização está na integração dos mercados existente entre os países, gerando uma expansão capitalista onde foi possível realizar transações financeiras e expandir os negócios - até então restritos ao mercado interno - para mercados distantes e emergentes. A globalização permitiu uma maior conexão entre pontos distintos do planeta, fazendo com que compartilhassem de características em comum. Desta forma, nasce a ideia de Aldeia Global, ou seja, um mundo globalizado onde tudo está interligado. A aproximação entre as diferentes nações do mundo também proporcionou a troca de costumes, culturas e tradições típicas. Estas, por sua vez, passam pelo processo de aculturação, ou seja, quando vários elementos culturais são misturados, criando uma espécie de "mutação das culturas". Desta forma, valores e símbolos culturais que pertenciam originalmente a uma região ou nação, passam a estar presentes em todos os cantos do mundo e vice-versa. As novas tecnologias de informação e a troca constante de bens de consumo entre os países (produtos, filmes, séries, músicas, etc) contribuem para a globalização cultural. O Halloween, por exemplo, uma festividade típica na América do Norte, passou a ser celebrado em outros lugares, como no Brasil, devido a absorção dos costumes desses países norte-americanos. Como consequência, cresce a necessidade de haver um maior debate sobre a tolerância entre as diferenças culturais.

Indústria Cultural: O termo foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Para os dois pensadores, a autonomia e poder crítico das obras artísticas derivariam de sua oposição à sociedade. No entanto, o valor contestatório dessas obras poderia não mais ser possível, já que provou ser facilmente assimilável pelo mundo comercial. Adorno e Horkheimer afirmavam que a máquina capitalista de reprodução e distribuição da cultura estaria apagando aos poucos tanto a arte erudita quanto a arte popular. Isso estaria acontecendo porque o valor crítico dessas duas formas artísticas é neutralizado por não permitir a participação intelectual dos seus espectadores. Ela encorajaria uma visão passiva e acrítica do mundo ao dar ao público apenas o que ele quer, desencorajando o esforço pessoal pela posse de uma nova experiência estética. As pessoas procurariam apenas o conhecido, o já experimentado. Por outro lado, essa indústria prejudicaria também a arte séria, neutralizando sua crítica a sociedade. Seguindo a lógica do capitalismo industrial e financeiro, a Indústria Cultural busca padronizar e homogeneizar os produtos, para que possam ser consumidos pela maioria das pessoas. Assim, tudo o que pertence a Indústria Cultural deve seguir um padrão pré-definido para o consumo imediato. Tendo o consumidor não como um sujeito, mas sim como um objeto. A indústria cultural idealiza produtos adaptados ao consumo das massas, assim como também pode determinar esse consumo trabalhando sobre o estado de consciência e inconsciência das pessoas. Ela pode ainda ter função no processo de acumulação de capital, reprodução ideológica de um sistema, reorientação de massas e imposição de comportamento. As reflexões acerca desse tema surgiram a partir de uma "cultura industrializada" vista no período do nazismo, pois toda arte produzida era dirigida somente para aquele sistema.

Intercultural: Diz respeito às relações culturais. O interculturalismo refere-se à interação entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração estabelecida numa relação baseada no respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo. A expressão também define um movimento que tem como ponto de partida o respeito pelas

outras culturas, superando as falhas do relativismo cultural ao defender o encontro, em pé de igualdade, entre todas elas.

Maltas: Substantivo coletivo de vadios, desordeiros, desocupados, vagabundos. Os dicionários da língua portuguesa impressos até a década de 1960 incluíam os capoeiras nesse coletivo.

Mercantilização: Ação ou efeito de mercantilizar. Fazer com que seja comercializado; transformar algo em mercadoria. Na mercantilização da cultura, o produto cultural perde seu brilho, sua unicidade e sua especificidade de valor de uso na mesma proporção com que dissolve sua verdadeira essência e se transforma em processo produtivo. A transferência gradual de políticas públicas culturais a agentes privados contribui para a transformação da cultura em mercadoria. A particularização de políticas públicas converte a cultura em indústria cultural, algo com valor de troca mais do que valor de uso e utilizado para manter a hegemonia social.

Multirreferenciado: A análise multirreferencial das situações, das práticas, dos fenômenos e dos fatos educativos (no caso da capoeira como ferramenta educacional) se propõe explicitamente fazer uma leitura plural desses objetos, sob ângulos diferenciados, em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros. A abordagem mutirreferenciada está diretamente relacionada com o reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade que caracterizam as práticas sociais.

Negros: Negros ou povo negro são termos usados em sistemas de classificação racial para os seres humanos que geralmente se relaciona a um fenótipo de pele escura, em relação a outros grupos raciais. O conceito da palavra negro pode variar de acordo com a região, política e cultura, podendo um indivíduo ser classificado como negro em um determinado país e não ser classificado como tal em outros, exemplo: Nos Estados Unidos, independentemente da cor da pele, o indivíduo é considerado negro desde que tenha um descendente negro. Diferentes sociedades aplicam critérios diferentes a respeito de quem é classificado como "negros", e muitas vezes variáveis sociais, tais como classe social e status sócio-econômico, também desempenham um papel relevante nessa classificação. Como um fenótipo biológico, ser "negro" é frequentemente associado com as cores de pele muito escuras de algumas pessoas que são classificados como "negras".

Pardo: Termo usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para configurar um dos cinco grupos de "cor ou raça" que compõem a população brasileira, junto com brancos, pretos, amarelos e indígenas.

No sentido concreto, estrito, as palavras "pardo ou parda" são usadas para referir-se aos brasileiros com variadas ascendências étnicas. O manual do IBGE define o significado atribuído ao termo como pessoas com uma mistura de cores de pele, seja essa miscigenação mulata (descendentes de brancos e negros), cabocla (descendentes de brancos e ameríndios), cafuza (descendentes de negros e indígenas) ou mestiça. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2006, os pardos compõem 79,782 milhões de pessoas, ou 42,6% da população do Brasil. Em 2009, no entanto, o IBGE identificou que 84 milhões de brasileiros se autodeclararam pardos, o que faz desse grupo racial o segundo maior componente do povo brasileiro, atrás apenas dos brancos. Além disso, o percentual de pardos é o que mais cresce na população brasileira. Em 2000, por exemplo, apenas 38,4% dos brasileiros que se autodeclaravam pardos, enquanto em 2006 o índice passou para 42,6% e, em 2009, para 44,2% da população total do país. Estudos genéticos atuais revelam que os pardos possuem ancestralidades europeia, indígena e africana, variando as proporções de acordo com o indivíduo e a região.

A divulgação, por parte da Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), de notícia sobre a ausência de pessoas pretas nos cursos mais concorridos da Universidade de São Paulo (USP) alimentou uma polêmica sobre a forma mais correta de se classificar a população pela cor ou raça. Nos cinco cursos mais disputados, USP teve apenas um calouro preto em 2013. Com a bandeira d "politicamente correto" levantada alguns defenderam que seria melhor utilizar os termos negros ou afrodescendentes. Mas é errado chamar alguém de preto? O debate começou porque a FUVEST, adotou o padrão de classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divide a população do País em cinco grupos: pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas.

A alegação é histórica: o primeiro censo demográfico do Brasil foi feito em 1872 e perguntava aos brasileiros em qual dos quatro grupos eles se enquadravam: preto, pardo, caboclo ou branco. Ao longo de mais de 140 anos, foram feitas algumas mudanças na nomenclatura, mas ainda não há consenso sobre a forma de classificar a população.

José Luiz Petruccelli, que faz pesquisas sobre diversidade racial há mais de 20 anos no IBGE, reconhece que a classificação pode ser aprimorada, embora defenda que o modelo segue uma série histórica e mudanças poderiam prejudicar a comparação dos dados. "Esse é um tema muito polêmico. Alguns defendem que deveríamos usar a classificação negro, mas o negro é uma identidade social. Leva em conta uma visão política, a identidade de um povo muito mais do que a cor da pele".

O especialista diz não ser correto, para efeito de pesquisas, reunir pardos e pretos em um só grupo, de negros. Segundo ele, a discriminação contra os pretos é muito maior do que a verificada entre as pessoas que se autodeclaram pardas, e essa diferença precisa estar presente nos levantamentos demográficos. "Existe diferença no comportamento social entre pretos e pardos: quanto mais escuro, mais discriminado", afirma.

Já a União de Negros pela Igualdade (UNEGRO), organização de movimentos sociais criada na Bahia e presente em 24 Estados, defende que o mais adequado é usar o termo negro, embora aceite as regras do IBGE. "Como não existe um critério científico para essa classificação, acordou-se em usar a nomenclatura do IBGE para pesquisas, que seria o mais próximo do viável", disse Alexandre Braga, diretor de comunicação da entidade. Apesar de concordar que quanto mais escura a cor da pele, maior a discriminação, a UNEGRO acredita que o IBGE possa vir a usar apenas a classificação negro no futuro. "As pessoas se identificam mais como negras do que pretas ou pardas".

Nas pesquisas do Censo feitas pelo IBGE, cada pessoa tem liberdade para dizer a sua classificação. Quem se autodenomina pretos normalmente são as pessoas que se enxergam com a cor mais escura. Em relação aos pardos não há consenso, pois as pessoas se classificam como 'morenas' ou 'mulatas', dependendo da região. Nas regiões Sul e Sudeste, a população que se declara parda normalmente é de origem africana. Porém, no Norte, muitos pardos são, na verdade, descendentes de indígenas. Petruccelli, conta uma história curiosa sobre a situação no Distrito Federal. "A população local, por mais branca que seja a sua pele, se classifica como parda porque vê os brancos como os funcionários públicos

que vieram de fora".

De acordo com o pesquisador do IBGE, a presença de pretos é menor no Brasil, por isso existe a tendência em reunir pardos e pretos em um grupo de negros. Ele diz que apenas para as pesquisas o termo não se aplica, mas que na convivência social é válido agrupar as duas nomenclaturas. Para o representante da UNEGRO, ocorre também a resistência em assumir a cor preta e muitos preferem ser incluídos na lista dos pardos - que seria uma forma intermediária. "A identidade do negro é muito maior, por isso defendemos a utilização desse termo".

E o afrodescendente? De acordo com o diretor da UNEGRO, o termo afrodescendente - ou afrobrasileiro - está em desuso. "Acredito que hoje seja muito mais adequado chamar alguém de negro do que de afrodescendente. Essa é muito mais uma nomenclatura política, de ação dos movimentos sociais na luta contra discriminação do que para designar a cor".

Pós-Globalização: Ativação de mecanismos de fechamento das fronteiras físicas e econômicas principalmente pelos Estados Unidos por sua dimensão política. Esses mecanismos representam a desconstituição do processo de globalização mundial. Diversos países e regiões já apontavam para a volta a modelos de economia mais fechada, dado que os modelos de integração – tipo Comunidade Europeia – não apresentaram os resultados esperados.

Polilógico: Os fenômenos tornam-se estéreis quando isolados de seu contexto, produzindo apenas pares antagônicos que não favorecem a construção do conhecimento. O conhecimento se dá ao considerarmos as relações entre diferentes fenômenos dentro de um sistema. O produto destas interações ao mesmo tempo em que se constitui resultado, é o propulsor das interações. Os sistemas são constituídos por partes entrelaçadas que formam o todo, mas o todo é mais que a soma das partes (princípio sistêmico). As partes não representam o todo e o todo não representa as partes, contudo as partes contém quase a totalidade de informações do todo e o todo contém as partes (princípio hologramático). Quando elementos diferentes são tecidos juntos e formam uma nova unidade complexa (unitas multiplex; problemática do um / múltiplo) ocorre à formação de um sistema complexo. A organização desta unidade tecida pela diversidade ocorre por relações de caráter recursivo em que diferentes fenômenos, concorrentes e antagônicos, interagem e se organizam (auto-organização). Esta ideia da recursividade reafirma a existência da totalidade ativa; o sistema que está em permanente atividade de reorganização, regeneração e realimentação (ciclo retroativo). No sistema coexistem fenômenos contraditórios, estas relações dialógicas explicam os produtos deste sistema e conduzem sua organização. Portanto, o sistema apresenta-se como "sistema é uma unidade que vem da diversidade, que liga a diversidade, que comporia a diversidade, que organiza a diversidade, que produz a diversidade". A teoria polilógica (do grego poli + logos) se opõe ao pensamento monológico que é guiado pelos princípios da ordem, separabilidade e razão absoluta – universal, propõe uma virada epistemológica que abandona a segurança de um discurso unívoco e considera que o conhecimento só é possível a partir da percepção da diversidade e da complexidade. Podemos destacar como extensões e alcances da teoria polilógica: teoria de numerosas lógicas, teoria de múltiplas linguagens, teoria de muitos nomes, teoria de numerosas razões, teoria da multiplicidade, teoria da multidão.

Polissêmico: Polissemia é um conceito da área da linguística com origem no termo grego polysemos, que significa "algo que tem muitos significados". Uma palavra polissêmica é uma palavra que reúne vários significados diferenciados expressados pela mesma palavra.

Pós-Modernidade: Pós-modernidade é um conceito que representa toda a estrutura sociocultural desde o fim dos anos 80 até os dias atuais. Em suma, a pós-modernidade consiste no ambiente em que a sociedade pós-moderna está inserida, caracterizada pela globalização e domínio do sistema capitalista. De modo geral, a pós-modernidade representa a "quebra" com antigos modelos de pensamento linear defendidos na era moderna pelos iluministas. Estes eram baseados na defesa da razão e ciência como parte de um plano em prol do desenvolvimento da humanidade. Porém, com os horrores presenciados na Segunda Guerra Mundial, começou a crescer um forte sentimento de insatisfação e decepção na sociedade, visto que todo o "plano" moldado com base nos ideais iluministas havia falhado. Desta forma, passa a considerar tudo como um conjunto de meras hipóteses ou especulações. Muitos estudiosos consideram o fim da década de 1980 como a consolidação definitiva da Pós-Modernidade como uma estrutura social, política e econômica no mundo. Com o fim da bipolaridade imposta pela Guerra Fria, o mundo passou a viver sob uma Nova Ordem, baseada na ideia de pluralidade e globalização entre quase todas as nações. Os avanços tecnológicos e nos meios de comunicação, o boom da internet e o monopólio do sistema capitalista são algumas das características que ajudaram a consolidar os princípios que definem a sociedade pós-moderna. A definição de pós-modernidade é complexa e existem diferentes pontos de vista sobre a sua formação e significado. Vários sociólogos, filósofos, críticos e estudiosos buscam explicar esse fenômeno que "substituiu" os princípios que em outrora marcaram a modernidade. Entre outras características da Pós-Modernidade temos as seguintes: Substituição do pensamento coletivo, e emersão do sentimento de individualismo, representado pelo narcisismo, hedonismo e consumismo; Valorização do "aqui e agora" (Carpe Diem); Hiper-realidade (mistura entre o real e o imaginário, principalmente com o auxílio das tecnologias e ambientes online); Subjetividade (nada é concreto e fixo. A ideia antes tida como verdadeira passa a ser interpretada apenas como mais uma no conjunto das hipóteses); Multiculturalismo e Pluralidade (fruto da globalização e mistura entre características típicas de cada cultura, por exemplo); Fragmentação (mistura e união de vários fragmentos de diferentes estilos, tendências, culturas, etc); Descentralização; Banalização ou ausência de valores.

Stricto sensu: Expressão latina que significa, literalmente, "em sentido específico", por oposição ao "sentido amplo" (lato sensu).

Status quo: Expressão latina que significa "estado atual". Consiste no posicionamento ou condição das coisas, e não necessariamente significa que sejam situações negativas ou ruins. É interpretado como um termo neutro, que pode ter qualquer sentido, seja ele positivo ou negativo.

Transnacionalização: Fenômeno que começou a ser notado na década de 1960, com impactos diretos sobre a economia mundial. Neste período, as empresas multinacionais, com suas filiais espalhadas por diversos países, passaram a superar o comércio mundial em termos de valor de produção. A transnacionalização da economia e da produção industrial provocou uma dependência

maior dos países para com as nações mais ricas. Os espaços econômicos nacionais foram modificados, de acordo com os interesses das empresas multinacionais. Isso causou uma revolução na economia mundial e trouxe certa instabilidade para os sistemas de produção local. De forma resumida, é possível dizer que o processo gerou uma internacionalização da produção capitalista. O surgimento deste espaço econômico mundial resultou na internacionalização do capital. Neste contexto, os Estados Unidos, os países da Europa, o Japão e algumas outras nações foram bastante beneficiados. A transnacionalização também serviu para consolidar o poder norte-americano no mundo. Em suma, a transnacionalização atingiu o capital, a estrutura geográfica, a economia e, consequentemente, a vida das pessoas. O processo de transnacionalização do capital alterou também todo o contexto trabalhista. A transferência da produção industrial de seu país de origem para nações estrangeiras ampliou os espaços econômicos e criou uma nova escala internacional de atuação e uma padronização das normas de produção. Esse fenômeno se espalhou pelo mundo inteiro, chegando à América Latina, América Central, África, Ásia, entre outras regiões do planeta. Atualmente, essa é a realidade da economia global, baseada na multinacionalização e nas relações internacionais.

Ubunto: Conceito que exprime a crença na comunhão que conectaria toda a humanidade -"Sou o que sou graças ao que somos todos nós". Exprime a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade. Segundo o arcebispo anglicano Desmond Tutu, autor de uma teologia ubuntu "Minha humanidade está inextricavelmente ligada à sua humanidade". Essa noção de fraternidade implica compaixão e abertura de espírito e se opõe ao narcisismo e ao individualismo. Nelson Mandela também explica esse ideal - Respeito. Cortesia. Compartilhamento. Comunidade. Generosidade. Confiança. Desprendimento. Uma palavra pode ter muitos significados. Tudo isso é o espírito de Ubuntu. Ubuntu não significa que as pessoas não devam cuidar de si. A questão é: você vai fazer isso de maneira a desenvolver a sua comunidade, permitindo que ela melhore? No sentido religioso o conceito do Ubuntu define um indivíduo em termos de seus relacionamentos com os outros, e enfatiza a importância assentado na máxima Zulu "umuntu ngumuntu ngabantu" (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas), que aparentemente parece não ter conotação religiosa na sociedade ocidental. No contexto de inúmeras nações africanas que cultuam a ancestralidade, isso sugere que o indivíduo se caracteriza pela humanidade com seus semelhantes e através da veneração aos seus ancestrais. Assim, aqueles que compartilham do princípio do Ubuntu no decorrer de suas vidas continuarão em união com os vivos após a sua morte. Politicamente o Ubuntu é visto como um dos princípios fundamentais da nova república da África do Sul e está intimamente ligado à ideia da Renascença Africana. Valores como a comunhão e a compaixão orientaram a Comissão Verdade e Reconciliação e serviram como base para a formulação dos objetivos nacionais de reconstrução e reconciliação da África do Sul após o final do Regime da Apartheid. No Zimbabwe, Ubuntu tem sido usado como forma de resistência à opressão existente no país. Na esfera política, Ubuntu é utilizado para enfatizar a necessidade da união e do consenso nas tomadas de decisão, assumindo-se uma ética humanista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, P.R.J. Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas. SP. UNICAMP/CMU. Salvador. EDUFBA. 2005.

ABIB, P.R.J. Os Velhos Capoeiras ensinam pegando na mão. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

ACUNÃ, M. A ginga da nação: intelectuais na capoeira e capoeiristas intelectuais. São Paulo. Alameda. 2014.

AMADO, J. Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro. Record.1992.

AMAZONAS, C. Memória do Alto da Bela Vista: roteiro sentimental de Educandos. Cláudio Amazonas, Manaus: Norma Propaganda e Marketing, 1996.

ABREU, F.J. Bimba é bamba: a capoeira no ringue. Salvador. Instituto Jair Moura.1999.

ANTUNES, A. A Guerra dos Lugares: fronteiras simbólicas e liminaridades nos espaços urbanos de São Paulo. In: Cidade, Cultura e Globalização. São Paulo, 2012.

ARAÚJO, R.C. Elas Gingam. In: Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo / Organizado por Antônio Liberac Cardoso Simões Pires e outros. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte. Fino Traço. Coleção UNIAFRO (13). 2016.

BARRONCAS, E. Sons de natureza amazônica na paisagem cultural das margens por objetos estéticos sonoros. PPGSCA - UFAM. Dissertação de mestrado em conclusão. 2019.

BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi; tradução de Carlos Alberto Medeiros.
Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

BENCHIMOL, S. Amazônia: um pouco antes e além depois. Manaus: Editora Umberto Calderaro. 1977.

BONATES, L.C.M. A capoeiragem na tribo dos manaós. O Muhra. Secretaria de Cultura, Esportes e Estudos Amazônicos. (Ano I nº1). 1997.

____Iúna Mandingueira: a ave símbolo da capoeira. Manaus: Instituto Jair Moura. 1999.

____Capoeira: parlare com il corpo. Popoli, Milão, p. 60 – 61. 10 out. 2005.

____Iúna: L'oiseau mystique de la capoeira. 1º ed. Bruxelas: T.J. S. éditeur, v. 1. 2006.

____Carnevale: non solo samba. Popoli, Milão, p. 35 – 37. 10

fev. 2007.

____A Capoeiragem Baré In: O Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia. Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). Belém: Editora Açaí/CNPq, 2011.

____A cultura da Capoeira: Do conflito social a uma maneira de ser estar a brasileira. Conselho Amazonas. Revista do Conselho Estadual de Cultura e do conselho de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. SEC - Am. 2012.

____A Capoeiragem no Amazonas (1905 a 1980) In: Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo / Organizado por Antônio Liberac Cardoso Simões Pires e outros – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte. Fino Traço. Coleção UNIAFRO :13. 2016.

____A Roda Feira: um espaço urbano de expressão e manutenção da capoeira tradicional em Manaus – AM. Relatório de pesquisa (Termo Aditivo ao Termo Nº 76/2014) PROARTE. SEC/AM. 2017.

____Visibilidade da palavra capoeira enfatizada como luta nos jornais do Amazonas no período de 1852 a 1999. Relatório de pesquisa (termo aditivo ao termo de doação número 15/2015). PROARTE. SEC/AM. 2018.

BONATES, L.C.M. & Cruz, T.S. A Roda de Capoeira da Feira de Artesanato na Avenida Eduardo Ribeiro como espaço de Capoeira Tradicional Baiana em Manaus. Fazendo Antropologia no Alto Solimões 24, Antônio Carlos Batista de Souza, Michel Justamand e Tharcísio Santiago Cruz. Alexa Cultural: São Paulo, EDUA: Manaus, pg 177 194; 2019.

BONATES, S.M. Capoeira: um segmento do turismo cultura. Monografia para graduação em Turismo. UNINORTE. 2005.

BOSSI. A. Dialética da Colonização. São Paulo. Companhia das Letras.1992.

BRAGA, G. Fastígio e sensibilidade do Amazonas de ontem. 2ª ed., Manaus: Imprensa Oficial, 1983.

BRASIL. Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA. 2007a

CABRAL, R.G. As Voltas que o Mundo Deu: Manifestações da Capoeira UFAM/ICHL. Monografia para graduação em história. 2001.

CHAGA, E.F. Gingando na História. Capoeira no Amazonas. Edição do autor. 2005.

CAMINHA, R. F. Quéles. Manaus. Vitória-Régia/Grafisa. 2012.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

COELHO, P. A. O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira. UNEB/UFBA. Mimeografado. Salvador. 1996.

CONDE, B.V. A arte da Negociação: a capoeira como navegação social. Rio de Janeiro: Novas Idéias, 2007.

COSTA, S.V. Eldorado das Ilusões. Cinema e sociedade. Manaus: 1897-1935. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

COSTA, S.V. e LOBO, N. J. F. Cinema no Amazonas. São Paulo: USP. Revista de Estudos Avançados. nº 19 (53), 2005.

CRUZ, T. Capoeira Negros no Amazonas, segredo e ritual: enfoque socioantropológico. Fazendo Antropologia no Alto Solimões: Gênero e Educação – Gilse Elisa Rodrigues, Michel Justamand, Tharcísio Santiago Cruz. Alexa Cultural. São Paulo, 2016.

CRUZ, T. A capoeira e as interpretaçõe eugênicas e raciais do século XIX. Fazendo Antropologia no Alto Solimões. Vol.07 - Michel Justamand, Renan Albuquerque, Tharcísio Santiago Cruz. Alexa Cultural. ão Paulo, 2017.

CRUZ, T. Arte, luta e fronteira: a capoeira no Alto-Solimões. Fazendo Antropologia no Alto Solimões 11 - Michel Justamand, Renan Albuquerque, Tharcísio Santiago Cruz, Alexa Cultural. São Paulo, 2018.

CRUZ, T. Capoeira e musicalidade no Alto Solimões – Amazonas. Fazendo Antropologia no Alto Solimões 18, Antônio Carlos Batista de Souza, Michel Justamand e Tarcísio Santiago Cruz. Alexa Cultural / EDUA: São Paulo, 2018.

CRUZ, T. A capoeira em uma dimensão de linguagem e performance. Fazendo Antropologia no Alto Solimões 19, João Bosco Ladislau de Andrade, Michel Justamand e Tarcísio Santiago Cruz. Alexa Cultural/EDUA: São Paulo, 2019.

CRUZ, T. A capoeira no Alto - Solimões: corpo e segredo. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS-UFAM. (2017-2021) Em preparação.

CUNHA, I.M.C.F. Os segmentos da capoeira e seus discursos sobre os desdobramentos do registro como patrimônio imaterial In: Capoeira: perspectivas contemporâneas / Organização Luiz Renato Vieira – Brasília, DF. Trampolim. 2018.

DANTAS, P. Cenas das ruas: ocorrências policiais e cultura popular em Manaus (1916-1917). Paula Dantas. Relatório final do PIBIC/UFAM. Manaus, 2010.

DIAS, E.M. A Ilusão do Fausto. Manaus 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.

FERREIRA, L. R. No Princípio Eram as Musas. Manaus. EDUA. 2000.

FILHO, A. A. D. Falando em Capoeira. Coleção São Salomão. Edição preliminar e personalizada. Salvador. 1996.

FONSECA, V. capoeira sou eu: memória, identidade, tradição e conflito. Dissertação de mestrado em história. PPGHPBC/CPDHCB. Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro. 2009.

____& VIEIRA, L.R. Construction d'un dialogue: la capoeira et relations avec l'État brésilien en debat. 2012. Disponível em < http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php.id=525>. Acesso em 19/10/2018.

GRAÇA, A. P. Tango Selvagem. São Paulo. Imaginário. 1993.

GEERTZ, C.1926 - A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

GIL, G. Brasil, Paz no Mundo. Discurso proferido em Genebra em 19/08/2004. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/2004/08/19/ministro-da-cultura-gilberto-gil-na-homenagem-a-sergio-vieira-de-mello/. Acesso em 19/10/2018.

GUERREIRO, F. A Capoeira em Salvador: Registro de mestres e instituições. Organizadores: Franciane Simplício, Alex Pochat e Nágila Diacuí. Rio de Janeiro. MC&G. Coleção Capoeira Viva 4. Fundação Gregório de Mattos. 2015.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.2006.

HOBSBAWN, E. & RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de janeiro. Editora Paz e Terra. 1984.

LEAL, L.A.P. A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906). Salvador. EDUFBA, 2008.

MARQUES, G.S. SPVEA: o Estado na crise do desenvolvimento regional amazônico (1953-1966). Revista. Soc. Bras. Economia. Política, São Paulo, nº 34, p. 163-198, fevereiro 2013.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2003.
MEIRA, S. Fronteiras Sangrentas: heróis do Amapá. 2ª Edição do autor. 1977.
MESQUITA, O. M. Manaus: história e arquitetura, 1852-1910. 3ª ed. Manaus: editora Valer, Prefeitura de Manaus, UNINORTE, 2006.
MICHILES, A. O quintal da Minha Casa. São Paulo: USP, Estudos Avançados. 19 (53), 2005.
NASCIMENTO, M. G. Migrações nordestinas para a Amazônia. Revista de Educação Cultura e Meio Ambiente. Dez. N° 12, Vol. II, 1998.
NUNES, P. O Sahiré e o Marabaixo. 1º Congresso Brasileiro de Folclore. 1951.
ORTIZ, R. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo. Brasiliense. 2012.
____"Porque o mundo é comum, o diverso torna-se importante". Entrevista com Renato Ortiz. Cadernos Cenpec | São Paulo | v.5 | n.1 | p.183-196 | jan./jun. 2015.
PASTINHA, V. F. Capoeira Angola. Escola Gráfica Nossa senhora de Loreto. Salvador. BA. 1969.
PINHEIRO, M. L. U. A Cidade sobre os Ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1889-1925). 3ª edição. Manaus, FUA, 2015.
PINHEIRO, L.B.S.P. Falta povo na história de Manaus. Jornal do Comércio. Edição 37941. Caderno Especial, Ano I, nº 4, pg 3. Segunda Feira, 18/10/1999.
PORTO, V. A. P. A trabalhadora imigrante na cidade de Manaus, 1880-1920. In: Canoa do Tempo. Revista de Pós-Graduação em História da UFAM. v. 7/8. nº1, jan./dez. 2013-2014.
PRIORE, M.D. & MELO, V. A. História do Esporte no Brasil: Do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP. São Paulo. 2009.
REIS, J.J. & SILVA, E. Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista. Companhia das Letras. São Paul. 1989.
SALLES, V. O Negro no Pará Sob o Regime da Escravidão. Rio de Janeiro: FGV/UFPA, 1971.
____A defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará. Vicente Salles, Brasília: Micro-edição do autor, 1994.
____O negro na formação da sociedade paraense. Textos reunidos. Belém. Paka-Tatu, 2004.
SAMPAIO, P. M. Posturas Municipais, Amazonas (1838-1967) / Organização de Patrícia Melo Sampaio. Manaus: EDUA, 2016.
SANTUCCI, J. Cidade Rebelde: as revoltas populares no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
SARGES, M. N. Memórias do Velho Intendente. Belém: Paka-tatu, 2002.
SCALDAFERRI, S. Só o tempo te faz mestre: Pastinha, Bimba, Maré e Noronha – a adaptação da capoeira em Salvador. In: Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas/ Alex Pochat e Franciane Simplício (Org.). Rio de Janeiro. MC&G. Coleção Capoeira Viva. Fundação Gregório de Mattos. 2015.
SERÁFICO, J. & SERÁFICO, M. A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil. São Paulo: USP. Revista de Estudos Avançados 19 (54), 2005.
SILVA, A. J. P. A capuera e a arte da capueragem: Ensaio socioetimológico. Fundação Gregório de Mattos. Salvador. Bahia. 2003.
SILVA, F.B. Acre, a pátria dos proscritos: Prisões e desterros para as regiões do Acre em1904 e 1910. UFPR. Curitiba. 2010. (Tese de Doutorado).
SILVA, P. R. Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da "Manaus Moderna". Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 215 - 254. jan./abr. 2016.
SILVA, R. N. De vilão a herói republicano: Veiga Cabral e a política no Pará. Anais do XV Encontro da ANPUH-Rio. 2012
SILVA, S.A. Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.
SIMONSEN, R. C. História econômica do Brasil: 1500-1820. Brasília. Senado Federal, Conselho Editorial. 2005.
SODRÉ, M. A verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro. DP&A. 2005.
____Pensar nagô. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2017.
SOARES, C.E.L. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 -1850). Campinas. UNICAMP. 2001.
____& ABREU, F.J. No caminho do esporte: a saga da capoeira no século XX In: História do Esporte no Brasil: Do império aos dias atuais. Mary Del Priore & Victor Andrade de Melo (orgs). São Paulo: Editora UNESP. 2009.
TELES, L. E. C. Mundos do trabalho no Amazonas: as lideranças operárias socialistas – Joaquim Azpilicueta, Nicodemos Pacheco, Manoel Sérvulo e Cursino da Gama (1914-1928). Antíteses, v. 11, n. 21, p. 430-460, jan/jun. 2018.
TONINI, R.N. A Arte Perniciosa: a repressão penal aos capoeiras na república velha. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2008.
VIEIRA, L.R A capoeira e as políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial: legitimação e reconhecimento de uma manifestação cultural de origem popular. In: Gonçalves A.M.T. (organizador) Capoeira em Perspectivas. Belo Horizonte. Tradição Planalto. 2012.
____& BOSCO. J. Agenda Legislativa para a cultura. In: Meneguin, Fernando (Org). Agenda Legislativa para o desenvolvimento nacional. Brasília. Senado federal/Subsecretaria de Edições Técnicas. 2011.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AACT. Associação Amazonense de Capoeira Tradicional.
AAK. Afoxé Amigos de Katendê.
ACAN. Academia de Capoeira Alma Negra.
ACESA. Associação dos Capoeiras do Estado do Amazonas.
AIEG. Aeroporto Internacional Eduardo Gomes.

ACTA. Acervo de Capoeira Terno e Ás.
ACVC. Associação de Capoeira Vera Cruz (São Paulo).
ACZP. Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares.
AMBCPAM. Associação de Mestres e Brincantes de Cultura Popular do Amazonas.
APAMEAM. Associação dos Professores de Artes Marciais do Estado do Amazonas.
ASA. Associação dos Sargentos do Amazonas.
ASSINPA. Associação dos Servidores do INPA.
BEA. Banco do Estado do Amazonas.
BIS. Batalhão de Infantaria de Selva.
BPA. Biblioteca Pública do Amazonas.
CAUA. Centro de Artes da Universidade do Amazonas.
CBC. Confederação Brasileira de Capoeira.
CCCUUA. Centro de Convivência do Campus Universitário da Universidade do Amazonas.
CCFPPV. Centro de Convivência da Família Padre Pedro Vignólia.
CCFA. Centro de Convivência da Família de Aparecida.
CCN. Conselho da Comunidade Negra.
CCT. Cine Clube Tarumã.
CDCs. Centros Desportivos Comunitários.
CEBI. Centro de Estudos Bíblicos.
CECAM. Conselho Estadual de Cultura do Amazonas.
CIGS. Centro de Instrução de Guerra na Selva.
CMPC. Conselho Municipal de Política Cultural (Manaus).
COB. Comitê Olímpico Brasileiro.
COMESCAM. Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira no Amazonas.
CSU. Centro Social Urbano.
CUF. Centro Universitário Fametro.
DELPMM. Departamento de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Manaus.
EAFM. Escola Agrotécnica Federal de Manaus.
ECFB. Escola de Capoeira Filhos de Bimba (Bahia).
ECM. Escola de Capoeira Matumbé.
EESJB. Escola Estadual Senador João Bosco.
ETFA. Escola Técnica Federal do amazonas.
FCA. Federação de Capoeira do Acre.
FAC. Federação Amazonense de Capoeira.
FCR. Federação de Capoeira de Roraima.
FMF. Faculdade Martha Falcão.
FPCA. Fórum Permanente de Capoeira do Amazonas.
FVL. Fundação Villa-Lobos.
FUCABAM. Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros do Amazonas.
FUMEB. Fundação Mestre Bimba (Bahia).
GCC: Grupo Cativeiro Capoeira.
GFAN. Grupo Folclórico Alma Negra.
GM. Grupo Malícia.
GRC. Grupo Raízes Caboclas.
HEMOAM. Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas.
ICSBG. Instituto de Capoeira São Bento Grande.
IGHA. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.
INPA. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
JEAs. Jogos Escolares do Amazonas.
JEBs. Jogos Escolares Brasileiros.
MAA. Movimento Artístico do Amazonas.
MANAUSCULT. Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos.
MCPM. Movimento Cultural “Pela Margem”.
MFCAM. Movimento Feminino de Capoeira do Amazonas.
MEC. Ministério de Educação e Cultura.
MOAN. Movimento Alma Negra.
PMM. Prefeitura Municipal de Manaus.
PMAM. Polícia Militar do Amazonas.
OCNECAB. Organizações da Comunidade Negra e da Cultura Afro-Brasileira.
PNC. Programa Nacional de Capoeira.
PROCEN. Comissão Estadual da Programação do Centenário da Abolição no Amazonas.
SBB. Sociedade Brasileira de Botânica.
SCA - Superintendência de Cultura do Amazonas.
SCEEA. Secretaria de Cultura, Esporte e Estudos Amazônicos.
SCEA. Secretaria de Cultura e Estudos Amazônicos.
SC-SEDUC. Subsecretaria de Cultura da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (AM).
SCT. Secretaria de Cultura e Turismo.
SCTD. Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto.
s.d. sem data.
SEBRAE. Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas.
SEC. Secretaria de Estado de Cultura.
SEECD. Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desporto.
SEDEMA. Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente.
SEDUC. Secretaria de Educação e Cultura.
SEJEL. Secretaria de Estado de Juventude, Esporte e Lazer.
SEMCLA. Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Lazer.
SEMDIH. Secretaria Municipal de Direitos Humanos.
SEMEC. Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Manaus).
SEMED. Secretaria Municipal de Educação (Manaus).
SMC. Secretaria Municipal de Cultura (Manaus).
SENAT. Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte.
SESC. Serviço Social do Comércio.
SESI. Serviço Social da Indústria.
SEST. Serviço Social do Transporte.
SMC. Secretaria Municipal de Cultura.
SSP. Secretaria de Segurança Pública.
STA. Superintendência do Teatro Amazonas.
TVE-AM. Televisão Educativa do Amazonas.
UFAM. Universidade Federal do Amazonas.
UFBA. Universidade Federal da Bahia.
UFC. Ultimate Fighting Championship.
UNATI. Universidade da Terceira Idade.
UNEGRO. União Nacional do Negro pela Igualdade.
UNINORTE. Centro Universitário do Norte.
VODP. Vila Olímpica do Dom Pedro I.
W.MMA.A. World Mixed Martial Arts Awards.

ANEXOS

ANEXO 1 - RECORTES SEM BERIMBAU NO AMAZONAS

A1) A Federação, 1/8/1899; B1) Jornal do Comércio, 5/2/1907; C1) Jornal do Comércio, 8/2/1912; D1) . Jornal do Comércio, 7/2/1905; E1) O Amazonas, 14/6/1906; F1) Jornal do Comércio, 14/3/1912; G1) Jornal do Comércio, 20/7/1917; H1) Jornal do Comércio 9/3/1973; I1) Jornal do Comércio 20/2/1912.

A1

Foi preso ante-hontem á noite pela autoridade de serviço o individuo Manoel Rodrigues da Silva Peixoto, conhecido *desordeiro* e *capoeira*.

B1

Na madrugada de hontem andava um grupo de quinze marinheiros promovendo desordens nos Educandos.

O sr. dr. prefeito de policia officiou ao sr. commandante da flotilha pedindo providencias afim de evitar conflictos, não nos constando que dessas correrias houvesse consequencia alguma no dito bairro.

C1

Ha pela cidade um bando de desoccupados que se manifesta constantemente na pratica da desordem e da embriaguez. Como medida de repressão ao desenvolvimento da capueiragem e palavrorio pornographico, a policia recolheu hontem ao xadrez do 2.º districto os indviduos Augusto Ricardo Guimarães, Francisco Martins de Souza, Antonio Marques de Vasconcellos e José Feitosa.

D1

Na rua da Matriz, canto da Saldanha Marinho, cêrca de 5 horas da tarde, quando uns mascarados passavam, correndo e saracoteando, dois individuos armaram uma desordem e n'uma capoeiragem macabra faziam a gente lembrar-se dos tempos do sr. Sampaio Ferraz, no Rio, e B. Lima, no Recife. Felizmente um dos «valientes» mais ajuizado, lembrou-se do antigo proverbio: «não brigam dois quando um não quer», e dando as de «Villa Diogo» deixou o campo da lucta entregue ao outro que se vendo só juntou-se aos mascarados e foi procurar um outro «valiente» que se quizesse bater com elle. Como não encontrasse na occasião, deixou o «molecorio» que tinha affluido ao local, de assistir uma das «scenas» que mais aprecia.

E1

Um capoeira... caipora

Estando hontem ás dez horas da manhã junto ao mercado Benedicto Archanjo, brazileiro, de côr preta, a promover desordens, foi preso por Pedro Celestino de Oliveira, cabo do corpo de bombeiros desta cidade.

Em caminho para a Chefatura, revoltou se o preso, dando no cabo duas cabeçadas e uma dentada na mão direita, ferindo-o. Este puxou do sabre e deu em Benedicto algumas pranchadas, ferindo-o levemente na cabeça e na orelha esquerda.

Na chefatura foi pela autoridade de permanencia lavrado auto de prisão em flagrante de Benedicto Archanjo, que com a devida nota de culpa foi remettido para a cadeia.

F1

CAPOEIRAGEM... NAVALHA... XADREZ...

Manoel Leandro Lima, que vive mettido lá pela avenida Major Gabriel e, naturalmente desejando deslocar um ponco a sua esphera de acção, que no terreno da capoeiragem ainda não é bem conhecida, armou-se de uma *barbeira* e, depois de varios salamaleques, bambolean do flexuosamente o corpo, chamou a *duello* um outro individuo, talvez menos valente, talvez pacato, o Francisco das Chagas. E o *duello* travou-se. E delle não sahiu *chagado* o Chagas, devido á intervenção da policia do 2.º districto que no jogo de *xadrez* é uma boa *parceira*.

De sorte que Lima levou um verdadeiro *cheque*, porque ficou recolhido ao dito no 2.º districto.

G1

Gebra na capoeira

A' uma hora de hontem, no bair-
o dos Tocos, o embarcadiço Bibia-
o Seixas, algo embriagado, promo-
ia desordens, quando o reservista
a guarda civil Raymundo Torres
eu-lhe voz de prisão.

Bibiano reagiu. A capoeiragem
ntrou em scena e por diversas ve-
es os *rabos de arraia* do marujo
eitaram por terra o policial.

Após uma série de quedas do
ais bello effeito, Bibiano evadio-se,
perseguido, refugiou-se a bordo da
ancha *Diana*, surta no igarapé de
ão Raymundo.

Intimado a entregar o desordeiro
prisão, o mestre daquella embar-
ação declarou que só podia fazel-o
om autorisação do commandante.

A's nove horas, porém, na praça
'amandaré, o guarda José Lopes ef
'ectuou a prisão de Bibiano, que fo
nternado no xadrez da delegacia d
egundo districto.

H1

VIDA PREGRESSA

"Otinho," foi por muito tempo assunto de destaque nas crônicas policiais da cidade, pelo seu temperamento agressivo. Desordeiro sem precedentes e temido por uma população inteira de seu bairro, ou porque não dizer toda a capital.

Onde quer que ele chegasse, todos se levantavam e lhe davam as costas, pois sabiam que dentro de poucos minutos haveria um "hi-fifi."

Já houve quem tentasse lhe enfrentar a punho livre, mas, nunca ninguem lhe vencera. Até mesmo marinheiros de sua estirpe já conheciam sua fama e quando apor tavam em Manaus, pediam a Deus para não encontrá-lo. Era o elemen to que mais detestava marujo e on de soubesse o paradeiro de um ia lá e botava p'ra correr.

I1

Em torno do facto circularam muitos e desencontrados commentarios. A nossa reportagem, porem, poude colher entre outras versões, as seguintes: Estava de ponto na rua da Matriz o soldado João Marcolino da Silva, quando, ás 8 e meia da noite, foi enfrentado por um marinheiro que se destacando de um grupo o provocou para o jogo da capoeiragem, interpelando-o:

—Camarada você é o bicho na capoeiragem, entre !

—Eu não sou nada, camarada e estou de serviço...

Não havia o soldado Marcolino terminado bem a phrase, já meio desconfiado com a intempestiva interpellação, quando o marinheiro, saccudindo-se atirou-lhe uma cabeçada de tal maneira que o deitou por terra.

Estabeleceu-se a confusão. No momento, ao levantar-se, vendo o soldado Marcolino que o seu contendor empunhava uma navalha, sacca de um revolver, e, repelindo um golpe da arma do marinheiro, desfechou um tiro, a que se seguiram outros, de differentes origens.

Um delles, que se presume ter sido dado pelo soldado Marcolino, attingiu o soldado Severiano Lima, que na occasião intervira a favor do policial, no intuito de defendel-o do ataque extemporaneo que lhe fizera o desabusado marinheiro.

ANEXO 2 – INSERÇÃO DA CAPOEIRA AMAZONENSE NO MOVIMENTO DE NEGRITUDE

A2 ; B2) ; C2) ; D2)

A2



B2



Manaus adota o feriado da Consciência Negra

assinado pela desembargadora Marinildes Mendonça, despacho garantiu a instituição do feriado, proposto pela Câmara Municipal de Manaus

SÍDIA AMBRÓSIO
Especial para o EM TEMPO
sidia@emtempo.com.br

A desembargadora Marinildes Mendonça Lima expediu, ontem, o despacho indeferindo o pedido da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN), interposta pelo Ministério Público Estadual, pedindo a procurador-geral, Mauro Campbell, junto ao Tribunal de Justiça do Amazonas (TJA). O processo nº 2007.004180-1 foi dado entrada no último dia 31 de outubro alegando inconstitucionalidade quanto ao ato da Câmara Municipal de Manaus (CMM) ter instituído, por meio da Lei nº 188 de 14 de junho de 2007, o dia 20 de novembro como feriado municipal, violando assim, o artigo 125, incisos I e II da Constituição do Estado do Amazonas.

De Brasília, Mauro Campbell informou que o órgão ainda não foi notificado e, por isso, só poderá se pronunciar quando tiver conhecimento do teor do despacho, que indeferiu apenas o pedido de liminar da suspensão do feriado, permanecendo a ADIN. "Acalento a esperança de que, após a desembargadora receber as informações que solicitou da Câmara e do MPE, acredito que ela mudará de idéia, mas temos a consciência de que o feriado vai acontecer", falou Campbell, acreditando na reavaliação da data.

Segundo o presidente da CMM, vereador Leonel Feitoza, a Casa também ainda não tomou conhecimento do conteúdo exposto pelo TJA. "Fiquei sabendo pelos jornais que o procurador-geral tinha entrado com uma ação no Tribunal de Justiça, mas até o momento ainda não tenho conhecimento sobre o que se trata. Quanto ao despacho da desembargadora, só vamos nos manifestar quando formos notificados. Aí então, a Câmara vai colocar todas as questões jurídicas legais", declarou Feitoza.

O presidente do legislativo municipal disse entender que, só o fato de não concessão expedida já mostra que a desembargadora não detectou nenhuma irregularidade na Lei, mesmo porque o feriado não acontece apenas em Manaus. "Diversas cidades do país, inclusive a maior cidade do Brasil – São Paulo, já adotaram o feriado, ou seja, não é uma particularidade de Manaus", citou Leonel. Hoje, 262 cidades do Brasil já instituíram a data como feriado municipal.

Hoje, 262 municípios brasileiros já instituíram a data como feriado, entre a capital paulista, São Paulo

Data homenageia Zumbi dos Palmares

O Dia Nacional da Consciência Negra foi declarado feriado na data de 14 de junho de 2007, por meio da Lei 188/2007 de autoria do vereador Jorge Luiz Pinto Costa (PRB), hoje presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Redação (CCJR). A lei foi promulgada pela Câmara Municipal de Manaus (CMM), depois de ter sido encaminhada ao prefeito Serafim Corrêa, que extrapolou o prazo para a sanção ou veto da lei, ocasionando o retorno do projeto para o legislativo.

A data (20 de novembro) foi escolhida por marcar a morte de Zumbi dos Palmares, morto em 1695, após ter sido denunciado por um companheiro e capturado pelos portugueses.

Mesmo sob protesto de alguns empresários que alegaram o excesso de feriados no mês de novembro, o que acarretaria em prejuízo principalmente para o setor industrial da cidade, o vereador Jorge Luiz disse que, pelo menos este ano, os manauenses poderão contar com o feriado. "Os empresários questionam o feriado porque acontece no início da semana, terça-feira, o que segundo eles, iria prejudicar a sua produção nessa época", falou o vereador.

C2

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA
Criado pelo Decreto n.º 11.330/88

OFÍCIO Nº 084/89CDPCN

Manaus, 24 de outubro de 1989

Senhor Presidente:

Este conselho objetivando reentrosamento e ordenação das atividades relacionadas com a Comunidade Negra e as manifestações de cultura afro-brasileira, pelo presente vem solicitar que V. Sa. participe ' expondo sobre "Capoeira – Componente Cultural e Organizações" durante o I PAINEL DAS ORGANIZAÇÕES DA COMUNIDADE NEGRA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, que ocorrerá no próximo dia 03 de novembro, sexta-feira, a partir das 19:00 no auditório do Diário Oficial, para o qual estendemos o convite a todos os integrantes da Associação dos Capoeristas do Amazonas.

Sendo o que se apresenta para o momento, renovamos nossos ' protestos de consideração.

Atenciosamente

NESTOR JOSÉ RIBEIRO DO NASCIMENTO
Presidente

Ao
Ilmo. Sr.
Presidente da Associação dos Capoeristas do Amazonas
NESTA

D2

-------- DIA NACIONAL --------
---- DA CONSCIÊNCIA NEGRA ----

Tem-se o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem à morte de ZUMBI, último líder dos Quilombos da República dos Palmares, que tombou em luta contra as forças opressoras do escravismo colonial em 1695.

A República dos Palmares, localizada na Serra da Barriga em Alagoas, era um estado africano que resistiu um século (1595 a 1696) à luta armada contra as campanhas de extermínio dos portugueses, holandeses e brasileiros. Uma força unida de muitos Quilombos, somando mais de 30 mil africanos, que viviam as tradições e a dignidade de seus avós.

Os Quilombos não foram apenas um reduto de resistência de escravos fugidos, mas também a reunião de brancos e índios marginalizados pelo Colonialismo; constituindo-se assim uma antecipação do protagonismo da luta por independência, igualdade e democracia do povo brasileiro.

.....

PROGRAMA

DATA- 20/11/83
HORA- 10:00 às 22:00 hs.
LOCAL- Praça da Saudade

.....

ATIVIDADES

- Música:
Afonso Toscano - Ely - Júlio Derzi
Torrinho - Domingos Lima - Dadá
Carlinhos - Guto - Celito - Elson

- Dança:
Grupo Afro-Brasileiro
Grupo Folclórico "Alma Negra"

- Capoeira:
Grupo de Capoeira Bantos D'Angola
" " "Pele Negra"
Academia de " "Alma Negra"

- Batucada:
10:00 hs da manhã

- Exposições:
Poesias
Artes Plásticas
Fotografia
Documentação do Movimento

.....

ANEXO 3 – INSERÇÃO DA CAPOEIRA AMAZONENSE NO MOVIMENTO CONSERVACIONISTA

A3); B3)



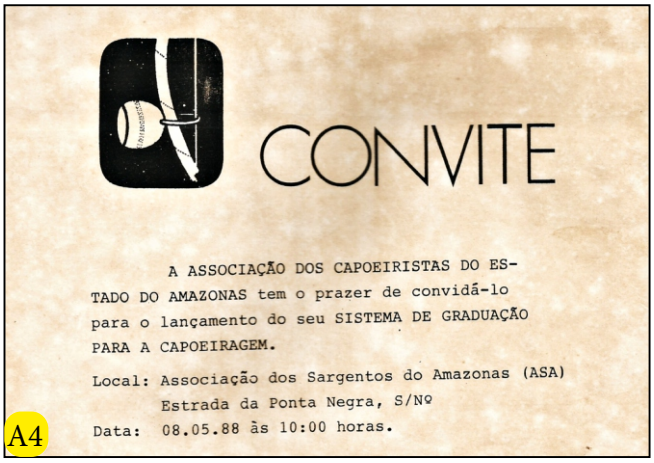
A3



B3

ANEXO 4 – AÇÕES DE ENTIDADES REPRESENTATIVAS DOS CAPOEIRAS DO AMAZONAS

A4) ACESA; B4) ACESA; C4) COMESCAM; D4) COMESCAM; E4) FAC; F4) FAC; G4) FPCA.



CONVITE

A ASSOCIAÇÃO DOS CAPOEIRISTAS DO ESTADO DO AMAZONAS tem o prazer de convidá-lo para o lançamento do seu SISTEMA DE GRADUAÇÃO PARA A CAPOEIRAGEM.

Local: Associação dos Sargentos do Amazonas (ASA)
Estrada da Ponta Negra, S/Nº
Data: 08.05.88 às 10:00 horas.

A4



B4


DOMINGO 26/MAIO/2019 ÀS 9H
RODA DA
SALVAGUARDA
LOCAL: MERCADO ADOLFO LISBOA (MERCADÃO)
MANAUS - AMAZONAS - BRASIL
APOIO:
IPHAN
CONSELHO DE MESTRES DO AMAZONAS
C4

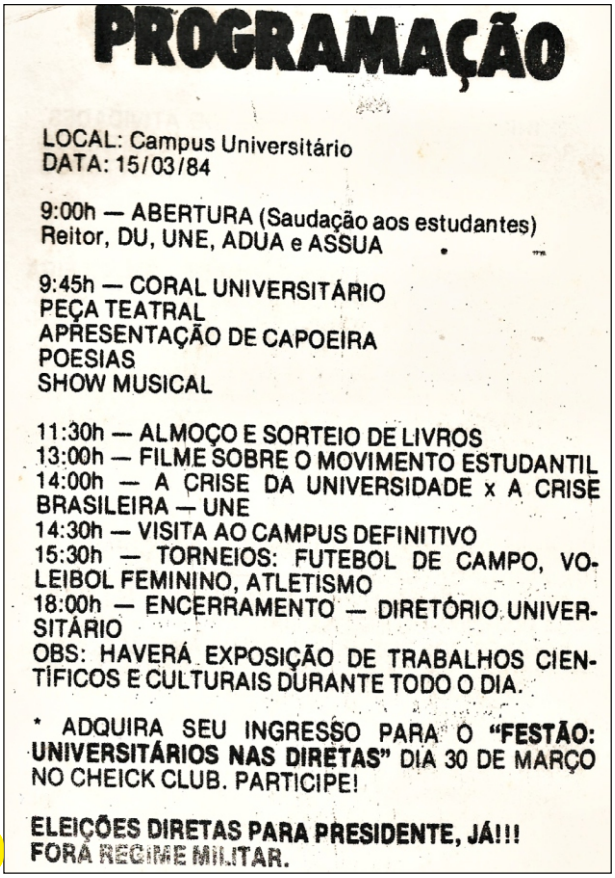

RODA DA
SALVAGUARDA
DOMINGO 14 DE ABRIL
PRAÇA DA MATRIZ ÀS 9H
APOIO:
IPHAN
CONSELHO DE MESTRES DO AMAZONAS
D4


30/JUNHO
DOMINGO ÀS 9H
RODA DA
SALVAGUARDA
LOCAL: LARGO SÃO SEBASTIÃO
MANAUS - AMAZONAS - BRASIL
APOIO:
IPHAN
CONSELHO DE MESTRES DO AMAZONAS
E4


MESTRE JAIR
MESTRE GOIÚ
F4


CÂMARA MUNICIPAL
DE MANAUS
G4

ANEXO 5 – AÇÕES DA CAPOEIRA AMAZONENSE COM A UNIVERSIDADE A5) AÇÃO POLÍTICA; B5) PROJETO CULTURAL; C5) EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA; D5) EDITAL DE CONCURSO PARA CAPOEIRA



PROGRAMAÇÃO

LOCAL: Campus Universitário
DATA: 15/03/84

9:00h — ABERTURA (Saudação aos estudantes)
Reitor, DU, UNE, ADUA e ASSUA

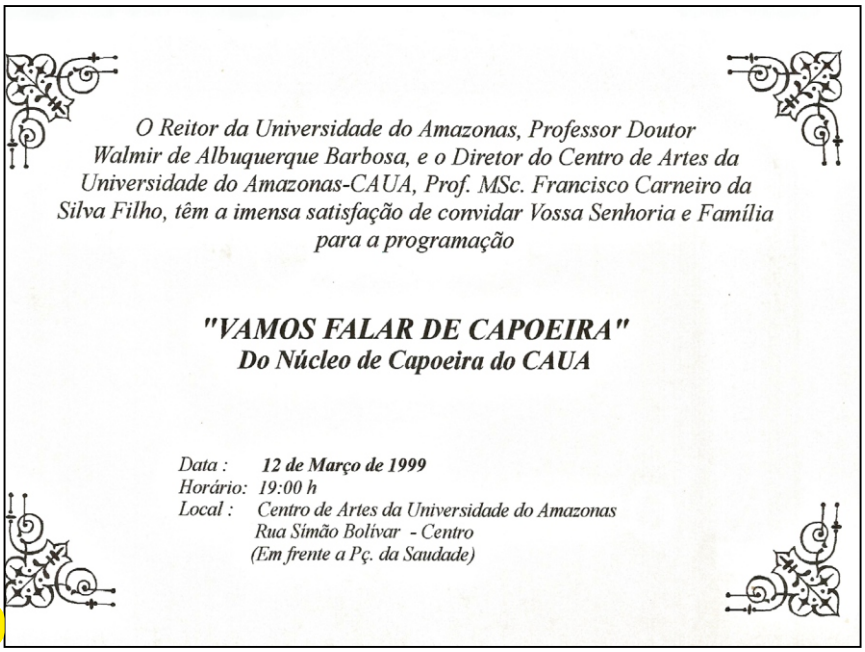
9:45h — CORAL UNIVERSITÁRIO
PEÇA TEATRAL
APRESENTAÇÃO DE CAPOEIRA
POESIAS
SHOW MUSICAL

11:30h — ALMOÇO E SORTEIO DE LIVROS
13:00h — FILME SOBRE O MOVIMENTO ESTUDANTIL
14:00h — A CRISE DA UNIVERSIDADE x A CRISE BRASILEIRA — UNE
14:30h — VISITA AO CAMPUS DEFINITIVO
15:30h — TORNEIOS: FUTEBOL DE CAMPO, VOLEIBOL FEMININO, ATLETISMO
18:00h — ENCERRAMENTO — DIRETÓRIO UNIVERSITÁRIO
OBS: HAVERÁ EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E CULTURAIS DURANTE TODO O DIA.

* ADQUIRA SEU INGRESSO PARA O **"FESTÃO: UNIVERSITÁRIOS NAS DIRETAS"** DIA 30 DE MARÇO NO CHEICK CLUB. PARTICIPE!

ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE, JÁ!!!
FORA REGIME MILITAR.

A5



O Reitor da Universidade do Amazonas, Professor Doutor Walmir de Albuquerque Barbosa, e o Diretor do Centro de Artes da Universidade do Amazonas-CAUA, Prof. MSc. Francisco Carneiro da Silva Filho, têm a imensa satisfação de convidar Vossa Senhoria e Família para a programação

"VAMOS FALAR DE CAPOEIRA"
Do Núcleo de Capoeira do CAUA

Data : ***12 de Março de 1999***
Horário: 19:00 h
Local : Centro de Artes da Universidade do Amazonas
Rua Simão Bolivar - Centro
(Em frente a Pç. da Saudade)

B5

C5

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS

A CAPOEIRA COMO DESPORTO

PERÍODO: 7.10.a 24.11.91. LOCAL: V. Olímpica

TURNO: Noturno DIAS: 2ª 4ª 6ª - 19 às 21 h

sábado - 09 às 11h

CARGA HORÁRIA: 60 horas

INSCRIÇÕES: A partir de 2/10/91 no Depto. de Educação Física (DEF), no Campus Universitário e no Depto. Municipal de Esporte e Lazer (DEMEL), na Prefeitura Municipal de Manaus.

* Os inscritos até o dia 7/10/91 receberão 01 (uma) camiseta do curso como brinde.

CLIENTELA: Professores de Educação Física, alunos do curso de Educação Física, comunidade capoeirística e simpatizantes da Capoeira.

PROFESSORES: Cecílio de Jesus Calheiros (Mestre Vermelho) da Bahia; Luis Carlos de Matos Bonates (Prof. KK) do Amazonas; Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima (Profª. do Deptº. de Educação Física da Universidade do Amazonas).

REALIZAÇÃO: Departamento de Educação Física-DEF/FUA Departamento Municipal de Esporte e Lazer-DEMEL

APOIO: BRAHMA: SÃO JORGE Transportes Especiais S/A; SUB-SECRETARIA DE DESPORTOS; IMPRENSA UNIVERSITÁRIA; GRAFIMA (Gráfica Industrial de Manaus); APEF-AM.

D5

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS

AVISO Nº. 013/95

A **UNIVERSIDADE DO AMAZONAS** torna público que no período de 15.03 a 17.03.95, no horário normal de expediente, estará recebendo através do Departamento acadêmico, o currículo dos candidatos que desejarem concorrer à vaga de Professor Visitante, para ministrar aulas da área de conhecimento no Departamento Acadêmico respectivo, durante 01 (um) ano, nos termos da Resolução nº. 13/94, do Conselho Universitário, de 15.12.94.:

Área de conhecimento:

"PIANO"	01 (uma) vaga
"VIOLONCELO"	01 (uma) vaga
"VIOLA"	01 (uma) vaga
"FLAUTA"	01 (uma) vaga
"CAPOEIRA"	01 (uma) vaga

Inscrição: Centro de Artes, sito à Rua Monsenhor Coutinho, 724 — Centro.
Duração do contrato: 01 (um) ano
Área de conhecimento"

"BIOLOGIA EDUCACIONAL" 01 (uma) vaga
Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação.
Duração do contrato: 01 (um) ano

"INSTRUMENTAÇÃO E PRÁTICA DE ENSINO DE CIÊNCIAS" 01 (uma) vaga
Inscrição: Departamento de Biologia do Instituto de Ciências Biológicas.
Duração do contrato: 01 (um) ano

"CLIMATOLOGIA AGRÍCOLA" 01 (uma) vaga
Inscrição: Departamento de Engenharia Agrícola e Solos da Faculdade de Ciências Agrárias.
Duração do contrato: 01 (um) ano

"MONITORAMENTO DE RECURSOS FLORESTAIS" 01 (uma) vaga
Inscrição: Departamento de Ciências Florestais da Faculdade de Ciências Agrárias.
Duração do contrato: 06 (seis) meses

End.: Av. Gal Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 — Campus Universitário.

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS, em Manaus, 14 de março de 1995.

HÉLVIO NEVES GUERRA
Vice-Reitor, no exercício da Reitoria

ANEXO 6 – INSERÇÃO DA CAPOEIRA AMAZONENSE NA ÁREA ARTÍSTICA-CULTURAL A6) ; B6)

A6

PROJETO UAKTI apresenta:

SEXTA Cultural ECOLÓGICA



Artes Plásticas
Música
Teatro
Dança
Poesia
Capoeira

Dia: 22/JUNHO/90 19:30 horas
Na sede social da ASSINPA (V-8)

B6

TEATRO LUIZ CABRAL

APRESENTA:

21 DE JANEIRO - SÁBADO
16h - Exibição dos Filmes
"O ROCK DOS SINOS" E
" FESTIVAL MUTUAL 2"
CINEMA INFANTIL
18h - Cia de Ballet da Barra
"BERIMBA BERIMBAU"
DANÇA
Direção: Ana Cléia Nery

PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES

DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL
3234-7156/ddc_programacao@yahoo.com.br

ENTRADA GRATUITA

CULTURA Secretaria de Estado AMAZONAS

ANEXO 7 – RELAÇÃO COM ÓRGÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA

A7)



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA – GABINETE DO DELEGADO – DOPS

Permissão

O DELEGADO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL, concede permissão

a EDGAR FRANCISCO DAS CHAGAS, para realizar,

nesta cidade, FUNCIONAMENTO DE RODA DE CAPOEIRA (BANTOS DE ANGOLA)

no(s) dia(s) REF. AO ANO DE 1981.

horário DEZ (10:00) às DOZE (12:00) HORAS

na rua PRAÇA DA MATRIZ S/Nº / CENTRO

DOPS, em Manaus, 12 de JUNHO de 1981

ESTADO DO AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

DELEGADO

A7

ANEXO 8 – REPORTAGENS COM A INSERÇÃO DA CAPOEIRA AMAZONENSE EM DIVERSOS SETORES DA SOCIEDADE

Academia com torneio de capoeira amanhã (A Notícia 2/1976).

Amazonense participa de roda internacional (Diário do Amazonas 11/7/2002).

Batizado de capoeira no Jardim Botânico (À Crítica 22/5/2001).

Batizado e Intermunicipal de capoeira em Novo Airão (Amazonas Em Tempo 27/9/2002).

Capoeira deixará de ser marginalizada (À Crítica 7/5/1975).

Capoeira faz bonita festa (À Crítica 1/12/1975).

Capoeira faz recenseamento (Diário do Amazonas 27/4/2001).

Capoeira Luta para se impor (À Crítica 22/6/1975).

Capoeira tipo exportação: Capoeiras de Manaus ganham o mundo dado aulas e workshops da arte criada pelos escravos no Brasil (À Crítica 28/8/2005).

Capoeira: Liga encerra inscrição para a Copa Amazonino (À Crítica 25/4/1998).

Capoeira: Meios gringos na roda (Em Tempo 2/9/2009).

Capoeira: Quilombo promove batizado unificado (À Crítica 18/6/1999).

Capoeira: Terreiro comemora dez anos domingo (À Crítica 18/6/1999).
Capoeira: um esporte que cresce em Manaus (À Crítica 17/2/1978).
Conscientização e muita Capoeira (À Crítica 2/11/2007).
De volta as origens (À Crítica 29/6/2015).
Dia da Consciência Negra tem capoeira e hip hop (Diário do Amazonas 20/11/2007).
Educandos: da prostituição ao sadio progresso social (À Crítica 27/6/1976).
Estado tem 32 academias de capoeira clandestinas (Amazonas Em Tempo 26/1/2000).
Federação realiza festival de capoeira (Diário do Amazonas 22/6/2001).
Festival de Capoeira na Vila deve reunir 2 mil atletas (Amazonas Em Tempo 24/6/2001).
Gingado Oficializado (Em Tempo 1/8/2010).
Hoje no ginásio do SESC o Festival de Capoeira (À Crítica 17/6/1979).
Intercâmbio traz à Manaus capoeiristas belgas para conhecer a Amazônia: Capoeira para ver e aprender (Diário do Amazonas 17/6/2007).
Mestre Gato canta o novo ritmo: Tem Capoeira na Bahia e em Manaus (À Crítica 1/4/1973).
Muito além do turismo para "inglês ver": reportagem sobre filmagem de capoeira para o canal televisivo Travel Channel da Discovery (A Crítica 5/6/2007).
Mulheres fazem roda de capoeira (À Crítica 8/3/1992).
Otinha come, bebe e promove desordens (O Jornal 9/9/1972).
Paranauê na passarela (À Crítica 1/12/2006).
Prefeitura inaugura a Praça da Capoeira (À Crítica 26/9/1997).
Prova de solidariedade que vem da capoeira (À Crítica 18/8/2002).
Quilombo apresenta o "Som da Cabaça" (À Crítica 31/12/1984).
Samba e gingado de Angola (À Crítica 4/8/2016).
Toda ginga da capoeira no teatro e na dança (À Crítica 8/5/2004).
Vagabundos brigam na rampa do mercado (À Crítica 6/12/1984).
O umbigo da liberdade (Amazonas Em Tempo 1995).
Zumbi e Ajuricaba juntos no I Festival de Capoeira (Amazonas Em Tempo 13/5/2004).
Zum-zum-zum-zum-zum-zum: Capoeira mata um (À Crítica 20/12/1998).

ANEXO 9 – DOCUMENTOS

Fundadores da ACESA:

- Julival do Espírito Santo (Mestre Gato de Silvestre), representando Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares.
- Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha), representando Grupo de Capoeira Quilombo.
- Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates) representando a Associação de Capoeira Alma Negra.

Fundadores da FAC:

- Julival do Espírito Santo (Mestre Gato de Silvestre), representando Academia de Capoeira Zumbi dos

Palmares.

- Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates), representando a Associação de Capoeira Malungo.
- João Ribeiro dos Santos (Professor Joãozinho da Figueira), representando a Associação de Capoeira Mar Azul.
- Miguel Machado (Mestre Miguel "Preto" Machado).
- Nestor José Soeiro do Nascimento, representando a Associação dos Capoeiristas do Estado do Amazonas.
- Jibson Scantbleury Trinidade, representando o município de Inhamundá.
- Eriberto de Souza Barroncas, representando o município de Autazes.

Este livro foi diagramado no software Adobe InDesign e os ajustes gráficos foram feitos no software CorelDraw. Capa Dura nas dimensões 27,94 cm de altura por 21,59 cm de largura em papel couchê fosco 170g e Lombada de 7 mm. O miolo é composto de 149 folhas e em sua Folha de Rosto, Manifesto Ética na Capoeira, Prefácio e Apresentação com a fonte Times New Roman, tamanho 12 e entrelinha 18, Ficha Técnica em fonte Trajan Pro, tamanho 12 e entrelinha 18, Ficha Catalográfica em fonte Times New Roman, tamanho 8 e entrelinha 12, Sumário em fonte Trajan Pro, tamanho 10 e entrelinha 14, Títulos de Capítulos em fonte Trajan Pro, tamanho 18 e entrelinha 24, Músicas em fonte Arial, tamanho 12 e entrelinha 6, tamanho 8 e entrelinha 6, Citações em fonte Times New Roman, tamanho tamanho 10 e entrelinha 12, tamanho 8 e entrelinha 12, tamanho 12 e entrelinha 14, Observações em fonte Trajan Pro, tamanho 8 e entrelinha 8, Glossário, Referências Bibliográficas, Lista de Siglas e Abreviaturas em fonte Times New Roman, tamanho 10 e entrelinha 12. Impresso em papel couchê fosco 115g, em 4 cores, pela Gráfica e Editora Manaus. Tiragem de 1.200 exemplares.

Gráfica e Editora Manaus
IPHAN
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
GOVERNO FEDERAL



Edições IPHAN